Rosemari Glatz
Roque Dirschnabel
(Organizadores)

Guabiruba 60 anos de Emancipação

NOSSA HISTÓRIA, CULTURA E TRADIÇÃO

UNIFEBE

Dedicamos este livro aos pioneiros que desbravaram essas terras com muita garra, coragem e fé, assim como aos seus descendentes que pela força do seu trabalho e empreendedorismo, determinação e fé, promoveram o desenvolvimento econômico, social e cultural de Guabiruba.

Rosemari Glatz
Roque Luiz Dirschnabel
(Organizadores)

GUABIRUBA 60 ANOS DE EMANCIPAÇÃO

Nossa História, Cultura e Tradição

UNIFEBE
2023

GUABIRUBA 60 ANOS DE EMANCIPAÇÃO:
Nossa História, Cultura e Tradição

Copyright©2023 Rosemari Glatz e Roque Luiz Dirschnabel (Org.)

Esta obra possui onze autores e, dentre estes, dois organizadores. Os capítulos são de responsabilidade dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião dos organizadores. Cada coautor produziu no mínimo um capítulo, sendo o responsável pelo conteúdo produzido e detentor dos créditos pelos direitos autorais.

Autores de capítulos:
Alfred Nagel Neto
Jenifer Schlindwein
Jucilene Regina Schmidt
Karol Diego Carminatti
Lucimara Schlindwein
Maicon Alexandre Schweigert
Marcelo Carminati
Roque Luiz Dirschnabel
Rosemari Glatz
Sidinei Ernane Baron
Suelen Cerbaro

Edição: Celso Deucher
Capa: Sérgio Deucher
Revisão Geral: Francisco Daniel Imhof
Impressão: Gráfica Palloti - Santa Maria/RS

Impresso no Brasil/Printed in Brazil
Primeira edição – Setembro de 2023

Guabiruba 60 anos de emancipação : nossa história, cultura e tradição / Rosemari Glatz, Roque Luiz Dirschnabel (org.). – Brusque : Ed. UNIFEBE, 2023.
400 p. : 23 cm.

ISBN 978-65-86346-54-1

1.Guabiruba - História. 2. Santa Catarina – História. I. Glatz, Rosemari. II. Dirschnabel, Roque Luiz.

CDD 981.64

Ficha catalográfica elaborada por Bibliotecária - CRB 14/727

Prefeitura de GUABIRUBA
FUNDAÇÃO CULTURAL DE GUABIRUBA
CONSELHO MUNICIPAL DE CULTURA DE GUABIRUBA
FUNDO MUNICIPAL DE APOIO À CULTURA

Projeto contemplado pelo XI Edital do Fundo Municipal de Apoio a Cultura; Edital 001/2023 - Fundação Cultural de Guabiruba.

"O respeito pelo passado e a responsabilidade pelo futuro dão à vida a direção certa".
(Dietrich Bonhoeffer)

Agradecimentos

Inicialmente queremos lembrar o esforço conjunto de todos os acadêmicos da ALBSC Seccional de Guabiruba, que aceitaram o desafio de organizar a proposta de escrever o livro, para registrar a riqueza cultural e artística do município. Além dos acadêmicos, seus familiares e amigos, que contribuíram para a publicação do livro.

Registramos também nossa gratidão a Fundação Cultural de Guabiruba e Prefeitura de Guabiruba, que viabilizaram os recursos financeiros necessários para a impressão desta obra. De igual modo, agradecemos a Sociedade Amigos de Brusque, Sociedade do Pelznickel, Centro Universitário de Brusque – Unifebe, Prefeitura e Câmara Municipal pela disponibilização de seus acervos de fotos e documentos.

Especial agradecimento ao Pe. Eder Cláudio Celva pelas suas palavras no prefácio.

Nosso especial agradecimento ao Francisco Daniel Imhof pela revisão dos textos, ao Sérgio Deucher pelo desenvolvimento da capa, e ao escritor Celso Deucher pelo serviço de diagramação do material, pois deram sua valiosa contribuição para a publicação do livro.

A todos que, direta ou indiretamente colaboraram para a elaboração deste trabalho, ficam os nossos sinceros agradecimentos.

Finalmente, compartilhamos com o leitor o êxito alcançado nesta empreitada e o preito de amor e gratidão alcançados na construção dessa riquíssima obra entregue aos guabirubenses.

Sumário

Apresentação.....13
Rosemari Glatz e Roque Luiz Dirschnabel

Prefácio.....17
Pe. Eder Claudio Celva

PARTE I:
História de Guabiruba
Guabiruba no Princípio.....23
Rosemari Glatz

PARTE II:
História Política
História Política de Guabiruba.....46
Roque Luiz Dirschnabel
História da Câmara de Vereadores.....68
Roque Luiz Dirschnabel
Guabiruba cidade coirmã de Karlsdorf-Neuthard.....85
Roque Luiz Dirschnabel e Rosemari Glatz

PARTE III:
Religiosidade - Cruzes, capelinhas, sinos e museu eclesiástico
Cruzes, capelinhas, sinos e museu eclesiástico.....93
Rosemari Glatz

PARTE IV:
Música
Canto Coral na Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.....110
Roque Luiz Dirschnabel
A música folclórica alemã em Guabiruba.....117
Sidinei Ernane Baron

PARTE V:
Folclore e tradições de Guabiruba
Dança folclórica alemã.....134
Marcelo Carminati

Gruppo Folkloristico Tutti Buona Gente.....139
Marcelo Carminati
Festas de Igreja.....142
Marcelo Carminati
Espetáculo Paixão e Morte de Um Homem Livre.....145
Marcelo Carminati
Pinturas: Artes que materializam o amor.....153
Rosemari Glatz
Maibaum: cultura e tradição que une gerações.....157
Rosemari Glatz
A Lenda do Dragão da Guabiruba.....164
Rosemari Glatz
Guabiruba: Terra do Pelznickel desde o Princípio.....168
Rosemari Glatz
Mão de Onça: Figura folclórica de Guabiruba.....188
Roque Luiz Dirschnabel
Pedro Pellenz: o andarilho da rua São Pedro.....194
Roque Luiz Dirschnabel
Esporte em Guabiruba: muitas alegrias e conquistas.....198
Rosemari Glatz

PARTE VI:
Arquitetura
Transformações e permanências na evolução urbana de Guabiruba: passado, presente e futuro.....207
Karol Diego Carminatti
Casas enxaimel.....231
Rosemari Glatz

PARTE VII:
Parque Municipal de Guabiruba
Parque Municipal de Guabiruba: futuro que começa agora e a antiga usina hidroelétrica de João Bauer.....245
Rosemari Glatz

PARTE VIII:
Economia
Retrospectiva histórica do Desenvolvimento Econômico e Social.....255
Roque Luiz Dirschnabel
Economia.....263
Rosemari Glatz

PARTE IX:
Atrativos naturais: lugares e paisagens
Parque Nacional da Serra do Itajaí - PNSI.....269
Rosemari Glatz
O superdiário de viagens do pequeno Tom Slipper e Árvore.....276
Maicon (MaIcON mAiCOn MaICoN) Alexandre Schweiger

PARTE X:
Três entrevistas e uma pequena amostra do povo guabirubense
Casal Ambrósio e Ignez Reichert.....293
Roque Luiz Dirschnabel
Angelin Carminatti.....295
Roque Luiz Dirschnabel
Renata Schumacher Kormann.....297
Roque Luiz Dirschnabel
"Schuma" – Churrascaria e Restaurante Schumacher.....298
Rosemari Glatz

PARTE XI:
Gastronomia alemã e italiana
Receitas Tradicionais da cultura italiana.....303
Rosemari Glatz
Receitas Tradicionais da cultura alemã.....308
Rosemari Glatz
Roque Luiz Dirschnabel

PARTE XII:
Academia de Letras do Brasil de Santa Catarina – Seccional de Guabiruba (ALEG)

Histórico da Academia de Letras do Brasil de Santa Catarina Seccional de Guabiruba.....335
Roque Luiz Dirschnabel
Barão Maximilian von Schneeburg.....341
Roque Luiz Dirschnabel

PARTE XIII:
Imortais da ALEG - *Ad immortalittaen* (Rumo à imortalidade)

Roque Luiz Dirschnabel - Cadeira imortal nº 1.....349
Rosemari Glatz - Cadeira imortal nº 2.....354
Alfred Nagel Neto - Cadeira imortal nº 3.....359
Marcelo Carminati - Cadeira imortal nº 4.....363
Jucilene Regina Schmidt - Cadeira imortal nº 5.....367
Sidinei Ernane Baron - Cadeira imortal nº 6.....370
Maicon Alexandre Schweigert - Cadeira imortal nº 7.....375
Lucimara Schlindwein - Cadeira imortal nº 8.....378
Suelen Cerbaro - Cadeira imortal nº 9.....382
Karol Diego Carminatti - Cadeira imortal nº 10.....385
Jenifer Schlindwein - Cadeira imortal nº 11.....388

PARTE XIV:
Hinos e Bandeiras

Hino Nacional Brasileiro e Bandeira do Brasil.....393
Hino e Bandeira de Santa Catarina.....396
Hino e Bandeira de Guabiruba.....398

Apresentação

Para nós da Academia de Letras do Brasil de Santa Catarina Seccional de Guabiruba (ALBSC - Seccional de Guabiruba), esta obra é fruto de um trabalho elaborado por um grupo seleto de pesquisadores das mais variadas áreas, abrangendo a história, cultura e tradição dos guabirubenses.

Guabiruba 60 Anos de Emancipação: nossa história, cultura e tradição, é um livro que, de forma clara, concisa e ilustrada, apresenta, a partir de textos, imagens e fotos antigas e atuais, importantes aspectos que marcam a identidade de Guabiruba, desde o início da sua colonização em 1860, até o ano de 2022. Os autores ao compilar suas pesquisas, produções e escritos não deixaram de valorizar outros escritores da cidade e região sobre os mais diversos aspectos, contribuindo para o enriquecimento da obra. Houve uma significativa interação entre os escritores relacionada a importantes detalhes para a elaboração de seus artigos, com destaque aos múltiplos saberes nos gêneros científico, histórico, literário e artístico.

Guabiruba 60 Anos de Emancipação: Nossa história, cultura e tradição é uma obra que se enquadra no conceito macro daquilo que se define modernamente como "História Pública", cuja prática considera passível de reflexão histórica também os trabalhos realizados por pesquisadores, e com atuação profissional em diversas áreas que abordam temas históricos (da história), como o são os integrantes da Academia de Letras do Brasil de Santa Catarina - Seccional de Guabiruba.

Dentro dessa perspectiva da imortalidade, visibilidade e uso de um livro, principalmente, na área da educação de nossas crianças e jovens, é que a ALBSC Seccional de Guabiruba, na pessoa do seu presidente, Roque Luiz Dirschnabel, e de sua vice-presidente, Rosemari Glatz, organizadores desta obra, presenteiam as gerações atuais e futuras com este livro comemorativo aos 60 anos de emancipação do município. O livro demorou mais de cinco anos para ser produzido e torna públicas pesquisas

que foram desenvolvidas durante décadas pelos integrantes da ALBSC Seccional de Guabiruba.

Em que pese não se constituir num livro essencialmente didático na concepção pura da expressão, foi planejado e pautado visando alcançar pessoas de todas as idades. Ao tomar como ponto de partida a história próxima, integrada à formação sócio-histórica, econômica, política e cultural de Guabiruba e região, o escrever por esse método implicou em ressaltar as peculiaridades da nossa região. Os organizadores acreditam que, ao inserir o leitor neste processo, em especial por tratar-se de suas histórias e de sua cidade, articulando o passado e o presente, passando pela observação espacial da sociedade em sua dinamicidade, na pluralidade da formação cultural, e na constituição de identidades e da consciência histórica, é possível também empreender uma história regional qualificada, que pode servir como subsídio em sala de aula.

Neste sentido, convém ressaltar a importância do livro para o ensino de História alinhado à Base Nacional Comum Curricular – BNCC, que contempla dois pontos que destacamos: (1) que os alunos possam aprender a relacionar o que aconteceu no passado com o presente, e (2) que possam desenvolver uma visão crítica dos fatos. De acordo com a BNCC, é preciso transformar a história em ferramenta a serviço de um discernimento maior sobre as experiências humanas e das sociedades em que se vive. A BNCC busca caminhos de revitalizar, reconstruir e ampliar para tornar o currículo diversamente acessível e agradável, tornando o ambiente escolar um lugar rico e propício de significados. Neste sentido, compreende-se que os alunos devem aprender sobre os fatos de maneira que possibilite aproximá-los do contexto onde a história se dá e, principalmente, do próprio presente. Considerando o exposto, compreende-se que este livro pode, efetivamente, contribuir como fonte de ensino e pesquisa da história de Guabiruba e região ao servir como possível livro de apoio para o ensino da história regional alinhado aos atuais pressupostos do ensino da história conforme preceitua a BNCC, pautado em promover a cidadania, trazendo inferências do passado, respeitando as estruturas constituídas com o tempo e gerando elementos que possibilitem a reflexão de como construir uma sociedade melhor agora e no futuro, buscando caminhos para revitalizar, reconstruir e ampliar para tornar o currículo escolar diverso, acessível e agradável, tornando o ambiente escolar um lugar rico e propício de significados.

Esta obra foi organizada em partes e capítulos, que podem ser lidos na sequência ou individual e alternadamente. Na primeira parte é apresentada a História de Guabiruba. A segunda parte traz a História Política e discorre sobre as relações de amizade que Guabiruba possui com a cidade coirmã de Karlsdorf-Neuthard, na Alemanha. A terceira parte apresenta a religiosidade da gente guabirubense, detalhando cruzes, capelinhas, sino, a Caminhada Ecológica e Religiosa do Morro de São José,

e o museu eclesiástico Memorial Ítalo-Guabirubense Sacristão Francesco Celva.

A música, com ênfase no Canto Coral na Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e a música folclórica alemã em Guabiruba são abordadas na sequência. O folclore e tradições de Guabiruba, contemplando as danças folclóricas alemã e italiana, as festas de igreja, o Espetáculo Paixão e Morte de Um Homem Livre, as pinturas, o Maibaum, a lenda do dragão, o Pelznickel, o Mão de Onça e o Pedro Pellenz, assim como o esporte, são desenvolvidas na parte cinco do livro.

A parte seis apresenta as questões relacionadas à arquitetura, incluindo as casas enxaimel. A parte sete é destinada à mais recente conquista de Guabiruba, o Parque Municipal Vereador Érico Vicentini, que está sendo implantado no local onde, em 1913, a antiga usina hidroelétrica de João Bauer passou a fornecer energia elétrica para Guabiruba e Brusque.

A parte oito discorre sobre a economia de Guabiruba ontem e hoje, e a parte nove apresenta alguns atrativos naturais da cidade, incluindo o Parque Nacional da Serra do Itajaí. Na parte dez são apresentadas três entrevistas como uma pequena amostra do povo guabirubense, e também uma síntese histórica do tradicional restaurante Schumacher, onde até dezembro de 2022 era servido o marreco recheado acompanhado de repolho roxo e o Eisbein. E o capítulo onze é pura gostosura, pois nele são apresentadas tradicionais receitas culinárias das culturas italiana e alemã, as duas principais etnias que colonizaram Guabiruba a partir de 1860 e que até os dias atuais se mantêm vivas também pela gastronomia.

A parte doze apresenta o histórico da Academia de Letras do Brasil de Santa Catarina - Seccional de Guabiruba (ALBSC), e a biografia do seu patrono Barão Maximilian von Schneeburg. Já nos aproximando da parte final do livro, são apresentados, individualmente, os onze integrantes da ALBSC - Seccional de Guabiruba, com a sua biografia, seu patrono ou patronesse, seu padrinho ou madrinha, e a sua autoexpressão. A parte quatorze é a última, e é mais uma mostra do espírito cívico que permeia este livro: nela, são apresentados o hino e a bandeira do Brasil, de Santa Catarina e de Guabiruba.

Ao compartilhar fatos importantes da história e ao registrar a atualidade da nossa cidade, misturar tradição e modernidade, espaços públicos e privados, o livro Guabiruba 60 Anos de Emancipação: Nossa história, cultura e tradição, "fabrica o imortal" e permite repassá-lo às gerações futuras.

Esta obra foi preparada com muito amor, carinho, dedicação, cuidado e responsabilidade, mas não pretende ser exaustiva. Os conteúdos apresentados tiveram como recorte temporal inicial o ano de 1860, quando Guabiruba começou a ser colonizada por imigrantes alemães, e final o ano de 2022, quando a cidade comemorou 60 anos de emancipação.

A organização está ciente de que muitos fatos, tradições, eventos, lugares e pessoas não estão contemplados no livro pois, para abordar tudo, muitos outros livros serão necessários. Neste sentido, a Academia de Letras do Brasil de Santa Catarina - Seccional de Guabiruba (ALBSC), na pessoa dos organizadores deste livro, pede a compreensão da gente guabirubense e convida todos para apreciar a riqueza do que está sendo apresentado.

Boa leitura.

Rosemari Glatz
Roque Luiz Dirschnabel
Organizadores

Prefácio

Pe. Eder Claudio Celva

Guabiruba até pouco tempo tão provinciana, mostrava letargo cultural; veremos por este livro que não é mais assim. Há uma comunidade nova, com colorido e vivacidade de manifestações de culturas provindas de muitos lados. Algumas na linha dos pioneiros, várias outras adaptadas e transformadas, e outras importadas de todos os lados nas mais variadas intenções. Não devemos nesse âmbito tão rico da vida humana — a cultura — ficar presos a oficialidades, mas deixar que corra dinâmica, desde que autêntica e não forçada para comprovar origens.

Aquela Guabiruba da minha meninice, da minha juventude, da minha família — desde 1875 — quando existíamos enquanto Brusque, me faz um memorialista familiar e comunitário. A história de nossa Guabiruba que tanto me atraiu, a quem me dediquei, inclusive publicando para ela um punhado de meus livros. Nome que eu levei pelos lugares onde andei, e continuo a ser, para sempre, "aquele de Guabiruba"... Agora, e somente agora, — pois 60 anos são muito poucos nas sendas da história universal — começa a juventude de nossa Guabiruba, com traços de modernidade, nas sendas conservadoras de uma tradição ainda cristã, nos trilhos da história, das origens que remontam povos europeus pobres e migrantes. Na idade humana, quando ficamos velhos, está aí o parâmetro que indica que uma cidade ficou jovem, saiu da infância, está começando. E a adolescência de Guabiruba é marcada justamente por outros guabirubenses que vêm para fazer parte de nossa família. Somos filhos legítimos e adotivos, mas todos filhos.

E este livro é um importante fruto da Academia na missão de transmitir por letras o que se passa dentro e fora de nós, e de nossa cidade. Os Acadêmicos devem ser os "filósofos" de Guabiruba, traduzindo o espírito das nossas coisas, de nossas iniciativas, de nossas intenções, observando os sinais dos tempos quando indicam o permanente — que deve ser guardado — e o transitório — que deve ser sem dó refugado. Sois vós acadêmicos da ALBSC - Seccional de Guabiruba, os cronistas de um povo, de um lugar, de nós todos. É a isto que também se propôs a Academia de Letras de Guabiruba, contar um pouco de sua história, mas não história de cientificismo, não academicismo, mas uma história de muitas mãos e corações afeiçoados. Nas entrelinhas estão os valores do espírito de nossa gente, como numa súmula do que temos de melhor.

Santo Agostinho era filho de um tempo e de uma civilização em mudança de época, como a que vivemos hoje. Despontava aos poucos a Idade Média, nascia a Cidade de Deus, a civilização cristã. Com ela nasceu uma

nova forma de perceber, interpretar e contar a História. Este "imortal" é nosso modelar exemplo no que é ser um acadêmico trabalhando por uma cidade, a cidade dos homens, a cidade de Deus, numa única cidade. Por este parâmetro é que não podemos valorizar os lixos culturais que cada época deposita aos nossos pés.

A História não é feita por unanimidades simplesmente, mas pela pessoa. Ela decodifica a condição humana que caminha, num lastro de precariedade permanente, e ali, a importância das decisões, seu desempenho de busca, as realizações, os fatos e as personalidades que emergem irrenunciáveis, por vezes avassaladoras. A História vocaciona as pessoas e estas vocações assumidas são decisivas para a aldeia com ressonâncias para a humanidade inteira, numa expansão incontrolável; mas a aldeia simplesmente.

Deveríamos nos preocupar menos em narrar grandes feitos, nomes importantes, num artificialismo que desconecte os "simples mortais". Poderíamos outrossim narrar a beleza da pobreza humana, seus abismos, seus meios, suas soluções... Não a pobreza que os materialistas apregoam, com sacolões, bolsas e cotas: a do ódio entre classes, a do inimigo e não a do irmão. Narremos ao modo do evangelho o cotidiano que se faz vida, na lembrança permanente de que só se vive uma vez. Narremos com o "gênero literário" — volto a reiterar — da pobreza evangélica, a condição típica de toda criação: imperfeita, constituível, educável, transformável, mutável, frágil, pecadora; e, por tudo isso bela. Qual o sentido de uma vida que não de debate para vencer a precariedade reinante em si e no ambiente circunstante? Esta é a História que se aprende a contar. História é uma ciência que habilita à intervenção, na vivência do bom, do belo, do verdadeiro. Sem o parâmetro de eternidade não se constrói a Cidade de Deus tão querida por Santo Agostinho quando acadêmico de seu tempo. Em que pesem as decadências, catástrofes, confusões, os desmandos dos impérios e seus furores - onipresentes entre nós - a História nos devolve um passado, nos entrega um futuro, nos proporciona um presente. A História não trabalha com homenagens como empresas de eventos. Não pactua com grandezas ao modo das negociações milionárias. Ela antes, detesta as ilusões, as mentiras, as vantagens pessoais espúrias. É a ciência que interpreta a vida humana no tempo, procurando, mostrando e também produzindo sinais! A historiografia não se abisma com as mazelas, não se exalta com o triunfo, simplesmente prossegue, de esperança em esperança, de pessoa para pessoa, perseverante.

Guabiruba tangenciou vida civil verdadeira porque teve vida religiosa verdadeira, ambas nunca cindidas e muito menos antagônicas. E desta integralidade, soube viver a distinção das realidades: Deus e homem, trabalho e descanso, obrigações e lazer, brabeza e docilidade, exigências e liberdade, tradição e inovação, novo e velho... foram compondo, através dos anos, com fusões e transfusões o mosaico cultural que fomos, somos.

Guabiruba tem a metade de sua população não mais autóctone. Somos uma população nova, com uma mentalidade nova e com promoções culturais também novas, autênticas, bricoladas, festivas, turísticas. De muita coisa as páginas deste livro dão conta, mas, maior é que se esqueceu, o que não se escreveu, o que não se interpretou, o que não se publicou, porque o principal da vida passa escondido, como define Bernanos: "O verbo se fez carne, e os jornalistas daquele tempo nada souberam. No entanto a experiência de cada dia lhes ensina que as verdadeiras grandezas, mesmo humanas, o gênio, o heroísmo, o próprio amor — seu pobre amor — são dificílimos de ser reconhecidos. " (BERNANOS, Georges. Diário de um Pároco de Aldeia. Editora Agir. P. 150).

Este livro é composto ao modo da parábola do semeador, cujas sementes foram deitadas — escondidas — em terrenos de todo tipo. Uma semeadura incessante, com muitas intenções, com mãos abertas e fechadas, adultas e infantis, brasileiras e estrangeiras, diferentes no tamanho, na generosidade, no respigar de frutos diversos, mixos e graúdos. Desta semeadura este livro se ocupa. Guabiruba renasce literária, passa a conhecer e valorizar não tanto "o que foi", mas o que "está sendo" e assim "o que vai ser".

Ao se reunir em livro um pouco das manifestações culturais se percebe como nossa cidade é dinâmica na quantidade e qualidade de suas sementes. Depois o semeador foi dormir, descansou de sua faina, mas Alguém trabalhou sempre. Ao desabrochar da mocidade de nossa formosa Guabiruba, perguntamos: — O que você ainda quer ser quando crescer? A resposta é dada por nós os munícipes que somos a verdadeira cidade, o restante é território e obra morta.

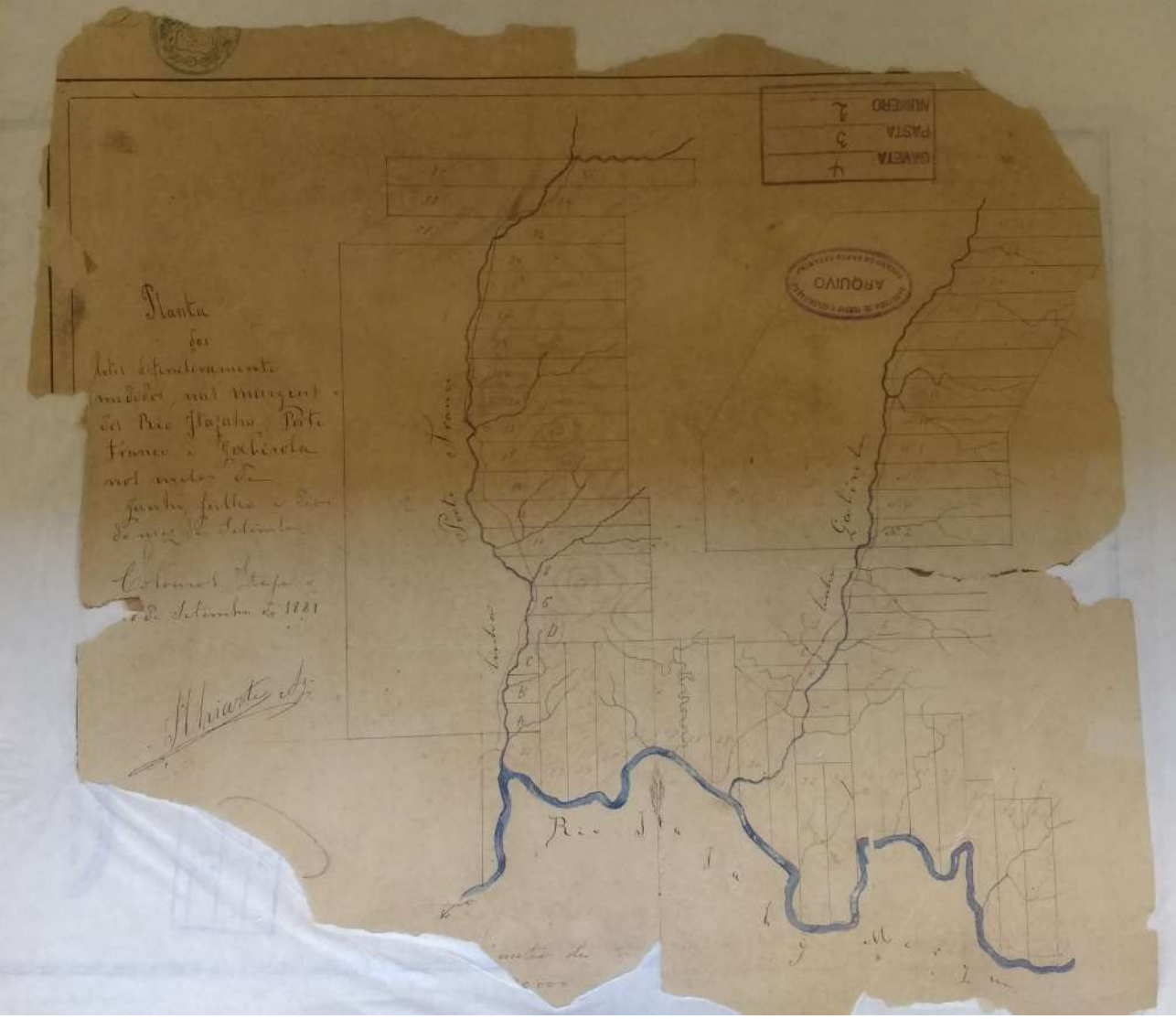
Nos primeiros tempos,
o rio é que era a estrada
mais segura e fácil.

Parte I

História de Guabiruba

E aquele que está assentado no trono disse:
Eis que faço novas todas as coisas.
E acrescentou: Escreve, porque estas
palavras são fiéis e verdadeiras.
Disse-me ainda: Tudo está feito.
Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim.
Eu, a quem tem sede, darei de graça
da fonte da água da vida.

Apocalipse 21:6



Mapa com a indicação do rio "Gabiroba". Ano 1881. Acervo: Museu Casa de Brusque

Guabiruba no Princípio

Autora: Rosemari Glatz

O nome Guabiruba foi utilizado, pela primeira vez, pelo Barão Maximilian von Schneeburg, Diretor da Colônia à época da sua fundação. Outras referências ao nome Guabiruba, também escrito como "Gabiroba" ou "Guabiroba", são encontradas já nos primeiros mapas da Colônia Itajahy-Brusque e também ensinadas nas escolas.

De acordo com o padre Eder Claudio Celva (2022), no ensino fundamental costuma ser ensinado que o nome Guabiruba foi dado pelos

imigrantes que colonizaram a cidade, numa junção de duas palavras indígenas: Guabiroba/Gabiroba (árvore) e Guabirupé (peixe), versão que não possui embasamento histórico. É sabido que se trata de uma palavra indígena - Tupi, com sua significação também em duas vertentes etimológicas: Guabiru = rato; Uba = pai, irmão, estar deitado, jazer. Então poderíamos traduzir como: pai do rato, irmão do rato, rato deitado, onde jaz o rato. Esta versão é baseada no livro: Topônimos brasileiros com tradução dos de origem indígena.

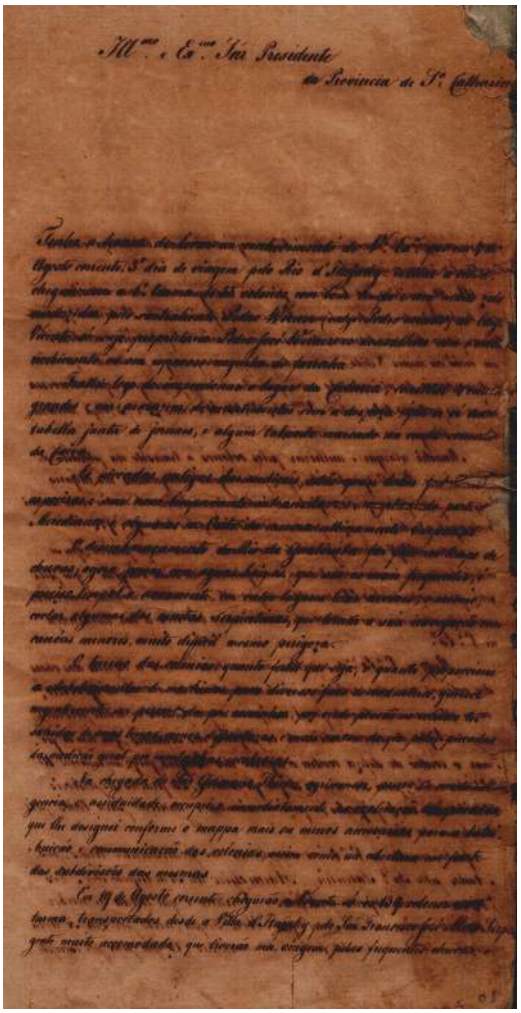
Outra versão apresentada por Celva (2022), é a versão defendida por Hermes Justino Patrianova, segundo a qual há muitos nomes populares para a planta: catinga-de-porco, catingueira, pau-de-porco, marmeleiro -branco, erva-de-rato. Assim, o nome Guabiruba derivaria de uma árvore denominada "pau de rato", possivelmente abundante na região. Etimologicamente, teríamos: Guabiru = rato + Yba = planta, árvore, pau. Celva (2022) explica, ainda, que autores remetem a guay, significando indivíduo, pessoa, associando biriba, curto, baixo. Ou seja: indivíduo de baixa estatura, fazendo referência aos indígenas Guaianazes que habitavam no local. Muitas as versões, explicações e ainda sem fundamentadas conclusões.

O que realmente encontramos embasado é que nome Guabiruba foi utilizado documentalmente, pela primeira vez, pelo próprio Barão Maximilian von Schneeburg, ao se dirigir ao Presidente da Província, solicitando a limpeza do rio Guabiruba: "o desembaraçamento do Rio Guabiruba foi feito em tempos de chuva; agora, porém, com águas baixas, que são mais frequentes, é preciso limpá-lo novamente, em certos lugares, tirar árvores, e mesmo cortar algumas das muitas serpentinas, que tornarão a sua navegação, com canoas menores, muito difícil, mesmo perigosa". Isso consta do documento do Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, e se trata da primeira carta do Barão ao Presidente da Província de SC, datada de 31 de agosto de 1860, após receber alguns grupos de imigrantes alemães. Também está citado na página 12 do livro de Oswaldo R. Cabral, "Brusque: Subsídios para a história de uma colônia nos tempos do Império". Brusque: Edição da Sociedade Amigos de Brusque comemorativa do 1º Centenário da Fundação da Colônia, 1958.

Celva (2022) diz que o fato é que o rio recebeu o nome Guabiruba, e questiona: como o Barão chegou a este nome? Será que era assim que os índios chamavam aquele rio, se pergunta Celva. Até o primeiro entroncamento era conhecido como rio Guabiruba. Na altura da atual ponte que separa os bairros Guabiruba do Sul e Imigrantes, os rios, na foz, receberam os nomes de suas direções, braço Norte do Rio Guabiruba e braço Sul do Rio Guabiruba. Assim, as respectivas localidades herdaram o nome do rio que entrecortava suas terras. O atual Aymoré, por ficar acima de Guabiruba do Norte, ficou sendo Guabiruba do Norte Alta. O bairro Imigrantes, muito pouco povoado em épocas passadas, era a Guabiruba Nor-

te Baixa, ou apenas, Guabiruba Baixa. A Colônia Itajahy-Brusque nasceu conjugada com o Rio Guabiruba e, em suas margens, foram assentados os imigrantes badenses. Ele foi a "primeira estrada", meio de comunicação e transporte. Por isso era preciso limpá-lo, alargar o caminho da picada de Vicente Só ao rio Guabiruba.

A primeira carta do Barão ao Presidente da Província de SC, de 31 de agosto de 1860, já citada, continua: "mandei alargar e melhorar, pelos colonos, o trânsito da picada de Vicente Só ao Rio Guabiruba, pelas águas estagnadas nos lugares baixos, e pela passagem do gado se achou impraticável, assim como mandei prolongá-la, estivar e fazer pontes provisórias nos lotes 98 e 97". Deduz-se que a passagem de gado pode ser referente aos primeiros bovinos adentrados em Brusque ou uma costumeira rota de cargueiros, para fazer os transportes necessários, o que parece mais convincente. A dificuldade na navegação obrigou a abrir caminho pela mata, geralmente seguindo o rio. E assim, desde o início do adentramento de imigrantes, o Rio Guabiruba e seus afluentes foram sofrendo sucessivos cortes.



Primeira carta do barão ao presidente da província de Santa Catarina em 31/8/1860. Acervo: Museu Casa de Brusque

Os imigrantes estabelecidos não sabiam falar português e, por isso, utilizavam nomes similares ao local de origem para referir-se aos locais, continua Celva (2022). Guabiruba, mais como o nome do rio, ou a localidade oficialmente, mas os moradores tinham batizado suas localidades: Guabiruba do Sul caracterizou-se como Langstrasse. O atual bairro São Pedro foi Peterstrasse ou Karlsdorf. O bairro Pomerânia, Pommerstrasse. Planície Alta, Hochebene ou Alto Piano, e os dois Lageados, chamados ao modo italiano de Lageada (pela década de

1930, houve a diferenciação entre Alto e Baixo).

Aymoré era a Weimerstrasse. Celva (2022) ensina que popularmente se atribui o nome atual, afirmando que em uma determinada aula na escola do próprio bairro na década de 1950, se ensinou sobre as tribos indígenas, dentre estas, a dos Aimorés, tribo guerreira. Devido à bravura dos índios o time de futebol recebeu o mesmo nome. O time amador era bastante conhecido e o nome do time foi passando para o nome do bairro. O nome do time se grafava com I, e o do Bairro foi grafado com Y. Sobre o nome: encontra-se aimboré ou aimbiré, o mesmo que aimoré, chefe da confederação do Tamoios que, em 1562, tentou destruir São Paulo. Aimoré é o indígena da tribo dos Aimorés, botocudos dos séculos XVI e XVII que habitavam o que hoje são os Estados do Espírito Santo e Bahia. Aimoré é também um símio (macaco) da Amazônia. Em 1935, o nome Weiherstrasse mudou para Guabiruba Norte Alta e na década de 1960 foi se consolidando Aymoré.

A título de curiosidade, o padre Eder Claudio Celva (2022) compartilha conosco alguns lugares, fora da cidade, que adotam o nome Guabiruba: Rua Cidade de Guabiruba, bairro Parque Guarani – Joinville; Rua Guabiruba, bairro Vila Ema - São Paulo. Rua Guabiruba, bairro Velha Central – Blumenau: Rua Guabiruba, bairro Água Verde – Blumenau; Rua Guabiruba, bairro Jardim Cecília – Carapicuíba/SP; Viela Guabiruba, bairro Jardim dos Pimentas – Guarulhos/SP, dentre outros.

Apesar de existirem mais versões para a origem do nome, neste texto — que não tem caráter científico — a autora deste capítulo defende a versão de que a origem do nome Guabiruba é uma corruptela do nome da árvore frutífera guabiroba, palavra de origem Guarani que significa árvore de casca amarga. E concorda com Celva (2022) na afirmação de que, fato é que o rio recebeu o nome Guabiruba desde o princípio, ficando em aberto o questionamento de como o Barão Maximilian von Schneeburg, Diretor da Colônia à época da sua fundação, chegou a este nome.

Guabiruba: corruptela do nome da árvore frutífera guabiroba

Planta nativa, a guabiroba cresce naturalmente tanto em áreas planas como em encostas de morros, aprecia as proximidades de cursos de água e cresce em abundância na região. O seu tronco pode chegar a 15 metros de altura, e suas frutas são consumíveis. A cidade de Guabiruba é repleta de nascentes e cursos de água, e os pés de guabiroba são facilmente encontrados, tanto nos vales como nas encostas dos morros e montanhas da cidade. A sua floração acontece entre agosto e novembro, por um curto período de tempo, e a maturação dos frutos também é rápida, ocorre entre 15 e 20 dias após a florada.

Os frutos — doces, amarelos e em forma de baga — amadureceram logo após a chegada dos primeiros imigrantes alemães e, tal como o miolo do palmito, é possível que os frutos da guabiroba também tenham servido de alimento para as famílias dos colonizadores logo após a sua chegada. E assim a árvore emprestou seu nome à cidade, que, entre a população local, é chamada carinhosamente de "Guaba".

A origem dos primeiros imigrantes de Guabiruba

A maioria dos imigrantes que colonizou Guabiruba é originária de Baden, que, até a unificação da Alemanha, em 1871, era um Estado independente na Confederação Alemã. Lothar Wieser (2014), pesquisador da imigração badense no século XIX, informa que o povo emigrava para fugir da fome decorrente do empobrecimento massivo em Baden. Segundo o autor, a emigração em massa do século XIX pode ser explicada preponderantemente por condições econômicas e, em muitos casos, o Estado apoiou-a financeiramente para se livrar de aldeões empobrecidos.

Apesar de desprovidos de recursos financeiros, alguns emigrantes possuíam um pequeno pedaço de terra e um pouco de patrimônio, que era vendido para juntar algum dinheiro para fins de emigração, que naquele tempo era do interesse do Estado, pois os pobres eram uma carga para o poder público. Mas, ainda assim, o processo não era muito simples. Para que a emigração fosse autorizada, o candidato precisava comprovar que não tinha nenhuma dívida, seja com o poder público, seja com a iniciativa privada. Uma vez certificada a inexistência de dívidas, era emitida a autorização de emigração e, em seguida, o passaporte. E algum tempo após a concessão da autorização de emigração, a pessoa perdia o direito de cidadania na localidade.

O princípio

Segundo os relatórios do Barão de Schneeburg, primeiro diretor da Colônia Itajahy (atual Brusque), a primeira leva de colonizadores chegou à Colônia no dia 4 de agosto de 1860 e foi instalada em Vicente Só, região central da cidade de Brusque, cujo proprietário Pedro José Werner (vulgo Pedro Miúdo) os agasalhou com o melhor recebimento em seu espaçoso engenho de farinha (CABRAL, 1958). Cem anos depois, inserida na programação oficial do Centenário de Brusque, em 4 de agosto de 1960, foi inaugurada a Praça Vicente Só, assim denominada em homenagem a Vicente Ferreira de Melo, um dos primeiros moradores da região.

A cerimônia teve início às 8 horas, com o hasteamento da Bandeira Nacional no palanque oficial, execução do Hino Nacional e do Hino do Centenário, executados pela Banda da Polícia Militar do Estado, seguido

de discurso do Prefeito Municipal.

Durante o ato de inauguração também se procedeu à cerimônia das homenagens ao fundador da cidade, Dr. Francisco Carlos de Araújo Brusque, ao 1º diretor da Colônia, Barão Maximilian von Schneeburg, e aos primeiros colonizadores, com a inauguração do Obelisco e respectivas placas de bronze. O discurso foi proferido por um membro da Subcomissão do Monumento ao Imigrante.

Em 4 de abril de 2011, a praça foi reinaugurada e recebeu 11 esculturas esculpidas em 2002 pelo artista plástico David Rodrigues. O obelisco do Centenário de Brusque, e as esculturas representando a chegada e o encontro dos imigrantes alemães com os indígenas, são os principais atrativos da Praça. A Praça Vicente Só está implantada no local onde Pedro Werner acolheu, em sua casa e engenho, o primeiro grupo organizado de colonizadores alemães em 4 de agosto de 1860. E, embora pequena, proporciona momentos especiais para os apreciadores da história e da arte. Está localizada na rua Getúlio Vargas, bairro centro, bem próximo à Sociedade Esportiva Bandeirante, Brusque.

A partir da segunda leva, datada de 19 de agosto de 1860, os imigrantes já passaram a ser instalados em direção ao Rio Guabiruba, e foi ali que iniciou a história de Guabiruba.

A viagem da Alemanha para o Brasil levava em torno de três meses. No tempo em que teve início a Colônia Itajahy-Brusque, o Porto de Itajaí ainda não existia, os navios aportavam no Ancoradouro das Cabeçudas, local onde ancoravam as embarcações que transportavam imigrantes e as cargas para as colônias dos "Vales do Itajaí". De lá, os passageiros e

Barracão dos imigrantes na Barra do Rio Itajaí. 1868

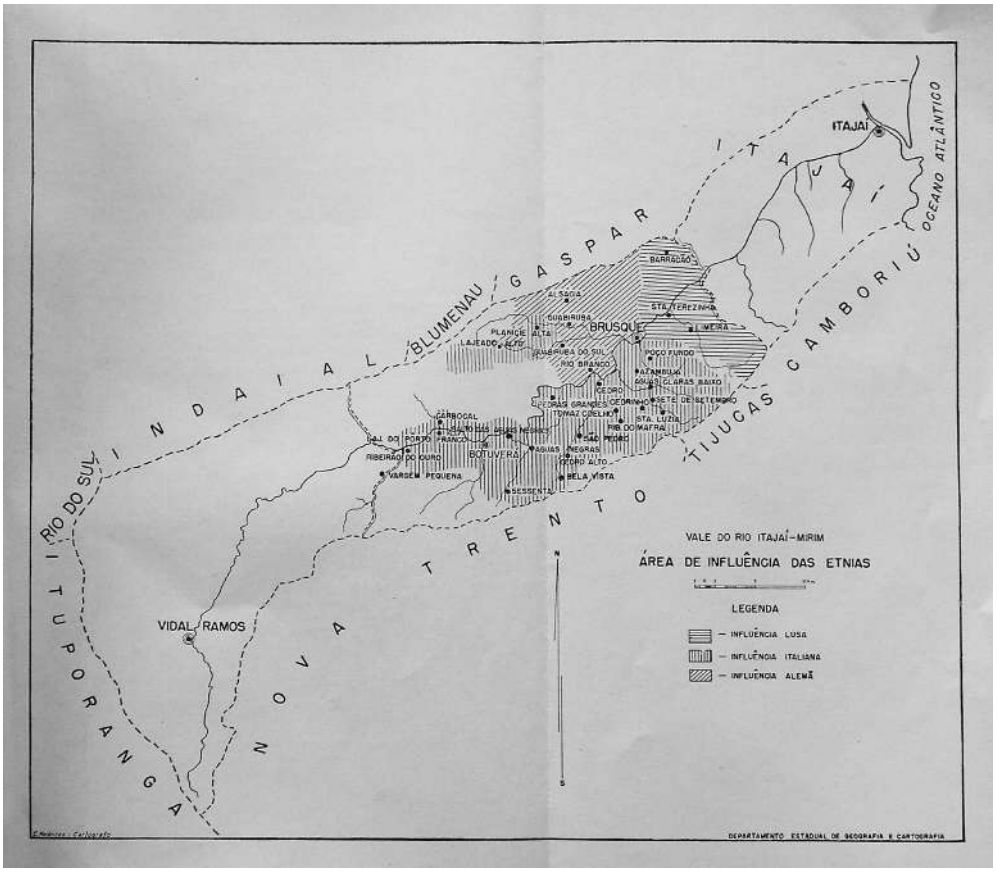
cargas precisavam ser baldeados para pequenas embarcações e transportados até os barracões dos imigrantes. Construídos na foz do rio Itajaí-Mirim, conhecido até hoje como Barra do Rio, esses barracões tinham capacidade para abrigar de 160 a 200 pessoas. Ao chegar em terra firme, exaustos pelos meses de viagem, os imigrantes descansavam alguns dias no barracão dos imigrantes da Barra do Rio antes de seguir viagem para a Colônia.

Nos primeiros tempos, o rio é que era a estrada mais segura e fácil, e barcas, lanchões e canoas eram utilizados para a viagem que demorava de três a cinco dias entre Itajaí a Brusque. Da Barra do Rio (Itajaí), onde os imigrantes se alojavam inicialmente depois dos meses de viagem da Europa até o Brasil, até o Barracão dos Imigrantes localizado na Colônia Itajahy-Brusque, o transporte dos colonizadores e seus pertences era feito por embarcações a remo que, em viagem rio acima, durava entre 3 e 5 dias. Assim também foi com os colonizadores de Guabiruba que, quando chegaram à colônia, foram instalados no Barracão do Imigrantes, que ficava nas proximidades do atual Clube de Caça e Tiro de Brusque.

Quando eles chegavam, tudo estava por fazer. O trabalho de ocupação das terras era feito em mutirão, com grupos de homens abrindo as picadas e os claros na floresta nativa, derrubando as árvores, delimitando os lotes e neles construindo as primeiras casas provisórias. Feitos de espiques (caules) de palmito, eram barracos de chão batido que serviram como moradia nos primórdios da colônia. Em alguns casos, as frestas das paredes eram fechadas com barro. As folhas de palmeiras eram trançadas para cobertura do barraco e o miolo do palmito servia para o preparo de alimentos com carnes de caça.

E assim, de forma comunitária, os espaços eram preparados para que as famílias dos imigrantes se instalassem provisoriamente. Durante o tempo de preparação do espaço que receberia a família, mulheres e

Fruta gabiroba, muito comum na região



Mapa área de influência das etnias. Fonte: Piazza, 1960

crianças permaneciam no Barracão dos Imigrantes. Na mata virgem, os colonizadores alemães, e depois os italianos e os poloneses, com suas famílias, plantaram e viveram em plena natureza, distantes da região central. Talvez sentissem solidão, mas, apesar de todas as dificuldades, formavam comunidades fraternas e com fortes vínculos entre si.

A religiosidade foi fundamental para manter a união e a força do povo em inúmeros momentos de provação e, com o passar do tempo, a situação econômica dos imigrantes foi melhorando. Os barracos provisórios foram sendo substituídos por casas de madeira e, em alguns casos, por casas feitas com tijolos. Foram tempos difíceis, e só com muita fé em Deus e união é que as famílias conseguiram suportar aqueles primeiros tempos e prosperar em terras brasileiras.

Vida de Igreja em Guabiruba

A religiosidade, a educação e a disciplina sempre foram consideradas fundamentais para o povo guabirubense, tanto que a primeira igreja e uma das primeiras escolas da então Colônia Itajahy-Brusque (à qual pertencia até o ano de 1962, quando foi emancipada), foram instaladas em Guabiruba, numa iniciativa dos próprios imigrantes.

No início, a vida de igreja acontecia no círculo familiar e no templo. Segundo Celva (2013), a referência religiosa material era fundamental para a vida dos imigrantes inseridos num contexto exclusivamente agrário, com uma visão sacral de ver as coisas e o mundo. Embora a construção de igrejas fosse de responsabilidade do Governo Imperial, em Guabiruba não se cogitou esperar por auxílio público e, poucos meses após a chegada dos imigrantes, a primeira capela foi edificada.

Ao se referir ao assunto, Cabral (1958) informa que o primeiro templo católico da Colônia Itajahy-Brusque foi o da então Guabiruba do Norte, edificada em 1861, no centro de Guabiruba. Celva (2022) complementa e informa que a primitiva ermida da colônia foi edificada pelo mês de abril de 1861, em Guabiruba, e construída em área doada por Franz Jakob Klein, onde mais tarde surgiu uma casa comercial.

> Das capelas que então os colonos construíam toscamente, no interior da colônia, parece que a mais antiga – tudo faz crer que o seja – foi a do Guabiruba do Norte, construída, segundo nos informa o Pe. Eloy Koch S.C.J., em fins de abril de 1861, dedicada a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. O Barão de Schneeburg, referindo-se a uma capela situada naquela linha, a denomina de Capela de Maria Hülf..., na qual Frederico Nützel ensinava doutrina cristã aos domingos (CABRAL, 1958, p. 284)

Em junho de 1861, o padre Gattone, Vigário de Gaspar, visita Brusque. A Sede da Colônia Brusque, como o próprio Padre cita, estava sem capela, o que o obriga a celebrar no barracão dos imigrantes. Em Guabiruba, a ermidinha já estava edificada, à sua frente o primeiro cruzeiro de lenhos da mata. O padre, em Guabiruba, animara aqueles residentes a melhorarem a ermida, sendo que algum tempo após a visita já era vistosa capelinha, completa Celva (2022).

Também existem registros da construção de uma pequena capela na localidade de Guabiruba do Norte Alta (atual bairro Aymoré) no ano de 1862, denominada Capela de Santo Afonso.

Igreja Católica Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, centro de Guabiruba
Acervo: Curto Fotos Antigas de Guabiruba

A Capela Santo Afonso de Weiherstrasse

De Weiherstrasse originou-se Guabiruba do Norte Alta, hoje bairro Aymoré. Pe. Eder Claudio Celva (2022) nos ensina que a criação da atual capela nessa localidade é a mais recente da Paróquia de Guabiruba, mas muitos desconhecem que na localidade existiu uma capelinha primitiva, construída em propriedade cedida pela família Scharf. Há uma pequena divergência quanto ao padroeiro, quando se afirma em documento ser Nossa Senhora da Boa Ajuda, mas deveras verifica-se que esta era a padroeira da igreja de Guabiruba; o padroeiro da segunda capela da Colônia Itajahy era Santo Afonso. De acordo com Celva (2022), presume-se que o padroeiro era Santo Afonso Ligório, venerado em um quadro emoldurado; mais tarde conseguiram uma estátua do padroeiro.

Na Guabiruba do Norte Alta foi construída a capela em 1862, tanto assim que, a 20 de janeiro de 1863, Pe. Gattone lá fez o batizado de José Scharf, observando que se realizara "na capela de Santo Afonso, na colô-

nia de Brusque". Foi demolida, sendo o terreno destinado ao cemitério. Era feita de espiques de palmito, talvez barreados, coberta de palha, tendo chão batido por assoalho (KOCH, 1956, p. 8).

Padre Eder Claudio Celva (2022) complementa que, para esta informação o padre Eloy Dorvalino Koch se baseou num certificado de batismo de propriedade do Senhor Carlos Scharf e numa entrevista com Dona Anna Erthal Kohler, e em 1956 publicou os dados no livro O catolicismo em Brusque. Álbum do Centenário.

A ermida foi erguida no início de 1862. Nos dias sucessivos a 15 de julho do mesmo ano ocorreu a bênção da capela pelo Padre Gattone, ocasião em que também se realizou a primeira comunhão de crianças. Em 20 de janeiro de 1863, novamente houve visita sacerdotal, quando se realizaram batizados no local; também casamentos, o Pe. Gattone ali assistiu. A ocasião da visita sacerdotal era de grande festa, e, como ainda não possuíam sino para saudar o Padre, era costume descarregarem suas armas de fogo com grande troar festivo. O mais entusiasta da manifestação, o doador do terreno para a ermida, João Scharf, proveniente de Wiesenthal, e casado com Isabella Fürst, estava duplamente alegre pelo aparato e pelo batizado de seu filho José. Tiros ao alto sem muita cautela. Eis que o lamentável acontece: o cano da arma explode, produzindo-lhe graves ferimentos, principalmente na mão esquerda, algo sério que não pôde ser resolvido com medicina caseira, tendo que ser tratado fora da Colônia, por causa da inexistência de recursos frente a tamanha gravidade (CABRAL, 1958, p.65).

De acordo com o Padre Celva (2022), o acidente amedrontou aqueles homens afoitos, dando motivo a que as armas fossem substituídas. E não tardou a ser trazido da Alemanha, em 1864, para os católicos badenses de toda a Guabiruba, o primeiro sino de toda a Colônia Itajahy. Anexo à capelinha de Santo Afonso também se encontrava o Cemitério, iniciado por causa da dificuldade de se realizarem, no começo, os sepultamentos no Cemitério de Maria Hilf, no centro de Guabiruba. A expansão da Linha Weiherstrasse originou outras Linhas menores, como Sibéria, Sternthal, Gruenerwinkel, fazendo com que surgisse a necessidade de um cemitério com sua ermida mais centralizados, ficando mais acessível a todos, sobretudo aos recém-chegados. Com o passar dos anos tomava a centralidade da vida de fé e comunitária a capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, em Guabiruba, e a de Santo Afonso em Weiherstrasse se reduzia progressivamente a apenas servir de oratório para o cemitério. O cemitério primitivo não existe mais, informa Celva (2022)

Na Stadtplatz (sede da Colônia, atual centro de Brusque), a primeira capela só foi construída no ano de 1866, cinco anos depois da primeira capela ter sido erguida em Guabiruba, e tão somente porque houve investimentos privados. O Pe. Bohn (1989) conta que, na área central da Colônia Itajahy-Brusque, as funções religiosas eram realizadas num dos

ranchos de imigração. No entanto, a insistência popular era muito grande para que se construísse uma igreja. Pela demora do Governo, os senhores Pedro Werner e Pedro Jacob Heil, em 24/05/1864 tomaram a iniciativa da construção, sendo que dois anos depois foi inaugurada a igreja na sede da colônia e também a eles coube a iniciativa de conseguir o sino.

Educação

A família, a escola e a igreja se complementam e constituem os principais pilares da sociedade. No entanto, nos primórdios da colonização no Sul do Brasil, raramente o Governo se preocupava com a questão da educação — tão importante para os imigrantes germânicos, que já tinham aprendido em sua terra de origem sobre a força da educação e da disciplina para o desenvolvimento de uma sociedade.

No início não havia escolas, e logo foi sentida sua necessidade, quando as crianças começaram a crescer analfabetas. Celva (2013) informa que uma das primeiras preocupações dos imigrantes, no que tangia a seus filhos, era a doutrinação cristã. Para que esta acontecesse proficuamente, fazia-se necessária a alfabetização. No atributo de suas funções, em 24 de outubro de 1860, o Barão Maximilian von Schneeburg encaminhou ao presidente da Província de Santa Catarina um vasto documento, do qual extraímos o seguinte:

É, sem dúvida, uma viva urgência cuidar na moralidade e na instrução, até hoje já de 112 menores, de ambos os sexos, dos quais pelo menos 1/2 ou 2/3 perderiam com a falta de sacerdote e mestres todos os bons princípios da Sociedade, que tinham principiado a colher alguma instrução nas escolas donde saíram no momento da sua emigração (CABRAL, 1958).

Essa urgência de alfabetização também foi sentida pelo sacerdote Pe. Alberto Gattone, Vigário de Gaspar, que no ano seguinte a constatação do Barão chega a Brusque, para uma visita. Na impossibilidade de sua permanência na Colônia Itajahy-Brusque, o Pe. Gattone fez com que se designassem pessoas que gozassem de boa fama, com reto caráter, para cuidar da parte educacional, estritamente ligada à catequética.

E quando era chegado o tempo de as crianças serem preparadas para o seu encontro inicial com Cristo na Eucaristia, o padre Gattone tratou de articular uma casa de ensino em Guabiruba, em sua primeira visita, em meados de 1861. Assim, da preocupação catequética doutrinal nascem as escolas de Guabiruba, no seio das comunidades católicas, conclui Celva (2013).

Dirschnabel (2018), por sua vez, nos informa que em face da ausência de professores qualificados, o Pe. Gattone estimulou alguns colonos para que ensinassem as primeiras letras em suas comunidades. Frederi-

co Nützel, Carlos Scharf, Francisco Weitgenannt, Karl Boos e, logo depois, João Boos, sendo colonizadores mais esclarecidos, assumiram a nobre função de ensinar.

Sobre a questão educacional, em diversos trechos de seu livro, Oswaldo Cabral (1958) comenta a situação da assistência educacional na Colônia Itajahy-Brusque.

A professora Emilia Rosenbrock (2018) em seu artigo: A roca do idioma alemão nos teares do Berço da Fiação Catarinense: Considerações acerca do ensino da língua alemã em Brusque/SC, relaciona linearmente os dados trazidos por Cabral e os lista juntamente com outras informações sobre a educação primária pública e particular na Colônia retiradas de outras obras literárias. Vejamos o que diz Rosenbrock:

Johannes Boos (Professor João Boos). Acervo: Laércio Boos - Curto Fotos Antigas de Guabiruba

- 1860: Já nos primórdios da Colônia o Barão de Schneeburg dirigia-se ao presidente da Província de Santa Catarina alertando sobre latente necessidade de escolas e de sacerdotes para os colonos e seus filhos. Em uma carta de Schneeburg ao Presidente da Província de Santa Catarina este propõe a contratação da senhora condessa Maria von Buettner para professora na escolinha do sexo feminino da Colônia (CABRAL, 1958, p. 45). Contudo, Maria von Buettner acaba aceitando a proposta do Dr. Blumenau e se estabelece naquela colônia.

- 1861: Para o cargo de professora pública para a primeira escola (do sexo feminino) que se abriu na Colônia foi nomeada em 1861 Sofia Augusta von Knörring, com os vencimentos mensais de 30 mil réis (CABRAL, 1958, p. 70). A escola pública funcionava das 8 horas da manhã ao meio-dia, as lições eram dadas em alemão e em português e especial ênfase era dada à disciplina de geografia (GEVAERD, 1961, p. 135; RENAUX,

1995, p. 103, citados por ROSENBROCK, 2018). A escola pública feminina estava estabelecida na Sede da Colônia;

- 1862: o Barão de Schneeburg reitera seu pedido ao Governo Provincial para a criação de uma escola do sexo masculino na Colônia (CABRAL, 1958, p.70). Sua solicitação não foi prontamente atendida, e no ano seguinte, ele pede autorização para que os sete meninos da Sede da Colônia frequentem as aulas na escola para o sexo feminino já em funcionamento (CABRAL, 1958, p. 70);

- 1863: Em seu relatório de 1º de janeiro de 1863, correspondente ao ano de 1862, o Barão de Schneeburg reitera a necessidade de uma escola para o sexo masculino cuja criação havia sido protelada para ocasião mais oportuna. Em 7 de julho de 1863, em carta ao presidente da Província de Santa Catarina, o Barão insiste na criação de mais escolas para a Colônia visto a necessidade da implantação em localidades mais distantes da Sede da Colônia. E Rosenbrock (2018) continua sua escrita, dizendo que o Barão de Schneeburg sugere a fundação de uma escola para atender 47 meninos no Valle do Braço do Norte do Guabiruba, hoje Centro de Guabiruba, perto da Capela de Maria Hülf (Mariahilfskapelle), atual Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Também era necessário atender com escolas a localidade de Peterstraβe-Bateas (CABRAL, 1958, p. 70; GEVAERD, 1961, p. 136, citados por ROSENBROCK, 2018);

Conforme documento da pasta da Paróquia São Luís Gonzaga, Brusque, disponível no Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina, Florianópolis, ao discorrer sobre a questão educacional em Guabiruba, Pe. Eder Claudio Celva (2022), esclarece que a primeira escola da colônia instalou-se em Guabiruba e era regida por Luiz Boos. Informa, ainda que em 1884 a referida escola foi transferida para a vila (centro de Brusque), passando a funcionar numa velha casa onde se acha o vetusto e magnífico paço municipal.

Sobre esse assunto, o pesquisador Roque Luiz Dirschnabel (2022) informa que nos primórdios a educação em Guabiruba sempre esteve intimamente relacionada com a igreja. Baseado no livro do Pe. Eloy Dorvalino Koch SCJ (Álbum do 1º Centenário de Brusque, 1960. p. 262), Dirschnabel observa que, ao que tudo indica, das escolas-paroquiais no interior da colônia, a primeira foi a de Guabiruba Norte (Centro de Guabiruba), iniciada em fins de abril de 1861, que funcionava junto com a capela dedicada a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (Mariahilfskapelle), na qual Frederico Nützel ensinava a doutrina cristã aos domingos e feriados. Baseado em Cabral (1958), informa que Frederico Nützel foi escolhido pelo Pe. Alberto Gattone para ser o primeiro sacristão da capela Nossa Senhora do Perpétuo Socorro em função do interesse demonstrado por Nützel na catequização das crianças, o que acabou por lhe valer o título de primeiro professor de Guabiruba. Ainda baseado em Koch (1960), esclarece

que, em 1862, uma outra capela foi construída, sendo dedicada a Nossa Senhora da Boa Ajuda na Guabiruba Norte Alta (atual bairro Aymoré). No que se refere à formação educacional dos filhos dos colonos de Confissão Luterana em Guabiruba, corrobora o relatório do Barão von Schneeburg mencionando que os luteranos já haviam construído a sua Casa de Oração (Ponto de Pregação), e nela o imigrante pioneiro da localidade do Sternthal, Karl Bartz, ensinava as primeiras letras para os filhos dos luteranos. Essa informação foi confirmada pelo pesquisador em depoimento colhido de Conrado Thom (in memoriam) e de sua esposa Hildegard Kaiser Thom, em 12/04/2007, que também apontavam para a existência de uma pequena escola construída sobre uma colina.

- 1864: em 22 de abril de 1864 foi autorizada a criação da primeira escola primária pública para meninos sendo professor Maximilian von Borowsky (CABRAL, 1958, p. 70-71; PIAZZA, 1960, p. 94-95, citados por ROSENBROCK, 2018). Esta escola foi instalada no centro da Colônia (Brusque), e não atendia as comunidades do interior da Colônia.

- 1868: em 1º de fevereiro de 1868 começou a funcionar na localidade de Guabiruba do Norte Alta, hoje Aymoré, uma escola particular com a matrícula de 20 alunos e sendo professor Johannes Boos (NOVAES, 1960, p. 133, citado por ROSENBROCK, 2018).

Pe. Eder Claudio Celva (2022), baseado no documento disponível no Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina, em Florianópolis, complementa que um relatório curial de 1910 mostra que as escolas paroquiais no território de Guabiruba estavam instaladas em Guabiruba do Norte (atual bairro Centro), Weiherstrasse (hoje denominado bairro Aymoré), Langestrasse (atual bairro Guabiruba Sul), Peterstrasse (ago-

Professor João Johann Boos, Guabiruba 1930. Acervo: Roque Luiz Dirschnabel

ra bairro São Pedro), e Hochebene (agora bairro Planície Alta). O relatório curial também menciona uma escola paroquial instalada em Grosser Fluss, cujo significado na língua alemã é Grande Rio, atual bairro Rio Branco, em Brusque.

Atualmente a escola do bairro Aymoré (antiga Weiherstrasse) é denominada EBM Padre Germano Brandt e, de acordo com Dirschnabel (2018), Karl Boos, "o velho" foi o professor na comunidade católica e ensinava as primeiras letras numa casa particular. A comunidade da igreja luterana de Sternthal, vinculada ao bairro Aymoré, também teve uma pequena escola.

Walter F. Piazza (1960), por sua vez, informa que em 1880 foi fundada a primeira escola particular alemã em Guabiruba do Norte. A escola tinha 104 alunos matriculados. Dirschnabel (2018) complementa, esclarecendo que a referida escola se localizava próximo da atual instalação da Casa das Irmãs, na rua 10 de junho, no Centro, onde lecionou o Sr. Carlos Scharf. Esta escola foi fechada durante a Segunda Guerra Mundial e, mais tarde, foi substituída pela atual EEB Professor João Boos, edificada na rua Brusque.

Em 1885, passou a funcionar a primeira escola particular no bairro Alsácia. Tinha 25 alunos matriculados, funcionava duas vezes por semana e as aulas eram em língua alemã. Era professor Francisco Kohler. No ano seguinte, em 1886, foi criada a escola particular de Guabiruba Sul, com 25 alunos, sendo professor Luiz Boos, conclui Piazza (1960). E só muitos anos depois é que essas escolas passaram aos cuidados do Governo, que criou outras escolas.

Educação em 2022

A primeira escola da Colônia Itajay-Brusque surgiu no centro de Brusque no ano de 1861. Era pública e exclusiva para o sexo feminino. Sofia Augusta von Knörring foi a primeira professora. Em Guabiruba a primeira escola começou a funcionar um ano depois, em 1862, e era uma Escola Paroquial (não pública). Celva informa que, naquele ano, constatou-se que meninos em idade escolar cresciam analfabetos no centro de Guabiruba. Assim, de maior urgência era o estabelecimento de uma escola masculina no braço norte do Guabiruba, onde havia mais de 47 rapazes em idade escolar. A Escola Paroquial foi localizada no seu ponto mais central "próximo da capela de Maria Hilf" (primeira capela — Mariahilfskapelle), onde o colono católico Frederico Nützel, ali morador, já ensinava, gratuitamente, aos domingos, a Doutrina Cristã, sob a coordenação do Pe. Gattone. E parece que os números não incluíram as meninas, pois o incentivo à alfabetização não era igualitário, conclui Celva (2022).

Passados 162 anos de colonização de Guabiruba, 160 anos desde que

a primeira escola (Escola Paroquial) foi criada, e 60 anos da emancipação político-administrativa, em 2022 Guabiruba possui uma população aproximada de 25 mil habitantes e 20 (vinte) escolas, sendo 19 (dezenove) escolas públicas e 01 (uma) escola particular. O município também conta com um centro de atendimento de contraturno.

Escolas de Ensino Básico (EEB) Estaduais:
EEB Professor Carlos Maffezzolli (Ensino Médio);
EEB Professor João Boos (Ensino Médio).

Escolas Básicas Municipais (EBM):
EBM Professora Anna Othilia Schlindwein
EBM Professor Arthur Wippel
EBM Professor Carlos Maffezzolli
ERM Cesário Régis
EM Edeltrudes Wippel Heil
EEI Edite Bozano Alves de Souza
EBM Padre Germano Brandt
EEI Professora Ida Silva Debatin
ERM João Jensen
EEI Luísa Petermann Westarb
EMEB Osvaldo Ludovico Fuckner
EM Paulo Schmidt
EM Professora Rosa Rudolf Nicoletti
EEI São Pedro
EEI Tia Angelika
EEI Tia Olinda
ERM Vadislau Schmitt

Escola Particular:
Escola Especial Professor Arthur Wippel (APAE)

Centro de atendimento de contraturno (não se trata de uma escola):
Dois Amores Contraturno Escola

Família de Pietro Marco Pontaldi. 1905
Acervo: Alvenir Pontaldi - Curto Fotos Antigas de Guabiruba

Sobrenomes de Famílias de Imigrantes que colonizaram Guabiruba

O pesquisador Roque Luiz Dirschnabel (2021) relata que os imigrantes que colonizaram Guabiruba vieram em sua maioria do Grão-Ducado de Baden, destacando-se a comunidade de Karlsdorf-Neuthard como localidade de origem.

Os primeiros, os germânicos, estabeleceram-se no trecho da atual Rua São Pedro, onde ainda em 2022 continuam residindo as famílias Fischer, Gartner, Habitzreuter, Huber, entre outras.

A segunda via de acesso de Brusque para Guabiruba foi aberta em direção ao rio Guabiruba, inicialmente no bairro Rio Branco (Grosser Fluss), onde se estabeleceram as famílias Hoeffelmann e Orthmann, na divisa entre Brusque e Guabiruba, depois, em direção ao Lageado Baixo, via Guabiruba Sul. Sob este aspecto, a ocupação da região de Brusque e Guabiruba se deu de modo continuado, conforme os colonos eram assentados em seus lotes.

Anos depois, a partir de 1875, começaram a chegar imigrantes originários da região de Trento – Itália – na época pertencente ao Império Austro-Húngaro. A partir de 1889, chegaram os italianos que não eram trentinos, e também algumas famílias polonesas.

Nome da Localidade	**Período Inicial de Ocupação**	**Alguns sobrenomes de famílias imigrantes**
São Pedro Peterstrasse (antiga Karlsdorf)	1860 - 1867	Albrecht, Barron, Carminatti, Fischer, Gartner, Habitzreuter, Missfeld, Suavi, Siegel, entre outros.
Guabiruba Sul (antiga Langestrasse)	1860 - 1868	Baumgärtner, Boos, Kurtz, Mueller, Rothermel, Schlindwein, Voss, Westarb, Schaefer, entre outros.
Guabiruba Norte (Centro)	1862 - 1865	Butsch, Debatin, Dietrich, Heckert, Hodecker, Hörner, Klein, Kohler, Krieger, Nuss, Schmidt, Schumacher, Schweigert, entre outros.
Guabiruba Baixo (Imigrantes)	1862 - 1865	Erthal, Hartmann, Kosel, Lang, Mannrich, Schaefer, Schörner, Wurst, entre outros.
Aymoré Guabiruba Norte Alta (antiga Weiherstrasse)	1862 - 1865	Barth, Becker, Bohn, Boos, Gums, Hassmann, Keller, Kistner, Koehler, Petermann, Sabel, Scharf, Seubert, Wippel, entre outros.
Pomerânia (antiga Pommerstrasse)	1863 - 1868	Batschauer, Erthal, Hang, Heck, Schroeder, Turus, Venske, entre outros.
Planície Alta (antiga Hochebene)	1863 - 1870	Barth, Cowalski, Cucky, Dürrschnabel, Merkel, Rodolph, Baumgart, entre outros.
Lageado Baixo	1865 - 1875	Baron, Batschauer, Comper, Ebel, Fuckner, Lang, Otto, Pollheim, Sabel, Wilbert.

Lageado Alto	1875-1876 Estes imigrantes eram originários da região de Trento – Itália, na época pertencente ao Império Austro -Húngaro, emigrados nos anos de 1875 - 1876, para Santa Catarina.	Francesco – Cristiano e Inocente Plotegher, Giacomo e Giuseppe Tomasi, Beniamino Martinelli, Domenico Coraiolla, Marco - Guiseppe e Pietro Stedile, Giuseppe e Matteo Zencher, Giuseppe Dalbosco, Domenico e Giovanni Minatti, Cesare e Pietro Pontalti, Stefano Fontana, Quirino Ponticelli, Battista e Cristóforo Nicoletti, Agostino Zorer, Vigilio Mazzalai, Giuseppe – Paolo e Domenico Senter, Donatto Segatta, Giuseppe e Giacomo Parisi, Adriano Minini, Giuseppe Comper, Biaggio Dalnegro, Nicolò Dematté, Francesco Celva, Francesco Romani, Valentino Caldonazzi, Policarpo Albani, Giacomo e Egidio Enderle, Arcadio Galvagni, Giovanni Battista Fritz, Cristóforo Bertotti, Giacomo Boschetti, Francisco Xavier Vetter, Teodósio e Francesco Benvenutti, Carlo Vinotti, Tommaso Angheben, Tommaso Micheli, Battista Martinelli, Nícolo Densati, Francesco – Serafino – Battista e Fortunato Alessadrini, Beniamino Suem, Angelo Conti, Martino Fachetti, Bortolo Cobbe.
Lageado Alto	1889 Estes não eram trentinos.	Antonio Smaniotto, Domenico e Giovanni Marcadella, Antonio Razera, Candido, Basílio e Santo Dallabenetta, Giovanni Longo, Antonio Tedesco, Domenico Mantovani, Cleto Mattioli, Alexandre Marchesi, Luigi Censati, Antonio Andreolli, Antonio Neri, Raffaelo Preti, Giuseppe Righi.

A tabela apresenta a lista de imigrantes, predominantemente alemães e italianos, conforme Pe. Eder Claudio Celva e Roque Luiz Dirschnabel, e citado por Claus Metzger no livro O Lavrador. Cumpre ressaltar que a lista não é exaustiva, outros sobrenomes podem não ter sido citados por desconhecimento.

Referências

ÁLBUM DO CENTENÁRIO DE BRUSQUE. Edição Sociedade Amigos de Brusque, 1960.

BOHN, Pe. Antônio Francisco. As Primeiras Paróquias de Itajaí, Gaspar, Brusque e Blumenau. Blumenau em Cadernos, Tomo XXX. Nº 11 e 12. Novembro e dezembro de 1989.

CABRAL, Oswaldo R. Brusque: Subsídios para a história de uma colônia nos tempos do Império. Brusque: Edição da Sociedade Amigos de Brusque comemorativa do 1º Centenário da Fundação da Colônia, 1958.

CELVA, Pe. Eder Claudio. História da Igreja Católica em Guabiruba: Cinquentenário da Paróquia, 2013.

CELVA, Pe. Eder Claudio. Depoimentos por e-mail em 7 e 16 de maio de 2022.

DIRSCHNABEL, Roque Luiz. Entrevista concedida a Rosemari Glatz, por e-mail, Em 9 de julho de 2018, em 12 de maio de 2022 e em 13 de outubro de 2022. De acordo com as pesquisas realizadas por Dirschnabel.

GLATZ, Rosemari e outros. A imigração alemã em Santa Catarina. Capítulo do livro Famílias de Origem Alemã no Estado de Santa Catarina. Volume I. GenealogiaRS. Porto Alegre, 2017.

GLATZ, Rosemari. Imigração alemã no estado de Santa Catarina: uma síntese histórica. Anuário Notícias de Vicente Só. Sociedade Amigos de Brusque. Editora da Unifebe. Brusque, 2017.

GLATZ, Rosemari. Pelznickel: uma cultura centenária trazida pelos imigrantes alemães que sobrevive ao tempo em Guabiruba. Anuário Notícias de Vicente Só. Sociedade Amigos de Brusque. Editora da Unifebe. Brusque, 2018.

GLATZ, Rosemari. Brusque Os 60 e 160: Elementos da nossa história. Editora da Unifebe. Brusque, 2018.

GLATZ, Rosemari. O Voo da Águia: 150 anos de imigração polonesa no Brasil. Editora da Unifebe. Brusque, 2021.

GLATZ, Rosemari. Coluna Jornal O Município. Brusque, 2015-2022. Disponível em: https://omunicipio.com.br/author/rosemari-glatz/

KOCH, Pe. Eloy Dorvalino. O catolicismo em Brusque. Álbum do Centenário. 1956. Reedição da gráfica Mercúrio. p.8.

METZGER, Claus. O lavrador - operário de Guabiruba. Prefeitura Municipal de Guabiruba. 1988.

PIAZZA, Walter F. Folclore de Brusque: Estudo de uma comunidade. Edição da Sociedade Amigos de Brusque. Brusque, 1960.

ROSENBROCK, Emilia. A roca do idioma alemão nos teares do Berço da Fiação Catarinense: Considerações acerca do ensino da língua alemã em Brusque/SC. Anuário Notícias de Vicente Só. Editora da Unifebe. Brusque, 2018.

WIESER, Lothar. “Das hiesige Land gleicht einem Paradies”: Die Auswanderung von Baden nach Brasilien im 19. Jahrhundert (“Esta terra é um paraíso”: A emigração badense ao Brasil no século XIX). Volume 1. Badisch-Südbrasilianische Gesellschft (BSG): Karlsdorf-Neuthard: VerlagRegionalkultur, 2014.

Parte II

História Política

Paço Municipal de Guabiruba em 2022. Acervo: Rosemari Glatz

História Política de Guabiruba

Autor: Roque Luiz Dirschnabel

No dia 10 de junho de 1962, Guabiruba deixou de ser um subdistrito de Brusque, para conquistar sua emancipação político-administrativa. Hoje, muitos ainda se referem à Guabiruba como sendo "a filha de Brusque". Uma filha que cresceu e criou sua independência econômica, preservando suas culturas e tradições e abraçando aquelas que chegam de vários cantos do Brasil por meio de pessoas que constroem, nesse pedacinho de terra, um novo lar.

Sua colonização está entrelaçada com a de Brusque, iniciada em 25 de julho de 1860, sob a direção do barão Maximilian von Schneeburg, fundador da nova colônia do Itajahy. Nessa data, desembarcaram na

"Villa d´Itajahy" os primeiros 55 imigrantes alemães pertencentes a dez famílias, acompanhados do presidente da Província de Santa Catarina, Francisco Carlos de Araújo Brusque. Assim tem início a história econômico e social da "nossa sexagenária Guabiruba" que completou 60 anos de emancipação político-adminsitrativa em 2022. Onze prefeitos construíram, até agora, a Guabiruba que conhecemos, sendo a trajetória dessas ilustres autoridades retratadas com os fatos mais importantes durante estes 60 anos (1962-2022) de história. Em janeiro de 2021 assumiu a prefeitura Valmir Zirke, para um mandato de quatro anos, como veremos adiante. Em um ano de tantas adversidades como 2020 e, na continuidade de 2021, talvez, relembrar a nossa trajetória nos faça ver de forma mais clara o melhor caminho a ser seguido. Independência e os primeiros líderes do Executivo.

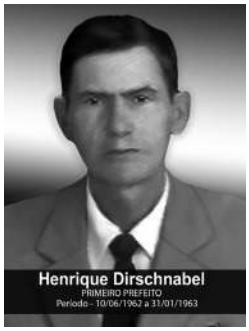
A criação do município de Guabiruba partiu da Resolução de Nº 238, de 28 de abril de 1962, aprovada pela Câmara Municipal de Brusque, com o voto decisivo do Presidente, João Baptista Martins. A Resolução foi convalidada pela Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, mediante a promulgação da Lei de Nº 821, de 07 de maio de 1962. O Dr. Raul Scheffer, que na época era chefe da Casa Civil do Governo do Estado, foi o autor do Projeto de Lei que criou os municípios de Guabiruba e Botuverá. A Instalação Oficial do Município de Guabiruba ocorreu em

Primeiro Paço Municipal de Guabiruba, instalado na rua 10 de junho, Centro. Acervo: Roque Luiz Dirschnabel

sessão solene, realizada no dia 10 de junho de 1962, às 10h45, sendo coordenada pelo Doutor Ivo Sell, Juiz de Direito da Comarca de Brusque, em que o Senhor Henrique Dirschnabel tomou posse no cargo de Prefeito Municipal de Guabiruba, prestando solenemente o respectivo termo de compromisso na presença de autoridades civis, eclesiásticas, políticas e perante a comunidade em geral.

Ato de instalação do município e posse do prefeito Henrique Dischnabel em 10 de junho de 1962. Acervo: Roque Luiz Dirschnabel

Henrique Dirschnabel



O primeiro Prefeito Municipal de Guabiruba, Senhor Henrique Dirschnabel, filho de Joseph (José) Dürrschnabel e Anna Clara von Schörner, nasceu na localidade de Planície Alta, na época ainda município de Brusque, no dia 17 de dezembro de 1900. Estudou na Escola Particular Alemã, tendo sido seu Professor Karl (Carlos) Scharf. Henrique Dirschnabel se casou com Maria Wippel no dia 13 de novembro de 1926, com quem teve oito filhos, são eles; Orlanda, Envino, Mário, Tarcísio, Hilmar, Aleixo, Solano e Edelmira.

O primeiro prefeito foi escolhido durante Sessão Pública, realizada no prédio da Kohler & Cia. (antiga marcenaria), sito na rua 10 de Junho, no Centro da cidade, por líderes comunitários da sociedade civil guabirubense, sendo coordenada por Carlos Boos e que contou com a presença dos Senhores: Leo Kormann, Paulo Kohler, Erico Truppel, Ewaldo Debatin, Erico Kohler, Arnaldo Batschauer, entre outras lideranças comunitárias. A decisão do Conselho Representativo foi homologada pelo Governador do Estado de Santa Catarina Celso Ramos, que logo depois nomeou Henrique Dirschnabel, para exercer o mandato de Prefeito Municipal de Guabiruba, a partir do dia 10 de junho de 1962 a 31 de janeiro de 1963, com um ordenado mensal de Cr$ 10,00 à época. O primeiro prefeito teve a importante missão de organizar o novel município. As principais realizações do primeiro mandatário municipal foram a instalação da Prefeitura Municipal no prédio da antiga marcenaria pertencente à empresa Kohler Tinturaria e Estamparia, no Centro da cidade, com a aquisição de todos os móveis e equipamentos necessários ao funcionamento do Executivo Municipal; a manutenção e abertura de novas vias públicas, aquisição de um caminhão caçamba junto ao Departamento de Estradas e Rodovias (DER), aquisição da primeira máquina de escrever da prefeitura, que na época custou Cr$ 97,00 (noventa e sete cruzeiros), a transferência do acervo patrimonial dos proprietários de terras do município de Guabiruba, cadastrados no município de Brusque, para fins tributários e urbanísticos. Henrique Dirschnabel foi um homem íntegro e visionário, tendo iniciado sua carreira profissional como marceneiro artesoado e carpinteiro, em oficinas de sua propriedade. Também foi instrutor na construção de serrarias, com especialidade no sistema de polias e engrenagens, chegando a exercer seu ofício nas cidades de Itajaí e Jaraguá do Sul, entre outras. Em 1935 procedeu a ligação da primeira lâmpada de energia elétrica em sua residência no início da rua José Dirschnabel, no Centro, proveniente da Usina Hidroelétrica do pioneiro João Bauer, construída no ribeirão Planície Alta (Hochebene), além de ser um dos só-

cios-fundadores e grande colaborador da Cooperativa Agrícola de Guabiruba e Sociedade Recreativa Guabirubense. Henrique Dirschnabel ainda foi comerciante, no ramo do comércio varejista, dono de uma "venda" de secos e molhados, e industrial, no ramo têxtil, tendo adquirido os primeiros teares da marca "Ribeiro" na região, provenientes da Tchecoslováquia para a Fábrica de Tecidos Santa Catarina S. A., de sua propriedade. Adquiriu a primeira engomadeira e caldeira a vapor para o tingimento de tecidos. Instalou a primeira fecularia e fábrica de sagu do município, assim como uma oficina de xales e bordados, em sociedade com o imigrante alemão Karl Mutscher. Em 1960 construiu o primeiro reservatório de água potável, com capacidade para armazenar 25 mil litros de água, em terras de propriedade do Senhor Oswaldo Schweigert, nas imediações da antiga Estação de Tratamento de Água de Guabiruba (ETA) da Companhia Catarinense de Águas e Saneamento (Casan), para abastecer sua indústria e fornecer água às famílias vizinhas numa extensão de aproximadamente um quilômetro. Henrique Dirschnabel faleceu no dia 8 de fevereiro de 1982, com as homenagens do Poder Executivo, Legislativo e da Sociedade Recreativa Guabirubense, onde deixou marcas indeléveis de sua vida. O prefeito Henrique ainda foi homenageado com uma escultura instalada na Praça Theodoro Debatin e dá nome à Biblioteca Pública Municipal de Guabiruba.

Carlos Boos

Em 1963 Guabiruba conheceu seu segundo prefeito, agora, escolhido pelo povo através de eleições diretas. Carlos Boos nasceu na localidade de Guabiruba Norte Alta, ainda município de Brusque, no dia 13 de dezembro de 1905, sendo filho de Paulo Boos e Anna Boos. Com sete anos de idade começou a frequentar a Escola Particular do Professor João Boos, em Guabiruba Norte Alta. Estudou, também, dois anos junto à Escola Estadual, em Guabiruba do Norte, com o Professor Arthur Wippel. Com quatorze anos de idade, partiu para Blumenau, onde trabalhou e continuou os seus estudos, no Colégio Santo Antônio, formando-se como Professor em 1924, além de ser "guarda-livros" (tipo contador). No dia 1º de fevereiro de 1925 Boos foi nomeado professor público estadual, para lecionar na localidade de Águas Claras, sendo transferido no mesmo ano para a Escola Estadual de Guabiruba Norte Alta, onde lecionou até 1943. Doou àquele estabelecimento de ensino parte de um terreno, e com a ajuda dos lavradores, construiu um prédio de alvenaria para a

escola que ainda hoje existe. Em 1928 se casou com Anna Kohler; tendo com ela onze filhos: Balduíno Carlos, Ovino Otto, Terezinha, Elvídio, Anselmo, Célio Guido, Aníbal, Arlindo, Silvina, Renato e Bernadete. Foi catequista e Capelão, na Capela de Guabiruba, entre 1925 e 1960. Durante trinta anos fez parte do Coral de Guabiruba, além de ser "Fabriqueiro" (Conselheiro) nesta Capela. Boos também foi Diretor-Presidente da Cooperativa Mista de Guabiruba em 1969. Em 1929, começou as "Santas Procissões", denominadas de procissões de oração e penitência, as quais partiam da Escola de Guabiruba do Norte Alta e dirigiam-se à Capela do Centro, hoje Igreja Matriz de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Dirigiu tais procissões durante quarenta anos. Ditas procissões são realizadas durante nove terças-feiras, culminando no dia da Ascensão do Senhor. Iniciou sua carreira política em 1946, quando foi eleito Vereador pela Câmara Municipal de Brusque, representando a localidade de Guabiruba, sendo reeleito em 1950, 1954 e 1958. Ocupou vários cargos na Mesa Diretora da Câmara Municipal de Brusque, inclusive, tendo sido Presidente em 1960 por ocasião das comemorações do Centenário de Brusque. No desempenho de suas atividades legislativas exerceu vital influência para que fosse concretizada a emancipação de Guabiruba até que se tornou o segundo Prefeito Municipal nas eleições realizadas no dia 7 de outubro de 1962, exercendo seu mandato a partir de 1º de fevereiro de 1963 a 31 de janeiro de 1969. Boos foi eleito pelo Partido Social Democrático (PSD), vencendo Arcênio Wippel da União Democrática Nacional (UDN) e Aniberto Kohler pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Nesta época Guabiruba, assim como o Brasil, passava por uma crise política decorrente do golpe de Estado de 1964/65, que perdurou até 1985. Durante o mandato de Carlos Boos, Guabiruba construiu o Ginásio Normal Ministro Raul Scheffer e sua instalação em prédio próprio; foi construída a Ponte Governador Celso Ramos, sendo a primeira ponte em concreto armado do município de Guabiruba. A área rural do município aos poucos foi ganhando eletricidade, começando pela localidade de Guabiruba Norte, Guabiruba Sul, Guabiruba Baixa, Rua São Pedro, Pomerânia entre outras, sendo necessária uma reforma em todo o sistema de eletrificação do Município. Ainda foi criado o primeiro Posto de Saúde do Município, as escolas municipais foram reformadas, dentre elas a Escola do Lageado Baixo, rua São Pedro e Guabiruba Sul, além da retificação das principais vias públicas. O processo de total interdependência de Guabiruba foi gradativo, durante muito tempo os trabalhos de sepultamento e o transporte de doentes para as cidades de Brusque foram feitos com o auxílio de Carlos Boos. Faleceu no dia 7 de março de 1977, sendo sepultado no Cemitério do bairro Aymoré.

Vadislau Schmitt

O prefeito Vadislau Schmitt nasceu no dia 11 de março de 1924, na cidade de Brusque. Vadislau Schmitt foi o terceiro prefeito e representou uma mudança na linha política então vigente. Na época, o Brasil estava organizando um novo modelo político, em que apenas dois partidos políticos foram autorizados a existir pelo Ato Institucional 2 (AI-2), editado em 1966. Até 1979 somente a Aliança Renovadora Nacional (ARENA), base de sustentação do governo militar, e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), então oposição, podiam atuar politicamente. A ascensão de Vadislau Schmitt representou uma mudança sensível de ala partidária em Guabiruba, com a ARENA-2 assumindo o governo municipal, que durou até 1983. Enquanto os antecessores eram de uma ala (ARENA-1) que compreendia os ex-integrantes do PSD, o novo prefeito representava um bloco partidário de oposição. Schmitt também mudou toda a equipe de secretariado das antigas administrações e a sede da prefeitura que, antes instalada no prédio da Kohler e Cia., foi transferida para a residência do Senhor Hilmar Kormann, também, na rua 10 de Junho, no Centro.

Vadislau Schmitt desenvolveu seu trabalho aos educandários do município, onde deixou marcas de sua administração até os dias de hoje. Vadislau se casou com Victória Schmitt no dia 22 de junho de 1946, tendo criado os seguintes filhos: Walburga Maria, Lurdete, Pedro David, Naildes Francisca, Francisco Antônio, Maria Cristina, Vadislau Schmitt Júnior e Maria Margarida Gums, que era filha adotiva do casal. Foi eleito prefeito em 1969 e exerceu o cargo por um único mandato, até 1973. As principais realizações de Vadislau Schmitt foram na infraestrutura do município, principalmente na educação. Sua primeira ação foi a aquisição de um terreno e construção da Escola Municipal Presidente Castelo Branco, hoje, denominada Escola Municipal Vadislau Schmitt, em sua homenagem. Construção da Escola Municipal Presidente Costa e Silva, no bairro Lageado Baixo, ampliação, mediante a construção de uma sala de aula nas Escolas Reunidas Professor Carlos Maffezzolli, hoje, Escola Básica Professor Carlos Maffezzolli, Escolas Reunidas Professor João Bosco, hoje, Escola Básica Anna Othília Schlindwein, e Escola Municipal João Jensen. Retificação da via pública que liga Guabiruba a Brusque, abertura da via pública que liga o bairro Lageado Baixo às Fazendas Krieger, retificação da via Pomerânia Gaspar Alto, retificação da rua São Pedro Lorena, construção de várias pontes. Vadislau Schmitt também trabalhou para a aquisição de dois caminhões e uma carregadeira, celebrou convênio atra-

vés da Secretaria de Saúde com o Ambulatório de Guabiruba e prestou a devida assistência ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Guabiruba. Na vida privada, além de ser "um homem íntegro", foi industrial, sendo proprietário da Fiação e Tecelagem São José, sito na rua Brusque, nesta cidade de Guabiruba. Faleceu no dia 16 de agosto de 1988, sendo sepultado no cemitério da Igreja Matriz, no Centro.

Ivo Fischer

Ivo Fischer foi eleito o quarto prefeito em 1972, após vencer as eleições contra o Senhor Paulo Kohler, quando Guabiruba completava dez anos de independência política, sendo sobrinho do primeiro prefeito Henrique Dirschnabel. Filho de José Fischer e Anna Wippel, nasceu no dia 25 de junho de 1928 e se casou com Thereza Schumacher, com quem teve cinco filhos: José Ademar, Roberto, Maria Lindaura, Leonardo e Ilton Oscar.

Nesta época as eleições eram realizadas em datas diferentes das atuais e os mandatários do município assumiram seus postos nos meses de fevereiro e novembro. Neste contexto a partir de 1970 aconteceu o processo de abertura política com as eleições gerais diretamente ligadas à dinâmica político-partidária, que abriu espaço para o multipartidarismo.

A vida política de Ivo Fischer começou ainda no Legislativo, foi vereador na terceira legislatura, no período de 1º de fevereiro de 1970 a 31 de janeiro de 1973, exercendo a Presidência da Câmara Municipal no biênio 70/71. Fischer sempre foi bastante envolvido com a comunidade: participava de festas de igreja, e levava e trazia as pessoas até as farmácias e consultas médicas. Eleito prefeito, exerceu seu mandato no período de 31 de janeiro de 1973 a 1º de fevereiro de 1977, com destaque para a infraestrutura da cidade, pois o município ainda passava por uma fase de construção básica. Além disso, em entrevista realizada em 2003, Fischer contou que, no seu primeiro ano de mandato, Guabiruba passou por uma grande enchente, a qual provocou diversos estragos e derrubou todas as pontes. Na época, um general veio de Blumenau para visitar o município, e percebeu que não havia mais pontes em Guabiruba. De acordo com os registros históricos, o general e o prefeito Ivo Fischer conversaram com os moradores para que fizessem as pontes, com a promessa do general de arcar com os gastos. O militar atesta os documentos oficiais, cumpriu com a promessa e enviou o dinheiro em parcelas, pagando todos os agricultores que trabalharam na reconstrução das estruturas.

As ações mais marcantes do governo Ivo Fischer foram a construção das pontes Antônio Schaefer e José Frederico Hank, ambas em concreto armado, celebração do convênio com o Governo do Estado de Santa Catarina, para o calçamento com paralelepípedos de 21 mil metros quadrados na rua Brusque, além do convênio para a instalação do setor local da Associação de Crédito e Assistência Rural do Estado de Santa Catarina (Acaresc), atual Epagri. Ivo também firmou convênio para a implantação da rede de energia elétrica nos bairros Lageado Alto e Planície Alta, bem como a aquisição de um veículo Brasília para a municipalidade. O quarto mandatário do município também ficou conhecido pela construção do prédio da Telesc na cidade, construção de uma quadra de esportes polivalente na Escola Básica Professor João Boos, retificação de diversas rodovias municipais e a formalização dos contatos preliminares para a instalação da Casan, incluindo a primeira concessão, fornecida em 7 de agosto de 1975. O prefeito também realizou a abertura da via pública que liga o Lageado Baixo ao bairro Rio Branco, na divisa com a cidade de Brusque, via Schieferbruch, realizou a abertura da rua Pedro Keller que liga os bairros Aymoré à Guabiruba Sul além da abertura da via pública que liga o bairro Aymoré ao Gaspar Alto. Guabiruba também obteve melhorias em geral à retificação e alargamento da rua José Fischer, execução da construção das escolas municipais João Jensen, no bairro Holstein, Santo Antônio, no Lageado Alto e da Cristalina. Aquisição do terreno em que atualmente encontra-se a Prefeitura Municipal e a Telesc.

Antes da vida política, Ivo Fischer foi alfaiate com estabelecimento próprio. Ivo Fischer faleceu no dia 7 de julho de 2010, aos 82 anos, sendo sepultado no cemitério da Igreja Matriz, no Centro.

João Baron

João Baron nasceu no dia 21 de setembro de 1940, na cidade de Brusque, sendo filho de Luiz Baron e Thereza Baron. No dia 5 de fevereiro de 1972, se casou com Ilona Schweigert, tendo os seguintes filhos: Miriam Terezinha, Marina e Milena. João Baron foi o quinto prefeito, sendo vice-prefeito de Ivo Fischer que o antecedeu. Baron foi inserido no contexto político de flexibilização, que promoveu o pluripartidarismo, para evitar que a Aliança Renovadora Nacional (ARENA) perdesse o poder por conta do crescimento da oposição comandada pelo Movimento Democrático Brasileiro (MDB), sendo até então, os dois únicos partidos permitidos. Assim, em 1979, a Arena foi substituída pelo Partido Democrático Social (PDS), o MDB pelo Partido do Movimento Democrático Bra-

sileiro (PMDB), e outros partidos foram criados, como o PDT, PT e PTB. No mesmo ano, foi revogado o Ato Institucional número 5 (AI-5), que permitiu uma maior liberalização do regime ditatorial.

João Baron comandou Guabiruba em um momento de abertura política em âmbito nacional. A sua eleição significou uma aproximação das duas correntes políticas do município, Arena-1 e Arena-2, sendo que até então eram de alas ou blocos partidários de oposição, visto que o partido arenista estava dividido entre os antigos membros do PSD (Partido Social Democrático) e da UDN (União Democrática Nacional) e que disputam espaço dentro do seu governo. Seu vice, Guido Kormann, era genro de Carlos Boos, e foi eleito prefeito na legislatura seguinte. Assim como Carlos Boos, que foi o segundo prefeito, Baron governou o município por seis anos, dois a mais do que seus antecessores. Ele venceu a eleição em disputa contra Vadislau Schmitt e Edinalte Elias de Souza.

João Baron é o último prefeito da linha histórica que não está mais vivo, assim como os anteriores. Os próximos líderes, poderemos ouvi-los contar com suas próprias palavras como era o município quando eles assumiram o poder e seus desafios profissionais e pessoais. Baron nasceu no dia 21 de setembro de 1940, na cidade de Brusque, sendo filho de Luiz Baron e Thereza Baron. No dia 5 de fevereiro de 1972, se casou com Ilona Schweigert, tendo os seguintes filhos: Miriam Terezinha, Marina e Milena. João Baron começou sua educação formal na atual Escola Básica Professor Carlos Maffezzolli, no bairro São Pedro. Cursou o Ginásio Normal "Ministro Raul Scheffer", entre 1965 a 1968, sendo o orador oficial da turma de formandos. Em 1978 se matriculou no Colégio Professor Carlos Boos, formando-se no ensino de segundo grau, também, como orador da turma. Foi vereador na terceira legislatura, no período de 1970 a 1973, sendo reeleito vereador na sétima legislatura. Antes de assumir o Executivo, foi vice-prefeito de Ivo Fischer, no período de 1º janeiro de 1973 a 31 de janeiro de 1977. No dia 15 de novembro de 1976 foi eleito Prefeito Municipal de Guabiruba, tomando posse no dia 1º de fevereiro de 1977, exercendo o seu mandato até o dia 31 de janeiro de 1983.

O prefeito João Baron foi bastante ativo na administração, abrindo, ampliando e revitalizando escolas, firmando convênio com o governo do estado para a aquisição de uma ambulância para o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, além de ter construído três pontes em concreto armado, nos bairros Aymoré, Guabiruba Sul e São Pedro. Entre as principais realizações do Prefeito João Baron, podemos citar a construção do prédio da Prefeitura Municipal, na rua Brusque, a construção do prédio do Hospital Municipal e Posto de Saúde, localizados na rua 10 de Junho, construção de quatro salas de aulas e dependências na Escola Básica Professor Carlos Maffezzolli, retificação da estrada geral do Lageado Alto, implantação do ensino de segundo grau no Colégio Professor João Boos, instalação das agências bancárias do Bamerindus e Banco do Estado de Santa Cata-

rina (BESC) em Guabiruba, além da construção das escolas municipais de Varginha, Lageado Alto e Santo Antônio. João Baron também marcou seu mandato com a construção das pontes Francisco Gaertner, no bairro São Pedro, Ricardo Gums, no bairro Aymoré e Henrique Schaefer, no início da rua Guabiruba Sul, todas em concreto armado, aquisição de dois caminhões caçamba movidos a óleo diesel, além da continuidade às obras de pavimentação com paralelepípedos nas ruas 10 de junho e Brusque. Baron também celebrou convênio com a Secretaria de Educação do Estado para a reforma geral do prédio da Escola Básica Professor João Boos, firmou convênio com o Governo do Estado para a aquisição de uma ambulância, destinada ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Guabiruba, implantou o Jardim de Infância Cirandinha, firmou convênio com a Ação Comunitária para a construção da quadra de Esportes Polivalente da Sociedade Recreativa Guabirubense.

Antes de entrar para a vida política, Baron iniciou sua vida privada como industriário e posteriormente, frequentou o Curso de Veterinária na Defesa Sanitária Animal, na cidade de São José, na Grande Florianópolis. Mas é pela carreira política que João Baron é mais lembrado em Guabiruba.

João Baron faleceu no dia 20 de junho de 2008, por complicações cardíacas, com a idade de 67 anos, sendo sepultado no cemitério da Igreja do bairro São Pedro.

Guido Antônio Kormann

O Prefeito Municipal Guido Antônio Kormann nasceu no dia 31 de julho de 1942, na cidade de Brusque, sendo filho de Waldemar Kormann e Maria Kohler Kormann. Guido Antônio Kormann contraiu núpcias com a senhora Bernadete Maria Boos, de cujo enlace matrimonial nasceram os filhos Marciana Inês e Aguinaldo Luiz. Kormann cursou o primário neste município de Guabiruba e, na sequência, iniciou o "Ginásio" no Colégio Santo Antônio na cidade de Brusque, terminando seus estudos no Seminário de Corupá.

O Prefeito Guido Antônio Kormann iniciou sua vida política como Vice-Prefeito na gestão do Prefeito Municipal João Baron, de 1° de fevereiro de 1977 a 31 de janeiro de 1983, sendo eleito Prefeito Municipal para o mandato seguinte, no período de 1° de fevereiro de 1983 a 31 de dezembro de 1988.

O primeiro governo de Guido Antônio Kormann representou o retor-

no ao poder da ala política da qual faziam parte os dois primeiros prefeitos de Guabiruba, Henrique Dirschnabel e Carlos Boos, do qual era genro.

Vice de João Baron na administração anterior, Kormann foi eleito pelo PDS, em disputa com Geroldo Schumacher (PMDB), Ivo Fischer (PDS), que foi prefeito entre 1973 e 1977, e Arlindo Conceição (PMDB). Na época, os partidos poderiam ter mais de um candidato nas eleições para o Executivo.

Apesar de ser de uma ala política diferente do prefeito anterior, Guido Kormann representou uma reaproximação das duas alas políticas, tanto que Guido era vice de Baron. Essa aproximação visava amenizar as diferenças políticas entre as duas alas políticas do município.

Coube ao sexto prefeito guabirubense levantar o município após a grande enchente de 1983. Pontes e estradas foram destruídas, várias empresas conhecidas como a Fábrica de Brinquedos Cometa, Fiação Triunfo e Kohler & Cia., sofreram grandes prejuízos.

Ao todo dez pontes foram construídas com concreto armado para a recuperação da cidade. Além disso, durante o governo de Guido Kormann, uma importante obra foi realizada para evitar enchentes futuras: a retificação e dragagem do rio Guabiruba, que não tinha fluxo durante as grandes enxurradas, considerada uma ação prioritária para amenizar o problema das enchentes.

A praça Theodoro Debatin, no Centro de Guabiruba, foi inaugurada no seu governo, assim como a pavimentação da rua 10 de junho, da rua prefeito Carlos Boos e da rua São Pedro com paralelepípedos. Iniciou as obras de retificação e alargamento da estrada Guabiruba-Blumenau, via Pomerânia-Gaspar Alto e realizou a abertura da via pública que liga a rua Alois Erthal à rua Vicente Scharf, ao longo do rio Guabiruba.

A primeira vez que trabalhos de coleta de lixo foram realizados em Guabiruba aconteceu durante o governo de Kormann, que também construiu o Ginásio Municipal de Esportes João Scheffer, o primeiro do município. Ele também deu início à construção da escola municipal Edeltrudes Wippel Heil, na rua Sibéria.

Durante o governo Kormann, o município adquiriu um trator agrícola, uma motoniveladora (patrola), um caminhão "truck", um trator com pá carregadeira, entre outros maquinários.

O já extinto jornal "A Folha de Guabiruba" foi lançado pelo município em 10 de junho de 1987, como parte da comemoração de 25 anos do município.

Iniciou sua vida profissional como auxiliar de ferreiro, na ferraria de Valério Pozzi, entre os anos de 1960 a 1962, em Guabiruba. Foi funcionário da Força & Luz, hoje Celesc, de 1962 até 1994, quando se aposentou. Após a aposentadoria trabalhou no ramo de malharia, na Fine Collection, até 2001, quando foi eleito prefeito novamente.

Desta vez pelo então Partido Progressista Brasileiro (PPB), atual PP.

Nesta disputa venceu Orides Kormann (PMDB), que foi eleito para os dois mandatos seguintes, e já tinha sido chefe do Executivo entre 1993 e 1996.

Guido conta que a segunda administração foi mais tranquila em relação à primeira, por conta de uma melhor condição tecnológica, que facilitou o controle da frota municipal, por meio da quilometragem dos veículos e de horas-máquina. Foram construídas várias escolas e postos de saúde, e também realizadas pavimentações em várias ruas.

Atualmente, Guido Kormann tem 80 anos e, aposentado, mora no Centro de Guabiruba. Ele se recupera de um câncer na garganta.

Valério Luiz Maffezzolli

O sétimo prefeito nasceu no dia 1° de novembro de 1948, em Brusque, é filho de Damião Luiz Maffezzolli e Leonida Kormann, iniciou sua vida profissional na Tecelagem Centenário e, mais tarde, na Fiação e Tecelagem Triunfo. Ele foi proprietário da Fábrica de Tapetes São Pedro e um dos sócios-proprietários da Empresa de Comércio e Transportes Guabiruba. Atualmente, Maffezzolli está com 74 anos, é aposentado e mora no Centro de Guabiruba. Eleito em 1988, foi o primeiro a governar o município após o fim da ditadura militar.

Valério Luiz Maffezzolli foi mais um vice-prefeito a vencer a eleição seguinte em Guabiruba. Vice de Guido Kormann, Maffezzolli governou o município entre 1989 e 1992. Além disso, ele foi vereador durante a quinta legislatura, entre 1977 e 1981, sendo presidente da Câmara por dois anos.

Ele disputou as eleições pelo extinto Partido Democrático Social (PDS) e venceu o pleito contra Orides Kormann (PMDB), que acabou sendo o seu sucessor no comando do Executivo guabirubense. Esta foi a primeira vez que uma eleição teve mais de 5 mil votos em Guabiruba.

Maffezzolli foi eleito em um momento em que o Brasil retornava à democracia. Depois do fim da ditadura militar, o Brasil teve a primeira eleição municipal em 1988, ano em que foi redigida a Constituição atualmente vigente. No ano seguinte, aconteceu a eleição presidencial, quando Fernando Collor de Mello foi eleito.

A nova constituição foi, na época, uma espécie de guia das ações no governo municipal. Ela determinou, por exemplo, que os municípios deveriam ser regidos por uma lei orgânica própria, votada e aprovada em dois turnos na Câmara Municipal. Isso aconteceu durante o governo Maf-

fezzolli, com a nova lei promulgada em abril de 1990.

Na lei orgânica de Guabiruba, ficaram definidas as atribuições da prefeitura e Câmara, regulamentação de tributos municipais, orçamento municipal, administração de bens patrimoniais, políticas municipais, e também estabelecidos os símbolos do município.

Durante o governo Maffezzolli, foi proposta e aprovada uma lei de incentivo a vários setores, incluindo as indústrias, que acabou sendo utilizada em governos seguintes. Neste período, as empresas Willrich e Wandersul se instalaram em Guabiruba.

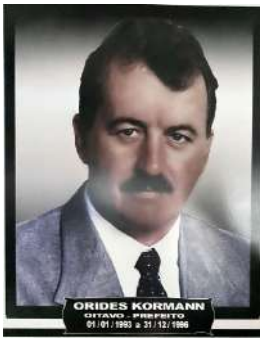
Com a ajuda de empresários, foi articulado e construído, durante seu governo, o portal que marca a entrada do município, no limite com Brusque. Além disso, foi construída a garagem municipal, equipada com oficina, almoxarifado e refeitórios próprios, e foi adquirido um caminhão pipa, que era novidade para o município na época.

Novas redes de distribuição de energia elétrica e de esgoto sanitário em todo o município foram instaladas durante o governo Maffezzolli. Também foram iniciadas negociações para instalação da Casan no município, além de ter sido realizada a compra de um terreno para a construção de estação de tratamento de água.

Investimentos da gestão: Durante seu governo, Maffezzolli realizou a informatização da administração pública municipal, incluindo o legislativo que realizava a contabilidade em conjunto com o executivo naquela época. A Apae foi instituída no município junto à escola Arthur Wippel durante o seu mandato, e foi adquirido o primeiro ônibus escolar para o município.

O Hospital Municipal passou por reformas, e médicos e dentistas foram contratados. Aconteceu ainda a aquisição de um odontomóvel, para o atendimento direto dos alunos nas escolas municipais, a compra de uma ambulância "Caravan" e de um terreno para construção de um posto de saúde no bairro São Pedro. Maffezzolli investiu na informatização e concedeu incentivos às empresas, como a Willrich que veio de Brusque para Guabiruba, entre outras, além de diversas obras como marcos importantes de sua administração.

Orides Kormann



O prefeito Orides Kormann contabiliza três mandatos completos como prefeito, além de ter participado de outras eleições para o cargo. Foi após perder uma delas, em 1988, que ele conseguiu ser eleito pela primeira vez, após vencer Pedro David Schmitt (PDS) e Francisco Odisi (PDT), para um mandato de 1993 a 1996.

Era o início de uma longa carreira política no município, que ainda perdura. Nascido em 16 outubro de 1952, em Brusque, o filho de Harry Kormann e Renate Schumacher já exerceu diversas funções.

Em 1971, aos 18 anos, foi para a Alemanha, passando a estudar e trabalhar na Kraftwerk Union, retornando em 1977 ao Brasil, onde trabalhou na Electro Aço Altona, em Blumenau.

Posteriormente, voltou a morar em Guabiruba, onde conciliou suas atividades no empreendimento da família, a conhecida Churrascaria Schumacher, e passou a trabalhar também na Companhia Industrial Schlösser, em Brusque.

Anos mais tarde, ainda trabalharia na Gerência Regional da Celesc, em Brusque, em 1998, e depois abriria seu próprio estabelecimento comercial, a fábrica de embutidos e açougue "Carnes e Cia.", nas proximidades de sua residência, em Guabiruba.

Ele não tinha antecedentes políticos na família, mas afirma que nutriu o gosto pela política desde criança, fato que o levou a disputar as eleições. Kormann promoveu uma mudança na linha política de governo municipal, após um domínio da Arena e PDS (atualmente PP).

"Quando era jovem, na escola, já gostava de política. Acabei me afastando de Guabiruba depois por algum tempo, fui para a Alemanha, morei em Blumenau, mas quando voltei passei a me preparar para a vida política", conta.

Como principais feitos da primeira administração de Kormann, destacamos a construção das sedes da delegacia de polícia e da Casan em Guabiruba, além da escola municipal Vadislau Schmitt, nomeada em homenagem ao terceiro prefeito do município.

Orides Kormann também firmou convênio entre a prefeitura, Câmara e Sindicato dos Trabalhadores Rurais, para a construção do prédio do poder Legislativo e do sindicato rural.

As obras em si só aconteceram durante a administração seguinte, pois a execução ainda dependia da aprovação dos sindicalistas. Sua história na política, no entanto, ainda estava apenas no início.

Em seu retorno à prefeitura, ele completou sua estadia de 12 anos à

frente do Executivo.

Depois do primeiro mandato entre 1993 e 1996, Orides Kormann, ainda pelo PMDB, que hoje possui o nome antigo, MDB, voltou ao comando do Executivo guabirubense para mais dois mandatos a partir de 2005.

Após ser derrotado nas eleições de 2000 por Guido Kormann, Orides venceu a disputa apertada em 2004 contra Valério Gums (PDT). Ele teve 43,28% dos votos, contra 41,83% de Gums, uma diferença de apenas 130 votos. Valmir Zirke (PP), hoje prefeito de Guabiruba, que na época fazia parte dos quadros do PT, teve 14,89% dos votos válidos.

A disputa quatro anos depois foi ainda mais acirrada: Orides venceu a disputa pela prefeitura contra Leopoldo Rieg (PP) com 50,33% dos votos válidos, apenas 69 a mais que o segundo colocado. Esta foi a primeira eleição do município com mais de 10 mil eleitores aptos a votar – foram 10.674 no total.

Kormann conta que o maior desafio desse período de governo foi a grande enchente em 2008, o maior desastre ambiental do Vale do Itajaí do século. A recuperação do município durou cerca de seis meses, relembra o ex-prefeito, com reconstrução de pontes e reforma de encostas.

As duas últimas administrações de Orides Kormann tiveram uma preocupação com a melhora na qualidade de ensino, de acordo com o ex-prefeito, com melhores condições para alunos e professores e das instalações das escolas, como a de Educação Infantil, no bairro São Pedro.

Várias vias também foram pavimentadas durante a segunda passagem de Orides na prefeitura de Guabiruba, como as ruas Teodoro Kormann, Selma Debatin, Anna Wippel Fischer, Otto Dirschnabel, Sebastião Boos, Paulo Westarb e Luiz Imhof, financiadas com dinheiro do município. Foram iniciadas também as negociações para a pavimentação da ligação entre Brusque e Guabiruba.

Em 2010, foi publicada uma lei que regulamentou a cidade de Karlsdorf-Neuthard, na Alemanha, como coirmã de Guabiruba, passo importante para a integração do município com pautas internacionais em relação principalmente ao desenvolvimento sustentável.

Postos de saúde também foram construídos durante os oito anos da administração de Orides Kormann, como nos bairros Guabiruba Sul e Aymoré.

O ex-prefeito considera que as situações mais desafiadoras de seus 12 anos como prefeito de Guabiruba foram por conta de desastres naturais.

“O mais difícil que eu passei foi na enchente de 1993, no primeiro mandato, uma catástrofe com temporal que estragou muita coisa no bairro São Pedro. Eu tinha pouca experiência, foi muito complicado, mas recuperamos muito rápido, fomos muito eficientes. Outra situação catastrófica, não só em Guabiruba, mas em todo o estado, foi em 2008, quando desmoronaram os morros. Foram as duas situações mais difíceis das mi-

nhas administrações".

Ele voltou a disputar as eleições para a Prefeitura de Guabiruba em 2016, quando acabou ficando em segundo lugar, atrás do prefeito reeleito Matias Kohler (PP).

Atualmente ele tem 70 anos, está aposentado e cuidando de suas hortas e criações na sua residência, no Centro de Guabiruba. Ele voltou a disputar as eleições para prefeito em 15 de novembro de 2020, sendo vencido pelo Valmir Zirke, que era o vice-prefeito de Matias Kohler, que comandou o município por 8 anos seguidos.

Luiz Moser

O Prefeito Luiz Moser nasceu no dia 16 de junho de 1955, na cidade de Ascurra, Santa Catarina, filho de José Moser e Valdemira Moser. É casado com a Senhora Lenita Depin Moser e possui dois filhos: Luiz Gustavo e Luiz Henrique Moser. Ele é formado pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

O Prefeito Luiz Moser iniciou sua carreira política como Vereador na 7ª Legislatura da Câmara Municipal de Guabiruba, no período de 1.1.1989 a 31.12.1992 e, em seguida, foi eleito Vice-Prefeito, na gestão do Prefeito Orides Kormann, no período de 1.1.1993 a 31.12.1996. Em seguida elegeu-se Prefeito Municipal para o mandato de 1° de janeiro de 1997 a 31 de dezembro do ano 2000. Ele venceu uma disputa acirradíssima com Pedro David Schmitt (PFL), com uma diferença de apenas 53 votos, sendo candidato pelo PMDB, como seu antecessor Orides Kormann, de quem era vice na época.

Durante a administração do Prefeito Luiz Moser foi inaugurada a sede da Câmara Municipal, em 10 de junho de 1998. Neste espaço, também foi abrigado o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, a Secretaria de Agricultura e a Epagri.

O mandato do prefeito Luiz Moser foi reconhecido pela grande importância dada às áreas da saúde e educação. Instaurou o atendimento odontológico nas escolas municipais e programas como o de hipertensão arterial, prevenção contra a cárie dentária, através do veículo odontomóvel. Cursos de capacitação foram disponibilizados na área da educação e a distribuição gratuita de material escolar na rede municipal de ensino. Cursos profissionalizantes para a formação dos agricultores; incentivos continuados à piscicultura e apicultura; treze programas de atendimento

à agricultura, em convênio com a EPAGRI/CIDASC.

No setor de obras podemos destacar a pavimentação asfáltica da Rua Guabiruba Sul, numa extensão de 22 (vinte e dois) mil metros quadrados; continuidade às obras de infraestrutura para a pavimentação asfáltica de parte da Rua Prefeito Carlos Boos, no bairro Aymoré, além da abertura de estradas para o escoamento da produção agrícola por meio do projeto Microbacias, e cursos profissionalizantes para os agricultores.

Foi criado o "Viveiro Florestal", com a produção de plantas e mudas frutíferas distribuídas gratuitamente à comunidade em geral. A implantação da rede de esgoto sanitário, com fossas anaeróbicas e filtros sépticos, no bairro Lageado Baixo; ampliação do espaço físico da Escola Municipal Arthur Wippel, Escola Reunida do Lageado Baixo e Escola Básica Anna Othília Schlindwein; criação da "Brinquedoteca" – Centro de Educação e Recreação Infantil "Tia Lenita"; implantação da Escola de Educação Infantil "Tia Angelika": programa de alfabetização de adultos em parceria com CEA/Brusque; aquisição de dois ônibus e uma Kombi, para o transporte escolar, assim como, um veículo Gol para a Secretaria de Educação.

Na vida profissional, o Dr. Luiz Moser iniciou-se como médico no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Guabiruba e, logo após, engajou-se como médico da Associação Hospitalar de Guabiruba, onde continua exercendo sua profissão como Diretor Clínico e médico atuante na cidade.

O Prefeito Luiz Moser foi homenageado com o título de "Cidadão Honorário de Guabiruba", em sessão solene realizada na Câmara Municipal, no dia 17 de dezembro de 1998, pelos relevantes serviços prestados à comunidade Guabirubense.

Matias Kohler

Prefeito até 2020, apostou em focar em gestão técnica e antenada com questões ambientais. Filho de Érico Kohler e Olivia Wippel Kohler (in memoriam), Matias Kohler é casado, pai de cinco filhos e empresário. Com 63 anos de idade, nasceu em 4 de novembro de 1959.

Após ser o vereador mais votado em 2008, Matias Kohler (PP) foi eleito prefeito de Guabiruba na eleição realizada quatro anos depois, e conseguiu a reeleição em 2016.

Kohler foi vereador em duas legislaturas: entre 1993 e 1996 e 2009 e 2012. Ele foi o presidente da Câmara entre 2009 e 2010 e secretário de Adminis-

tração e Finanças do governo de Guido Kormann, entre 2001 e 2004.

Na primeira vez que disputou a prefeitura, nas eleições de 2012, Kohler (PP) venceu com 62,55% dos votos a disputa com Cesário Martins (PMDB), que era apoiado pelo prefeito anterior, Orides Kormann.

Quatro anos depois, Kohler ganhou a eleição com 50,37% dos votos, contra 44,38% de seu antecessor Orides Kormann (PMDB) e 5,25% de Osmar Vicentini (PRB).

Matias Kohler afirma que seu governo apostou em uma administração mais técnica, buscando escolher secretários que já estivessem no serviço público.

"A parte técnica traz um resultado melhor. Temos que ter partidos e uma discussão ao longo da eleição, mas, fora isto, temos que construir o município da melhor forma. A transparência da utilização dos recursos públicos sempre foi uma coisa que me preocupou. Sempre demos publicidade sobre os nossos atos", destaca Kohler.

Ele ressalta ações na área da educação, com a distribuição de material escolar e uniformes para todos os mais de 4 mil alunos da rede municipal e a creche do bairro Imigrante, na rua Arthur Baumgärtner, foi construída.

Um posto de saúde foi construído no bairro Imigrante, e o atendimento e o número de especialidades oferecidas à população aumentaram, através de parceria com o Consórcio Intermunicipal do Médio Vale do Itajaí (Cimvi).

Várias pavimentações foram feitas em vias, 80 no total, através de um plano em parceria com a comunidade, também reformando as calçadas para melhoria da mobilidade.

Foram implantados, ainda, sistema de drenagem e galerias pluviais, e uma concessão foi cedida à empresa Atlantis, que vai investir mais de R$ 137 milhões para cuidar do abastecimento de água e tratamento de saneamento básico no município nos próximos 30 anos. A expectativa é de que, entre 10 e 15 anos, a cidade esteja dentro dos parâmetros ambientais.

Na área administrativa, foram desenvolvidos planos municipais e legislações para melhor aproveitamento dos recursos financeiros do município, com um novo Plano Diretor, atualização de estatutos de servidores, plano de cargos e salários da prefeitura e do magistério, em parceria com o sindicato da categoria. O plano de mobilidade urbana está em desenvolvimento.

Avanços na questão ambiental são uma preocupação da administração. As relações com a cidade coirmã Karlsdorf-Neuthard ficaram mais próximas, e uma visita de uma comitiva alemã resultou na participação de Guabiruba na Parceria Municipal para o Clima, no qual quatro eixos foram definidos para serem trabalhados no município: mobilidade urbana, diminuição da emissão de gás carbônico, educação ambiental e bio-

diversidade.

Guabiruba também passou a fazer parte do projeto Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), desenvolvido pela Organização das Nações Unidas (ONU), que estabelece temas a serem trabalhados para melhorar as condições de vida das pessoas e do planeta.

Um novo sistema de coleta de lixo foi implantado, em parceria com a Cimvi, com coleta seletiva de lixos recicláveis. Em um prazo de dois a cinco anos, a expectativa é que todo o lixo produzido em Guabiruba seja reaproveitado, seja em forma de reciclagem ou produção de energia através de pirólise. Um ecoponto, onde itens maiores devem ser levados, foi instalado anexo à Secretaria de Obras.

Kohler chegou a frequentar o seminário de Corupá, começando os estudos para ser padre, mas mudou de ideia sobre o sacerdócio e voltou à Guabiruba na década de 1980 para concluir seus estudos. Sempre trabalhou na empresa da família, a Kohler & Cia., e também atuou na direção da Igreja Matriz por mais de dez anos.

Sobre os seus oito anos de mandato ele destaca principalmente a maior participação da comunidade na administração e acredita que isto é algo que foi importante para que os resultados das ações de seu governo fossem melhores. "A gente procurou se esforçar para abrir a administração para a população, não ser um governo centralizado, mas totalmente descentralizado, com estímulo à participação da comunidade. Dentro de muitas ações que conseguimos trabalhar, esse sentimento de participação da comunidade é um dos mais fortes. O guabirubense começou a perceber que ele tem espaço. À medida que as pessoas participam mais de um governo, ele se torna mais transparente e eficaz na construção das políticas". Matias Kohler voltou a exercer sua função na empresa Kohler Tinturaria e Estamparia, mas não descartou a possibilidade de continuar na política, apesar de não ter um projeto definido, pois tudo depende de oportunidades e o importante é estar preparado para servir à comunidade, afirma.

Valmir Zirke

Valmir Zirke nasceu em 3 de fevereiro de 1969, casado com Wiliane Greis Debatin Zirke e pai de Valmir Gustavo Zirke. Eleito vice-prefeito de Matias Kohler (PP) durante as últimas duas gestões desde 2013 pela coligação PP/PT, até 2020. O 11º (décimo primeiro) prefeito de Guabiruba, Valmir Zirke (PP), foi eleito no dia 15 de novembro de 2020, e obteve uma vitória expressiva com a diferença de 1.008 votos. Dos

13.306 votos, Zirke recebeu 6.166 (48,19%), seguido de Orides Kormann (MDB) com 5.158 (40,31%) e Marcos Habitzreuter (PL) com 1.472 votos (11,505) e 273 nulos (2,055). Dos 15.127 eleitores aptos a votar em Guabiruba, 1.827 não compareceram.

Iniciou sua carreira política como candidato a prefeito pelo Partido dos Trabalhadores (PT), em 2004, recebendo 1.331 votos na ocasião. Em 2008 foi candidato a vereador e recebeu 648 votos, sendo o segundo mais votado, mas não conseguiu se eleger. Na vida privada foi presidente por três gestões da Apae de Guabiruba, e também um dos organizadores da Stadtplatzfest.

No início de sua administração, em 24 de janeiro 2021, enfrentou uma situação emergencial com uma forte enxurrada que assolou os bairros Lageado Baixo/Alto e Planície Alta. Seu plano de governo é dar continuidade às obras já iniciadas como a revitalização das ruas Guabiruba Sul e prefeito Carlos Boos, a escola João Jensen no Holstein, a Policlínica no Imigrantes. A área de saúde será uma prioridade, talvez, mediante a construção de um hospital com atendimento 24 horas.

Em 15 de dezembro de 2021, o prefeito Valmir Zirke anunciou a compra de um terreno da família Vicentini, na confluência das ruas Orlandina Romani Vicentini e Planície Alta, com a área de 884 mil metros quadrados, avaliado em 12 milhões de reais, torna-se o maior investimento com recursos próprios do município. Neste terreno a Prefeitura de Guabiruba pretende construir o Parque Municipal de Guabiruba, um complexo turístico, cultural, esportivo e gastronômico.

Outro feito importante da atual administração é a aquisição da Casa Scharf, em estilo enxaimel, construída entre 1940 e 1945, localizada no bairro Aymoré, que deverá abrigar o Museu do Imigrante Alemão, um ponto de leitura da Biblioteca Pública Municipal Prefeito Henrique Dirschnabel, além de ser um local para atividades culturais envolvendo oficina de língua alemã, entre outras ações.

Referências

Jornal GUABIRUBA ZEITUNG. Especial Guabiruba 58 Anos (Grazielle Guimarães e Roque Luiz Dirschnabel). Edição 528, em 5.6.2020.

Jornal O MUNICÍPIO. Guabiruba 58 Anos. Construtores da HISTÓRIA. Caderno Especial, elaborado pelo jornalista Bruno da Silva, em 10.6.2020.

Jornal GUABIRUBA ZEITUNG. Entrevista com Valmir Zirke (Rodrigo Bustamante), em 20.11.2020, p. 2; Guabiruba opta pela continuidade na gestão do Executivo (Suelen Cerbaro), p. 6-7.

Arquivo pessoal de Roque Luiz Dirschnabel, advogado e pesquisador histórico.

CRONOLOGIA PREFEITOS DE GUABIRUBA

1. HENRIQUE DIRSCHNABEL
Mandato: 10.06.1962, a partir das 10h45 até 31.01.1963 (5ª feira/ depois do expediente e fechamento do balancete mensal);
2. CARLOS BOOS
Mandato: 01.02.1963 até 31.01.1969 (6ª feira/não há registro sobre a transmissão de cargo); *vereadores posse 31.01.1969, a partir das 17h (2ª Legislatura);
3. VADISLAU SCHMITT
Mandato: 31.01.1969, a partir das 20h até 31.01.1973 (4ª feira); *vereadores posse 31.01.1973 (3ª Legislatura);
4. IVO FISCHER
Mandato: 01.02.1973, a partir das 15h00 até 31.01.1977 (2ª feira);
5. JOÃO BARON
Mandato: 01.02.1977 (3ª feira), até 31.01.1983 (2ª feira);
6. GUIDO ANTÔNIO KORMANN
Mandato: 01.02.1983 (3ª feira), até 31.12.1988 (sábado);
7. VALERIO LUIZ MAFFEZZOLLI
Mandato: 01.01.1989 (domingo), até 31.12.1992 (5ª feira);
8. ORIDES KORMANN
Mandato: 01.01.1993 a 31.12.11996;
9. LUIZ MOSER
Mandato: 01.01.1997 a 31.12.2000;
10. GUIDO ANTONIO KORMANN
Mandato: 01.01.2001 a 31.12.2004;
11. ORIDES KORMANN
Mandato: 01.01.2005 a 31.12.2008;
12. ORIDES KORMANN
Mandato: 01.01.2009 a 31.12.2012;
13. MATIAS KOHLER
Mandato: 01.01.2013 a 31.12.2013 a 31.12.2016;
14. MATIAS KOHLER
Mandato: 01.01.2017 a 31.12.2020;
15. VALMIR ZIRKE
Mandato: 01.01.2021 a 31.12.2024

Câmara Municipal de Guabiruba em 2022. Acervo: Rosemari Glatz

Histórico da Câmara de Vereadores

Autor: Roque Luiz Dirschnabel
Com a colaboração da jornalista Suelen Cerbaro

A instalação oficial da Câmara Municipal de Guabiruba ocorreu em 31 de janeiro de 1963 em uma das salas da Prefeitura Municipal, instalada provisoriamente nas dependências da empresa Kohler e Cia., localizada na Rua 10 de Junho, Centro de Guabiruba.

No ato da instalação, tomaram posse os vereadores (eleitos em 07/10/1962): Envino Dirschnabel (PSD), com 207 votos; Osmar Seubert (PSD), com 120 votos; Paulo Kohler (PSD), com 105 votos; Guilher-

me Gartner (PSD), com 98 votos; Licínio Wippel (UDN), com 109 votos; Ovídio Habitzreuter (UDN), com 82 votos; Érico Truppel (PTB), com 110 votos, com mandato de 31.01.1963 a 31.01.1967.

A cerimônia de posse foi presidida pelo vereador Guilherme Gartner, nos termos da Lei Estadual n° 987, de 12 de novembro de 1953 (DO/SC 01-12-1953), por ser o legislador mais idoso. A composição da mesa diretora teve como Presidente: Osmar Seubert; Vice-Presidente: Envino Dirschnabel; 1° Secretário: Paulo Kohler; 2° Secretário: Guilherme Gartner. Demais Vereadores: Licínio Wippel; Ovídio Habitzreuter; Érico Truppel.

O Regimento Interno da Câmara Municipal foi instituído em junho de 1963 e em setembro do mesmo ano foi criado o cargo de Secretário Executivo da Câmara Municipal, designando o Professor Mário Dirschnabel como o primeiro funcionário do Poder Legislativo.

Seis anos depois, em 16 de maio de 1969, foi oficializado um dos símbolos municipais: o Hino de Guabiruba, sendo o autor da letra e da melodia o Maestro José Nilo Valle.

Mais autonomia no Legislativo

Em 30 de novembro de 1987 foi instituído o serviço de contabilidade próprio da Câmara Municipal, nos termos da Lei Complementar n° 05, de 26 de novembro de 1975, sendo desmembrada do setor contábil da Prefeitura Municipal.

A Câmara Municipal funcionava nas dependências da Prefeitura e seu orçamento era vinculado à contabilidade do Poder Executivo. Com a mudança, a Câmara passou a ter autonomia no serviço contábil.

Com a Constituição Federal de 1988, os municípios passaram a ter mais autonomia, transformando-se em entidades dotadas de organização e governo próprios, além de possuir atribuições exclusivas.

Dessa forma, a partir da Câmara Municipal Constituinte instalada no dia 27 de outubro de 1989, foi elaborada a primeira Lei Orgânica do Município de Guabiruba (LOM), promulgada no dia 5 de abril de 1990.

Terra do Tecelão

Este é oficialmente o slogan do município, recomendado pelo Plenário da Câmara Municipal na sessão de 15 de outubro de 1993, durante a oitava legislatura. A intenção, registrada em ata, foi de proibir a utilização de slogan de campanha política para fins publicitários e promoção de governo, valorizando o tecelão, que veio de Lodz para a região a partir de 1899.

Em 19 de maio de 1994 foi aprovada a Lei n° 497/1994, que auto-

rizou a Prefeitura a firmar convênio com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, com a participação da Câmara. O objetivo era a construção de um prédio único para abrigar as sedes do Sindicato Rural e da Câmara Municipal.

O terreno tinha área total de 576,35 m^2, sendo o térreo com uma área de 54,70 m^2 para a entidade sindical e uma área de 73,56 m^2 à disposição da Secretaria de Agricultura do Município, além de uma área disponível de 112,45 m^2 para o setor de saúde do Sindicato, somando uma área útil de 228,63 m^2, mais uma área disponível de 30,30 m^2, que serviria para o Sindicato. Concluída a obra, o piso superior foi escriturado em nome da Câmara Municipal. A inauguração ocorreu no dia 10 de junho de 1998, sendo presidente da Câmara José Vicente Baron e Prefeito Doutor Luiz Moser.

Em junho de 1997, pela primeira vez uma mulher ocupa a Presidência da Câmara. A Vereadora Bernadete Maria Boos Kormann assumiu a Mesa Diretora em caráter interino, tendo em vista o pedido de licença solicitado pelo titular Valério Gums.

Atualização da Lei Orgânica

Em 30 de junho de 2005 foi criada uma Comissão Especial para atualizar a Lei Orgânica do Município, sendo eleito como Presidente o Vereador José Vicente Baron e relator Ademir Fischer.

Além da assessoria técnica da Câmara, houve a contratação de uma assessoria externa (ACON'AD – Assessoria e Consultoria Administrativa Ltda.) para auxiliar nos trabalhos. A primeira Lei Orgânica, promulgada em 1990, foi criada com base na Constituição Federal de 1988 e durante seus 15 anos de vigência sofreu alterações decorrentes das mudanças na Constituição Federal, Estadual e Leis infraconstitucionais.

Em novembro de 2005 foi aprovada a revisão da Lei Orgânica Municipal. Já em 5 de outubro de 2009 foi aprovado pela Câmara Municipal o Projeto de Lei n° 07/2009, do Legislativo, que deu origem à Lei Municipal n° 1.217, a qual reconheceu a comunidade de Karlsdorf-Neuthard como cidade coirmã de Guabiruba.

O protocolo de intenções foi assinado oficialmente no dia 7 de novembro de 2010, durante o desfile comemorativo dos 150 anos de imigração de Baden – Alemanha.

Em 2011, foi aprovada a Lei 1.275, a qual flexibilizou o desmembramento de lotes na área rural criada pela Lei 740/2000, visando garantir o desenvolvimento sustentável.

No ano seguinte, em 2012, foi destaque o Cinquentenário de Fundação de Guabiruba, com a participação de uma Comitiva Alemã, sendo também inaugurado o busto do primeiro prefeito Henrique Dirschnabel,

na Praça Theodoro Debatin, no centro.

Praça Senador Luiz Henrique da Silveira

Em maio de 2013, por decreto aprovado pela Câmara Municipal, o prefeito Matias Kohler acompanhou uma Comitiva Oficial da Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina (ALESC), para participar de eventos em comemoração aos 200 anos de Karlsdorf, na Alemanha.

O "Programa Mais Médicos" foi iniciado em 2013 pelo Governo Federal com o principal objetivo de levar mais médicos para as regiões onde havia escassez ou ausência desses profissionais. Guabiruba começou a ser beneficiada em 2014.

O ano de 2014 foi marcado pelo 1º Desfile de Natal organizado pela Fundação Cultural de Guabiruba, com a participação da Sociedade do Pelznickelplatz.

Foi aprovada a lei que regulamenta os procedimentos ambientais segundo o novo Código Florestal e a Lei Complementar que consolida o Regime Jurídico Único, cria o novo Estatuto e o Plano de Carreira do Magistério Público do Município.

Em 2015, o legislativo aprovou a Lei de Incentivos Fiscais ao Microempreendedor (MEI), e que denominou a Praça Senador Luiz Henrique da Silveira, no bairro Guabiruba Sul.

Foi oficialmente instituído o Serviço Guincho, Guarda e Depósito de veículos envolvidos em sinistros e infrações de trânsito em Guabiruba.

Câmara Itinerante

Os vereadores enalteceram o grupo "Calebe" da Igreja Adventista do Sétimo Dia, pela promoção de trabalhos filantrópicos desenvolvidos ao longo de sua existência, como a limpeza da Associação Hospitalar e Educandários.

A Resolução nº 2/2016 regulamentou a Concessão de Títulos Honoríficos, para evitar a banalização das homenagens.

Foi instituída a Câmara Municipal Itinerante, visando aproximar os cidadãos do legislativo municipal. Foi criada a Galeria de Vereadoras.

Praça da Sibéria

Em 2017, foi destaque a comemoração dos 30 anos de fundação da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Guabiruba (APAE). A diplomação e posse na cadeira de nº 1 do Assessor Legislativo, Roque Luiz Dirschnabel, na Academia de Letras de Santa Catarina – Seccional de Guabiruba, em sessão solene realizada na Câmara Municipal de Barra

Velha, SC.

No mesmo ano aconteceu a inauguração da Praça da Sibéria, no Aymoré, por lei aprovada pela Câmara Municipal.

Primeira mulher Presidente da Câmara Municipal

A partir de 2018, a Câmara considerou por lei a tradição do Pelznickel e a receita da cuca de Guabiruba como Patrimônio Cultural Histórico Imaterial.

Em abril de 2018, a empresa Atlantis assumiu o Sistema de Tratamento de Água e Esgoto com a autorização da Câmara Municipal.

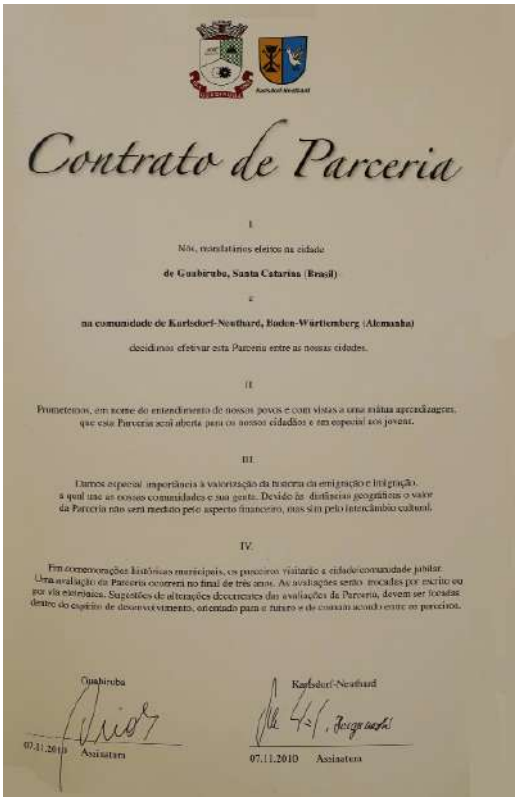
No mesmo ano de 2018, o legislativo destacou a inauguração do Memorial Willy João Dietrich, no bairro São Pedro, e o Memorial Ítalo-Guabirubense Sacristão Francesco Celva, no bairro Lageado Alto. No entanto, o memorial da família Dietrich foi inaugurado em 21 de outubro de 2018, e o Memorial Ítalo-Guabirubense Sacristão Francesco Celva, fundado em 2009, teve sua sede inaugurada em 2013.

Rosita Kohler foi eleita primeira mulher na condição de titular presidente da Câmara Municipal.

Parceria Guabiruba-Karlsdorf-Neuthard

Ocupou a tribuna o senhor Benjamin Ziefuss, Chefe de Gabinete e Técnico de Construção de Karlsdorf-Neuthard do Programa de Parcerias Municipais com a Alemanha, sendo Guabiruba uma das 70 cidades integrantes do projeto com o objetivo de buscar alternativas e desenvolver experiências sobre os efeitos do aquecimento global.

Em 2019, com a devida autorização legislativa, foi criada a Procuradoria Geral do Município de Guabiruba e denominada a Praça Yvonne Erthal Schlindwein, situada nas imediações da Câmara, no Centro.



Contrato de Parceria

I

Nós, ministérios eleitos na cidade

de Guabiruba, Santa Catarina (Brasil)

e

na comunidade de Karlsdorf-Neuthard, Baden-Württemberg (Alemanha)

decidimos efetivar esta Parceria entre as nossas cidades.

II

Prometemos, em nome do entendimento de nossos povos e com vistas a uma mútua aprendizagem, que esta Parceria seja aberta para os nossos cidadãos e em especial aos jovens.

III

Damos especial importância à valorização da história da emigração e imigração, a qual une as nossas comunidades e sua gente. Devido às distâncias geográficas o valor da Parceria não será medido pelo aspecto financeiro, mas sim pelo intercâmbio cultural.

IV

Em comemorações históricas municipais, os parceiros visitarão a cidade-comunidade parceira. Uma avaliação da Parceria ocorrerá no final de três anos. As avaliações serão tratadas por escrito ou por via eletrônica. Sugestões de alterações decorrentes das avaliações da Parceria, devem ser tratadas dentro do espírito de desenvolvimento, orientado para o futuro e de comum acordo entre os parceiros.

Guabiruba

07.11.2010 Assinatura

Karlsdorf-Neuthard

07.11.2010 Assinatura

Primeira mulher Prefeita de Guabiruba

No dia 14 de abril de 2020 foi realizada a primeira sessão online em decorrência da pandemia do novo Coronavírus.

Em março de 2020, uma reportagem sobre a coleta seletiva de lixo publicada pelo jornal Guabiruba Zeitung, repercutiu entre os vereadores, face à pronta adesão dos guabirubenses, tendo em vista o grande volume de resíduos inorgânicos recolhidos pela empresa consorciada HMS, em apenas três meses no município.

Foi destaque a transmissão de cargo da presidente da Câmara Municipal de Vereadores, Senhora Rosita Kohler, como a primeira mulher a ocupar a prefeitura de forma interina, de 11 a 15 de novembro, em virtude do afastamento do prefeito Matias Kohler, que foi hospitalizado por haver contraído a Covid-19, sendo o então vice-prefeito Valmir Zirke impedido de substituí-lo, em face de sua candidatura a prefeito nas eleições do dia 15 de novembro de 2020.

Complexo turístico do morro São José

Em 2021, a Câmara Municipal aprovou uma alteração no Plano Diretor do município, com a finalidade de preservar o Complexo Turístico do Morro São José, visando promover ações e atividades integradas ao meio ambiente de forma sustentável, como chalés, tirolesas, lanchonetes, entre outras.

Homenagens e honrarias

Joaquim Domingues de Oliveira e Celso Ramos

Na primeira Legislatura, receberam o título de Cidadão Honorário o Senhor Joaquim Domingues de Oliveira/Arcebispo Metropolitano (Lei nº 030/1965); Senhor Celso Ramos/Governador do Estado de Santa Catarina (Lei nº 031/1965).

Padre Pedro Mathias Engel

Na sessão solene realizada na Igreja Matriz, no dia 24 de julho de 1976, foi concedido o título de Cidadão Honorário de Guabiruba ao Padre Pedro Mathias Engel pelos relevantes serviços prestados à comunidade, fazendo parte das comemorações do seu Jubileu de Prata como sacerdote.

Egon Klefenz (in Brazil)

Em sessão solene realizada no dia 5 de agosto de 1988, foi homenageado o prefeito Municipal de Karlsdorf-Neuthard, Egon Klefenz, em

uma demonstração de confraternização, visando preservar a identidade cultural entre as duas cidades coirmãs: Guabiruba e Karlsdorf-Neuthard.

Carlos Moritz

O médico clínico geral Carlos Moritz foi condecorado com o título de Cidadão Honorário através do Decreto Legislativo nº 01, de 21-09-1983. Naquele tempo, as famílias tinham preferência e confiança em um determinado médico, talvez por razões de ordem pessoal ou até por motivos políticos. Dr. Carlos foi prefeito de Brusque de 1956 a 1960.

Ex-prefeitos

Em 1989, na semana de aniversário do Município, a Câmara realizou uma sessão solene, prestando homenagem especial aos ex-prefeitos. Receberam a placa distintiva Henrique Dirschnabel (in memoriam), pelas mãos de Roque Luiz Dirschnabel, enquanto seu neto; Carlos Boos (in memoriam), através da presidente em exercício Bernadete Maria Boos Kormann e Vadislau Schmitt (in memoriam), pelas mãos de sua esposa Vitória Schmitt.

A homenagem a Ivo Fischer foi entregue pelo Padre João Heidemann; João Baron recebeu a placa do irmão José Vicente Baron; Guido Antônio Kormann de sua esposa Bernadete Maria Boos Kormann; Valério Luiz Maffezzolli do vereador Romero Fiúza de Carvalho (hoje falecido) e Orides Kormann do então vereador Ademir Fischer.

Primeiros servidores públicos

Novas homenagens ocorreram no dia 28 de outubro de 1997, durante uma sessão solene dirigida pelo Presidente da Casa Valério Gums. Foram homenageados os primeiros servidores públicos municipais.

Receberam a placa distintiva Euvaldo Kormann, João Schaefer, José Hodecker, José Pavesi, Maria Gertrudes Zirke, Orlando Kormann e Osvaldo Kormann. Quem falou em nome dos servidores públicos foi Maria Gertrudes Zirke, que agradeceu a bela homenagem que lhes foi prestada.

Plenário Genésio Gums, Octívio Gums e Wilson Antônio Gums

Em 10 de junho de 1998, foi inaugurada a nova sede da Câmara Municipal, com a denominação do Plenário em homenagem aos vereadores Genésio Gums, Octívio Gums e Wilson Antônio Gums.

Doutor Luiz Moser/Ex-combatentes

Em sessão solene realizada no dia 17 de dezembro de 1998, a Câmara Municipal conferiu o título de cidadão honorário ao Doutor Luiz Moser (vereador, prefeito e médico), através do Decreto Legislativo nº 02/1998, pelos relevantes serviços prestados à comunidade.

Na mesma sessão solene, foram homenageados os expedicionários

da circunscrição de Brusque, mediante a entrega de uma placa distintiva, a saber: Arnoldo Baron; Arnoldo Carminatti; Carlos Fischer; Erwin Riffel; Germano Schlindwein; Joaquim Boos; Leo Boos e Zeno Schaefer. Lembramos que os expedicionários Erwin Riffel e Germano Schlindwein receberam pessoalmente a homenagem em vida.

José Nilo Vale/Hino de Guabiruba

Na sessão solene realizada no dia 10 de junho de 2002, sob a presidência do vereador Márcio Gums, data em que Guabiruba festejou seu quadragésimo aniversário de emancipação, o professor e regente da Orquestra Sinfônica de Santa Catarina José Nilo Valle recebeu o diploma de Cidadão Honorário de Guabiruba, por ter sido o compositor e autor do Hino de Guabiruba (Lei nº 11 de 16 de maio de 1969). Antes, porém, na segunda legislatura, por meio do Decreto Legislativo nº 05, de 31 de maio de 1977, o homenageado já havia recebido o título de Cidadão Honorário por indicação do vereador Valério Luiz Maffezzolli, sendo presidente do legislativo na época o vereador Silvério Regis.

Egon Klefenz (in Germany)

Na reunião do dia 27 de fevereiro de 2007, a Câmara Municipal aprovou o Decreto Legislativo nº 02/2007, que concedeu o título de Cidadão Benemérito ao prefeito Egon Klefenz da cidade (hoje coirmã) de Karlsdorf-Neuthard, na Alemanha. A homenagem foi prestada pelo vereador Sérgio Baumgartner acompanhado do prefeito municipal e governador do estado de Santa Catarina, para participar das solenidades de aposentadoria do prefeito Egon Klefenz. No entanto, Klefenz já havia sido homenageado pela Câmara durante a 6ª Legislatura, no dia 5 de agosto de 1988 como vimos acima.

Homenagem aos veículos de comunicação

Em 2007, na sessão do dia 9 de junho, José Vicente Baron homenageou o Jornal Folha de Guabiruba pela passagem dos seus 22 anos. E no dia 8 de setembro parabenizou a fundação do jornal Guabiruba Zeitung, e foi lembrada a passagem dos 63 anos de fundação da Rádio Araguaia e os 55 anos de fundação do jornal Município Dia a Dia.

Ângelo Menegazzo – Osmar Vicentini – Iracema Catarina Conceição Becker – Pedro David Schmitt

No dia 30 de outubro de 2007, a Câmara Municipal realizou uma sessão solene, para conceder uma série de homenagens. O título de Cidadão Benemérito do Município de Guabiruba foi concedido ao vereador Ângelo Menegazzo pelos valiosos serviços prestados. O Diploma de Honra ao Mérito ao vereador Osmar Vicentini pelo seu destaque na vida política, especialmente no exercício da vereança. Também recebeu o título de Ci-

dadã Benemérita do Município de Guabiruba a Senhora Iracema Catarina Conceição Becker pelos relevantes serviços prestados ao educandário municipal e a Comenda de Honra ao Mérito foi entregue ao Senhor Pedro David Schmitt pelos relevantes serviços de intercâmbio sociocultural mantidos entre os municípios de Guabiruba e a Alemanha.

Cidade coirmã de Guabiruba

A lei nº 1.217/2010, aprovada pela Câmara Municipal, reconheceu a comunidade de Karlsdorf-Neuthard como cidade coirmã de Guabiruba. O protocolo de intenções foi assinado oficialmente no dia 7 de novembro de 2010 durante o desfile comemorativo dos 150 anos de imigração de Baden – Alemanha a Santa Catarina – Brasil (1860-2010).

Associação Artística Cultural São Pedro (AACSP) – Sônia Rieg – Edinalte Elias de Souza

No dia 8 de junho de 2016, depois de quase uma década, em conformidade com a Resolução nº 2/2016, a Câmara Municipal concedeu o título de Instituição de Mérito à Associação Artística Cultural São Pedro pelas notáveis atividades realizadas no âmbito artístico-cultural, prestigiando o nome do município de Guabiruba em nível regional. Concedeu o título de Cidadã Benemérita à Senhora Sônia Rieg pelos notáveis serviços prestados no âmbito da assistência social e promoção da saúde da mulher. O título de Cidadão Honorário ao Senhor Edinalte Elias de Souza pelos relevantes serviços prestados no âmbito da educação e da religiosidade.

Galeria das Vereadoras

Em 2016, também, por meio da Resolução nº 3, da Câmara, foi criada a Galeria das Vereadoras, em homenagem às mulheres.

Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) – Renata Schumacher – Angelin Carminatti

Em junho de 2017, concedeu o título de Instituição de Mérito à Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais pelas notáveis atividades realizadas na área da Assistência Social, mediante procedimentos do maior interesse comunitário. O título de Cidadã Benemérita do município de Guabiruba à Senhora Renata Schumacher Kormann pelo desenvolvimento de notáveis serviços na área cultural e gastronômica do município de Guabiruba. O diploma de Cidadão Benemérito ao Senhor Angelin Carminatti pelo desenvolvimento assinalável prestado à comunidade, contribuindo para a preservação da cultura guabirubense.

Associação Cultural e Coral Cristo Rei (ACCCR) – Ambrósio Reichert e esposa Ignês Bohn Reichert

No ano seguinte, em junho de 2018, a Câmara Municipal agraciou com o título de Instituição de Mérito a Associação Cultural e Coral Cristo Rei pelos feitos assinaláveis em virtude de manter viva a música sacra, as canções folclóricas e o canto popular, muito bem representando o município de Guabiruba.

Na mesma sessão solene concedeu o título de Cidadão (ã) Benemérito (a) ao casal Ambrósio Reichert e esposa Ignês Bohn Reichert pela preservação dos costumes e religiosidade dos colonizadores germânicos do município de Guabiruba.

Grupo Alle Tanzen Zusammen – Cláudia Rieg Baron – Orlando Fischer

Em junho de 2019, o Poder Legislativo concedeu o título de Instituição de Mérito ao Grupo Alle Tanzen Zusammen, por manter vivas a tradição e cultura dos imigrantes alemães e seus descendentes, destacando o nome de Guabiruba.

Igualmente foi agraciada com o título de Cidadã Benemérita a Senhora Cláudia Rieg Baron pelo desenvolvimento e promoção de atividades artístico-culturais em prol da comunidade guabirubense. Também recebeu o título de Cidadão Benemérito o Senhor Orlando Fischer pelo seu trabalho realizado na área da educação como professor e a prestação de serviços em favor da comunidade.

Em louvor à cidadania e comemoração dos 60 anos de emancipação político-administrativa de Guabiruba, no dia 13 de junho de 2022, depois de dois anos da epidemia do coronavírus (Covid-19), o Poder Legislativo Municipal, voltou a conceder as seguintes honrarias: o título de Instituição de Mérito ao Grupo Alemão em Canto por desenvolver uma notável atividade cultural e social em favor da comunidade guabirubense; o título de Cidadão Benemérito ao padre Eder Claudio Celva pelos notáveis serviços prestados no seu pendor sociocultural e religioso, que engrandecem a história do povo de Guabiruba; e, o título de Cidadão Benemérito ao Senhor Valdir Riffel pelos assinaláveis feitos prestados em prol da cultura no município de Guabiruba.

Legislaturas da Câmara Municipal:

1ª LEGISLATURA

Vereadores eleitos em 1-10-1962. (Prefeito Henrique Dirschnabel (1962/1963: PSD).

Mandato: 31-01-1963 a 31-1-1967. (Prefeito Carlos Boos (1963/1969: PSD).

Composição da Mesa Diretora: Presidente: Osmar Seubert (PSD); Vice-Presidente: Envino Dirschnabel (PSD); 1° Secretário: Paulo Kohler (PSD); 2° Secretário: Guilherme Gartner (PSD). Demais vereadores: Licínio Wippel (UDN); Ovídio Habitzreuter (UDN); Érico Truppel (PTB).

2ª LEGISLATURA

Vereadores eleitos em 15-11-1966.

Mandato: 1-2-1967 a 31-1-1970. (Prefeito Vadislau Schmitt/Arlindo L. Conceição (1969/1973): ARENA-2)

Composição da Mesa Diretora (1967/1970)

Presidente: Érico Truppel (PTB); Vice-Presidente: Ovídio Habitzreuter (ARENA-2/UDN); 1° Secretário: Licínio Wippel (ARENA-2/UDN); 2° Secretário: Arlindo Leonides Conceição (ARENA-2/UDN). Demais vereadores: Anselmo Boos (ARENA-1/PSD); Paulo Kohler (ARENA-1/PSD); Érico Vicentini (ARENA-1/PSD).

3ª LEGISLATURA

Vereadores eleitos em 30-11-1969.

Mandato: 31-1-1970 a 31-1-1973. (Prefeito Vadislau Schmitt e Vice Arlindo L. Conceição (1969/1973): ARENA-2).

Composição da Mesa Diretora (1970/1971)

Presidente: Ivo Fischer (ARENA-2/UDN); Vice-Presidente: Edelberto Erthal (ARENA-2/UDN); 1° Secretário: João Baron (ARENA-2/UDN); 2° Secretário: Silvério Régis (ARENA-2/UDN). Demais vereadores: Anselmo Boos (ARENA-1/PSD); Paulo Kohler (ARENA-1/PSD); Érico Truppel (ARENA-1/PSD).

Renovação da Mesa Diretora (fev./1972 a jan./1973)

Presidente: Edelberto Erthal (ARENA-2/UDN).

Vereadores reeleitos: Anselmo Boos (ARENA-1/PSD); Paulo Kohler (ARENA-1/PSD); Érico Vicentini (ARENA-1/PSD).

4ª LEGISLATURA

Vereadores eleitos em 15-11-1972.

Mandato: 31-1-1973 a 31-1-1977. (Prefeito Ivo Fischer e Vice João Baron (1973/1977): ARENA-2)

Composição da Mesa Diretora (1973/1974)

Presidente: Aniberto Kohler (PTB); Vice-Presidente: Ludovino Paulo Boos (MDB); 1° Secretário: Anselmo Petermann (ARENA-1/PDS); 2º Secretário: Octívio Gums (ARENA-1/UDN). Demais vereadores: Geroldo Schumacher (ARENA-2/PDS); Ingo Fischer (ARENA-1/PDS) (renunciou em maio de 1974 e assumiu o suplente de Vereador Afonso Carminatti (ARENA-1/PDS); Silvério Régis (ARENA-2/UDN)

Renovação da Mesa Diretora (fev./1975 a jan./1977)

Presidente: Ludovino Paulo Boos (MDB); Vice-Presidente: Geroldo Schumacher (ARENA-2/PDS); 1° Secretário: Afonso Carminatti (ARENA-1/PDS); 2° Secretário: Anselmo Petermann (ARENA-1/PDS).

5ª LEGISLATURA

Vereadores eleitos em 15-11-1976.

Mandato: 1-2-1978 a 31-1-1983. (Prefeito João Baron e Vice Guido Antônio Kormann (1977/1983): ARENA-1/PDS).

Composição da Mesa Diretora (1-2-1978/31-1-1981)

Presidente: Silvério Régis (ARENA-2/UDN); Vice-Presidente: Wilson Antônio Gums (ARENA-1/PDS); 1° Secretário: Ciro Speck (PMDB); 2° Secretário: Joaquim Comper (PMDB); Henrique Gregório Ebele (ARENA-1/PDS). Demais vereadores: Valério Luiz Maffezzolli (ARENA-1/PDS); João Scheffer (ARENA-1/PDS); Henrique Gregório Ebele (ARENA-1/PDS).

Renovação da Mesa Diretora (1-2-1981 a 31-1-1982)

a) de 1-2-1981 a 31-1-1982 – Presidente: Valério Luiz Maffezzolli.

b) de 1-2-1982 a 31-1-1983 – Presidente: Henrique Gregório Ebele.

Obs.: Em 1° de setembro de 1978, o vereador Joaquim Comper (PMDB) renunciou formalmente ao mandato, tendo assumido em seu lugar o suplente João Antônio Kormann (PMDB).

Observa-se que a partir de 1° de fevereiro de 1981 a renovação da Mesa Diretora deu-se a cada ano pelo chamado acordo de cavalheiros.

6ª LEGISLATURA

Vereadores eleitos em 15-11-1982

Mandato: 01-02-1983 a 31-12-1988. (Prefeito Guido Antônio Kormann e Vice Valério Luiz Maffezzolli (83/88): PDS).

Composição da Mesa Diretora (1983/1984)

Presidente: Henrique Gregório Ebele (PDS); Vice-Presidente: Egon Schweigert (PDS); 1° Secretário: Antônio Stedile (PDS); 2° Secretário: Marcos Habitzreuter (PDS). Demais vereadores: Antônio Dietrich (PMDB): Manoel Damásio Pereira (PDS); Octívio Gums (PMDB).

Renovação da Mesa Diretora:

a) de fev./1984 a jan./1985 – Presidente: Egon Schweigert; Vice-Presidente: Henrique Gregório Ebele; 1° Secretário: Manoel Damásio Pereira; 2° Secretário: Marcos Habitzreuter.

b) de fev./1985 a jan./1986 – Presidente: Antônio Stedile; Vice-Pre-

sidente: Marcos Habitzreuter; 1° Secretário: Henrique Gregório Ebele; 2° Secretário: Manoel Damásio Pereira.

c) de fev./1986 a jan./1987 – Presidente: Marcos Habitzreuter; Vice -Presidente: Antônio Stedile; 1° Secretário: Henrique Gregório Ebele; 2° Secretário: Manoel Damásio Pereira.

d) de fev./1987 a jan./1988 – Presidente: Manoel Damásio Pereira; Vice-Presidente: Egon Schweigert; 1° Secretário: Antônio Stedile; 2° Secretário: Henrique Gregório Ebele.

A renovação da Mesa Diretora ocorria com a renúncia do Presidente da Casa, assumindo o seu vice, apesar da Lei Orgânica conferir um mandato de dois anos. Nesta legislatura, também, ficou estabelecido que as sessões ordinárias seriam realizadas às quartas-feiras e não às terças.

7ª LEGISLATURA

Vereadores eleitos em 15-11-1988.

Mandato: 1-1-1989 a 31-12-1992. (Prefeito Valério Luiz Maffezzolli e Vice Egon Schweigert (1989/1992): PDS)

Composição da Mesa Diretora (1989/1990)

Presidente: Jorge Luiz Kohler (PDS); Vice-Presidente: Osmar Vicentini (PDS); 1° Secretário: Valdir Riffel (PDS); 2° Secretário: Wilson Antônio Gums (PDS). Demais vereadores: João Baron (PDS); Antônio Rothermel (PDS); Genésio Gums (PMDB); Anselmo Koehler (PMDB); Luiz Moser (PMDB).

Renovação da Mesa Diretora (1991/1992)

Presidente: João Baron (PDS); Vice-Presidente: Antônio Rothermel (PDS); 1° Secretário: Luiz Moser (PMDB); 2° Secretário: Osmar Vicentini (PDS).

8ª LEGISLATURA

Vereadores eleitos em 3-10-1992.

Mandato: 1-1-1993 a 31-12-1996 (Prefeito Orides Kormann e Vice Luiz Moser (1993/1996): PMDB)

Composição da Mesa Diretora (1993/1994)

Presidente: Osmar Vicentini (PFL/PRN); Vice-Presidente: Vilmar Gums (PMDB); 1° Secretário: Marco Teodoro Kormann (PDT); 2° Secretário: Matias Kohler (PDS). Demais vereadores: Osmar Kormann (PDS); Getúlio Baumgartner (PDS); José Vicente Baron (PFL); Altino Gilmar Barth (PMDB); Antônio Dietrich (PMDB).

Renovação da Mesa Diretora (1995/1996)

Presidente: Vilmar Gums (PMDB); Vice-Presidente: Marco Teodoro Kormann (PDT): 1° Secretário: Osmar Vicentini (PFL/PRN); 2° Secretário: José Vicente Baron (PFL).

9ª LEGISLATURA

Vereadores eleitos em 3-10-1996.

Mandato: 1-1-1997 a 31-12-2000 (Prefeito Luiz Moser e Vice Ivan Luiz Tridapalli (1997/2000): PMDB/PSDB).

Composição da Mesa Diretora (1997)

Presidente: Valério Gums (PPB); Vice-Presidente: Bernadete Maria Boos Kormann (PPB); Ademir Fischer (PMDB); José Vicente Baron (PFL): Cesário Martins (PFL): Clodoaldo Riffel (PMDB): Jaime Luiz Nuss (PMDB); José Leopoldo Rieg (PPB): Márcio Gums (PMDB): Osmar Vicentini (PPB); Rosita Kohler (PPB).

Renovação da Mesa Diretora:

a) Em 1998 – Presidente: José Vicente Baron (PFL); Vice-Presidente: Cesário Martins (PFL); 1ª Secretária: Rosita Kohler (PPB); 2º Secretário: José Leopoldo Rieg (PPB).

b) Em 1999 – Presidente: José Leopoldo Rieg (PPB); Vice-Presidente: Rosita Kohler (PPB); 1° Secretário: Cesário Martins (PFL); 2° Secretário: José Vicente Baron (PFL).

c) Em 2000 – Presidente: Cesário Martins (PFL); Vice-Presidente: José Vicente Baron (PFL): 1ª Secretária: Bernadete Maria Boos Kormann (PPB); 2° Secretário: Valério Gums (PPB).

10ª LEGISLATURA

Vereadores eleitos em 1-10-2000.

Mandato: 1-1-2001 a 31-12-2004. (Prefeito Guido Antônio Kormann e Vice Valério Gums (2001/2004): (PPB/PDT).

Composição da Mesa Diretora (2001)

Presidente: José Leopoldo Rieg (PPB); Vice-Presidente: Romero Fiúza de Carvalho (PFL); 1° Secretário: Márcio Gums (PDT); 2ª Secretária: Maria Goreti Debatin (PPB). Demais vereadores: Alôncio Schirmer (PDT); José Carlos Baron (PFL): Ademir Bretzke (PMDB); Sérgio Kohler (PPB); Osmar Vicentini (PPB); Nilton Rogério Kohler (PFL).

Renovação da Mesa Diretora:

a) em 2002 – Presidente: Márcio Gums; Vice-Presidente: Sérgio Kohler; 1ª Secretária: Maria Goreti Debatin; 2º Secretário: Osmar Kormann.

b) em 2003 – Presidente: Sérgio Kohler; Vice-Presidente: Alôncio Schirmer; 1° Secretário: Osmar Vicentini; 2ª Secretária: Maria Goreti Debatin.

c) em 2004 – Presidente: José Leopoldo Rieg; Vice-Presidente: Osmar Kormann; 1° Secretário: Márcio Gums; 2° Secretário: Sérgio Kohler.

11ª LEGISLATURA

Vereadores eleitos em 3-10-2004.

Mandato: 1-1-2005 a 31-12-2008. (Prefeito Orides Kormann e Vice Cesário Martins (2005/2008): PMDB/PFL).

Composição da Mesa Diretora (2005)

Presidente: Carlos Odisi (PDT); Vice-Presidente: Ângelo Menegazzo (PP); 1º Secretário: Ademir Fischer (PMDB); 2º Secretário: Osmar Vicentini (PMDB). Demais vereadores: Paulo Schaefer (PMDB); Sérgio Baumgartner (PP); Armando Dalbosco (PDT); José Vicente Baron (PFL); Egon Schweigert (PSDB).

Renovação da Mesa Diretora:

a) em 2006 – Presidente: Ângelo Menegazzo; Vice-Presidente: Armando Dalbosco; 1º Secretário: Sérgio Baumgartner; 2º Secretário: Egon Schweigert.

b) em 2007 – Presidente: Sérgio Baumgartner: Vice-Presidente: Armando Dalbosco; 1° Secretário: Ângelo Menegazzo; 2º Secretário: Egon Schweigert.

c) em 2008 – Presidente: Armando Dalbosco; Vice-Presidente: Ângelo Menegazzo Neto; 1° Secretário: Sérgio Baumgartner; 2° Secretário: Egon Schweigert.

12ª LEGISLATURA

Vereadores eleitos em 5-10-2008.

Mandato: 1-1-2009 a 31-12-2012. (Prefeito Orides Kormann e Vice Cesário Martins (2009/2012): PMDB/PFL).

Composição da Mesa Diretora (2009/2010)

Presidente: Matias Kohler (PP); Vice-Presidente: Cristiano Kormann (PP); 1° Secretário: Valdeci Gomes Ferreira (PDT); 2° Secretário: Valentin Kohler (PP). Demais Vereadores: Ademir Fischer (PMDB); Orlando Schaefer (PMDB); José Vicente Baron (DEM); Nilton Rogério Kohler (DEM); Vilmar Gums (PSDB).

Renovação da Mesa Diretora (2011/2012): Presidente: Vilmar Gums (PSDB); Vice-Presidente: Valentin Kohler (PP); 1° Secretário: Matias Kohler (PP); 2° Secretário: Valdeci Gomes Ferreira (PDT).

13ª LEGISLATURA

Vereadores eleitos em 7/10/2012.

Mandato: 1-1-2013 a 31-12-2016. (Prefeito Matias Kohler e Vice Valmir Zirke (2013/2016): PP/PT).

Composição da Mesa Diretora (2013/2014)

Presidente: Waldemiro Dalbosco (PP); Vice-Presidente: Cristiano Kormann (PP); 1° Secretário: Luciano Schlindwein (PP); 2° Secretário: Valdeci Gomes Ferreira (PDT). Demais Vereadores: Jaime Luiz Nuss (PMDB); Haliton Teodoro Kormann (PMDB); Nilton Rogério Kohler

(DEM); Felipe Eilert dos Santos (PT); Osmar Vicentini (PMDB).

Renovação de Mesa Diretora (2015/2016)

Presidente: Felipe Eilert dos Santos (PT); Vice-Presidente: Luciano Schlindwein (PP); 1° Secretário: Cristiano Kormann; 2° Secretário: Waldemiro Dalbosco (PP).

14ª LEGISLATURA

Vereadores eleitos em 2-10-2016.

Mandato: 1-1-2017 a 31-12-2020. (Prefeito Matias Kohler e Vice Valmir Zirke (2017/2020): PP).

Composição da Mesa Diretora (2017/2018)

Presidente: Cristiano Kormann (PP); Vice-Presidente: Waldemiro Dalbosco (PP); 1° Secretário: Paulo Ricardo Gums (PP); 2° Secretário: Felipe Eilert dos Santos (PT). Demais Vereadores: Harri Westarb Neto (DEM); Rosita Kohler (PP); Jaime Luiz Nuss (PMDB); Haliton Teodoro Kormann (PMDB); Vilmar Gums (PSDB).

Renovação da Mesa Diretora (2019/2020)

Presidente: Rosita Kohler (PP); Vice-Presidente: Paulo Ricardo Gums (PP); 1° Secretário: Waldemiro Dalbosco (PP); 2° Secretário: Cristiano Kormann (PP).

15ª LEGISLATURA

Vereadores eleitos em 15-11-2020.

Mandato: 1-1-2021 a 31-12-2024. (Prefeito Valmir Zirke e Vice Cledison Roberto Kormann (2021/2024): PP).

Composição da Mesa Diretora (2021/2022)

Presidente: Cristiano Kormann (PP); Vice-Presidente: Ricardo José Schlindwein (PP); 1° Secretário: Alexandre Felipe Pereira (PP); 2° Secretário: Jair Francisco Kohler (PP). Demais Vereadores: Maria Simone Fischer (MDB); Ronaldo Kohler (MDB); Wagner Fischer Westarb (MDB); Vilmar Gums (MDB); Waldemiro Dalbosco (PP).

Referências:

Câmara de Vereadores de Guabiruba. Arquivo histórico. Guabiruba, 2022.

DIRSCHNABEL, Roque Luiz. Arquivo histórico pessoal. Guabiruba, 2022.

"O que importa na vida não é ser, nem ter, nem poder.
O que importa é fazer, realizar em proveito da Comunidade".
(Raulino Reitz)

Praça Central de Karlsdorf-Neuthard, com placa de cidade coirmã. Acervo: Rosemari Glatz

Guabiruba cidade coirmã de Karlsdorf-Neuthard

Autores: Rosemari Glatz
Roque Luiz Dirschnabel

A relação de Guabiruba com o estado de Baden-Württemberg, Alemanha, começou há 162 anos, quando, em agosto de 1860, várias famílias originárias de Baden emigraram para Santa Catarina e se estabeleceram na nossa região. Muitas destas famílias são provenientes de Karlsdorf-Neuthard e os laços que unem estas famílias, ainda em 2022, são ancestrais.

A comunidade de Karlsdorf-Neuthard, Baden-Württemberg, Alema-

nha, surgiu através da fusão de lugares independentes, em 1/1/1975. Porém, bem antes (1813) foi fundada a comunidade de Charles Village Neuthard, quando os cidadãos de Dettenheim (Dettenheimer), diante de várias inundações próximas ao rio Reno, com a aprovação do Grand Duke Karl Ludwig Friedrich de Baden, foram reassentados para a vila nova de Karlsdorf, nas proximidades.

Durante muitos anos após a chegada em Guabiruba, em 1860, os imigrantes ainda mantinham relação com seus amigos e familiares que ficaram no além-mar. Depois, vieram as guerras, a proibição do uso da língua alemã e as perseguições do Nacionalismo. Os laços de família e de amizade foram enfraquecendo. Apesar disso, em Guabiruba descendentes dos imigrantes da região de Karlsdorf-Neuthard ainda falam o dialeto badense, ou seja, o original "badisch", que remonta à época da imigração em meados do século XIX. Pelo sobrenome incomum em outras regiões do Brasil, como Bohn, Habitzreuter, Fischer, Riffel, Gartner, Schlindwein, Schmitt, por exemplo, constata-se facilmente que estas famílias são originárias da comunidade de Karlsdorf-Neuthard.

O atual intercâmbio existente entre Guabiruba e Karlsdorf-Neuthard, surgido depois de algumas gerações, é resultado de uma iniciativa do cidadão Herbert Schlindwein (in memoriam), em contato com o alemão Manfred Völker, de Karlsdorf-Neuthard, por meio do radioamador. Em seguida, o industrial Pedro Schmitt passou a comandar o intercâmbio entre as duas comunidades, através de frequentes viagens de ordem sociocultural e comercial. Também o guabirubense Valdir Riffel tem importante contribuição no estreitamento dos laços de amizade da gente guabirubense, brusquense e catarinense com a pátria dos seus antepassados badenses.

Homenagens

Em 2007, a Câmara Municipal de Guabiruba, por meio do Decreto Legislativo nº 02/2007, conferiu o título de Cidadão Benemérito do Município de Guabiruba ao ex-prefeito de Karlsdorf-Neuthard, Egon Klefenz. O Decreto Legislativo nº 08/2007, conferiu o título de Comenda ao Mérito ao empresário Pedro David Schmitt, ambos representantes das associações de intercâmbio entre o Sul do Brasil e Alemanha. Pela Lei 1.217, de 8 de outubro de 2010, Guabiruba foi reconhecida como cidade coirmã da Comunidade de Karlsdorf-Neuthard, Estado de Baden-Württemberg, Alemanha.

Lei municipal

A Lei nº 1.217, de 8 de outubro de 2010, possibilitou ao município

de Guabiruba firmar convênio de cooperação com a cidade de Karlsdorf-Neuthard, a fim de resguardar a cooperação e o intercâmbio em todas as áreas, especialmente de caráter social, educacional, cultural, turístico, esportivo, ambiental, econômico e técnico-profissional. Desde então, diversas ações envolvendo as duas cidades têm sido desenvolvidas, tais como ações culturais, ensino da língua alemã nas escolas e intercâmbio de jovens estudantes. Em 7 de novembro de 2010, aconteceu o desfile comemorativo dos 150 anos de imigração de Baden, Alemanha, a Santa Catarina – Brasil (1860-2010). Este desfile teve como principal objetivo resgatar um sentimento de valor, de orgulho e imensa gratidão aos nossos antepassados que emigraram da Alemanha para construir muito do que somos e temos hoje. No dia 15 de maio de 2012, a Prefeitura de Guabiruba lança o selo e carimbo alusivos aos 50 anos do município, em parceria com os Correios.

Certificado de parceria

O certificado de parceria entre Guabiruba e Karlsdorf-Neuthard foi assinado pelo então prefeito, Orides Kormann, e Sven Weigt, prefeito da cidade alemã, por ocasião da comemoração dos 150 anos de emigração. Esse reconhecimento de ambas as cidades como coirmãs se deu em função da colonização de Guabiruba por imigrantes vindos em sua maioria do Estado de Baden, principalmente da comunidade de Karlsdorf-Neuthard, em meados do século XIX.

A iniciativa foi pioneira e teve como principal incentivadora a Associação Catarinense de Intercâmbio e Cultura (ACIC) que tem em Karlsdorf-Neuthard e Badisch-Südbrasilianische Gesellschaft (BSG), sua equivalente, duas entidades que desde 2007 têm trabalhado

Placa de cidade coirmã em Guabiruba
Acervo: Prefeitura Municipal de Guabiruba

muito pela união entre as duas cidades. Durante as últimas administrações municipais, verifica-se a continuidade do intercâmbio de estudantes com o envolvimento da Fundação Cultural de Guabiruba.

Associação Catarinense de Intercâmbio Cultural (ACIC)

Fundada em 2007, em Guabiruba, a ACIC é considerada coirmã da BSG (Badisch-Südbrasilianische Gesellschaft e.), de forma institucional, pois incentiva e promove contatos entre Santa Catarina e Baden, sul da Alemanha.

Graças a ações dos integrantes da ACIC, de modo especial dos senhores Valdir Riffel e Pedro Schmitt, as relações entre os dois lados do Atlântico têm sido estreitadas. Os contatos com o atual Estado de Baden -Württemberg já ocorrem há mais de 20 anos, e durante este tempo foram estabelecidas muitas amizades e realizados inúmeros encontros de interesse pessoal e institucionais.

Monumento em homenagem aos imigrantes de Baden em Guabiruba
Acervo: Rosemari Glatz

Badisch-Südbrasilianische Gesellschaft e.V. (BSG)

Criada em 2007, na cidade alemã de Karlsdorf-Neuthard, no Estado de Baden-Württemberg, a BSG tem como objetivo promover encontros culturais, programas de intercâmbio, cursos de línguas e pesquisa genealógica, preservando os bons contatos existentes entre as entidades de Baden e os descendentes de imigrantes residentes na região Sul do Brasil. Seu primeiro presidente foi o senhor Egon Klefenz, que durante muitos anos atuou para manter os bons contatos existentes entre entidades culturais do Norte de Baden e os descendentes de imigrantes badenses residentes em Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul.

Em 2007, Egon Klefenz, ex-prefeito de Karlsdorf-Neuthard e presidente da BSG (Badisch-Südbrasilianische Gesellschaft e.), recebeu do Governo do Estado de Santa Catarina a representação honorária entre as relações da Alemanha e Santa Catarina pela importância do seu trabalho intercambial. Em 2012, novo reconhecimento, pois naquele ano Egon Klefenz foi agraciado com a Medalha do Mérito Anita Garibaldi pelos serviços prestados ao Estado. A honraria é concedida a pessoas físicas ou jurídicas, nacionais e estrangeiras, que, no campo de suas atividades, tenham se distinguido de forma notável ou relevante e tenham contribuí-

Memorial em Karlsdorf-Neuthard, doado pelos descendentes de imigrantes que se estabeleceram em Guabiruba, pela passagem dos 200 anos de Karlsdorf. Acervo: BSG

do direta ou indiretamente para o engrandecimento do Estado de Santa Catarina.

O conhecimento e experiência de Egon Klefenz na aproximação das relações econômicas, culturais e familiares entre Baden e Santa Catarina foram fundamentais. O senhor Klefenz auxiliou o Estado catarinense por 14 anos, em importantes ações, como sua participação para vinda da gigante alemã BMW (Bayerische Motoren Werke - Fábrica de Motores da Baviera) para Araquari, em Santa Catarina, além de apoiar parcerias de intercâmbios, organização de estágios e articulação com empresários. Por questões de saúde, Klefenz solicitou a dispensa de suas atribuições como representante honorário do Estado de Santa Catarina em Baden -Württemberg, o que foi aceito pelo governo estadual. Acompanhou o pedido de sua exoneração, e a indicação do senhor Sven Weigt, atual prefeito de Karlsdorf-Neuthard e presidente da BSG, nomeado na mesma função honorária de Egon Klefenz, em junho de 2022.

Esforço e trabalho conjunto

Juntas, a ACIC e a BSG têm proporcionado aos cidadãos de Santa Catarina e de Baden-Württemberg um maior entendimento sobre a história e sobre o processo da emigração e imigração, com acesso a informações sobre a história e desenvolvimento da região de seus antepassados. E, somado aos esforços dos poderes públicos, outras ações e projetos importantes foram desenvolvidos, a exemplo das Parcerias Municipais para o Clima, que envolvem governos, empresas e universidades, como o Centro Universitário de Brusque - UNIFEBE.

Referências

ACIC. Associação Catarinense de Intercâmbio e Cultura, Portfólio: Desfile Comemorativo dos 150 anos de Imigração Baden-Alemanha a Santa Catarina - Brasil (1860-2010). Guabiruba, 7-11-2010.

CÂMARA, Municipal de Guabiruba. Informativo da Câmara Municipal de Guabiruba, maio/junho de 2015, página 5.

DIRSCHNABEL, Roque. Guabiruba 50 anos emancipação. Notícias de Vicente Só. Sociedade Amigos de Brusque. Ed. nº 59, agosto/dezembro (2012), página 32.

GLATZ, Rosemari. Parceria com a Alemanha beneficia estudantes e fomenta pesquisas científicas. Jornal O Município. Brusque: junho 2020. Disponível em: https://omunicipio.com.br/rosemari-glatz-parceria-com-alemanha-beneficia-estudantes-e-fomenta-pesquisas-cientificas/

Jornal A Folha de Guabiruba, junho de 2014, página 15.

Jornal O Município. Prefeitura de Guabiruba lança selo e carimbo alusivo aos 50 anos do município. Edição impressa, 16/5/2012.

Parte III

Religiosidade: Cruzes, capelinhas, sinos e museu eclesiástico

A Capelinha
Aos olhos de quem poucas vezes viu,
Eis a capela, torre d'aliança,
Dos passeios domingais ... Quanta lembrança
Do grito em " ecos " que não mais se ouviu!
O sacrossanto altar assim surgiu
Duma promessa a uma virgem santa,
E na promessa a fé tornou-se tanta
Que ao santuário o céu também se abriu (...).
P. S. de Dória

Morro São José. Foto: Gabrieli Kohler. Acervo: Prefeitura de Guabiruba

Cruzes, capelinhas, sinos e museu eclesiástico

Autora: Rosemari Glatz

A vida de um povo é permeada por aspectos religiosos, inclusive em nossas memórias. A religiosidade também está relacionada à cultura de um lugar, e permite que se faça uma leitura – ainda que não profunda, da história de uma comunidade. Em Guabiruba, encontramos vários cruzeiros e oratórios, numa mostra concreta da forte relação do povo guabirubense com a religião católica.

Cruzes que marcam os caminhos da comunidade

As cruzes nos entroncamentos das estradas são resquícios de um velho costume europeu, trazido pelos imigrantes e perpetuado entre nós como herança de nossos antepassados.

> Cruzes estão entre as formas mais antigas de "ex-votos", expressão que vem do latim e significa: presente dado pelo fiel ao seu santo de devoção em consagração, renovação ou agradecimento de uma promessa. Na falta de outro local para reuniões religiosas, é em torno das cruzes, normalmente situadas em locais estratégicos, que se procedem as rezas e, à medida que a comunidade cresce, a cruz adquire novas características. Passa a ser maior, coberta, recebe um abrigo de alvenaria com telheiro e, aos poucos, se transforma em oratório que, no correr do tempo, será capela e igreja. Outras cruzes marcam o local em que a morte ceifou alguém, em crime ou em desastre, ou fulminado por morte repentina (PIAZZA, 1960).

Como expressão da religiosidade do povo guabirubense, além dos oratórios, têm sido erguidos cruzeiros em alguns morros, a maior quantidade no bairro Lageado Alto.

A esse respeito, o Pe. Eder Claudio Celva escreveu com muita propriedade na sua obra intitulada: História da Igreja Católica em Guabiruba: Cinquentenário da Paróquia, publicada em 2013. Segundo Celva, em Guabiruba as cruzes estão presentes no Morro do Vinotti (em dialeto trentino: Mont Grant) de onde se tem amplo panorama para o bairro Planície Alta e adjacências; no Morro do Carneiro Branco, de onde se tem vista panorâmica para Botuverá, Guabiruba e cidades próximas; no Morro da Gueba, que dá vista para vários bairros de Guabiruba e para além do município; no Morro da Garrafa (em dialeto trentino: Mont della Botilia), de onde se tem visão para Botuverá e para o Vale da Lama Amarela (em dialeto trentino: Paltane Zalde). Também no Morro do Spitzkopf, no bairro São Pedro, além do belo mirante paisagístico na Reserva Florestal da Kohler & Cia.

Cruz dos sonhos e propósitos:
a mais recente de Guabiruba

Em 2020 foi erguida mais uma cruz em Guabiruba, implantada às margens da Rua Imigrante, nas proximidades da divisa de Guabiruba com a cidade vizinha, Brusque.

A cruz é linda, transborda boa energia e muita fé, e foi construída por Fabiano Siegel e sua família, em função de um sonho que ele teve.

Em 2020, a humanidade viveu momentos difíceis em função da pandemia da Covid-19 e, tão logo surgiram os primeiros casos, no dia 17/03/2020 o Governo de Santa Catarina decretou situação de emergência por causa da pandemia do coronavírus. E foi por aqueles dias que Fabiano Siegel teve um sonho no qual ele se via erguendo uma cruz. Estando em casa em função do "lockdown" decretado para tentar conter o avanço do coronavírus, e não querendo ficar sem ter o que fazer, Fabiano e sua esposa Wanneida Luizelita Laurenço Pereira Siegel, com a ajuda dos filhos Joaquim e Wicente Siegel, imediatamente começaram a construir a cruz, em casa mesmo, utilizando madeira do tipo peroba que restou da antiga casa paroquial de Guabiruba, já demolida.

Segundo Siegel (2021), a cruz é dedicada às pessoas que têm sonhos e propósitos, que sempre vão precisar de Deus para executá-los. A cruz foi erguida no dia 30 de abril de 2020 e abençoada pelo Padre Silvano Borba, vigário paroquial de Guabiruba.

"Avançam os estandartes do rei, brilha o mistério da cruz"
Parte da primeira estrofe do Vexilla Regis (hino latino mundialmente famoso, escrito pelo poeta cristão e santo Venantius Fortunatus, bispo de Poitiers).

Capelinhas

Em Guabiruba, os lugares de devoção mais significativos para a comunidade são os oratórios Santo Antônio em Lageado Alto e São José de Aymoré. São os principais, inclusive com reconhecimento arquidiocesano e com festas anuais. Inclusive com algumas romarias. Depois há

Oratório Santo Antônio. Foto: Rosemari Glatz

capelinas de beira de estrada, geralmente particulares.

Conforme informado por Roque Luiz Dirschnabel (2021), em Guabiruba as capelinhas, assim como as Casas Enxaimel, são tombadas como patrimônio histórico-cultural pela Lei Orgânica do Município, que é a lei maior, equivalente à Constituição do Município. Isso significa que as Capelinhas não podem ser demolidas, sob pena de responsabilidade civil e criminal.

Oratório Santa Cruz – Rua São Pedro (Peterstrasse)

A capelinha da rua São Pedro existe desde a chegada dos primeiros colonizadores alemães em Guabiruba, no ano de 1860. Nela, distingue-

se o primitivo crucifixo: uma obra primorosa de algum santeiro popular desconhecido.

A capelinha foi erguida estrategicamente no fim da estrada geral do bairro – rua São Pedro (Peterstrasse), inicialmente denominada pelos imigrantes como "Karlsdorf" – no entroncamento de acesso às localidades de Alsácia e Lorena.

Em 1927, foi construída uma nova capelinha anexa à escola, pequeníssima, mas de bela arquitetura. Era ponto de parada para os seminaristas do Convento de Brusque quando estes faziam seus passeios anuais, pois eles paravam ali para celebrar missa e descansar, para depois prosseguirem a caminhada até o morro do Spitzkopf.

No final dos anos de 1960, a antiga capelinha foi demolida e foi construída uma nova, separada da escola. Em 2011, essa capelinha também foi demolida e, no mesmo local, foi construída a atual capelinha conhecida como Oratório Santa Cruz.

Oratório Santo Antônio – Lageado Alto

Exemplo típico de capelinha onde se realizam pequenas romarias, o Oratório Santo Antônio está implantado no bairro onde os imigrantes italianos foram instalados a partir de 1875, quando começaram a chegar em Guabiruba.

A primeira capelinha foi construída em cumprimento a uma promessa feita a Santo Antônio de Pádua. Eles haviam prometido que, se a peste que estava aniquilando o gado se extinguisse, iriam edificar uma capelinha em honra ao padroeiro invocado. A peste se extinguiu e assim surgiu o primeiro "capitelo" (santuário à beira da estrada). Para ornar esse primeiro capitelo de chão batido e coberto de folhas, o senhor Smaniotti doou um quadro trazido de seu país de origem, que passou à veneração pública. No dia 13 de junho de 1908, como era grande festividade, dia de Santo Antônio, inauguraram o "capitelo" e promoveram uma pequena e improvisada festa. O número de participantes resumia-se, praticamente, aos serradores fundadores e alguns outros homens que também resolveram participar. Como a devoção a Santo Antônio era muito concreta entre os italianos, na mesma data, no ano seguinte, a festa foi realizada com mais participantes, aumentando a cada ano a afluência às festas do local (Celva, 2013).

A capelinha foi substituída por outra em 1929, de alvenaria, que substituiu a primeira de madeira. Em 1978, a capelinha de 1929 foi der-

rubada e, em 1979 a terceira capelinha foi inaugurada e posteriormente demolida em 2008, para dar lugar à nova obra. Passados exatos 100 anos da inauguração da primeira capelinha, em 13 de junho de 2008 foi inaugurada a atual, uma atrativa capelinha toda construída em granito cinza, que simboliza a transcendência na vida de todo mortal.

Oratório sem nome: cruzamento dos bairros Centro e Pomerânia

Cruzes são amplamente utilizadas para proteger a passagem em encruzilhadas e especialmente em pontos de destaque, dominando a paisagem e anunciando que aquele espaço está ocupado por homens dotados de crença em Jesus Cristo. Implantado estrategicamente no cruzamento dos bairros Centro (Guabiruba Norte), Pomerânia (Pommertrasse) e, em direção ao Aymoré, a capelinha foi construída pela comunidade local, principalmente da Pomerânia. Ao longo do tempo, uma ou mais reformas mudaram as características originais da capelinha, dedicada a Santa Cruz, símbolo máximo do cristianismo, presente nos diferentes momentos da vida e da morte. Ao realizar o sinal da cruz, invoca-se o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

Em relação ao antigo nome dos bairros, cabe informar que o bairro Aymoré era denominado Weiherstrasse (Estrada de Weiher), em homenagem a Weiher, e que Pomerânia era denominada Pommerntrasse (Estrada dos Pomeranos), em homenagem à região da Pomerânia. Weiher e Pomerânia eram os lugares de origem da maioria dos imigrantes que se instalaram naqueles bairros a partir de 1860.

O oratório que fica no cruzamento dos bairros Centro e Pomerânia possui uma linda cruz, na qual está escrito, no dialeto bandenser: "Im Kreiz ist Heil", que significa: "na Cruz está a Salvação". De acordo com Celva (2022), presume-se que a edificação atual seja do ano de 1913, ano em que foi esculpida a cruz. Deve ter havido outro antes.

Oratório São João

Edificada no bairro Guabiruba do Sul (Langstrasse), na bifurcação da estrada que leva aos bairros Lageado Baixo e Planície Alta, a capelinha teve sua origem com a instalação da usina hidroelétrica de João Bauer.

Conta-se que a capelinha foi uma iniciativa do pioneiro da energia elétrica da região de Brusque, possivelmente por ter feito alguma pro-

Oratório São João. Foto: Rosemari Glatz

messa. O pioneiro da energia elétrica costumava promover a festa de São João nas proximidades da capelinha, ocupando a rua e pastagens dos arredores e utilizando as benfeitorias da sua própria fazenda.

Quando teve oportunidade, Bauer se transferiu para Brusque, mas os seus empregados continuaram a celebrar a Festa de São João no entorno da capelinha, como vinham fazendo há muito tempo. A Festa se popularizou, foi crescendo e, na década de 1970, foi transferida para a Capela Nossa Senhora Aparecida.

Com o passar do tempo, o local que abrigava uma singela cruz de madeira foi recebendo melhorias. Em 27/08/1939, foi benzida uma nova capelinha, com sua simpática arquitetura de forma sextavada. Em 2007, a capelinha que havia sido benzida em 1939 foi demolida, e em 2008, foi erguida a atual capelinha.

Morro de São José: cruzeiro, capelinha e mirante

Localizado entre os bairros Aymoré e Planície Alta, o Morro de São José é muito conhecido entre os guabirubenses e um importante atrativo turístico. O local é público e o acesso de automóvel pode ser feito via bair-

ro Planície Alta. Pelo bairro Aymoré, o acesso é somente a pé. Nas duas entradas há um pórtico.

Segundo o padre Eder Claudio Celva (2013), há muitos anos os colonos guabirubenses vinham sofrendo com tempestades e frequentes chuvas de granizo que devastavam as lavouras e que chegavam até a matar animais.

A verdadeira calamidade aconteceu em 05/10/1962, quando foram dizimadas muitas lavouras e animais domésticos. Até animais silvestres foram encontrados mortos. A tempestade de granizo daquele 5 de outubro — que durou apenas 8 minutos —, foi tão violenta que, em alguns lugares, foi o suficiente para o granizo acumulado chegar a quase meio metro de espessura e, mesmo dias após, em algumas partes o gelo ainda era encontrado com facilidade nas grotas. Foi a gota d'água, e o padre Pedro Mathias Engel SCJ, pároco da igreja matriz Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, de Guabiruba, se compadeceu dos colonos e procurou resolver o caso, apelando ao patrocínio de São José, padroeiro dos trabalhadores.

Procurado pelos fiéis, o padre Mathias falou que era preciso escolher um lugar alto, para proceder a uma bênção a todo o município. Em final de 1962, padre Mathias subiu a montanha com alguns homens do bairro Aymoré, abrindo uma picada a facão. Chegando ao topo, ficaram extasiados com a maravilhosa vista panorâmica. Após um breve descanso, ergueram uma tosca cruz e padre Mathias lançou o desafio para que ali fosse construído um cruzeiro de concreto em substituição ao provisório. A ideia contagiou as pessoas e iniciou-se um mutirão para levar ferro, cimento, areia e água até o local. No Natal de 1962, a cruz estava pronta, esperando para ser abençoada.

Em 06/01/1963, em procissão, o povo adentrou a picada levando as provisões necessárias. No final do trajeto, houve pausa para descanso e para apreciar a vista espetacular, verdadeira recompensa da natureza depois da íngreme subida. Foi então encravada, no melhor ponto, a cruz em honra de Cristo Rei e, aos pés da cruz, padre Mathias fez um sermão e uma alusão ao sacrifício que o povo havia acabado de fazer. Arrancou lágrimas dos presentes quando benzeu o cruzeiro e o consagrou ao recém-fundado município de Guabiruba, a Jesus Cristo e a São José, padroeiro dos trabalhadores.

Em 1963 o acesso ao morro foi melhorado e teve início a construção da capelinha dedicada a São José. Todo o material novamente teve que ser transportado nas costas, e até as crianças da escola ajudaram, levando, em sacos, pequenos volumes de areia e tijolos. A capelinha foi benta

em 7/9/1964.

Em 2012, a pequena capela implantada no alto do Morro de São José passou por melhorias. Foi edificado o primeiro galpão de alvenaria e erguida uma nova cruz, de concreto, bastante alta e imponente. A iluminação dá projeção à cruz e imprime respeito, podendo ser visualizada de diversos lugares de Guabiruba.

Sinos em Guabiruba

Texto produzido com base no livro do Pe. Eder Claudio Celva: História da Igreja Católica em Guabiruba: Cinquentenário da Paróquia (2013). Padre Celva (2013, p. 255 e seguintes) conta que desde épocas imemoriais, em vários quadrantes da terra, verificou-se o uso de instrumentos que produzissem som, com a função comunicativa. Em Guabiruba, na ausência de sinos, os colonos disparavam aos ares com suas armas. No final de 1861, a capela Maria Hilf (centro) de Guabiruba estava em pleno funcionamento. Em fins do ano seguinte, os imigrantes da linha de Weiherstrasse (atual bairro Aymoré) também ergueram sua modesta capelinha, dedicada a Santo Afonso.

Primitivo sino de 1864. Acervo: Museu Casa de Brusque

Logo de início, os imigrantes perceberam que faltava algo para que pudesse ser uma igreja de verdade: um sino. Mas como conseguir um objeto de tão alto valor naqueles

tempos? Era difícil, sem dúvida. Mas, com grande esforço, foram angariados os recursos financeiros necessários para adquirir um sino.

O sino, para os alemães, italianos e poloneses, era essencial. No Brasil, era difícil adquiri-los. Conseguia-se com mais facilidade na Europa, por intermédio de amigos e parentes. No ano de 1864 os imigrantes encomendam um sino na querida pátria alemã, por intermédio dos senhores Franz Karl Bohn e Theodor Reichert, para ser um verdadeiro sinal que regulasse toda a vida eclesial e social. Como o bronze do sino era alemão, os imigrantes podiam sentir-se mais perto do aconchegante berço de origem.

Esse sino foi o primeiro no gênero que adentrou a Colônia Itajahy, hoje Brusque, e traz a seguinte inscrição em alto relevo: Mich goss Karl Riedel in Wiesenthal fuer Herrn Theodor Reichert und Franz Karl Bohn in Hambrücken. Que quer dizer: Fundiu-me Carlos Riedel de Wiesenthal para o senhor Teodoro Reichert e Francisco Carlos Bohn em Hanbrücken. (Tradução: Joselino Schlindwein, informado por Celva, 2013). Esse precioso sino foi uma oferta para toda a Colônia alemã de Guabiruba. Presume-se que os senhores Reichert e Bohn foram nomeados na inscrição, ou por serem conhecidos do fundidor, ou por serem responsáveis pelo seu recebimento e instalação na capela da comunidade. Como os dois responsáveis, nominados no sino, foram assentados na Linha de Weiherstrasse (atual bairro Aymoré) após a emigração, acredita-se que o sino tenha ido para a capelinha de Santo Afonso, na localidade.

Foi providencial a ideia do padre Gattone substituir a capela Santo Afonso (Aymoré) por uma escola, e então o sino foi para a capela de Maria Hülf (centro de Guabiruba). O Padre Celva (2013) nos presenteou com uma pequena cronologia dos lugares onde o sino cumpriu sua função, exprimindo sentimentos e fatos vividos pela comunidade:

De 1864 a +/- 1867: Capela Santo Afonso (Aymoré);

De 1867 a 1941: Capela Maria Hilf (Guabiruba - Centro);

De 1941 a 1944: Permaneceu desativado na capela de Guabiruba;

De 1944 a 1964: Emprestado à capela São Vendelino, Lageado Baixo;

De 1964 a 1978: Permaneceu desativado na Igreja Matriz;

De 1978 até hoje: Capela Nossa Senhora Aparecida, Guabiruba do Sul.

A igreja da Sede de Brusque, por sua vez, teve o seu primeiro sino dois anos após, em 1866, informa Celva (2013). É o conhecido "Ana Suzana" que atualmente está no Museu Arquidiocesano Dom Joaquim, em Azambuja. Esse sino foi destinado exclusivamente ao relógio da torre da Igreja Matriz de Brusque até 1919, quando a Matriz São Luis adquiriu

três novos sinos. O maior, com a invocação de Nossa Senhora. O médio, sob a invocação de São Valentim. E o último, com a invocação de São José (patrono dos moribundos e da boa morte). Esse último, repicando nas ocasiões fúnebres, em toques plangentes e compassados.

Celva (2013) informa que na festa de São Luis Gonzaga de 1930, o dinâmico padre Germano comprou da empresa alemã Petit Gebrueder Edelbrock quatro novos sinos. São os mesmos que se encontram na Matriz São Luis, de Brusque, ainda hoje.

Os sinos de 1919 estavam na Matriz de Brusque, desativados, e foram oferecidos pelo padre Germano ao Conselho de Fábrica da capela de Guabiruba no ano de 1934. No ano seguinte foram adquiridos, sendo preciso adaptar e solidificar o campanário da capela de Guabiruba para acolhê-los. A instalação e inauguração deles em Guabiruba ocorreu em 2 de agosto de 1941, tomando o lugar do sino primitivo.

Em 1978, o primitivo sino de 1864 encontrava-se desativado, informa Celva (2013), quando o Padre Ivo decide oferecê-lo à recém-iniciada capela em Guabiruba do Sul. No ano seguinte, a comissão da capela São Cristóvão, de Aymoré, pediu para que o sino pudesse ser instalado no galpão de madeira onde se realizavam as celebrações. O pedido parece ter chegado tarde, pois já estava no galpão da comunidade Guabiruba do Sul, aguardando uma armação para acolhê-lo. Quando edificaram a capela Nossa Senhora Aparecida, o sino foi instalado naquela torre, onde permanece até hoje. Na torre da matriz de Guabiruba ainda badalam os três sinos de 1919, comprados da Matriz de Brusque. Com a chegada do novo Milênio, pensou-se em motorizá-los, trabalho realizado em 1999, por uma empresa de Timbó. Além da motorização, o patamar de colocação dos sinos também foi alçado, conclui o padre Eder Claudio Celva (2013).

Caminhada Ecológica e Religiosa do Morro de São José

A capelinha de São José foi benta em 7/9/1964 e completou 50 anos em 2014. Num domingo de 2014, uma procissão de fiéis subiu até o alto do morro que leva ao oratório, num percurso de 800 metros, colocando imagens nas 43 pequenas capelinhas de madeira nas curvas do estreito caminho.

O trajeto, feito a partir da rua Carlos Boos, nº 2700, seguindo pela rua Padroeiro São José, no bairro Aymoré, pode ser feito em uma hora de ca-

Capelinha de São Cristovão. Foto: Rosemari Glatz

minhada, mas durou cerca de uma hora e meia, pois durante a caminhada um pároco fez a bênção em cada uma das pequenas capelas.

Atualmente, o caminho é conhecido como local de fé e peregrinação, percorrido por religiosos e por amantes da natureza. No final da trilha que reúne ecologia e religião, é possível acessar o Mirante do Morro São José, onde se encontra o Capelinha de São José. Dali também é possível acessar o Mirante da Pista de Parapente de Guabiruba.

No dia 7 de setembro de 2021, data que marcava os 57 anos de existência do local criado por moradores que expressavam sua fé, o Morro e Oratório São José sofreram atos de vandalismo. As 43 pequenas capelinhas de madeira nas curvas do estreito caminho e as imagens dos santos que se encontravam no local foram completamente depredadas. A comunidade São Cristóvão (Aymoré) lamentou o ocorrido e comunicou sua tristeza com este verdadeiro atentado à sua fé. E, na esperança de tempos melhores e de mais respeito, o Caminho da Fé recebeu novamente as imagens e as capelinhas, demonstrando o respeito e o carinho da comunidade com o Morro e Oratório São José, invocando: "São José, rogai por nós..."

Memorial Ítalo-Guabirubense Sacristão Francesco Celva: Um Museu Eclesiástico

Em entrevista realizada com Pe. Eder Claudio Celva em maio de 2022, ele conta que, ainda muito jovem, talvez mesmo criança, gostava de saber da história da sua localidade. O tempo passou, a pesquisa foi avançando e, de pouco a pouco ir pedindo, ia recebendo objetos antigos em Lageado Alto. Primeiramente, apenas de sua própria família. E depois passando de casa em casa para esmolar velharias, o que não se revelou tão produtivo, pois os objetos já eram poucos e porque muitos não haviam compreendido bem a finalidade do museu eclesiástico de Lageado. Já se havia dado cabo a muita coisa por venda ou por desprezo. Várias peças tiveram que ser pagas, inclusive.

Naquele tempo, parecia desnecessário, ou sem finalidade tal trabalho que Celva realizou. Parecia tarde demais, quando este trabalho deveria ter sido feito na década de 1970 ou 1980, quando a comunidade ainda não estava esfacelada pelo êxodo, e ainda viviam muitos nascidos no século XIX, estes que estavam ligados diretamente aos imigrantes da primeira hora. Pe. Eder conta que tinha a sensação de recolher só coisas sem graça, que sendo tão poucas, todos conheciam, e não tinham dotação de atração por raridade, dando ao local um aparente depósito de velharias sem valor. Mas com o espírito tentado, ele não desanimou. Os quase dois meses anuais de folga do Seminário eram gastos por Celva neste trabalho escondido e exigente (Celva, 2022).

Hoje Pe. Eder constata que a maior parte das casas ou ranchos de onde ele obteve as peças que agora estão expostas no Memorial Ítalo-Guabirubense Sacristão Francesco Celva, quase nenhuma mais se encontra de pé e quase não há mais uma única casa antiga na localidade. Se este trabalho fosse realizado hoje, pouco ou mesmo nada mais se encontraria, nem mesmo daquilo que lhe parecia tão sem importância naquele tempo, pois eram coisas que ele mesmo conhecia à exaustão.

Agora o Pe. Eder constata que em tão pouco tempo o muito que ainda ficou na casa das pessoas, simplesmente desapareceu. É um filho ou neto da cidade que leva a antiguidade, é a transmissão para outras mãos por algumas notas de reais, ou por abandono e degradação.

Em 13 de junho de 2008 um novo ânimo: surge um livro sobre os imigrantes italianos em Lageado Alto. Esta ocasião levou Pe. Eder Claudio Celva a um segundo passo: o de ter um lugar para guardar e dispor aquilo

Memorial Ítalo-Guabirubense Sacristão Francesco Celva. Foto: Valci Reis

que havia restado e havia sido recolhido por ele durante os anos de pesquisas e buscas. De início, ele pensou em alocar o memorial na escola do bairro. Estranhamente, algum tempo após, a Escola Isolada Santo Antônio foi demolida pela prefeitura municipal (CELVA, 2022).

Durante as férias, quando retornou do Seminário, dedicou-se a iniciar a custosa obra para ter um lugar para guardar e dispor aquilo que havia sido recolhido por ele durante os anos de pesquisas e buscas. Grandes foram as dificuldades que se antepunham. A pequena biblioteca era enriquecida ao sabor do interesse pessoal. Mas era necessário ter um local específico para reunir todo o material. Com a ajuda do pai, ergueu anexo a sua residência um Pré-Memorial, armazenando as peças, cujo acervo existente reunia peças de vários gêneros e épocas dos imigrantes trentinos em Guabiruba. Até aqui era um museu pessoal.

A ideia já era transmitir para a comunidade o museu. Pe. Eder convocou alguns amigos para colaborarem com a construção do prédio que atualmente abriga o acervo, constituído inicialmente só com peças de sua própria família recolhidos em Lageado Alto, e até hoje as peças, em sua maioria, são frutos da herança dos seus antepassados. Assim, temos, em 2009, a fundação do Memorial Ítalo-Guabirubense Sacristão Francesco Celva. (CELVA, 2022).

O prédio oficial foi construído a partir de 2010, e com lentidão por causa dos recursos muito escassos. A nova sede do Memorial Ítalo-Guabirubense Sacristão Francesco Celva foi inaugurada em 8 de dezembro de 2013 e está edificada na rua geral do Lageado Alto, Guabiruba, em propriedade da Mitra Metropolitana de Florianópolis, ou seja, é um Museu Eclesiástico.

Pe. Eder conta que se trata de um modesto Museu Eclesiástico, pois a Igreja sempre deu importância aos bens culturais dos povos. Ela própria a conscientizadora da historicidade das coisas, da passagem do tempo, e da conclamação dos homens de boa vontade para que colaborem para edificar uma obra a que cada um é chamado por sua missão existencial e eternal. É, portanto, uma obra cultural da Comunidade Católica de Lageado Alto, a serviço da coletividade. Tem por finalidade salvaguardar a memória de seu povo, por meio de seu acervo, conscientizando gerações atuais e futuras sobre a importância de nossa própria história e também do catolicismo local, pois foi em volta da capela Imaculada Conceição que a comunidade se organizou, e sem a fé católica pouco pode ser compreendida.

Pe. Eder também nos ensina que não se tem pretensões simplesmente turísticas com o memorial – para que os de dentro sintam orgulho e os de fora nos aplaudam. O memorial é simplesmente "alguém" que nos oportuniza filosofar vendo: o que significa a jornada humana na transitoriedade do tempo, do lugar, da missão. Mostra o que passa e o que permanece. Indica que tudo começa e também finda. Um acervo é lugar para se ver como é bom pensar. Mostra que somos precários e mortais, e mesmo assim, nossa obra permanece no mundo, mesmo que anônima. As marcas do tempo que passa, das gerações que se sucedem, dos meios empregados no passado para viver na dignidade, na justiça e na caridade. Nos oferece uma senda de responsabilidade, de constância e perseverança nas possibilidades que hoje estão nas nossas mãos, neste tempo que é o nosso e não em qualquer outro tempo, antigo ou futuro.

O museu é uma proposta de um presente que não começou conosco – tem passado –, e se projeta para frente e para cima, continua Celva (2022). Na simplicidade das peças do memorial entendemos um pouco isso, inclusive o que representa a vida de tantas pessoas que nos precederam – e nem conhecemos – seus usos e costumes, sua religiosidade e fé, as alegrias e as esperanças, o trabalho e o cotidiano de uma pequena aldeia. Pe. Eder (2022) cita como estímulo as diretrizes da Igreja:

> Numa cultura, às vezes desagregada, somos chamados a realizar iniciativas que tornem possível redescobrir o que cultural e espiritualmente pertence à coletividade, não no sentido estritamente turístico, mas propriamente humano. Neste sentido é possível redescobrir as finalidades do patrimônio histórico-artístico, para usufruí-lo como um bem cultural (Pontifícia Comissão Para os Bens Culturais da Igreja (2001).

A iniciativa do acervo é recente, em Guabiruba é o primeiro no gênero, e a maioria de seu patrimônio reverencia o catolicismo e a imigração na cidade, principalmente no bairro em que se situa.

Referências

CELVA, Eder Claudio. História da Igreja Católica em Guabiruba: cinquentenário da Paróquia, 2013.

CELVA, Eder Claudio. Depoimento concedido a Rosemari Glatz via e-mail em 7 de maio de 2022.

CELVA, Pe. Eder Claudio. Entrevista por e-mail. Em 18 de maio de 2022.

DIRSCHNABEL, Roque Luiz. Depoimento concedido a Rosemari Glatz via e-mail, no dia 18 de janeiro de 2021.

DÓRIA. P. S. História Esperancense. A menor capela do mundo fica em Esperança, Paraíba. Disponível em: https://historiaesperancense.blogspot.com/2018/05/a-menor-capela-do-mundo-fica-em.html. Acesso em: 17 jan. 2021.

PIAZZA, Walter. Folclore de Brusque. Edição Comemorativa do Centenário de Brusque. São Paulo: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, 1960.

Pontifícia Comissão Para os Bens Culturais da Igreja. Carta Circular: A Função Pastoral dos Museus Eclesiásticos. Vaticano 2001. P. 7.

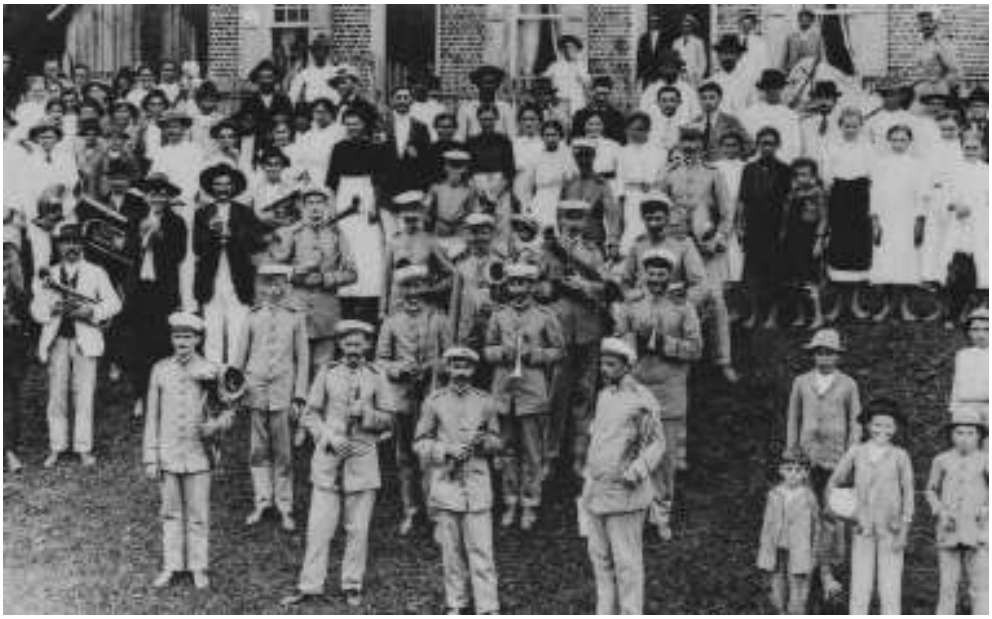
SIEGEL. Fabiano. Cruz dos sonhos e propósitos. Depoimento concedido a Rosemari Glatz via WhatsApp, no dia 4 de janeiro de 2021.

VEXILLA REGIS. Letra disponível em: <https://www.letras.mus.br/catolicas/vexilla-regis-latim/traducao.html>. Acesso em: 29 dez. 2020.

VEXILLA REGIS. Disponível em: https://www.adapostolica.org/vexilla-regis-os-estandartes-do-rei/>. Acesso em: 17 jan. 2021.

Parte IV

Música



Bandas Concórdia e Guabiruba, em uma confraternização no Natal de 1916, na cervejaria de Vicente Kormann. Acervo: Padre Eder Celva

Canto Coral na Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro

Autor: Roque Luiz Dirschnabel
E colaboração do Pe. Eder Claudio Celva

O Canto Coral na Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro iniciou desde que tiveram a primeira ermida. Muitos imigrantes alemães tinham bons rudimentos musicais, mas instrumentos, na nova terra, eram quase inexistentes. Então apenas se cantava, sem acompanhamento. Quando se apresentaram oportunidades, foram adquiridos os primeiros instrumentos para a música sacra da capela.

> Onde os colonos alemães construíram uma pequena igreja, ali também cantam, de bom grado, os hinos religiosos alemães. Comove o missionário, despertando-lhe inclusive saudade da pátria, quando ele, depois de visitar comunidades lusas, italianas

> ou mistas, chega a uma capela alemã, e lá ouve todos, jovens e velhos, cantando e rezando em alemão na santa missa, exatamente segundo o modelo da nossa maneira alemã de cantar. Nos centros coloniais maiores, também já se formaram verdadeiros corais de Igreja, cujas apresentações seriam, com certeza, aprovadas por um crítico de música sacra. Nesses centros formam-se também outras associações de canto e música popular, com a finalidade de proporcionar horas de lazer a seus associados e seus concidadãos, mediante o cultivo da boa música (DIRKSEN, 2004).

Pelo que há de registro, desde os primórdios, em Guabiruba, dedicava- se à música um grupo de homens sob a coordenação de alguns membros da família Orthmann.

Orthmänner Kapelle

Pequeno conjunto de sopros, com sua sede a seis quilômetros da Vila de Brusque, no local chamado Guabiruba. Eram seus principais componentes os irmãos Orthmann – os Orthmänner. Daí a origem do nome deste conjunto. Sabe-se que os irmãos Orthmann foram excelentes músicos e que mais tarde ingressaram nas bandas "Liberdade" e "Concórdia" (Álbum do Centenário de Brusque, 1960).

Pela informação que temos, diz Celva (2022), os Orthmann eram luteranos, a música desse conjunto deveria ter mais um fim cultural para animar eventos citadinos. Mas nada impede que tenham, por alguma razão, que nos é desconhecida, atuado nas celebrações da capela de Guabiruba. Por volta de 1910, seus integrantes passaram a constituir duas novas bandas, Liberdade e Concórdia, passando a ter seus interesses mais voltados para Brusque Sede, por causa da maior facilidade de apresentações e melhores recursos financeiros.

A Banda Concórdia de Brusque

Foi inicialmente orientada por Antônio Schwartz. Os irmãos Maffezzolli, além dos Orthmann e também outros integravam a Banda Concórdia de Brusque. Em 1918, Schwartz foi substituído pelo Padre Theodoro Borgmann, exímio clarinetista e compositor. No mesmo ano iniciou o coro católico na Matriz de Brusque, sob a inspiração dos padres Timóteo Meller e Fernando Baumhoff.

Sociedade de Cantores

Em Guabiruba, a 10 de março de 1919, fundou-se a Sociedade de Cantores, recebendo o nome inicial de Concórdia; que, além de música religiosa, também se dedicava à folclórica. Alguns integrantes desse grupo, em 1925: Antônio Kormann, Júlio Schumacher, Adolfo Kormann, Bernardo Kohler, Otto Reichert, João Boos Júnior, Osvaldo Gleich, José Schlindwein, Francisco Kohler, Alberto Reichert, Teodoro Belli, Otto Schaefer, Valentim Wippel e José Nuss. Os ensaios eram semanalmente às quartas-feiras à noite. Em 16 de novembro de 1929, por ocasião do centenário da imigração alemã em Santa Catarina, houve grandiosa programação festiva no salão de atiradores de Brusque, onde abrilhantaram a ocasião com a apresentação da Banda Musical Concórdia e Sociedade de Canto Guabiruba. Com a saída do sacerdote, assume a Direção Humberto Mattiolli, até 1938, quando foi extinta. Em 1942, surge novamente com o nome de Sociedade Musical Concórdia, por iniciativa de Aldo Krieger, com atuação bastante afamada. Em 1959, a falta de músicos fez com que seu instrumental fosse recolhido (Celva, 2022).

Com a proibição das línguas estrangeiras e a perseguição, progressivamente deixou-se de entoar músicas folclóricas alemãs que animavam as festas, e o grupo, a partir de 1931, voltou-se mais ao canto coral para

Coral da igreja Matriz de Brusque, com o Pe. Germano Brandt. O que está em destaque é Arthur Wippel. Final da década de 1920. Acervo: Padre Eder Celva

Integrantes do antigo Coral da Capela de Guabiruba, com seu regente Arthur Wippel. A foto foi tirada no dia do casamento do regente. Acervo: Padre Eder Celva

as celebrações litúrgicas, onde se cantava em latim e português. O ambiente religioso dava boa segurança, para que, mesmo em tempo de repressão, pudessem cantar algum canto em alemão. A 16 de dezembro de 1935, os estatutos foram registrados, coordenando o coral os seguintes senhores: Presidente Arthur Wippel; Vice-Presidente Carlos Kohler; Secretário Carlos Boos; Tesoureiro Luiz Kohler. Os demais integrantes eram os seguintes cidadãos: Antônio Schaefer, Teodoro Debatim, Luiz Imhof, Leo, Alfredo e Walter Kormann, Guilherme Dietrich, José Wippel, Alberto Kohler, entre outros (Celva, 2022).

Em 1956, o regente continuava sendo Arthur Wippel, que abandonou o coral devido à interferência do novo capelão, Padre Mathias Engel. Como Wippel era o regente, o coral se desfez, e todo o instrumental foi vendido para o Seminário de Azambuja. Em 1958, a Irmã Vera Ribas, que coordenava a catequese na capela, decidiu reunir algumas pessoas para o canto; assim o novo grupo cantava esporadicamente até 1961, quando vieram outras Irmãs, e era fundada a residência religiosa em Guabiruba, na rua 10 de junho, centro.

Padre Eder Claudio Celva (2022) ainda informa que no tempo da nacionalização e durante a Segunda Guerra, muitos dos antigos documentos do coral, no poder de Arthur Wippel, foram por ele destruídos. Outra

parte foi escondida no sótão, entre o assoalho e o forro do segundo piso, na casa do integrante Carlos Kohler, do bairro Pomerânia. Complementa informando que ele não deu conta de verificar este material que, segundo ele, seria precioso.

A história do Canto Coral na Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (Mariahilfskapelle) começou desde que os colonos alemães construíram uma pequena capela em 1861, quando ainda os instrumentos musicais eram praticamente inexistentes. Inicialmente cantavam hinos religiosos em alemão, e depois música popular folclorista.

Paralelamente, fundaram-se algumas sociedades de cantores, como a Banda Musical Concórdia e a Sociedade de Canto Guabiruba na década de 1920.

Em meados de 1962, a irmã Ludviga (Maria Nuremberg) impulsionou novamente o coral que nasceu dentro da igreja, local onde exerce a maior parte de suas atividades. A irmã Ludviga passou a ser a nova regente do coral, então denominado Coral Cristo Rei, com ensaios regulares e fazendo apresentações oficiais. Em 1963, com a transferência da irmã Ludviga, assume seu lugar a irmã Ercília Tomasi. A primeira solenidade do novo coral se deu com as primícias do sacerdote Nicolau Kohler. Em 1974, o Coral canta nas primícias do neossacerdote padre Alberto Huber, na capela do bairro São Pedro. Em 10 de fevereiro de 1987, o grupo pas-

Antigo harmônio da Capela de Guabiruba, final da década de 1950
Acervo: Padre Eder Celva

sou a ser denominado juridicamente Associação Cultural e Coral Cristo Rei.

Em 1º de julho de 1990, o Coral filiou-se à Liga Cultural e Recreativa Vale do Itajaí, participando de seus encontros realizados anualmente. Nestes anos, apresentou-se pela Liga em duas oportunidades: na Argentina e no Paraguai. Da mesma forma, vem recebendo coralistas anualmente para vários eventos em Guabiruba.

No dia 15 de agosto de 2003, gravaram o primeiro CD com o Hino de Guabiruba, lançado oficialmente na Câmara Municipal de Guabiruba em 9 de novembro de 2004.

Em 2010, resgatando canções do universo caipira, realizou diversas apresentações pelo estado de Santa Catarina, com o show "Brasil Caboclo", mesclando música e teatro, retratando um espetáculo de grande repercussão.

Em 2013, a Associação Cultural e Coral Cristo Rei participou do Jubileu da cidade de Karlsdorf, em comemoração aos duzentos anos de fundação da cidade.

Assim, desde os primórdios da colonização, enfrentando dificuldades, superando divergências e com interrupções, o Coral Cristo Rei, como

Formação do Coral Cristo Rei, em 2022. Acervo: Roque Luiz Dirschnabel

é conhecido, proporcionou horas de lazer e abrilhantou com maestria grandes apresentações, mediante o cultivo da boa música.

Dedicaram-se neste período com muita proficiência os seguintes regentes: Arthur Wippel, Irmã Vera Ribas, Irmã Ludviga (Maria Nuremberg), Irmã Ercília Tomasi, João Bosco, Lino Fischer, Rosalvo Schlindwein, Fráter Jorge Luiz Gonzaga e Fráter Aluízio Feuser e, desde 1984, exerce esta função o maestro Eusébio Nicolau Kohler.

Referências

CELVA, Eder Claudio. Contribuições via e-mail em 7 de maio de 2022.

DIRKSEN, Valberto. Presença e missão dehoniana no sul do Brasil (1903-1913): os pioneiros. Florianópolis: Editora da Lagoa, 2004. p. 247-248.

ÁLBUM DO CENTENÁRIO DE BRUSQUE. Edição Sociedade Amigos de Brusque, 1960, p. 234.

A música folclórica alemã em Guabiruba

Autor: Sidinei Ernane Baron

As canções que os imigrantes trouxeram

Em agosto de 1860, chegaram a Guabiruba, na Colônia de Itajaí, inúmeras famílias vindas da Alemanha. Dentre elas, veio a família Baron com meus antepassados Ignaz Baron e Johan Baron, que partiram da Comunidade de Hambrücken em 4 de maio de 1860. Traziam consigo grandes sonhos de uma vida melhor, e grande parte das famílias estava passando por necessidades na Alemanha, pois "O distrito de Hambrücken era pequeno e a área comum não podia ser aumentada para a população em rápido crescimento." (*Heimatbuch Hambrücken, 1993* – tradução do autor). Se, por um lado, nossos imigrantes tinham uma pobre bagagem de bens materiais, e, como conta Ignaz Baron[1], havia grandes dificuldades também para a família Baron: "É evidente que as famílias pobres lutam contra a miséria nessas circunstâncias." Por outro lado, esses mesmos imigrantes trouxeram uma grande riqueza imaterial: as suas *Heimatlieds*.

Naquele tempo não existiam as tecnologias atuais que nos permitem ouvir as canções quando, onde e quantas vezes desejarmos. As canções populares eram passadas de geração em geração de forma oral, em momentos diversos: nas festividades familiares e comunitárias, ou até mesmo no trabalho da roça ou dos lares. Décadas depois da chegada dos nossos imigrantes, o repasse oral ainda era o único meio utilizado no dia a dia, é o que nos conta Dona Adelina, ao relatar que, em sua infância, na década de 1940, era costume as famílias irem para a roça e ficarem cantando e ensinando músicas em alemão; é o que fazia, por exemplo, a própria mãe de Dona Adelina Nuss.

Dentro deste contexto da música folclórica repassada de geração em geração, desejo relatar as experiências musicais que vivi desde minha infância como descendente destes imigrantes e os relatos de pessoas que tiveram experiências com a música folclórica no seu cotidiano em tempos que remontam até a década de 1940.

As canções de entretenimento

Uma das lembranças de minha infância que muito me marcaram

envolve canções que podemos classificar como sendo de entretenimento. Aos domingos de manhã, era comum meu bisavô Alfredo Dietrich sentar-se na varanda de sua casa e, com sua gaita ponto, tocar músicas do seu repertório germânico. *Lustig ist Das Zigeunerleben*, *O Isabela*, *Muss Ich denn*, *O Suzanna* eram algumas das canções que eu ouvia de longe, pois morava na casa vizinha à sua. Em algumas festas de aniversário, o *opa* Alfredo também tocava sua gaita. Lembro-me de uma festa em que a mesa da cozinha foi afastada para que ali alguns casais pudessem dançar ao som das marchinhas, valsas, *rheinländer* (ritmo binário que se assemelha ao xote no Brasil) e a *mazurka*, uma "música que é tocada em ¾, com ritmo pontuado e acento característico nos terceiro e quarto compassos" (WINDMUHLE**,** 2021).

Conforme Dona Olídia Gartner de Souza também relata, as músicas *Schön ist die Jugen* e *Trink, Brüderlein, Trink* eram as mais tocadas nas festas e eventos comemorativos. Meu bisavô também cantava estas músicas, como eu mesmo também cantei em diversos grupos e momentos. Isto nos faz constatar que o repertório de canções alemãs era praticamente o mesmo entre os nossos imigrantes.

Casamentos

Os acordeonistas e bandoneonistas foram por muito tempo os animadores das festas de casamentos da comunidade guabirubense; depois do almoço ou da janta, iniciava-se a dançaria com a valsa dos noivos. Dentre as músicas cantadas no dia do casamento, está a canção *Grüner Jungfrau Kranz*, que "era cantada para a noiva no dia de seu casamento. A noiva, segurando seu buquê e de olhos vendados, ficava ao centro de uma roda formada pelas moças solteiras, que giravam ao seu redor durante a canção. Quando a canção acabava, a noiva entregava o buquê à moça que estava em sua frente" (BARON, 2017, p. 37).

Aniversários e serenatas

Uma das canções conhecidas para comemoração de aniversários é a música *Und so wünschen wir*, que, até há poucos anos, ainda era cantada pelos integrantes do coral da Capela São Cristóvão do Aymoré, para homenagear os seus integrantes em seus aniversários. Segundo relato da Dona Adelina Nuss, antigamente a "música era cantada sempre em aniversários. Um grupo de amigos se reunia e visitava o aniversariante entoando esta canção, como em uma serenata. Após o primeiro canto, entregava-se um buquê de flores e iniciava-se a segunda canção: *Wir bringen dir einen schönen Strauss*" (BARON, 2017, p. 32).

Os momentos de descanso

Dona Hildegard Baron Imhof afirma que, depois do trabalho – para nossos imigrantes, geralmente algum tipo de trabalho braçal, como o da roça –, no final da tarde as famílias se reuniam na varanda da casa para cantarem músicas com diferentes temas, como as canções relatadas anteriormente, e outras como *Das Lieben bringt Gross Freud*, *Nudelmann* e *Im einem Polenstädtchen*. Na maioria das vezes à capela ou acompanhado de uma gaita, o canto era um passatempo muito comum (já que não se tinha rádio ou televisão à época) e o frescor da tarde ou do domingo de manhã era propício para este momento de lazer e de confraternização familiar. Entre nossos imigrantes, eram mais comuns o bandoneon e a gaita de boca e, mais recentemente, o acordeom ganhou destaque pela sua sonoridade e praticidade.

Instrumentos musicais característicos

Conforme conversa que tive com o acordeonista Darci Suave nas aulas de acordeom em sua residência, antigamente os músicos não possuíam aparelhos amplificadores e tudo era muito simples, tanto para os instrumentos de percussão que acompanhavam o acordeonista (colheres, cabo de vassoura) quanto para quem tivesse algum recurso para adquirir um surdo ou chocalho.

As colheres eram colocadas entre os dedos de uma mão, de costas uma para a outra e, em seguida, percutidas sobre a outra mão (parte côncava), produzindo assim um som agudo que complementava o ritmo da baixaria do acordeom. Já o cabo de vassoura era percutido e friccionado sobre o assoalho de madeira, produzindo um som grave que marcava o pulso do ritmo que estava sendo tocado.

A vida em canções

As letras das canções alemãs relatam muitas situações do cotidiano, do contexto histórico, dos costumes e dos locais em que foram criadas ou adaptadas. Abaixo, estão alguns dos temas retratados em músicas do repertório guabirubense.

Características locais

Na música *Nudelmann*, que é uma versão da música *Die Holzauktion*, nossos imigrantes contam uma história do personagem “Nudelmann” — homem do macarrão —, que teria se casado em Blumenau, cidade vizinha

a Guabiruba, referindo-se desta forma a uma característica geográfica do nosso município.

Já a música *Da oben im Berg* (no dialeto, *Tat ova im Peich*), por ser uma canção para se improvisar, exprime bem o contexto da vida na colônia dos nossos imigrantes: "De que me serve o capim, se a foice não corta", "Um velho par de touros, uma vaca marrom", ou ainda "A primeira cozinha café, a segunda varre para fora".

Num dos versinhos, fala-se de animais presentes no cotidiano do nosso povo, enquanto se brinca com as crianças, sendo que a canção era entoada para crianças bem pequenas. Nesta versão lembrada pelo pesquisador histórico Roque Dirschnabel, cantada por sua mãe quando criança e passada de geração em geração, o cavalinho é lembrado: *Hopp, hopp, hopp! Pferdchen lauf' Galopp! Über Stock und über Steine, aber brich dir nicht die Beine.* Na brincadeira, a criança senta-se nas pernas de quem canta, enquanto se imita o cavalgar de um cavalo. Noutra versão *Hopp, Hopp, Gäule. Müller schlacht ein Schweinchen* (no dialeto, *Hoppa, hoppa, keile. Müller schlacht ein Seile*), cantada por minha oma Apolônia Albrecht, além do cavalinho, aparecem um porquinho, um bezerro e uma vaca.

Por muitos anos, a maioria de nossos imigrantes sobreviveu da lavoura e de suas criações, por isso é tão recorrente o contexto rural em suas canções.

Guerra

O povo alemão também possui muitas letras de guerra. Das canções presentes no livro *Melodien von Guabiruba*, este tema aparece nos cantos *Muss ich Denn*, *Ich bin ein Herr Soldat*, *Ich hatt einen Kameraden*, *Im einen Polenstädschen* e *Die Rosen, die Blühen in Maien.* Todas estas canções foram recolhidas em Guabiruba. Ainda que Guabiruba tenha sido colonizada há pouco mais de 160 anos e nossos imigrantes não tenham passado por nenhuma batalha em nosso território, fica a impressão, ao ouvir essas letras, de que as experiências relatadas foram vividas por eles aqui no Brasil, quando na verdade são fruto das suas histórias na Alemanha, bem como de um legado passado de uma geração para outra.

Amores

Dentre tantos temas, o amor e as paixões dos jovens também estão presentes nas canções do repertório germânico de Guabiruba. *Du, Du liegst mir im Herzen*, por exemplo, é uma canção muito conhecida que em sua letra retrata um jovem apaixonado à espera de que sua amada reconheça o quanto bom ele será para ela. A canção *O Isabela* possui uma

história bem semelhante: um jovem canta para sua amada que não sai do seu pensamento. A canção *Das Lieben bringt Gross Freud* nos faz recordar de que o amar traz grandes alegrias e nos conta sobre o coração do autor desta canção, que se encanta com uma bela moça de olhos castanhos escuros.

Lição de moral

Uma das canções que recolhi com Dona Hildegard, chamada *Es waren einmal zwei Schwestern*, chamou-me a atenção por ser uma música adaptada de um conto de fada popular infantil da Alemanha chamado *Gottes Speise* (Comida de Deus), um dos vários contos compilados pelos irmãos Grimm no livro *Kinder - und Hausmärchen*. Esta música conta a história de duas irmãs, uma rica e outra pobre. A irmã pobre pede pão à rica para que seus filhos não morram. A irmã rica lhe nega o pão e as crianças morrem. Quando o marido rico chega em casa e pede um pedaço do pão, ao cortá-lo, dele sai sangue.

As canções de improviso

Os improvisos, às vezes em forma de desafio, sempre estiveram presentes nas mais diversas culturas. Podemos constatar este elemento, por exemplo, nos versos dos repentistas ou no estilo musical do rap em suas batalhas de Mc's.

O Susana: cada nova estrofe deveria ser inventada durante a execução da música. Seguem algumas estrofes conhecidas em Guabiruba e recolhidas com Dona Adelina Nuss. Na Alemanha, encontramos outras letras, mas a melodia é a mesma da cantada em nosso município.

/:Trink'n wir noch ein Tröpfchen:\
aus dem kleinen Henkeltöpfchen.
O Susanna, wie ist das Leben doch so schön!
O Susanna, wie ist das Leben schön!
/:Alle Jahre ein Kindchen:\
Bis es neun und neunzig sind.
/:Alle Hunde bellen:\
Bloß der kleine Rollmops nicht.
/:Alle Katzen kratzen:\
Nur die kleine Mietze nicht.

Tat ova im peich: cantada nas festas, os participantes deveriam inventar uma nova letra para a melodia sempre que chegasse a sua vez de

cantar. Possui melodia fácil e verso de quatro frases. Algumas estrofes ficaram conhecidas e eram usadas para iniciar a música antes dos improvisos. É uma canção cantada no dialeto *badisch* ou badensa (como é chamado este dialeto em Guabiruba), falado por muitos imigrantes do município (BARON, 2017, p. 81).

As canções religiosas

A religiosidade do povo alemão é parte de sua identidade. Não são poucas as canções folclóricas que possuem temas relacionados à Igreja.

> Onde os colonos alemães construíram uma pequena igreja, ali também cantam, de bom grado, os hinos religiosos alemães. Comove o missionário, despertando-lhe inclusive saudade da pátria, quando ele, depois de visitar comunidades lusas, italianas ou mistas, chega a uma capela alemã, e lá ouve todos, jovens e velhos, cantando e rezando em alemão na santa missa, exatamente segundo o modelo da nossa maneira alemã de cantar. Nos centros coloniais maiores, também já se formaram verdadeiros corais de Igreja, cujas apresentações seriam, com certeza, aprovadas por um crítico de música sacra. Nesses centros formam-se também outras associações de canto e música popular, com a finalidade de proporcionar horas de lazer a seus associados e seus concidadãos, mediante o cultivo da boa música (DIRKSEN, 2004).

Segundo Dona Hildegard Baron Imhof, duas músicas em alemão eram cantadas durante as missas na comunidade São Pedro quando ela participava do coral. As músicas *Maria zu lieben, ist allzeit mein Sinn* e *Grosser Gott* eram cantadas nas liturgias de Nossa Senhora e da Santíssima Trindade. No tempo do coral, já se cantavam mais canções em português e as duas músicas em alemão eram cantadas antes do coral regido pelo frei Bertino Schappo existir. Mas ainda hoje é comum cantarmos *Maria zu lieben, ist allzeit mein Sinn*, por exemplo, quando se celebra alguma festividade do grupo de idosos da comunidade São Pedro, pois este grupo, em sua fundação, cantou-a em honra a Nossa Senhora. A canção *Maria zu lieben, ist allzeit mein Sinn*, melodia e letra, encontrada no livro de cânticos de Paderborn de 1765 (autor desconhecido), é cantada do mesmo modo na Alemanha e em Guabiruba (BARON, 2017, p. 56).

Dona Hildegard lembra, ainda, que se cantava uma novena a Nossa Senhora em alemão e os terços eram rezados em alemão na capelinha situada na bifurcação das ruas Lorena e Alsácia (bairro São Pedro). Dona Olidia Gartner de Souza lembra que, quando criança, seus pais a ensina-

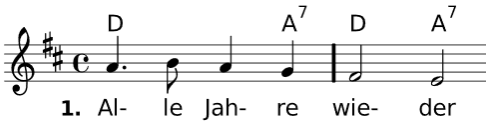
ram a rezar em alemão e assim rezavam o terço em sua residência.

Também a Igreja luterana presente em Guabiruba nas comunidades do Holstein, Lorena e Sternthal foi responsável pela inclusão de canções alemãs em seus cultos. Quando trabalhei como professor de canto na Escola Reunida Municipal João Jensen no ano de 2003, participei de ao menos dois cultos da festa da escola, ensaiando com as crianças uma canção também bem conhecida, *Weißt Du wieviel Sternlein stehen*, que cantávamos em português: "Sabes quantas estrelinhas lá no firmamento estão...".

Natal

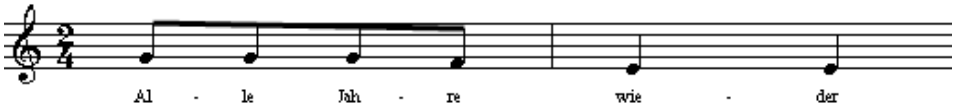
Canções como *Stille Nacht*, *Ihr Kinderlein kommet* e *O Tannenbaum* estão presentes ainda hoje no repertório das igrejas, mas, traduzidas para o português como *Noite Feliz*, *Oh vinde crianças* e *Feliz Natal, Feliz Natal*.

Outra canção de Natal também ainda presente no repertório musical de Guabiruba é *Morgen Kommt Der Weihnachtsmann*, gravada, por exemplo, pelo grupo Alemão em Canto no ano de 2020 durante a pandemia da Covid-19, de forma remota e virtual. Da mesma forma, a canção *Nikolauslied* (Canto de São Nicolau) é cantada não só pelo mesmo grupo, mas também pelos descendentes dos alemães em Guabiruba. Essa é uma canção sobre esse bispo e santo católico a quem se comemora no dia seis de dezembro – data em que se dá doces para as crianças e em que os Pelznickels passam em ruas e casas (BARON, 2017, p. 60). *Alle Jahre wieder* certamente é uma música que não pode faltar nos corais alemães e que, em Guabiruba, ganhou uma variação melódica bem característica, fruto do repasse oral. Esta variação pode ser percebida abaixo comparando-se as partituras da primeira frase da música:



Versão original disponível em:

https://www.lieder-archiv.de/alle_jahre_wieder-notenblatt_200009.html



Versão guabirubense cantada por Adelina Nuss.

As canções de criança

As canções infantis estão presentes em todas as culturas. Em Guabiruba, além dos brinquedos cantados como *Hoppa, hoppa, keile. Müller schlacht ein Seile*, temos outras canções que eram cantadas em roda ou que possuíam brincadeiras e gestos específicos.

Die Tiroler sind lustig: uma canção infantil presente no repertório dos nossos imigrantes e que possui uma sugestão de brincadeira. A melodia e a letra recolhidas em Guabiruba são as mesmas registradas em livros e sites da Alemanha. "As crianças ficam em círculo e imitam o beber durante a primeira estrofe, e o dormir durante a segunda. Durante a terceira estrofe, cada menino procura para si uma menina, em torno da qual fica dançando. Na última estrofe, primeiro a menina gira sozinha, depois o menino. Por fim, todas as crianças dançam em pares" (BARON, 2017, p. 24). Dona Adelina Nuss canta e conta que, na canção *Eins, zwei, drei, vier, fünf, sechs, sieben*, "depois a gente já era mocinha, escutava a música e fazia gestos como se cantava". Percebemos que ela fala que já eram mocinhas, pois a música fala "onde foi o meu namorado", assunto que não seria do interesse de crianças pequenas.

Brüderchen, komm, tanz, mit mir: um brinquedo cantado, recolhido com Dona Olídia Gartner de Souza no ano de 2007. A melodia cantada por ela é a mesma da Alemanha. "Trata-se de uma canção popular de

Thüringen (Turíngia), surgida por volta de 1800, conhecida também como "Jakob não tem pão em casa". As crianças, de duas em duas, ficam de frente, dão-se as mãos e se movimentam de acordo com as informações dadas durante a canção" (BARON, 2017, p. 14).

Da Steht ein Gänschen Dieb: esta canção, recolhida com Dona Hildegard Baron Imhof, é uma brincadeira de roda. "De acordo com sua explicação, uma criança fica no centro de uma roda formada pelas demais crianças, que cantam a música apontando o dedo para a criança do centro. Quando a canção termina, a criança do centro aponta o dedo para sua frente e quem estiver em sua direção deve entrar na roda para repetir a brincadeira" (BARON, 2017, p. 37).

Dona Hildegard também lembra que havia canções que eram versinhos curtos que suas irmãs cantavam. Segue uma destas canções:

Ich steh auf der Brücke, die Brücke so nass, so nass
Ich habe etwas verloren, ich weiss schon was.
Mein schöner Schatz komm rein zu mir
Du bist mein schönster Skapulier.
Ju, ja, freu dich, bleib ich wo ich bin,
mein schönes liebes Kind.
Gebe mir die Hand, du bist mir so bekannt.
Federa, ja, ja, federa ja, ja, federa ja, ja.

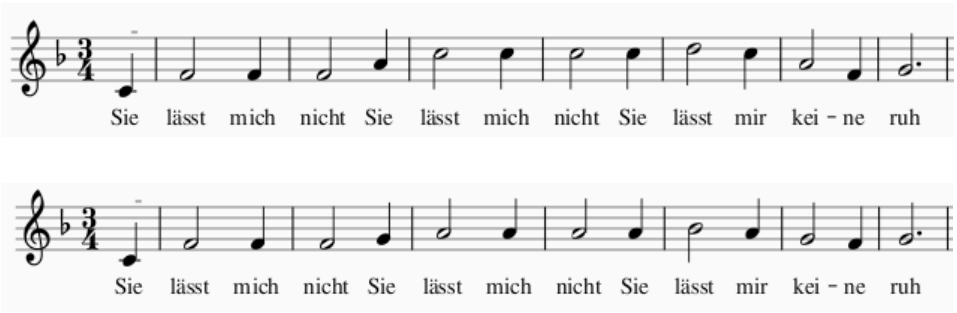
Canções com variações melódicas e textuais

O repasse oral em que cada agente executa a música da sua forma, dependendo de seus conhecimentos musicais mais ou menos aguçados e em que interpreta a letra e a modifica para ser mais significativa ao contexto que está se apresentando, fez com que tivéssemos algumas músicas com características específicas de Guabiruba.

Como diz o ditado "Quem conta um conto, aumenta um ponto. ", também assim nossas músicas tiveram além de pontos, notas musicais, palavras e ritmos acrescentados ou adaptados.

Nudelmann: melodia conhecida pelos descendentes alemães que apresenta letras diversas. Na Alemanha é conhecida como *Die Holzauktion*, uma modinha berlinense que foi composta por Franz Meiβner como sendo do Reno. Em um dos trechos de sua letra, temos: *Im Grunewald, im Grunewald ist Holzauktion* (Na mata verde, na mata verde há leilão de madeira). Em comparação, a letra guabirubense cita sua cidade vizinha: Blumenau. A mesma melodia também é utilizada para a letra *Meine Oma fährt im Hühnerstall Motorrad* (BARON, 2017, p. 62).

O Isabella: esta é sem dúvida a música alemã mais conhecida e cantada em Guabiruba. Sabemos que, na Alemanha, existe a mesma música, mas com a letra "Ah Isabela, Du bist mein Ideal". Neste caso a variação entre a versão da Alemanha e da Guabiruba é textual. Mas em Guabiruba temos também duas versões melódicas, conforme partituras que seguem, em que uma versão parece ser a segunda voz da outra:

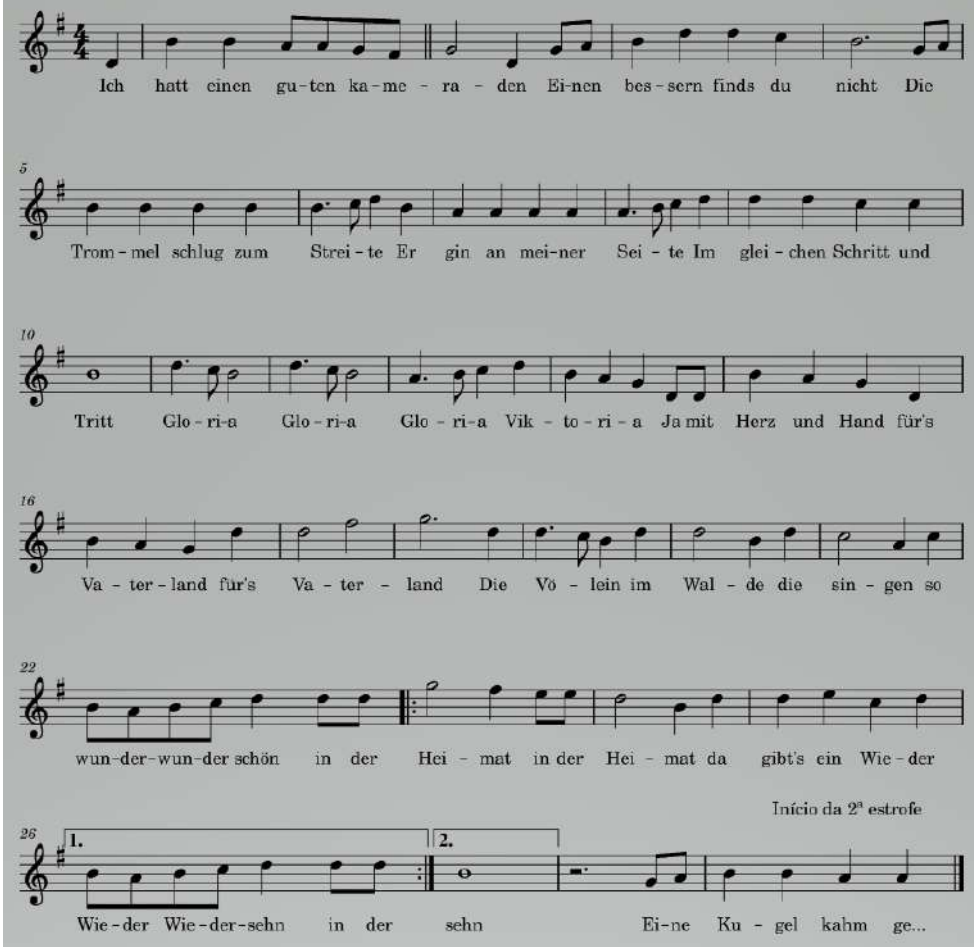


Das lieben bringt gross Freud: esta canção tem variações significativas na sua melodia. Já na primeira frase, a versão da Alemanha possui um salto de quarta que poderia ser representado por Dó – Fá, enquanto a versão cantada no bairro Aymoré possui a sequência de três notas seguidas Dó, Ré e Mi.

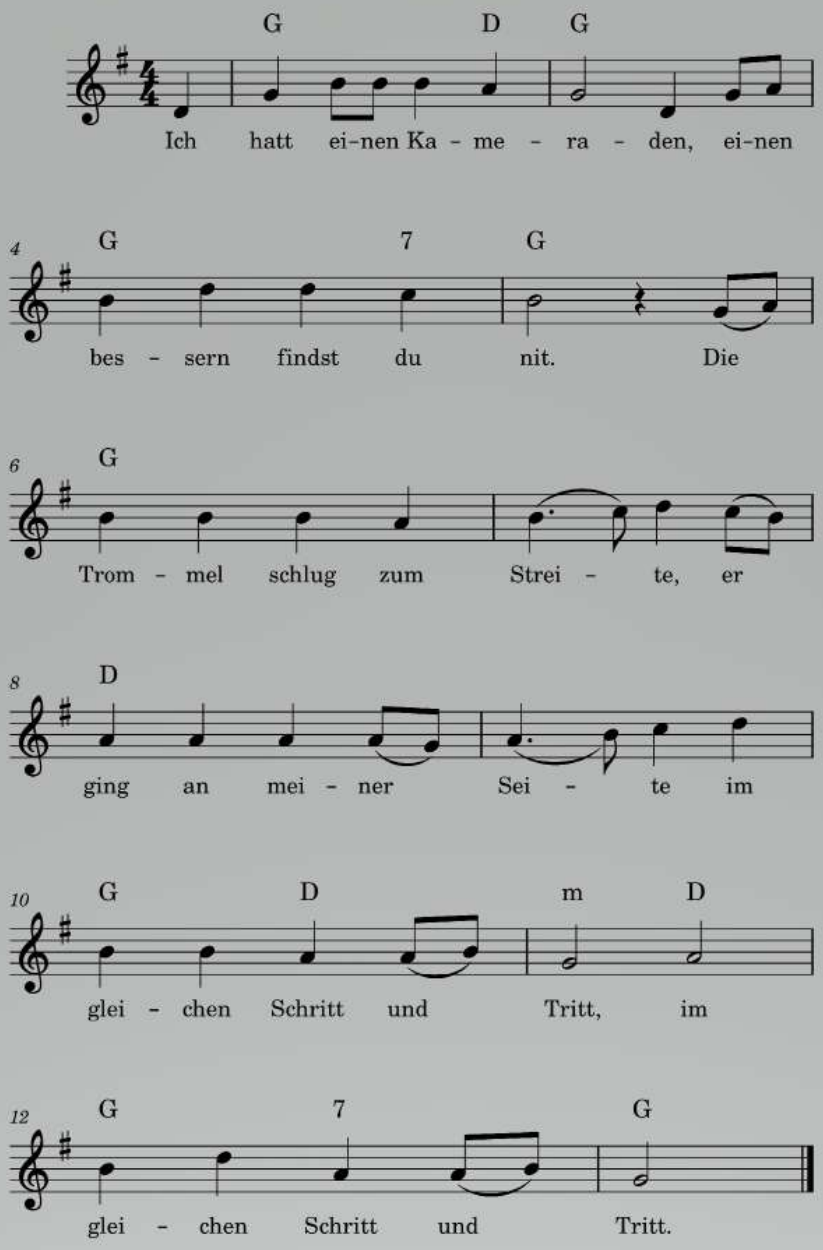
Ich hat eine Kamerraden: esta canção possui uma diferença na melodia e um acréscimo de um estribilho "gloria, gloria, gloria viktoria" que foi retirado de outra canção militar *Gloria viktoria Die Vöglein im Walde*. Seguem a versão cantada em Guabiruba e a original:

Ich hatt einen guten Kameraden

Recolhido em dez. 2008
Adelina Nuss e Ilena Nuss



Ich hatt einen Kameraden



A música alemã hoje

Mesmo depois de 160 anos da imigração alemã para Guabiruba, a música e o dialeto *badisch* ainda estão presentes na vida dos guabirubenses. São outros tempos e a música alemã não é mais exclusiva nas festas ou momentos musicais, mas os *heimatlieds* permanecem atualmente, prova disso são os grupos musicais e de dança que preservam a música alemã em nosso meio.

Banda Das Lebenslied

Grupo formado no ano de 2008 como um projeto musical com alunos e ex-alunos da Escola Básica Municipal Padre Germano Brandt, tem como um dos seus objetivos a manutenção do repertório musical alemão de Guabiruba. Destacam-se, entre as suas ações, a participação nos eventos municipais, a gravação do CD *Die Zeit* e as conquistas de campeonatos estaduais e nacionais de bandas e fanfarras.

Das Lebenslied Glockenchor

Coral de sinos ligado à Banda Das Lebenslied que, assim como a Banda, resgata e interpreta canções alemãs. O repertório é arranjado para que possa ser tocado pelos integrantes, com os 32 sinos de mesa trazidos da Alemanha no ano de 2013.

Grupo alemão em canto

O Grupo Alemão em Canto, de Guabiruba, foi fundado em 2011. Desde então tem promovido a cultura do encontro entre pessoas que preservam a língua, a música e os costumes que foram trazidos pelos antepassados alemães.

Os encontros acontecem na residência da Professora Olídia Gartner de Souza, que semeou os grãos do Projeto. Ele foi regado pela nora e professora Roseane Huber de Souza, pelo filho Emiliano Daniel de Souza, assim como pelos vários participantes do grupo, que continuamente fortalecem os laços de amizade e carinho.

O Projeto desenvolve uma metodologia que estimula a pronúncia e dicção das palavras, assim como oferece noções de leitura, tradução e interpretação da língua alemã.

O nome "Alemão em Canto" origina-se não somente do termo "canto", mas também do "encantamento" pelo regate da cultura, da culinária, da língua e de outras formas de tradição de nossos ascendentes.

O grupo tem sido chamado para se apresentar em eventos culturais, como Pelznickelplatz, lares de idosos, galerias, escolas e até na Alemanha, como ocorreu durante a comemoração dos 10 anos de parceria com a cidade coirmã de Guabiruba, Karlsdorf-Neuthard, no estado alemão de Baden-Württemberg.

Alle tanzen Zusammen

Mesmo sendo um grupo de dança, o *Alle tanzen Zusammen* preserva e propaga também a música alemã, pois, no caso da dança folclórica, sem música não há dança.

O grupo surgiu no ano de 1993 da necessidade de demonstrar algo da cultura local que representasse a forania de Brusque num evento da Igreja Católica, intitulado Concentração de Catequese. Criou-se uma coreografia para a música *Lichtensteiner Polka* e buscou-se figurino para esta dança. Na época, em Guabiruba, havia a festa das flores e as recepcionistas usavam um traje típico alemão. Foi solicitado empréstimo dos mesmos e criou-se o traje masculino. A apresentação foi excelente e na oportunidade o grupo foi convidado a apresentar-se na FENARRECO – Festa Nacional do Marreco – no mês de outubro. Além de apresentar-se, o grupo foi convidado a participar da gravação da propaganda televisiva da festa. Assim não parou mais, vindo a se apresentar em muitos eventos. O grupo veio a crescer e a ser conhecido como o Grupo Folclórico da Associação Artístico Cultural São Pedro. Mais tarde o Grupo adotou o nome de Alle Tanzen Zusamenn, que significa "Todos Dançam Juntos".

Desde o seu surgimento o grupo teve vários trajes típicos e eles foram mudando conforme o amadurecimento folclórico do grupo.

O grupo já se apresentou em diversas festas e eventos dentro do estado de Santa Catarina e em outros estados brasileiros, vindo a ser premiado em concursos. Em duas oportunidades, o grupo teve a possibilidade de apresentar-se na Alemanha, participando das festividades dos 725 anos de Neuthard em 2006 e dos 200 anos de Karlsdorf em 2013, sendo estas duas cidades no estado alemão de Baden-Württemberg.

Como objetivo, o grupo busca oportunidades de levar a alegria e a cultura da dança folclórica alemã por onde passa. Hoje o grupo conta com 16 casais e é um dos departamentos da Associação Artístico Cultural São Pedro, que tem sua sede em Guabiruba.

Referências

Alle Jahre wieder. Disponível em: <https://www.lieder-archiv.de/alle_jahre_wieder-notenblatt_200009.html>. Acesso em: 11 maio 2022.

BARON, Sidinei Ernane. **Melodien von Guabiruba**. Navegantes: Papaterra, 2017.

BRENNER, Bernhard. **Heimatbuch Hambrücken** Die Geschichte eines Dordes ind Bruhrain**.** Ed. Horb am Neckar, Geiger. 1993.

CARMINATI, Marcelo. **Dança folclórica alemã**. Texto enviado por e-mail em set. 2021.

Der gute Kamerad. Disponível em: < https://www.lieder-archiv.de/ich_hatt_einen_kameraden-notenblatt_300509.html>. Acesso em: 11 maio 2022.

DIRKSEN, Valberto. **Presença e missão dehoniana no sul do Brasil (1903-1913)**: os pioneiros. Florianópolis: Editora da Lagoa, 2004. p. 247-248.

WINDMUHLE. **Danças típicas Alemãs**. Disponível em http://windmuhle.art.br/infos/dancas_tipicas_alemas.pdf. Acesso em: 17 fev. 2021.

Figura

Figura 1: *Stille Nacht*, *Ihr Kinderlein kommet*. Fonte: https://www.lieder-archiv.de/alle_jahre_wieder-notenblatt_200009.html. Acesso em: 11 maio 2022.

Nota:

[1]Carta de Ignaz Baron contando sua dificuldade e falta de bens essenciais quando estava em Mannheim aguardando ir ao porto da Antuérpia, Bélgica, para emigrar ao Brasil (Heimatbuch Hambrücken – tradução do autor).

"O que você deixa para trás não é o que é gravado em monumentos de pedra, mas o que é tecido nas vidas de outros". (Péricles, político grego, século V a.C.)

Parte V

Folclore e tradições de Guabiruba

Integrantes do Grupo Alle Tanzen Zusammen. Foto: Valci Reis

Dança folclórica alemã

Autor: Marcelo Carminati

O ano de 1993 trouxe um imenso desafio a um grupo de catequistas: a necessidade de demonstrar algo da cultura local que representasse a Forania Brusque, Guabiruba e Botuverá num evento da Arquidiocese de Florianópolis (*as regiões católicas são chamadas de foranias, divisão hierárquica e episcopal das atividades religiosas. As sedes das foranias ficam em Florianópolis, São José, Palhoça, Santo Amaro da Imperatriz, Biguaçu, Tijucas, Itapema, Camboriú, Itajaí e Brusque*). Um evento da Igreja Católica, intitulado: Concentração Catequética, fez com que as tarefas do dia fossem divididas e coube aos catequistas de Guabiruba preparar uma atividade de descontração para a abertura do evento. Isso fez com que se reunissem para definir o que seria apresentado para as 5 mil pessoas que estavam inscritas no evento.

Em uma reunião, ocorrida na "Casa das Irmãs" no centro de Guabiruba entre os catequistas provenientes de todos os bairros de Guabiruba, surgiram diversas ideias, como a apresentação de um teatro, apresentação musical... Mas a forma definida foi a apresentação de uma dança folclórica alemã. A música escolhida foi Liechtensteiner Polka, pela sua alegria e por marcar a cultura alemã local. Oito casais iniciaram este tra-

balho.

Marcelo Carminati, idealizador da apresentação, foi o condutor da ideia e sugeriu que, para isso, houvesse vários catequistas disponíveis para serem integrantes do grupo, criou uma coreografia em cima desta música e iniciaram-se os ensaios. Foram integrantes deste primeiro grupo: Marcelo Carminati, Aparecida Correa, Emiliano Daniel de Souza, Carla Huber, Ademir Bretzke, Neli Huber, Marciano Rieg, Marciane Dietrich, Ricardo José Schlindwein, Kiriaki Dalbosco, Luciano Schlindwein, Anilore Batschauer, Amarildo Dietrich, Cristiane Carminati, Roberto Schlindwein, e Adriana Batschauer *(ressalto que os nomes das moças estão sendo citados como eram na época e que hoje já sofreram alterações por assumirem o sobrenome de seus maridos e passando a ter seus nomes de casadas).*

As moças integrantes que representavam o bairro Lageado Baixo também eram integrantes do grupo de recepção da Festa das Flores que ocorria naquela comunidade de forma tradicional e então ofereceram o traje típico feminino para as moças. A necessidade foi então de vestir os meninos, e partiu-se atrás de figurino típico para eles. Vendo isso, as voluntárias do Clube de Idosos Alegria, do bairro São Pedro, que em seu quadro de integrantes agregava mães de alguns integrantes do grupo folclórico, se sensibilizou e confeccionou as calças típicas masculinas e os suspensórios e assim o traje masculino foi feito.

A apresentação ocorreu no dia 22 de agosto de 1993 no Pavilhão Maria Celina Vidotto Imhof – Pavilhão da Fenarreco – foi excelente, trouxe muita alegria e descontração ao evento. Na oportunidade, integrantes da Comissão de Turismo da Prefeitura Municipal de Brusque estiveram presentes e, observando o efeito causado no público presente, ofereceu ao grupo o convite para apresentar-se na Fenarreco – Festa Nacional do Marreco – no mês de outubro daquele ano. Além de apresentar-se, o grupo foi convidado a participar da gravação da propaganda televisiva da festa. O grupo veio a crescer, passou por diversas modificações. Foi nesta época que o coordenador do grupo, Marcelo Carminati, iniciou de forma particular um diário do grupo e passou a registrar todas as apresentações para futura consulta de uma forma detalhada, enaltecendo os momentos vividos pelos integrantes em cada situação.

Alguns integrantes logo deixaram o grupo e outros passaram a integrá-lo, passando de oito casais iniciais para dez casais, novas músicas foram escolhidas e novas coreografias foram criadas e logo no seu primeiro ano de existência o grupo integrou-se à Associação Artístico Cultural São Pedro e foi então que passou a ser conhecido como o Grupo Folclórico de Dança Alemã da entidade. Nesta época o grupo existia de forma bem amadora e no evento de lançamento da Fenarreco o grupo conheceu os integrantes do Volkstanzgruppe Grünes Tal da cidade de Blumenau – SC. A Sra. Itala Lingner, coordenadora e coreógrafa do grupo então se propôs a ensinar uma nova postura diante da dança folclórica, a ensinar novos

passos e a orientar o grupo de modo mais profissional. E assim, em 5 de setembro de 1993 ocorreu um encontro entre estes dois grupos e numa bonita confraternização se aprendeu muito e se trocaram muitas experiências. D. Itala trouxe muitas informações, orientações e ensinamentos ao grupo e com certeza sempre será lembrada com imenso carinho.

Assim, com diversas oportunidades, o grupo não parou mais, vindo a se apresentar em muitos eventos. A convite da Prefeitura de Brusque apresentou-se na Festa do Morango em Rancho Queimado – SC, abriu o Carnaval de Laguna e participou de outras festas típicas da região. Durante todo esse tempo o grupo sentiu necessidade de aprimorar o seu traje típico. Em 1994 os integrantes aceitaram a incumbência de fazer a divulgação e animação de um centro comercial que hoje já não existe mais, mas que na época era conhecido como Shopping Gold Center. O dinheiro arrecadado serviu para se fazer um novo traje típico que foi confeccionado por Viviane Dietrich e Cecília Carminati e que foi inaugurado no desfile da Fenarreco daquele ano.

Em meados de 1995, depois de algumas pesquisas o grupo quis criar um traje diferenciado inspirado na região alemã da Floresta Negra, foi então que, com total apoio da Prefeitura Municipal de Brusque, sob a gestão do então Prefeito Danilo Moritz e do Secretário de Turismo Waldir Walendowsky que o traje foi concebido e inaugurado. Assim o grupo folclórico teve vários trajes típicos e eles foram mudando conforme o amadurecimento folclórico do grupo. Já em 1997 o grupo sentiu a necessidade de aumentar seu repertório e através de pesquisas em fitas de vídeo de danças alemãs incluiu em seu repertório algumas valsas, polkas, shotisch e uma dança que caracterizava a entrada e saída do grupo ao local do evento. Músicas como: Rosamunde, In München Steht ein Hofbräuhaus, Polka Virada, Heyo Heyo trouxeram novo ânimo e alegria às apresentações. Nesta época eram integrantes do Grupo Folclórico: Marcelo Carminati, Aparecida Correa, Fabiano Siegel, Wanneida Luizelita L. Pereira, Alexsandro Silveira, Marilda Zimmermann, Gilmar José Celva, Patrícia Suavi, Fábio Schlindwein, Carla Huber, Marciano Rieg, Cheila Raquel Suavi, Ricardo José Schlindwein, Patrícia Inês Seubert, Vandrigo Kohler, Emanoele Cardoso, Luciano Schlindwein, Rejane Habitzreuter, Leomir Zirke, Catia Habitzreuter, Marcio Shork, Marciane Dietrich, Jair Habitzreuter e Graziele Kalkmann.

Alle Tanzen Zusammen

Mais tarde, em 2003, o Grupo sob nova formação, adotou o nome de *Alle tanzen Zusammen* (que significa Todos Dançam Juntos, em alemão)

fazendo alusão a uma característica marcante do grupo que dançava com expectadores no final de suas apresentações e passou a usar um traje típico verde, confeccionado na cidade de Pomerode – SC, sendo mais rico e bonito que os anteriores. O grupo sentiu a necessidade de se profissionalizar e por este motivo foi a Gramado num evento anual da AFG – Associação Folclorística de Gramado – onde recebeu novas coreografias que pouco a pouco foram inseridas no repertório do Grupo. Fabiano e Wanneida Siegel, como novos coordenadores, tinham a incumbência de buscar essas informações e treinar o grupo para apresentações diversas e foram eles que criaram o brasão do grupo, criaram o nome e organizaram o grupo de um novo modo. Foram eles que, a partir desta data, continuaram a escrever o diário das apresentações do grupo, trabalho iniciado por Marcelo Carminati. Foi nesta época que o grupo, através de amplas pesquisas, assumiu o traje oficial atualmente usado na Floresta Negra conhecido como Gutach. Foi a partir de 2003 que a Associação Artístico Cultural São Pedro fez diversos projetos da Lei de Incentivo à Cultura para divulgar a cultura alemã em diversas cidades do Estado de Santa Catarina levando o nome da entidade e do município de Guabiruba a todos os lugares onde passou.

O grupo já se apresentou em diversas festas e eventos dentro do esta-

Grupo Alle tanzen Zusammen. Foto: Valci Reis

do de Santa Catarina e também em outros estados brasileiros, vindo a ser premiado em concursos. Em duas oportunidades o grupo teve a possibilidade de apresentar-se na Alemanha, participando das festividades dos 725 anos de Neuthard em 2006 e dos 200 anos de Karlsdorf em 2013, sendo estas duas cidades no estado alemão de Baden-Württemberg.

Como objetivo, o grupo espera sempre buscar oportunidades de levar a alegria e a cultura da dança folclórica alemã por onde passa. Hoje o grupo conta com 16 casais e é um dos departamentos da Associação Artístico Cultural São Pedro, que tem sua sede em Guabiruba.

Gruppo Folkloristico Tutti Buona Gente

Autor: Marcelo Carminati

Com o objetivo de valorizar, apoiar e difundir a cultura italiana trazida às terras de Vicente Só pelos *oriundi,* em 2007 começou a ser idealizado um trabalho para a criação de um grupo folclórico que representasse a cultura italiana. Marcelo Carminati, ao ser eleito presidente da Associação Artístico Cultural São Pedro – AACSP – trazia em suas propostas de trabalho a manutenção de todas as atividades existentes na entidade e a criação de novas atividades, dentre elas a criação do Grupo Folclórico Italiano. Criou-se então um projeto cultural do estado de Santa Catarina para a confecção do traje e depois de amplas pesquisas o grupo resolveu adotar o traje da região trentina de Castel Tesino, visto que a maioria dos imigrantes italianos que se instalaram em Guabiruba eram desta região. Eder Celva, padre, pesquisador e historiador, foi uma das pessoas que nos auxiliaram no acervamento destes dados.

Definida a região, a entidade – Associação Artístico Cultural São Pedro – foi buscar parcerias para que se pudesse ter um traje decente, bonito e que homenageasse nossos antepassados italianos. Assim, rea-

lizou uma parceria com o Circolo Trentino di Brusque e então foi encaminhado ao Circolo Trentino di Rodeio para buscar orientações precisas para a confecção do traje, visto que o Gruppo daquela cidade havia sido treinado por um grupo italiano da região de Trento, na Itália, e havia sido presenteado com um traje original daquela região da Itália.

Assim o Gruppo folkloristico Tutti Buona Gente recebeu na sede da AACSP alguns integrantes do Gruppo Folk Trentino di Rodeio em setembro de 2008 para receber as primeiras quatro danças: PASSO FRANCO E SMORFINA, LA PARIS, SCIAFA, FANTASIA TESINA. Mas, somente depois de muitos ensaios e de uma preparação apurada é que o Gruppo foi lançado oficialmente em uma festa para 500 pessoas, entre elas a diretoria da AACSP, autoridades, amigos, familiares e convidados em 13 de março de 2009.

Os integrantes iniciais deste grupo que estavam no dia do lançamento foram: Amilton Stedile e Vanessa Coelho, Marcio e Arlete Colombi, Marcelo e Aparecida Carminati, Claudio Comper e Silvia Stedile, Olimpio e Regiane Comper, Vanildo e Margarete Dietrich, Sergio Ponticelli e Jucilene Schmidt, Rubens Stedile e Jessica de Souza, Cristiano e Lenir Kormann, Marcio José Albino e Patricia Hodecker, Altamiro e Danzila Molinari, Ademir Dietrich e Cheila Dietrich.

A primeira participação de destaque do Gruppo Folkloristico Tutti Buona Gente ocorreu em setembro de 2009, quando participou de uma competição internacional de Danças Folclóricas em Criciúma e obteve o segundo lugar. Depois disso o grupo começou a crescer e a se aprimorar cada vez mais e em 2013 apresentou-se na Alemanha e na Itália, vindo a ter reconhecimento do Gruppo oficial italiano.

Para embarcar nesta viagem cultural à Itália, para participar de festividades do aniversário de 200 anos de Karlsdorf, através de um convite oficial do Sr. Pedro Schmitt, o Gruppo Folkloristico Tutti Buona Gente, em conjunto com a diretoria do Museu da Cultura Italiana Francesco Celva, idealizaram e realizaram uma festa italiana intitulada de Note dela Cultura Italiana. Nesta festa, iniciada com uma Santa Missa celebrada e cantada no idioma italiano, havia comida típica, apresentação de dança folclórica, brincadeiras que remontam ao passado dos nossos colonizadores e decoração homenageando os costumes e a alegria deste povo. Esta festa tornou-se uma das principais festas do município de Guabiruba – SC e destaca-se pela qualidade da sua culinária, decoração e pelo modo de ser. Está partindo para a sua 10ª edição.

O Gruppo também apresenta as Tarantelas, com outro traje, mais leve e mais adequado para este tipo de apresentação.

O grupo apresenta-se em todo estado de Santa Catarina, levando a alegria e o jeito de ser do italiano a todos os lugares possíveis.

Festa na igreja matriz de Guabiruba. Acervo: Prefeitura Municipal de Guabiruba

Festas de Igreja

Autor: Marcelo Carminati

A coletividade e o voluntariado sempre foram marcas registradas do povo guabirubense. Com o objetivo maior de angariar fundos para construir e manter espaços para a prática religiosa e de confraternização, sempre houve dentro da comunidade guabirubense um grande esforço no sentido de criar formas de arrecadação. Rifas, bingos, leilões de animais, brincadeiras étnicas tipo a "Mora" se destacavam entre os imigrantes ítalo-germânicos, que colonizaram nosso município.

Uma das formas mais comuns sempre foi a realização das festas de igreja, onde cada comunidade celebrava o dia do seu padroeiro de forma especial e particular.

Um dos pontos comuns destas festas era o fato em que se ganhava uma roupa ou um calçado novo para ir festejar este momento com a família e com os amigos.

Iniciava-se tudo com a celebração da santa missa de sábado com a presença de "noveneiros", que eram famílias, associações, clubes ou agremiações que se juntavam e doavam "prendas" (diversos tipos de objetos que eram usados nas brincadeiras usadas para diversão e arrecadação de fundos monetários). Era comum que essas prendas fossem, na sua maio-

ria, feitas em casa antecipadamente pelos noveneiros que eram escolhidos praticamente um ano antes. Toalhas bordadas ou de crochê, bonecas diversas vestidas com capricho e de diferentes temas, toalhas de banho, animais para leilão ou passarinhos exóticos que vinham em gaiolas e que eram disputados nas Rodas da Fortuna. Havia também acolchoados que eram disputadíssimos e que mais tarde foram substituídos por edredons. Bicicletas, latões para assar carne, carrinhos de mão, eletrodomésticos, são atualmente os prêmios mais cobiçados.

Para as crianças havia pescaria (atividade em que se usava varas de pescar para se conseguir brindes infantis (brinquedos diversos).

Brindes diversos para cozinha e de vestuário eram os prêmios adquiridos das Sacolas – Surpresa. Além disso, era comum se visitar barraquinhas de vendedores ambulantes onde se tinha acesso a brinquedos coloridos como ioiôs, línguas de sogra, carrinhos de diversos tipos feitos de plástico e bonecas. Alguns destes vendedores esticavam panos no chão para expor esses brinquedos de uma forma que ficasse bastante visível para toda a criançada. Atualmente são expostos em barracas e expositores mais altos, visto que os brinquedos oferecidos são mais caros e modernos. Para a criançada ainda havia e há a venda de balões a gás e eram muito disputados.

Os serviços de bar e cozinha ainda são outra referência particular de cada festa. Para almoço sempre houve duas opções: o famoso "churrasco na tábua" ou o "prato sortido". O churrasco era acompanhado de pão e

Festa dos motoristas na igreja de São Cristovão, bairro Aymoré

cebola do tempero. Já o prato sortido era servido com arroz, macarrão caseiro, feito dias antes por voluntárias da comunidade, legumes refogados, raiz-forte, frango assado e verduras em geral. Com o tempo o prato típico foi sendo mais elaborado, acrescentando polenta, suflês, maionese e outras iguarias de acordo com cada equipe de cozinha.

No bar eram servidos cervejas e refrigerantes e tudo era animado por bandas locais, que convidavam todos a dançar em espaço devidamente reservado para o "baile". Muitos namoros começaram desta forma. Ainda havia as opções de lanches com o "cachorro-quente de festa", feito com pão, molho e linguicinha, produto específico da região de Brusque e Guabiruba.

Havia também para venda, pães fatiados com ovos cozidos e maionese, outra opção era o pão com picadinho (salame, queijo e pepino picados e misturados com maionese ou frango desfiado e ainda havia a venda de café, pães caseiros, bolos e cucas de diversos sabores para garantir o café da tarde.

Mais recentemente se aderiu à ideia de se fazer um prato típico para venda na sexta-feira à noite onde se servia polenta com galinha e onde já se realizavam algumas brincadeiras entre os partícipes.

A rifa de um prêmio maior como um carro, moto ou prêmio em dinheiro, também ocorre para a obtenção de fundos.

As festas mais comuns são efetuadas pelos participantes das igrejas católicas e evangélica luterana, sendo que existe coparticipação no voluntariado entre os integrantes das duas denominações religiosas.

As festas das igrejas luteranas mais celebradas são das comunidades de Lorena e Holstein, e geralmente ocorrem no mês de março. Em março também é celebrada a festa em honra a São José que é celebrada pela comunidade de Aymoré. Já as festas da Matriz (Nossa Senhora do Perpétuo Socorro), realizada no primeiro domingo de maio, de Santo Antônio (Lageado Alto) ocorrem em junho juntamente com as festas do Sagrado Coração de Jesus (bairro Planície Alta) e São Pedro (bairro São Pedro). A comunidade de Aymoré celebra seu padroeiro no início de agosto (São Cristóvão) e o bairro Guabiruba Sul celebra em outubro, de forma mais ampla, a padroeira Nossa Senhora Aparecida. O bairro Lageado Baixo comemora São Vendelino e o bairro Lageado Baixo encerra o ano com a celebração da padroeira Imaculada Conceição.

Espetáculo Paixão e Morte de Um Homem Livre

Autor: Marcelo Carminati

Falando de uma paixão: o teatro

A cultura guabirubense é referência em toda a região, e até no exterior, em cada uma de suas formas e tem seu merecido destaque. Uma de suas formas mais notáveis e marcantes, O TEATRO, teve um grande impulsionamento nas atividades amadoras que já existiam em pequenos grupos isolados e que eram já uma paixão dos cidadãos de Guabiruba.

Mas a história que agora começo a narrar teve início na década de 1980 com a vinda de missionários gaúchos capuchinhos que estiveram no município de Guabiruba para realizar a missão de estimular, incentivar e despertar novos líderes para os mais diversos setores de trabalho junto à igreja católica.

Um destes trabalhos foi reunir os jovens de cada bairro em Grupos de Jovens que foram convidados e incentivados a ter atividades esportivas,

religiosas e culturais. O grupo de jovens formado no bairro São Pedro recebeu o nome de CEJOPE – Centro Jovem São Pedro. Já os jovens do centro se reuniram e criaram o CENJOCREI – Centro Jovem Cristo Rei – ainda havia o Grupo de Jovens JOTAM, do bairro Guabiruba Sul e o grupo de jovens do bairro Aymoré que se chamava Cidadão do Reino – CIDREINO.

Durante o ano de 1980, o religioso dehoniano fráter João Luiz Uzan Malnalcich, então estudante de filosofia em Brusque, efetuou o convite a todos os grupos de jovens formados para iniciarem um trabalho artístico e musical que foi idealizado e preparado e recebeu o nome de PAIXÃO E MORTE DE UM HOMEM LIVRE, no qual ele seria o dramaturgo e diretor. Este trabalho apresentaria passagens bíblicas do evangelho, dando ênfase aos fatos ocorridos na última semana da vida de Jesus Cristo. Os jovens guabirubenses se empenharam muito e deram vida a um trabalho de extrema qualidade que foi apresentado durante uma semana na Páscoa de 1981 com músicas compostas especialmente para este trabalho.

No período de 1981 a 1984 este trabalho foi destaque em cada Páscoa. Era apresentado no Salão Cristo Rei e cada dia da semana em que era apresentado era destinado a um ou mais bairros para que todos pudessem ter acesso à apresentação que tinha limite de público. Contava com jovens que hoje são destaques em diversas áreas como, por exemplo, Matias Kohler, ex-prefeito, que interpretou o governador romano Pôncio Pilatos, ou Marcelino Kohler, professor aposentado e juiz de paz que dava vida ao personagem de Jesus Cristo.

Cada cena era enriquecida com coreografias apresentadas por um corpo de baile que dava mais vida ao evento. Essas coreografias foram elaboradas para as músicas Filhos de Deus, Bem-Aventurados, Judas, Chicotadas de Egoísmo, Sou Madalena, e Glória: Somos Livres! Liberdade! E havia figurinos específicos para cada uma delas.

Efeitos teatrais foram preparados e usados para enriquecer o espetáculo, como, por exemplo, a Ascenção de Jesus aos céus, e encantavam o público que comparecia em cada dia de apresentação.

Foi apresentado desta forma até 1984, exatamente um ano após a partida do religioso diretor e idealizador que, a partir daquele ano, foi estudar teologia na cidade de Taubaté – SP.

Após esta última apresentação, todo figurino e material cênico foi guardado em uma sala no piso superior do hall de entrada do Salão Cristo Rei (este local hoje já não mais existe após uma reforma do local) e ficou de certo modo abandonado e disponível ao uso de quem interessasse. Digo abandonado porque pessoas que não sabiam da importância e do custo deste material começaram a usar parte do figurino para as mais diversas utilidades, até mesmo como pano de chão.

Foi então que, em janeiro de 1986, na preparação da Páscoa, Nilton Angioletti idealizou a retomada das apresentações e então chamou Marcelo Carminati para juntos pedirem ao pároco a autorização do uso des-

te material de teatro nas celebrações da Semana Santa na comunidade São Pedro. Reuniram então alguns integrantes do trabalho realizado de 1981 a 1984: Nilton Angioletti, Márcio Ebele, Mercedes Baron, as irmãs Carmem Regina de Souza e Carin Beate de Souza, Carmelita Angioletti, Baldino Angioletti, João Marcos Baron, João Carminatti e Francisco Odisi que integravam o CEJOPE – Centro Jovem São Pedro, com alguns novos convidados a integrar o trabalho e reiniciaram este trabalho na comunidade do bairro São Pedro.

Francisco Odisi assumiu a direção do trabalho que teve uso de algumas músicas do trabalho anterior e que, com aproximadamente 30 pessoas, levaram ao público um teatro que foi apresentado durante as celebrações da Semana Santa no bairro São Pedro. Os integrantes intercalavam papéis em cada apresentação e isso enriquecia e dava nova vida à Páscoa da comunidade. Márcio Ebele foi Pôncio Pilatos, Mercedes Baron interpretou Maria, a mãe de Jesus, Carmem Regina de Souza, hoje Ebele, deu vida a Maria Madalena, alguns homens da comunidade foram os apóstolos da Santa Ceia, entre eles: Valdemiro Carminati, Miguel Carminati, Mário Carminati, João Willy Dietrich, Leo Habitzreuter, Ilmar Fischer, Nilton Angioletti, João Carminati, Jacó Habitzreuter, João Fischer, e Marcelo Carminati atuou como Jesus Cristo.

O texto nesta época consistia em apenas duas páginas e iniciava-se com o encontro e conversa de Jesus com os apóstolos e em seguida a Santa Ceia e a prisão de Jesus no Horto das Oliveiras. Tudo apresentado nos corredores e no presbitério da Capela São Pedro. Na Sexta-feira Santa, durante a via sacra, apresentava-se o julgamento de Jesus Cristo por Pilatos, o caminho ao calvário, sua morte e sepultamento e no domingo, a missa de Páscoa iniciava-se com a encenação da Ressurreição do Divino Mestre.

Fato curioso desta apresentação foi a necessidade de se comprar tecidos e materiais diversos. Para isso cada integrante trouxe algo para compor duas cestas de Páscoa, como chocolates e guloseimas, que foram rifadas e sorteadas na manhã de domingo de Páscoa, após a Santa Missa.

Este modo de apresentação ocorreu nos anos de 1986 e 1987, mas, para a Páscoa de 1988, a apresentação foi levada ao Salão São Pedro onde se poderiam alterar cenários e apresentar de modo maior e contínuo os principais momentos da vida adulta de Jesus Cristo. Foram então escolhidas algumas passagens bíblicas para inovar a apresentação e o público, acomodado em bancos de madeira, conferiu emocionado esta nova forma de teatro que foi reescrita e dirigida por Ivo Erthal. A apresentação iniciava-se dentro do Salão São Pedro e, no momento da *via crucis,* o público era convidado a deslocar-se pela rua, acompanhando o cortejo, até a escadaria da Capela São Pedro onde o teatro atingia seu ápice com a morte, sepultamento e ressurreição de Jesus.

A partir de 1989 o trabalho começou a ser mais elaborado. De modo

ainda amador Marcelo Carminati assume a direção do trabalho e da elaboração de novo texto e de novos figurinos que foram pesquisados e confeccionados. Os cenários passaram por reformulações a cada edição, trazendo sempre uma novidade a ser conferida.

Mas, com o objetivo de tornar este trabalho amador num evento reconhecido legalmente perante os órgãos públicos, Francisco Odisi toma a iniciativa de fazer um estatuto e formar uma entidade. Esta entidade nasce no dia 27/01/1991 e recebe o nome de ASSOCIAÇÃO ARTÍSTICO CULTURAL SÃO PEDRO e tem como seus sócios fundadores: Francisco Odisi (1º Presidente) Mercedes Baron, Marcelo Carminati, Aparecida Correa, Carin Beate de Souza, Nilton Angioletti, Márcio Ebele, Carmem Regina de Souza Ebele, Álvaro Francisco de Souza e Roseane Huber. É a partir desta data que a entidade existe oficialmente e que passa a receber um auxílio da Prefeitura de Guabiruba.

Este modo de apresentação, no salão São Pedro, ocorreu até o ano de 1993 quando o público era tão numeroso que já lotava o local do evento de forma bastante grande.

Foi então que a equipe de coordenação, na preparação da Páscoa de 1994, decidiu dar uma nova forma ao trabalho e transformar o teatro em uma apresentação dos quadros da via sacra sobre um caminhão. A apresentação tinha início em frente à casa do Sr. Edinalte Elias de Souza e findava nas escadarias da Capela São Pedro. Cada estação era apresentada na carroceria de um caminhão cedido pela empresa Lajes Rieg e havia um deslocamento de alguns metros com paradas específicas em casas ao longo da rua São Pedro, onde se ligava a energia das luzes instaladas no caminhão à casa para que se tivesse acesso à iluminação instalada no caminhão. Entre uma estação e outra, o povo seguia rezando orações do livro da campanha da fraternidade daquele ano. Foi um momento muito forte. Em 1995 não houve apresentação, mas, em 1996, repetiu-se este modo de apresentação teatral sobre o caminhão.

Porém, na avaliação do trabalho de 1996, a coordenação dos trabalhos verificou que o bairro São Pedro já não suportava mais o público que vinha conferir e se emocionar com este trabalho e então surgiu a ideia de se levar este trabalho para o bairro Aymoré. Entre os integrantes da coordenação houve divergência em relação a esta decisão, mas como a maioria assim pensava decidiu-se solicitar autorização para a Diretoria da Capela São Cristóvão para que a apresentação passasse a ser no pátio e morro daquela comunidade.

A novidade foi muito bem recebida pelos integrantes da diretoria da Capela São Cristóvão e o teatro passou a ser pensado de uma nova forma. Dois palcos foram edificados sob uma estrutura de madeira de eucalipto a dois metros de altura, entremeados por uma passarela que dividia o público, com o apoio da Prefeitura Municipal de Guabiruba. Marcelo Carminati, que desde 1989 dirigia o espetáculo, sugeriu então à equipe de

coordenação, que a partir desta edição um personagem sempre narrasse a apresentação para que se tivesse a oportunidade de se apresentar a história do Divino Mestre sempre sob uma ótica diferente. Assim foi aceita e posta em prática esta nova concepção do trabalho.

Para a apresentação do ano de 1997 foi escolhido o personagem do Apóstolo Mateus, vivido por Ricardo José Schlindwein, para contar ao público a história de Jesus. O público presente aprovou e aplaudiu este novo método. Fato curioso ocorrido a partir desta edição é que o público assistiu de pé toda a apresentação e lotou todo o espaço disponível. Assim em cada edição tivemos os seguintes narradores:

1998 – FAMÍLIA – interpretada por Nilton e Carin Angioletti, Eduardo Habitzreuter e Elaine Boing. Esta edição foi narrada num cenário que simulava uma casa de família normal e nos dias atuais. Os pais, indignados com as notícias horríveis veiculadas pelos canais de TV e redigidas

Espetáculo Paixão e Morte de um Homem Livre
Foto: Jailson Pollheim

no jornal local, decidem desligar a TV e falar do amor de Deus aos filhos e catequizam os filhos contando a história de Jesus. Ao final da peça Jesus aparece sobre todos eles os abençoando.

1999 – A partir desta edição a coordenação geral do espetáculo decidiu que as apresentações passariam a ocorrer de dois em dois anos para facilitar a sua preparação e para angariar fundos maiores para cobrir os gastos do evento.

2001 – PEREGRINOS – interpretado por Marcelo Carminati, Rejane Habitzreuter e Vandrigo Kohler. Dois peregrinos (Rejane e Vandrigo) chegam numa noite fria a Jerusalém e perguntam a um homem que se aquece numa fogueira quem é o homem nazareno de quem todos estão falando. Ali, ao redor da fogueira, ele narra a história de Jesus.

2003 – MARIA E MARIA MADALENA – interpretadas por Sônia Regina Boing e Patrícia Ines Seubert. A peça iniciava-se com Maria Madalena indo até a casa de Maria, que está nos seus afazeres domésticos, à procura de informações de quem era Jesus. Nesta edição a Casa de Maria foi o primeiro cenário que teve paredes de fundo.

2005 – PRISCO – interpretado por Nilson José Ebele. Na história que apresentamos, Prisco é um oficial romano que comanda a execução de Jesus a pedido de Pôncio Pilatos. Após a morte de Jesus, Prisco adoece e se sente psicologicamente afetado. Então recebe a visita de seu irmão Jasão e a ele conta toda a história do condenado que executou.

2007 – PEDRO – interpretado por Nilton Angioletti. Levado à prisão, acorrentado e machucado, Pedro conta aos cristãos presos com ele a sua vivência ao lado de Jesus.

2009 – MADRE PAULINA – interpretada por Eliane Aparecida Celva Woitexen, que, junto a duas de suas amigas freiras, catequizam crianças no interior de Nova Trento narrando a eles os principais momentos da vida do Mestre.

2011 – DISCÍPULOS DE EMAÚS – interpretados por Ricardo José Schlindwein e Rosane Pinheiro Ebele, que voltando de Emaús, falam da sua experiência ao lado do Ressuscitado. Esta edição contou com a direção tripla de Patricia Suavi Celva, Marina Carminati e Emerson Schmidt.

2013 – OS PROFETAS – Isaias, Ozias, Acaz, Ezequias: Eles que anunciaram a vinda do Messias Salvador intermeiam a história levando ao público as passagens da história de JESUS. Esta edição ainda teve direção tripla de Patrícia Suavi Celva, Rejane Habitzreuter Schlindwein e Emerson Schmidt.

2015 – MARIA MADALENA – interpretada por Joice Lana, que narra o seu ponto de vista a respeito de Jesus depois de ter sido perdoada pelo mestre. Fato marcante desta edição, dirigida por Rejane Habitzreuter Schlindwein, foi a decisão da equipe de coordenação para a contratação de um ator global, dentro dos parâmetros da LEI ROUANET, para enriquecer a peça e auxiliar na divulgação da mesma. JÚLIO ROCHA foi o ator

escolhido para dar vida ao personagem de HERODES.

2017 – MARIA – Maria, a mãe de Jesus interpretada por Rosane Pinheiro Ebele. Marcelo Carminati volta como diretor e dramaturgo para esta edição que conta com Marcelo Nascimento na diretoria da Associação Artístico Cultural São Pedro. Neste ano pensou-se: Quem melhor que a mãe de Jesus para contar a sua história e nos mostrar tudo o que se passava pelo coração de uma mulher que recebeu a graça de conceber e gerar o Messias tão esperado? Nesta edição tivemos a oportunidade de ter Simone Gums como estilista responsável pela reforma de todo figurino da corte de Herodes e o estilista André Francisco Dalcegio que criou todo o novo figurino dos sumos sacerdotes, enriquecendo e inovando os trajes destes personagens, inclusive do figurino de Francisco Cuoco que foi o ator global contratado para nesta edição interpretar o sumo sacerdote NEFTALI. Chamou a atenção a cena do desfile Romano que contava com a atuação de 86 soldados (pretorianos, romanos, herodianos e sinedristas). A partir desta edição começamos a criar cenas em que existe a interação direta com grande parte do público: na cena da multiplicação dos pães foram distribuídos para a plateia presente dois mil pãezinhos em cada apresentação e na cena em que Jesus ensina a oração do Pai Nosso o público foi convidado a dar as mãos e rezar juntos. Nesta edição antes da cena do Pai Nosso caíram algumas gotas de chuva que preocuparam os organizadores, mas que cessaram logo após a cena da oração. Na cena de cruz relampejava anunciando uma trovoada iminente. Ela só caiu depois do fim do espetáculo quando o público já havia ido embora.

2019 – JESUS – Jesus, interpretado por Carlos Woitexen Filho que chega pelo meio do público e emociona a todos narrando os fatos da sua vida. Nesta edição Luciano Szafir foi o ator convidado para dar vida ao personagem de Pôncio Pilatos. Pela primeira vez tivemos uma apresentação de Gladiadores na cena de Herodes e quatro atores, além do narrador, se revezavam no papel de Jesus em cada cena. Eram eles: Jansen Gums, Fábio Luis Kormann, Inácio Nuss Junior e Vagner Valentin.

2021 - Não houve apresentação por motivo da pandemia mundial de Covid-19. No entanto, teve início a preparação da peça que foi apresentada em 2022.

2022 - A 23ª edição do espetáculo Paixão e Morte de um Homem Livre aconteceu nos dias 14 e 15 de abril de 2022, no pátio da igreja São Cristóvão, bairro Aymoré, e contou com a presença de mais de 8 mil expectadores. Como novidade para este ano, o público pôde assistir à narração de uma menina. Sob a ótica do sonho de uma criança dos tempos atuais inserida na história, a menina Ângela começou a narrativa dizendo: “Eu preciso falar com Jesus”. A atriz nacional Mônica Carvalho também esteve presente nos palcos do teatro e interpretou Maria, mãe de Jesus.

O palco do espetáculo teve 800 metros quadrados de tablados e passarelas, que serviram para o movimento de mais de 200 atores voluntários, além da equipe de apoio, nas duas horas de cada apresentação, somando mais de 400 pessoas envolvidas. Ao todo, a 23ª edição do espetáculo Paixão e Morte de um Homem Livre contou com nove palcos físicos, sendo que neste ano os palcos foram o grande destaque da apresentação por serem além extremamente detalhados e bonitos além de contar com a introdução de um palco giratório e das passarelas.

Encenada em duas noites de apresentação ao público geral, além de uma prévia do evento às pessoas com deficiência, na quarta-feira, dia 13 de abril, o espetáculo emocionou do começo ao fim quem assistiu. Grande era a expectativa do público, que pode voltar para casa com o sentimento de esperança e reflexão a cada cena interpretada nos palcos.

O término da edição de 2022 também marca a conclusão do ciclo de Marcelo do Nascimento como presidente da Associação Artística Cultural São Pedro, organizadora do evento.

Final do espetáculo Paixão e Morte de um Homem Livre. Foto: Jailson Pollheim

Monumento artístico Canto dos pássaros. Foto: Gabrieli Kohler
Acervo: Prefeitura de Guabiruba

Pinturas: artes que materializam o amor

Autora: Rosemari Glatz

A pequena e charmosa Guabiruba é uma cidade onde a arte corre nas veias do seu povo. Dentre as diversas manifestações artísticas presentes no seu cotidiano, também merecem destaque as pinturas.

A pintura é uma das formas de arte mais prestigiada e popular desde a Antiguidade, e a arte europeia constitui a base da tradição ocidental de pintura, uma das mais relevantes contribuições em escala global. O acervo retratado em pinturas apresenta aspectos estéticos, culturais, sociais e econômicos próprios de cada região e de determinado tempo.

Pinturas são inestimáveis fontes de conhecimento sobre a história, a sociedade, a cultura e o modo de vida de pessoas e grupos, e também instrumento didático, usado maciçamente na doutrinação religiosa, na pro-

paganda política e na educação pública, com importante função social. Alguns artistas, inclusive, receberam títulos pela sua contribuição à religião, a exemplo de Michelangelo (1475-1564) que, em 1535, foi nomeado pelo Papa Paulo III o supremo arquiteto, escultor e pintor dos palácios apostólicos, devido às suas contribuições feitas para a Igreja Católica.

Ao longo da história, várias foram as técnicas empregadas, e a pintura a óleo, hoje bem conhecida, foi a última técnica a aparecer, depois das tradicionais técnicas como a têmpera, o afresco e a encáustica. A pintura a óleo é uma das técnicas bastante empregadas também pelos artistas guabirubenses em quadros em óleo sobre tela em obras que retratam sentimentos, cultura, relações de poder e a vida que marcaram casas, igrejas, escolas e paisagens.

Com pinturas simples e ao mesmo tempo delicadas e harmoniosas, podemos ver o propósito de deixar a cidade de Guabiruba mais bela e imortal pelas mãos de artistas como Carmen Regina Ebele, Cláudia Rieg Baron e Wanneida Luizelita Laurenço Pereira Siegel, dentre diversos artistas guabirubenses que criam grandes obras, trazendo marcantes contribuições culturais que inspiram gerações de artistas e singularizam o espírito de comunidade de Guabiruba. Pintar é mais ou menos como lapidar uma pedra, um diamante, um brilhante. Quando as pessoas veem, entendem e valorizam.

Carmen R. Ebele é professora em Guabiruba e artista, e, dentre outros inúmeros projetos artísticos, merece destaque o que resgatou a tradição pascal da Osterbaum através de um projeto educacional que teve por finalidade levar os alunos a conhecer as tradições pascais, mais especificamente sobre a Osterbaum, a "Árvore da Páscoa", montada com galhos secos decorados com cascas de ovos coloridos e flores, simbolizando a alegria da vida. Iniciativas como a de Carmen valorizam e ajudam a preservar as tradições culturais trazidas pelos imigrantes alemães, no resgate do modo de vida, hábitos e costumes e no fortalecimento da herança cultural dos antepassados que colonizaram Guabiruba em 1860, manifestada na língua, culinária, música, arquitetura, folclore e arte.

A artista plástica e arte educadora Cláudia Rieg Baron é apaixonada pela arte de ensinar, esculpir, desenhar e pintar e vê na arte uma forma de cura. Entre suas inúmeras obras, num conjunto de quadros em óleo sobre tela, a artista cria condições para que as pessoas possam reconstruir, relembrar e refletir sobre a região dos vales dos rios Itajaí-Mirim e Açu. Cláudia encontrou na pintura em óleo sobre tela um caminho para colocar suas ideias em prática e, para ela, suas obras retratam sentimentos, cultura, relações de poder e a vida que marcaram casas, igrejas, escolas e paisagens do Vale do Itajaí. Através da pintura de quadros, Cláudia ensina a preservar e manter vivas e presentes não só as estruturas físicas, as paisagens naturais, as formas e as cores da arquitetura que ela reconstrói,

mas especialmente os sentimentos, a vida e os costumes, preservando os valores culturais.

Outra artista bastante conhecida em Guabiruba é Wanneida Luizelita Laurenço Pereira Siegel, também conhecida como Wanni. Ela trabalha numa farmácia e produz arte nas horas vagas. Tal como o escultor francês Auguste Rodin, autor da famosa estátua O Pensador, desde cedo Wanni apresentou inclinações para o universo das artes plásticas e demonstrou seu fascínio pela arte. Ela diz que pintar completa a sua vida e se sente agradecida a Deus por lhe ter dado o dom da arte da pintura. Para ela, "qualquer coisa feita sem amor é totalmente sem valor porque na arte a gente passa o amor que a gente tem para a pintura", e isso é essencial na vida dela. Wanni tem vasta contribuição na expressão artística de Guabiruba, a exemplo das placas da Maibaum erguida em 1º de maio de 2018, que foram pintadas por ela.

Em 2020, Wanni inovou pintando casinhas de pássaro de cerâmica, e serviu de inspiração para vários outros artistas. Para a pintura das casinhas de passarinhos, a artista utilizou a técnica Bauernmalerei feito à mão, carregada de amor e carinho. O trabalho artístico foi contemplado pelo projeto de incentivo à Cultura – Aldir Blanc de Guabiruba, e está exposto permanentemente no "Canto dos Pássaros", localizado na rua Guabiruba Sul, próximo ao número 5070, no bairro Guabiruba Sul, e se transformou num atrativo turístico, associando a Bauernmalerei ao Ecoturismo.

Pintura Bauernmalerei

Bauernmalerei, ou simplesmente Pintura Bauer, é uma técnica de pintura alemã do século XVII, com traços delicados de flores e pássaros e que tem no tema campestre a sua inspiração.

O Bauernmalerei (bauer: agricultor, em alemão) + (maler: pintor, pintura, em alemão) se traduz como pintura camponesa, que tem como principal característica as pinceladas imprecisas, em formato de vírgulas e com as cores de tintas aplicadas todas ao mesmo tempo. A pintura Bauernmalerei pode ser empregada em peças de madeira, metal, vasos, placas, soleiras, janelas, portas e onde mais a imaginação levar. De forma resumida, podemos dizer que uma peça em pintura Bauernmalerei é uma pintura cheia de afetividade, que suscita lembranças de conforto, aconchego e carinho.

Referências

SIEGEL, Fabiano. **Pinturas como tradição que passa de geração para geração em Guabiruba**. Informações recebidas por WhatsApp em 28 set. 2021.

SIEGEL, Wanneida Luizelita Laurenço Pereira. **Vídeo** produzido para o P*rêmio de Reconhecimento por Trajetória Cultural Aldir Blanc SC,* Fundação Catarinense de Cultura (FCC). Vídeo recebido de Fabiano Siegel por WhatsApp em 10 out. 2021.

Maibaum: cultura e tradição que une gerações

Autora: Rosemari Glatz

A Maibaum, ou Árvore de Maio, tem origem alemã e simboliza o fim do rigoroso inverno europeu e a chegada de uma época de prosperidade, quando a natureza se renova e o desejo de dias melhores, mais fartos, coloridos e cheirosos se faz sentir com mais intensidade. Ela consiste num tronco de árvore seco que recebe pinturas em forma espiral nas cores azul e branco. Enfeitada com guirlandas e fitas, as placas-símbolo são afixadas no tronco e representam as associações, famílias, profissionais e as empresas de uma determinada cidade ou bairro. Em Guabiruba, a Maibaum é o segundo cartão postal que encontramos quando chegamos à cidade, vindo de Brusque via bairro Guarani e, de pronto, apresenta ao visitante um pouco da beleza e da rica cultura do povo guabirubense.

Origem, tradição e características da Maibaum

Desde o século XVIII, a Maibaum representa para as comunidades um símbolo de fertilidade, vida nova, organização e união. Após a Segunda Guerra Mundial, a Maibaum se tornou parte integrante permanente de muitas comunidades e cidades alemãs, com destaques às da Baviera, do Oeste da Alemanha e de Baden.

Guabiruba foi colonizada predominantemente por imigrantes alemães, a maioria originária de Baden, que chegaram a partir de agosto de 1860. Posteriormente chegaram os italianos, os poloneses e os austríacos. Inicialmente os imigrantes se dedicaram à lavoura e à extração de madeira, construindo ranchos para seu abrigo. Muitos trouxeram sua profissão de origem. Seu esforço, empreendedorismo e coragem moldaram uma cidade próspera. Depois dos primeiros empreendedores, comércios e indústrias têxteis, foi aberto o caminho para a modernização, com o início das fábricas de malhas, confecções, tinturarias e metalurgias, que se deu a partir da década de 1970. O desenvolvimento propiciou a vinda de novas famílias, culturas e tradições, que escolheram o município para construírem seu lar. E, em 2008, Guabiruba implantou a sua primeira Maibaum, inspirada na Maibaum que fica em Karlsdorf-Neuthard, cidade coirmã de Guabiruba.

Desde os tempos antigos, a Maibaum é um símbolo para o comércio,

KM
KOHLER
NCA
JC
CAROL
Maibaum

artesanato, comidas locais e famílias, e carrega os símbolos das corporações profissionais regionais, mais especificamente dos artesãos e de famílias importantes da cidade. De acordo com as riquezas da comunidade, estas placas-símbolos são mais ou menos ricamente confeccionadas. Tudo é permitido, desde a afixação de simples placas pintadas, passando por esculturas em madeira, até magníficos relevos. Obviamente, são os artesãos locais que se incumbem deste trabalho.

As Maibäume geralmente são colocadas na entrada da cidade, em locais abertos. Segundo os costumes tradicionais antigos na Alemanha, é comum que se realize um desafio entre os povoados vizinhos que têm como critérios o tamanho e a beleza da "árvore".

O preparo e vigia da Maibaum

A árvore que servirá de tronco para a Maibaum é colhida no ano anterior à sua implantação e inicialmente deve ser preparada com a poda dos galhos, deixando-a secar em local seguro, para que então possa ser pintada com as conhecidas listras brancas e azuis que, concidentemente, também são as cores da bandeira de Guabiruba. Em seguida iniciam-se os trabalhos de retirada das medidas para o feitio das placas-símbolo que são feitas por um artesão local (em alemão: Zünfte).

Conta-se que, na Alemanha, cada vila precisava de vigias para guardar as árvores antes do dia da elevação, pois o roubo da Maibaum do bairro ou distrito vizinho era um costume popular, e se não houvesse vigia, os moradores de outra vila, ladrões espertos, "roubavam" a árvore. Mas só podem "roubar" a Maibaum aqueles que também já montaram uma. Se a Maibaum for "roubada", o pagamento do resgate deve ser feito com comida e muito chope para todas as partes envolvidas. Portanto, a árvore deve estar sempre bem guardada até que esteja levantada no local estabelecido, quando não poderá mais ser roubada.

A levantação e fixação da Maibaum

Comumente, as Maibäume são erguidas a cada cinco anos, sendo obrigatório que seja elevada no primeiro dia do mês de maio. Do ritual de implantação da Maibaum derivam outros costumes, tais como a dança das fitas (em alemão: Bändertanz).

Para haver êxito na colocação da Maibaum, a união, organização, coordenação e comando são de suma importância já que, para erguê-la, é necessário o trabalho de muitas pessoas para trazer a árvore até a posição vertical, uma vez que a árvore deve ser "erguida" e "plantada" de modo manual, sem auxílio de qualquer equipamento, máquina ou guindaste.

Maibaum preparada para ser erguida em 1º de maio de 2018. Foto: Valci Reis

Assim, segundo a tradição alemã, o serviço de "plantio" da Maibaum acontece com o auxílio de duas estacas que, localmente, são conhecidas como "andorinhas" (em alemão: Schwaiberl). Provavelmente este nome provém do fato de que as duas estacas, quando pressionadas contra a Maibaum, se assemelham ao rabo de uma andorinha. A parte superior das "andorinhas" é unida com cordas que são amarradas firmemente, as quais, na hora da levantação, são pressionadas contra a Maibaum, erguendo-a aos poucos a partir da força humana sob coordenação e comando. Não é incomum que se passem horas até que a árvore esteja completamente de pé e implantada.

Com a Maibaum erguida, são colocados ornamentos para enfeitá-la, tais como o galinho do tempo (em alemão: wetterhahn) que é colocado no topo da árvore; as placas-símbolos representando as associações, famílias, profissionais e as empresas (em alemão: Zunfttafeln), e as bandeiras da cidade e do país. O arco de festão e a placa explicativa e comemorativa ao Maibaum também são ornamentos imprescindíveis.

Maibaum sendo erguida em 2018. Foto: Valci Reis

Sincronia e harmonia para levantação da Maibaum em 2018. Foto: Valci Reis

A tradição da Maibaum em Guabiruba

De acordo com Fabiano Siegel (2021), a ideia de implantar uma Maibaum em Guabiruba surgiu em 2006, quando ele e Vandrigo Kohler visitaram o Sul da Alemanha e conheceram a Maibaum que fica em Karlsdorf-Neuthard, cidade coirmã de Guabiruba.

Símbolo da união e organização da população, em Guabiruba a tradição é uma iniciativa da Associação Artístico Cultural São Pedro que se concretiza com a ajuda de convidados, sob a coordenação de Fabiano Siegel e Vandrigo Kohler. O projeto é financiando por empresas da cidade e amigas da cultura, e o preparo e implantação da Maibaum segue o tradicional rito do país de onde emigrou a maior parte da população que colonizou Guabiruba a partir de 1860, a Alemanha.

Existe um provérbio que diz que a Maibaum é o testemunho de que a união da comunidade está bem e visivelmente afixada. Em Guabiruba, além de estar bem e visivelmente afixada, a Maibaum, assim como a sua população e a sua economia, tem aumentado de tamanho a cada nova edição. As placas-símbolos representando as associações, famílias, profissionais e empresas também têm ficado maiores, e com pintura dupla face para que possam ser visualizadas por todos os lados na rótula de intersecção da rua Imigrantes com a rua Brusque.

As melhorias na Maibaum de Guabiruba têm como objetivo valorizar aquela que, por mais cinco anos, permanecerá como um dos cartões-postais da cidade. Seguindo à risca a tradição alemã que diz que a cada cinco anos a árvore de maio deve ser trocada, na manhã do dia 1° de maio de 2018 a população guabirubense implantou a sua terceira Maibaum. A primeira foi erguida em 1° de maio de 2008, e a segunda havia sido levantada 1° de maio de 2013. E a quarta Maibaum de Guabiruba será implantada em 1° de maio de 2023.

Referências

KOHLER, Vandrigo. SIEGEL, Fabiano. ***Maibaum* em Guabiruba**. Informações recebidas por WhatsApp em 4 jan. 2021.

A Lenda do Dragão da Guabiruba

Autora: Rosemari Glatz

Dragões são uma estranha coincidência do folclore mundial. A palavra dragão vem do grego "drakón" e, em Guabiruba, é uma das lendas mais famosas. Conta-se que o personagem foi avistado pela primeira vez em 1982 no bairro Lageado Alto, e com o passar do tempo se consolidou no imaginário Guabirubense. Em 2020, o Dragão de Guabiruba foi apresentado na categoria Lendas Brasileiras pelo ilustrador e escritor Caio Sales (2020).

Presente em diferentes grupos sociais, as lendas são histórias transmitidas pela tradição oral e fazem parte da cultura da humanidade. Oferecem ensinamentos de acordo com as crenças e valores dos grupos sociais, e isso também se aplica à lenda do dragão de Guabiruba. Colonizada principalmente por imigrantes alemães católicos de Baden, sua história se entrelaça à de Brusque. Durante mais de cem anos, os guabirubenses foram importante mão de obra para as grandes empresas têxteis de Brusque e algumas destas, a exemplo das empresas Renaux, possuíam extensas áreas de terras com florestas em Guabiruba, onde o furto de palmito — palmeira nativa da Mata Atlântica, da qual se extrai o palmito de melhor qualidade — acontecia com certa frequência. Para tentar minimizar o furto do palmito plantando o medo, um dos diretores da empresa Renaux teria espalhado um boato de que havia um dragão naquelas terras e, assim, foi plantada a semente do ocorrido em 1982.

A aparição da criatura se deu em meados de 1982 e o primeiro a ver o dragão foi o agricultor Pedro Smaniotti, que morava na região montanhosa do bairro Lageado Alto, Guabiruba. Pedro já faleceu, mas a história foi contada por ele mesmo ao jornal O Município em 17/08/1990, quando relembrou os momentos de terror vividos por ele no meio da mata.

Conforme relatado por Pedro, tudo começou em uma manhã aparentemente comum de vida no campo, quando ele, que era agricultor, foi até a mata buscar folhas de caeté, planta nativa, para alimentar os animais. Enquanto cortava o caeté numa grota — depressão úmida e sombria nas encostas, normalmente úmida —, ele escutou vozes, pessoas conversando muito alto. Então, Pedro disse para essas vozes: podem vir, eu não tenho medo, eu tenho um facão e vocês só estão querendo me amedrontar. Na mesma hora, um ser marrom, muito feio, passou por cima da sua

Dragão estampado na fachada da Fundação Cultural de Guabiruba. Foto: Gabrieli Kohler

cabeça com as asas bem abertas.

Apesar do susto e do medo, Pedro continuou cortando o caeté até o momento em que olhou para cima e, num galho, viu um pássaro grande do tamanho humano e que soltava língua de fogo exatamente sobre ele. Pedro ia se esquivando, mas ao se deparar com aquele ser assustador, ele caiu de joelhos e não conseguiu mais se mexer. Apesar de Pedro ter fama de contador de histórias, estórias e de mentiroso, um tipo folclórico na contação, que gostava de rir e inventar coisas, ele realmente teve uma experiência horrível naquele dia, conta o Pe. Eder Claudio Celva, sobrinho-neto de Pedro Smaniotti (2022).

Quando se recuperou, voltou rapidamente para casa, assustado e sem os bois de carga que ele havia levado para trazer os caetés para alimentar o gado. Pedro chegou em casa ofegante, com os joelhos sujos do barro úmido da grota onde havia se ajoelhado quando viu a criatura assombrosa que lançava fogo pela boca. Pedro chegou carregando apenas um pequeno maço de caeté nas costas, e o seu facão.

Contou o ocorrido para sua esposa, Laura, que, mesmo amedrontada,

Gravura de Ed Carlos, publicada no jornal O Município

aceitou acompanhar Pedro até o local. Antes de saírem, Laura colocou um galho de ramo bento sobre o seu peito e, com o rosário na mão, foi com o marido até o local, onde ela sentiu o desespero dele e viu o lugar onde ele havia se ajoelhado na grota. Ainda assustados e temerosos, pegaram os bois e voltaram para casa.

Depois da aparição do ser que soltava fogo pela língua, as imediações do local onde ele foi visto por Pedro virou uma roça de fumo (tabaco). Ele, que antes tinha pouca fé, rezou o terço por um ano inteiro e passou a andar com o rosário no bolso.

Pe. Eder Claudio Celva (2022) contou que seu tio avô Pedro Smaniotti falava de um pássaro grande do tamanho humano e que soltava língua de fogo exatamente sobre ele. Mas, como o tal "ser" era algo inexplicável, e o mundo televisivo já povoava o imaginário popular, as pessoas começaram a dizer que era um dragão, e, para que entendessem, Pedro também passou a dizer dragão.

O "ser" nunca mais apareceu para Pedro. Não se sabe se apareceu para outras pessoas, mas dizem que o dragão continua sobrevoando Guabiruba e a lenda segue ganhando novas versões, como as que o associam à queda de dois aviões na cidade, o primeiro em 1995, e o último em 2020.

Passados quarenta anos, o dragão virou produto e atrativo turístico.

O dragão, ou Draguabi — como alguns preferem chamar unindo a palavra dragão a Guabiruba, empresta seu nome para nominar empreendimentos de lazer e hospedagem na cidade.

Desde 2016, o dragão é a mascote da Associação Visite Guabiruba – AVIGUA.

E Guabiruba, parque de vida selvagem em Santa Catarina, continua sendo o habitat do Dragão.

Referências

CELVA, Eder Claudio. Troca de informações por e-mail em 7 de maio de 2022.

JORNAL DE SANTA CATARINA. **Histórias que povoam o imaginário do Vale**. Pág. 20-21. 9 jun. 2005.

O MUNICÍPIO, Redação. **Descubra como surgiu a lenda do dragão de Guabiruba há quase 40 anos.** Publicado em 30 dez. 2017.

SALES, Caio. **Dragão da Guabiruba – Lenda Brasileira**. Gazeta Bragantina. Portal de Bragança Paulista (SP). Publicado em 17 set. 2020.

Pelznickel em Guabiruba
Fonte: Arquivo Sociedade do Pelznickel (2021)

Guabiruba: Terra do Pelznickel desde o princípio

Autora: Rosemari Glatz

O Pelznickel é, antes de tudo, uma identidade do povo guabirubense. Algo que só quem cresceu em Guabiruba ou imergiu na sua cultura consegue compreender sem maiores explicações. É fruto de uma longa história, uma tradição cultural centenária cultivada pelos imigrantes alemães oriundos do sul da Alemanha que colonizaram Guabiruba a partir de 1860. Esses imigrantes eram, em sua maioria, católicos, e trouxeram consigo seus valores, tradições, expressão étnica, religiosidade e cultura. Com eles, veio a tradição do Pelznickel, que sobrevive ao tempo e continua viva no inconsciente coletivo, garantindo a manutenção dos laços de identidade do cidadão com a cidade.

Esta tradição tem crescido em importância para o povo guabirubense, de modo que a Lei nº 1667/2018 declarou o personagem Patrimônio Cultural, Histórico Imaterial da cidade de Guabiruba. A mesma lei esclarece que o Pelznickel (Pelz = pelos, pelagem; Nickel = diminutivo de Nicolau) também conhecido como "Papai Noel do Mato", deve ter as ves-

tes produzidas com trapos, barba-de-velho, folhas, e chifres de animais. Além disso, o Pelznickel deve se utilizar de instrumentos como sacos de pano, chocalhos, correntes e chicote.

Entretanto, não basta que determinada manifestação seja identificada como bem cultural, histórico imaterial por uma lei. Há que ser constatada sua relevância para a memória, a identidade e a formação de uma comunidade ou grupo social, que a mantém viva e pratica o seu conhecimento. Assim, para compreender a importância do Pelznickel para o povo guabirubense é preciso conhecer um pouco sobre a sua história, uma história que se mescla com a de Brusque, visto que os dois territórios foram ocupados simultaneamente. Guabiruba só foi criada como município a partir da Resolução nº 238/1962, sendo que a instalação oficial foi realizada no dia 10 de junho de 1962: há 60 anos.

Os primeiros registros históricos do Pelznickel em Guabiruba

O Pelznickel constitui uma tradição natalina. No tempo de Natal, entre os dias 6 e 24 de dezembro, o Pelznickel sai às ruas de Guabiruba com vestes em trapos, com muita barba-de-velho, folhas, chifres de animais, chicotes, correntes e fazendo muito barulho. O Pelznickel cobra obediência das crianças, e se isso não acontecer, dizem que ele vem buscá-las para levá-las para o mato.

No dizer da população guabirubense, o Pelznickel é uma tradição que foi passada de pai para filho desde a chegada dos imigrantes alemães no ano de 1860. É comum escutar depoimentos do tipo: "temos orgulho de pertencer a esta malha dentro da tradição que até hoje não parou. Sempre teve um Pelznickel nas ruas nos dias 6 e 24 de dezembro". De acordo com Siegel (2018), existem relatos de pessoas com mais de 90 anos de idade de que, quando elas eram crianças, já existia a tradição do Pelznickel. A foto é de 1954, a mais antiga localizada até a presente data, e foi gentilmente cedida pela Sociedade do Pelznickel.

No livro Folclore de Brusque, escrito por Walter F. Piazza e editado pela Sociedade Amigos de Brusque em 1960, por ocasião dos festejos do centenário de Brusque, encontramos literatura interessante sobre São Nicolau, Pelznickel e a Christkindl, outro personagem que vamos achar no Natal de Guabiruba. E essa literatura é amparada por relatos orais, conforme veremos a seguir.

Pelznickel em Guabiruba em 1954
Fonte: Arquivo Sociedade do Pelznickel

São Nicolau, seu ajudante Ruprecht e o Pelznickel

Piazza (1960) escreve que o dia de São Nicolau é comemorado a 6 de dezembro pela Igreja Católica. E por isso as comemorações ligadas ao Pelznickel em Guabiruba também iniciam sempre no dia 6 de dezembro.

De acordo com Piazza, São Nicolau nasceu em Petara, cidade de Lícia, na Ásia Menor, filho único de pais piedosos. Seu tio, também chamado Nicolau, era Arcebispo de Mira. Desde o primeiro instante de sua vida, São Nicolau estava voltado para o céu: ao primeiro banho, pôs-se de pé no recipiente onde o banhavam e levantou os olhos para o céu, e, tendo bom apetite durante os demais dias da semana, nas quartas e sextas-feiras só aceitava as mamadas após o escurecer do dia. E assim, voltado para o céu, cresceu, tornou-se homem piedoso, amigo das crianças, dos estudantes e dos marinheiros, e um dia foi elevado ao Episcopado de Mira.

A razão de São Nicolau ser considerado o patrono das crianças se deve a vários fatos da sua vida, guardados na tradição oral. Ora diz-se que ele ressuscitava pobres crianças trucidadas por um açougueiro, ora que salvava estudantes ameaçados por policiais ou já sacrificados pela fúria real. Ou por seu ato no caso de um pai, que não possuía bens para constituir os dotes de suas filhas, e queria que, para tal fim, elas se prostituíssem e São Nicolau, ainda jovem, ficou sabendo da situação da família e jogou pela janela da casa das três jovens uma quantia suficiente para os três dotes. Ou, ainda, por ter repartido com os pobres e necessitados a grande fortuna que possuía (Piazza, 1960).

Piazza nos informa que, para aguardar a passagem de São Nicolau no período natalino na região de Guabiruba e Brusque, algumas famílias costumavam colocar pratos na janela, ou nas mesas, para que fossem enchidos com guloseimas. E, esperando a visita de São Nicolau, as crianças cantavam:

> *"Nikolaus komm, mach mich fromm, dass ich in den Himmel Komm!"*
>
> Traduzindo, a canção significa:
>
> "Vem, São Nicolau, faz-me piedoso, para que eu entre no céu".

Outras vezes o São Nicolau passava e, do centro das ruas de Guabiruba e Brusque, ia atirando, pelas janelas e portas abertas, nozes, amêndoas açucaradas, balas, doces secos, etc.

Ainda de acordo com Piazza, a imagem de São Nicolau, comumente venerada na Europa Central e Nórdica, é de um bispo, com mitra na cabeça e báculo na mão. A legenda popular regional, entretanto, o representa acompanhado, no dia da distribuição dos presentes (Dia de São Nicolau), de um criado chamado "Ruprecht", que em Guabiruba é chamado de "Sackmann", também conhecido como o "Homem do Saco".

O alemão Alois Riffel (2018) conta que em Karlsdorf (região de ori-

gem de muitos imigrantes alemães que colonizaram Guabiruba) "durante muito tempo era comum o São Nicolau aparecer no dia 6 de dezembro, acompanhado do seu servo 'Ruprecht'. Os dois visitavam e davam presentes para as crianças no dia de São Nicolau".

Segundo Riffel, "o servo Ruprecht não era um homem assustador como o Benzenickel (ou Pelznickel, no Brasil), mas apenas o servo do Santo Bispo Nicolau. Às vezes ele trazia nas mãos uma vara ou 'molho de galhos secos', mas ele realmente não machucava ninguém". A foto é do dia 6 de dezembro de 1939 (Nikolaustag, em alemão, que significa Dia de São Nicolau), em Karlsdorf, Baden-Württemberg, Alemanha e foi gentilmente cedida por Alois Riffel.

No entender do povo, a "Ruprecht", criado de São Nicolau, compete amedrontar as crianças e, às malcomportadas, ameaçar de castigo, caso não se corrijam até o Natal. Numa analogia, em Guabiruba existe o personagem "Ruprecht", que é conhecido como o "Homem do Saco" (Sackmann, do PelznickelPlatz) e, dentre os relatos atribuídos ao Ruprecht, consta que foi dele que saiu a imagem do Papai Noel mundialmente conhecida na atualidade, numa adaptação do personagem desenhado por Thomas Nast no final do século XIX.

São Nicolau e seu servo Knecht Ruprecht em Karlsdorf em 6/12/1939
Fonte: Alois Riffel

Belzenickel, Pelznickel e o servo Ruprecht

O pesquisador e escritor alemão Lothar Wieser conta que conhece a expressão "Belzenickel" desde a sua infância no Palatinado. Segundo Wieser, tanto a palavra quanto o costume existem em toda a região sudoeste da Alemanha e a grafia "Belzenickel" ou Pelznickel são igualmente aceitas e, etimologicamente, derivam do alto-alemão médio "pelzen" que significa bater, dar pancadas. Em Guabiruba, Pelznickel é traduzido como Pelz = pelos, pelagem; e Nickel = diminutivo de Nicolau, sendo também conhecido como "Papai Noel do Mato".

Wieser informa que, nos costumes vigentes na sua infância, e ainda antes disso, não havia a figura de São Nicolau, apenas o personagem "Belzenickel" com chapéu de ponta e barba branca. É uma figura conhecida em algumas regiões da Alemanha e que hoje em dia aparece como Knecht Ruprecht (servo Ruprecht), acompanhando São Nicolau, a quem está fortemente ligado. Normalmente ele estava coberto por um manto escuro (gepelzt), vestia um gorro escuro, e carregava um saco com presentes e um molho de ramos secos, símbolo do castigo que era usado com as crianças de mau comportamento, pois ele batia com os ramos secos nas costas e/ou bunda dos que não se comportaram. Neste mesmo sentido colabora o badense Alois Riffel. Segundo ele, na região onde ele cresceu não existia o Papai Noel vermelho que conhecemos na atualidade, mas sim o Ruprecht, um homem de barba branca comprida, que vestia um sobretudo de cor escura, com cordão amarrado na cintura e com capuz pontudo cobrindo a cabeça. Trazia numa mão um saco com os presentes e na outra uma vara ou 'molho de galhos secos'.

A descrição estética apresentada por Wieser sobre o Pelznickel guarda certa semelhança com o descrito por Baasner, Riffel e Piazza. Este último, ao se referir à Festa de Natal dos tempos passados de Guabiruba e Brusque, escreve que: "na noite da véspera de Natal, as casas eram visitadas pela imponente e austera figura do Papai Noel, envergando roupas maltrapilhas, com a sua longa e venerável barba branca, com seu chapéu de abas largas, bem surrado, calçando botas bem gastas, vara e correntes na mão — símbolo do castigo para a criançada alvoroçada — e com um amplo saco nas costas, habitualmente acompanhado pela Christkind" (PIAZZA,1960, p. 164).

O escritor alemão Baasner (1992) em sua obra "Kleine Geschichte des Weihnachtsmanns" (em tradução livre: Uma Pequena História sobre o Homem do Natal), informa que, no princípio, o servo Ruprecht, também conhecido como Weihnachtsmann (em alemão: Homem do Natal), aparecia como ajudante do São Nicolau, mas, com a minimização do papel do São Nicolau promovido pela igreja após a Reforma Protestante, ele passa a ser visto acompanhando a Christkind.

Na maioria das vezes, o servo Ruprecht é retratado como um acompanhante de aparência grotesca, vestido em um manto de pele, formando um contraponto com a figura leve de luz da Christkind (numa alusão entre o claro e o escuro, o leve e o pesado...). Segundo Baasner, com o passar do tempo o servo Ruprecht passou a apresentar muitos traços humanos e foi se transformando numa figura simpática, todavia sempre mantida em segundo plano, já que a Christkind é o centro das atenções dos rituais natalinos.

Christkind ou Christkindl

Outro personagem mencionado por Piazza (1960) e que vamos encontrar ainda na atualidade no Natal de Guabiruba, é a Christkind (ou Christkindl, no dialeto alemão Badenser) que, na tradução literal, significa Cristo em forma de criança.

Segundo Baasner (1992), a figura da Christkind começa a parecer na Alemanha no século XVI, após a Reforma Protestante, e libera o São Nicolau de dar presentes. Para o autor, um dos principais motivos do surgimento da personagem Christkind foram as questões religiosas, pois a igreja não queria mais que o culto a São Nicolau fosse superior ao culto ao nascimento do Menino Jesus, e isso precisava ser incutido nas crianças.

No princípio, a figura da Christkind normalmente era apresentada por um menino com idade entre 4 e 8 anos de idade, representando o "Senhor do Mundo" e, até o século XIX, no Sul da Alemanha católica, a Christkind era representada por bonecos ricamente ornamentados e segurando na mão o globo. Essas representações entraram no culto natalino. Contudo, nas regiões de culto luterano, essas figuras ficaram em segundo plano. A Igreja Luterana deixou São Nicolau de lado, e promoveu o Cristo como o presenteador das crianças. A data de entrega dos presentes também mudou, passando do dia 6 de dezembro para o dia 24 de dezembro, véspera de Natal.

Segundo Baasner, aos poucos e com o passar dos tempos, a figura da personagem Christkind vai sendo alterada. Com finalidades pedagógicas, a imagem de um jovem rei que comanda é suavizada, e com isso a imagem da Christkind vai se tornando mais infantil. Nas áreas católicas da Alemanha, a Christkind continua a ser a principal portadora de presentes, numa referência à encarnação de Jesus como uma criança, e as figuras de pequenos anjos como mensageiros da boa nova popularizam a imagem no século XIX.

Mais tarde se observa uma nova transformação, e a Christkind começa a ser retratada de forma mais humilde, sentada no lombo de um bur-

rinho, vestindo roupas simples, numa figura mais popular que já não contempla as pessoas "de cima para baixo", e se mostrando em nível de igualdade para receber o amor e a contemplação do povo (BAASNER, 1992).

A figura, datada de 1847, representa a Christkind e o servo Ruprecht. A Christkind, personagem etérea e iluminada, nunca sente frio, enquanto o servo Ruprecht é apresentado vestindo um grosso manto de peles, o gorro e botas, num contraponto entre o leve e o pesado, o etéreo e o terreno.

Representação da Christkind no princípio
Fonte: Internet (2018)

No entanto, a transformação mais considerável da Christkind foi quando, por volta de 1900, em muitos lugares a figura deixou de ser representada como um menino e passou a ser apresentada como uma menina, com idade entre 4 e 8 anos, trajando uma espécie de vestido branco, de tecido leve e fluído, caminhando pela floresta, retratando a luz de Natal (Weihnachtslicht, em alemão).

E, nesta nova forma, torna-se indispensável que a Christkind passe a andar sempre acompanhada do servo Ruprecht, que tem como função indicar a ela o caminho e carregar os pesos (sacos). Elucidar a mudança do sexo da Christkind não é tarefa fácil. Uma possível explicação é que a questão religiosa vai sendo minimizada, perdendo força, vão se acentuando as virtudes mundanas e, entre estas virtudes, estão a afabilidade, o perdão e a generosidade. Sob o ponto de vista pedagógico, no final do

século XIX e início do século XX essas virtudes não poderiam ser representadas na figura de um menino, pois naquele tempo o masculino estava muito associado à figura representativa da guerra, sendo impensável imaginar estas virtudes num menino alemão e, por isso, a Christkind ganha a representação de uma menina afável, amigável, que incorpora a paz universal do "tempo de Natal".

Em toda essa história, o servo Ruprecht assume o lado mais pragmático, ou seja, cabe a ele o trabalho, o esforço, enquanto que a Christkind incorpora o estado das virtudes idealizadas. A relação entre as figuras do servo Ruprecht e a Christkind fascinava tanto os poetas quanto o público que não se consegue separar o mito da Christkind e do Ruprecht, e, ao longo do tempo, o elo existente entre os dois vai sendo fortalecido através de poesias, músicas, contos, peças teatrais e tradição oral.

Baasner ainda informa que, se eventualmente a Christkind não estivesse acompanhada do servo Ruprecht, ela apareceria acompanhada de um ou mais anjinhos, mas nunca sozinha. Neste caso, ao invés dos presentes saírem do saco que o servo Ruprecht carregava, eles sairiam de

Representação da Christkind acompanhada do servo Ruprecht com seu saco e molho de galhos secos, datada de 1847
Fonte: Internet (2018)

uma cornucópia (uma espécie de vaso em forma de chifre, um símbolo representativo de riqueza e abundância), ou então os presentes cairiam do céu. E, desta forma se apresenta metaforicamente que ser generoso e presentear é algo leve, num contraponto à imagem do servo Ruprecht que tem o andar denso em função dos pesos que carrega.

Para receber os presentes da Christkind havia uma condição: que durante o ano a criança tivesse sido obediente. Porém, se não tivesse sido assim, também não se espalharia nenhum medo ou susto entre os desobedientes e o castigo seria eles não receberem presentes.

Ao longo do século XX, a figura da Christkind vai se transformando mais uma vez e, em alguns lugares, passou a lembrar mais a figura de uma jovem mulher com traços humanos e com idade entre 15 e 20 anos, numa representação estética de uma figura alta, magra, com feições neutras e contemplativa. E, cada vez mais, a figura da Christkind com feições humanas vai se aproximando das feições do anjo que a acompanha, anunciando a "festa do Natal", de modo que, em algumas representações, não se consegue distinguir se a imagem é do "Anjo do Natal" ou da Christkind. Ainda segundo Baasner, o Anjo de Natal é a própria Christkind (BAASNER, 1992).

Voltando a abordar o tema Christkind em Guabiruba, até hoje há relatos de que, por volta do mês de novembro, os pais e avós costumavam espalhar flocos de algodão pelas árvores, sinalizando para as crianças que a Christkind já estava por perto e que o Natal estava se aproximando.

Ainda sobre a tradição natalina na região, Piazza (1960) escreveu que em Guabiruba e Brusque, no passado o "Papai Noel" era comumente acompanhado pela Christkind, — uma criança vestida com ampla camisola branca, representando o Cristo Criança, com um véu no rosto para evitar a identificação e uma sinetinha na mão, para anunciar sua aproximação.

Na noite da véspera de Natal, a família, ouvindo a sinetinha tocar, acendia as velas da árvore de Natal — o pinheirinho — e apagava as luzes da casa e cantava "Stille Nacht" (canção "Noite Feliz"). Em seguida, a família recebia a dupla: Papai Noel (Weihnachtsmann, em alemão), e Christkind, contando-lhes as virtudes e diabruras de cada um dos petizes da casa e discutindo se mereciam ou não os presentes desejados. Quando o 'suspense' estava no auge, havia o gesto de magnanimidade da Christkind, mandando o Papai Noel distribuir os brinquedos e guloseimas. A abertura do saco de presentes era um estouro de alegria. Feita a distribuição, a família homenageava a dupla benfazeja, dando-lhes doces e bebidas" (PIAZZA, 1960).

Se compararmos a descrição apresentada por Piazza com a narrada por Baasner (1992), veremos que os personagens se assemelham, mas o que Piazza nomina de Papai Noel, Baasner descreve como o servo Ruprecht ou como Weihnachtsmann.

De igual modo, encontramos semelhança entre o que Baasner escreveu com o depoimento de Riffel (2018), que conta que no Natal da região de Baden, Alemanha, a personagem Christkindl era representada por moças jovens da vizinhança, que se apresentam trajando vestidos brancos com um véu no rosto (para que não fossem facilmente identificadas) e, acompanhadas do servo Ruprecht, entregavam os presentes no Natal. Em eventos natalinos da Alemanha, ainda na atualidade encontramos o servo Ruprecht, o São Nicolau, e a Christkindl abrindo o Mercado de Natal. Em Nuremberg, inclusive, vamos encontrar um evento chamado Christkindlesmarkt.

A versão guabirubense da Christkindl, que há cento e sessenta e dois anos é transmitida de pais para filhos, conta que São Nicolau era casamenteiro e, em troca do serviço pelo casório, pedia para que, no Natal, as noivas saíssem para ajudar as pessoas mais necessitadas. Assim, atendendo ao pedido de São Nicolau, as jovens mulheres saíam com a sua veste de casamento (vestido branco com véu no rosto) na época do Natal, e iam as casas para ajudar as pessoas que precisassem, para entregar doces as crianças e até dar presentes. Em Guabiruba ainda é preservada a cultura da Christkindl e, no dialeto Badenser, falado em Baden — Alemanha — de onde emigraram os colonizadores de Guabiruba, Christkindl significa Menino Jesus, que é bondade e carinho (SIEGEL, 2021).

A origem do Papai Noel

Ao se referir às comemorações natalinas, o pesquisador alemão Lothar Wieser informa que o costume do personagem "Belzenickel" ou Pelzinickel e do servo Ruprecht deve ser muito antigo, pois existem indicações da expressão relacionadas aos "Alemães da Pensilvânia" que emigraram no século XVIII do Palatinado para a América do Norte. E o artista Thomas Nast, emigrante alemão de Landau (Renânia-Palatinado, Alemanha), é considerado o criador da figura do Nicolau e responsável pela popularização do personagem Papai Noel (WIESER, 2018).

Hoje, no mundo ocidental as crianças conhecem o Papai Noel gorducho, de barba branca, roupa vermelha e bota preta, mas possivelmente poucos conhecem a sua origem. E tampouco o seu inventor palatino dificilmente teria sonhado com isso.

Conta-se que, para criar o personagem, Thomas Nast se inspirou numa foto do servo Ruprecht tirada em sua antiga casa, em Landau (Renânia-Palatinado, Alemanha). No final do século XIX foi publicada, no "Novo Mundo", uma coleção das obras natalinas de Nast, mas o seu desenho mais famoso, "o Papai Noel", só se tornou conhecido mundialmente em 1931, a partir da adaptação do personagem para anúncios da Coca-Cola, numa campanha publicitária que acabou por transformá-lo num

símbolo mundial de Natal, e fazendo de Thomas Nast o "Pai do Papai Noel" (SWR, 2018).

Mas, afinal, o que é Pelznickel na cultura popular de Guabiruba?

O Pelznickel é, antes de tudo, uma identidade do povo guabirubense. Algo que só quem cresceu ou imergiu na cultura de Guabiruba realmente consegue compreender. Os demais, talvez definam o Pelznickel como "Papai Noel do Mato"; "Monstro Assustador"; "Bicho Feio e Chifrudo", um personagem que aparece anualmente em desfiles pelas principais ruas de Guabiruba durante as festividades de Natal entre os dias 6 e 24 de dezembro.

O autor Piazza, ao escrever sobre as festividades natalinas em 1960, dizia que em Guabiruba e Brusque, além do São Nicolau, era comum certos tipos populares trajarem-se com trapos e, conduzindo pesadas correntes, representavam o Pelznickel, para atemorizar a garotada. O que, de certo modo, consistia num preparo psicológico para o Natal, como que avisando: os bons serão premiados e os maus esquecidos.

José Siegel contou a Fabiano Siegel sobre o Pelznickel: "Quando eu era criança, era comum ter medo dos Pelznickel. Eu sempre desconfiava que o pai era um, porque ele sempre ia muito para o mato (ele ia para o mato caçar), mas mesmo assim, no tempo de Natal, a gente espiava para onde ele ia (para o mato). Lá em casa tinha um sótão no rancho onde a gente não podia subir. E só depois de muito tempo foi que descobrimos que era lá que ele guardava as roupas dos Pelz. No tempo de Natal, o que a gente ganhava eram doces, e adorávamos isso, e já começava no dia de São Nicolau, dia 6 de dezembro. Os nossos presentes eram de madeira e feitos por nossos pais mesmo, eu lembro que ganhei uma espingarda que mais parecia ser um galho, e quem trouxe foi o Pelznickel no dia 24 de dezembro, mas antes de ele chegar eu já tinha me escondido porque eu tinha provocado eles (Pelznickel) ali na (casa da) Tante Dietrich". José Siegel finalizou a entrevista dizendo: "mas nunca soube se o meu pai era Pelznickel mesmo, acho que esqueci de perguntar, mas creio que sim, por causa das roupas, que depois eu até usei uma delas" (Siegel apud Cerbaro, 2009).

Para o empresário Ivan Fischer, integrante da Sociedade do Pelznickel, o personagem é portador de um caráter educacional, e por causa dele muitas crianças obedecem aos pais (Fischer apud Cerbaro, 2009). É comum presenciar a promessa de bons modos na ponta da língua, não só em crianças, mas também em adultos ao se defrontarem com o Pelznickel.

Mas uma coisa é fato: cada Pelznickel é único e se renova ano após ano. O traje é preparado pelo próprio Pelznickel. Usam-se trapos e roupas velhas nas quais são costuradas folhas de uma espécie de palmeira comum em Guabiruba, de folha larga, chamada Geonoma Gamiova (popular palheira). Nos trajes também se costuma usar barba-de-velho (Tillandsiausneoides) — uma bromélia que vive em árvores ou em outros substratos inertes — e que existe em abundância em Guabiruba e na região do Vale do Itajaí.

Significado da palavra Pelznickel

Existem, no mínimo, duas definições para o nome Pelznickel. A Sociedade do Pelznickel explica que o nome Pelznickel significa: Pelz: pelos, pelagem. Nickel: diminutivo de Nicolau (Blog do Pelznickel, 2021). Assim, Pelznickel também poderia ser traduzido como "Nicolau Peludo", no dialeto badense, falado em Baden — Alemanha — de onde emigraram os colonizadores de Guabiruba.

O pesquisador alemão Lothar Wieser (2018), por sua vez, informa que, etimologicamente, a palavra Pelznickel deriva do alto-alemão médio "pelzen" e significa: bater, dar pancadas. Mas, independentemente da tradução que se dê ao nome Pelznickel — cada um deles sempre vai ser exclusivo, pois dentro do Pelznickel existe um ser humano único.

A aparência do Pelznickel

A aparência do Pelznickel costuma ser assustadora e alguns trazem chicotes, varas e correntes nas mãos. Alguns têm chifres e outros trazem chupetas e/ou mamadeiras amarradas pelo corpo. Ao se referir à questão estética do Pelznickel, Alisson Sousa Castro (2015) afirma que a aparência do Pelznickel (de Guabiruba) lembra a de um terrível monstro — de um 'bicho chifrudo que vem do mato'. Ele diz que o material utilizado para a confecção de sua vestimenta sugere, a princípio, que foram adaptados materiais locais no lugar de peles de animais. Seu traje é composto por uma vestimenta feita geralmente de trapos e/ou barba-de-velho — na Rua São Pedro —, ou folhas de Geonoma Gamiova (popular palheira) — na Rua Guabiruba Sul.

Fabiano Siegel descreve assim a estética do Pelznickel: "ornado com chifres na cabeça, portando chicote, corrente ou vara nas mãos, pode também levar adereços como sinos ou mesmo chupetas infantis — sugerindo condutas a serem abandonadas pelas crianças". E, ainda: "muitas pessoas chegam a Guabiruba, vindas de outros lugares e não conhecem

a nossa tradição. Elas podem se assustar e até pensar que somos bagunceiros e que queremos deturpar o Natal. Mas nosso objetivo é manter preservada essa cultura. É algo sério e nosso". Na visão de Siegel, "medo e respeito caminham juntos, e o Pelznickel tem um caráter educacional" (Siegel apud Cerbaro, 2009; Machado, 2010). E, assim, a tradição do Pelznickel foi sendo transmitida de geração em geração até que foi criada a Sociedade do Pelznickel.

A Sociedade do Pelznickel

Com o objetivo de preservar, cultivar e ativar a cultura natalina centenária e única que foi trazida pelos imigrantes badenses e que sobrevive ao tempo, em 2005 foi criada, em Guabiruba, a Sociedade dos Pelznickel. E é única pois, segundo a diretoria da Sociedade dos Pelznickel, não se conhece outro lugar no Brasil onde essa cultura ainda exista.

Composta por mais de 50 integrantes, a Sociedade do Pelznickel é considerada um grande braço da cultura da cidade de Guabiruba. Os integrantes da sociedade costumam se reunir periodicamente para estudar a história e se organizar para a promoção de novos eventos, sendo que os desfiles são considerados sua marca.

Além de participar dos desfiles promovidos pela própria população e pela administração pública de Guabiruba, a Sociedade do Pelznickel também tem sido convidada para participar de inúmeros eventos em outras cidades, tais como encontros de papais noéis, ações em escolas da região e desfiles de Natal. Nestas oportunidades, quando possível e pertinente, outros personagens como a Christkindl, o Opa e a Oma, o Sackmann, e São Nicolau também participam dos desfiles, sempre divulgando a cultura da cidade.

A partir de 2012 a Sociedade do Pelznickel passou a promover um grande evento anual, chamado de Pelznickelplatz — Lugar do Pelznickel — oportunidade em que os interessados na cultura guabirubense podem visitar o espaço "onde vive o Pelznickel".

E os trabalhos da Sociedade do Pelznickel começam a colher os frutos, pois, em 2018, o Ministério da Cultura, por meio da Secretaria da Cidadania e da Diversidade Cultural, a partir de critérios estabelecidos na Lei Cultura Viva (13.018/2014) reconheceu a iniciativa Pelznickel como Ponto de Cultura. O certificado emitido pelo Ministério da Cultura comprova que a Sociedade do Pelznickel desenvolve e articula atividades culturais em sua comunidade, e contribui para o acesso, a proteção e a promoção dos direitos, da cidadania e da diversidade cultural no Brasil. Segundo Cultura (2018), a principal ação do Programa Cultura Viva são os Pontos de Cultura — entidades/grupos/coletivos, com atuação comprovada na área cultural, selecionados por edital de responsabilidade do

Ministério da Cultura (MinC), em parceria com outros órgãos do governo federal e com governos estaduais e municipais.

Pelznickelplatz

Desde a sua fundação, a Sociedade do Pelznickel participa de diversos eventos, como do Desfile de São Nicolau pelas ruas da cidade (sempre no dia 6 de dezembro), do Weihnachten em Guabiruba (Cantata de Natal), dos Desfiles de Natal, de apresentações em cidades vizinhas como Blumenau e Pomerode, e premiações do Concurso Weihnachtslichter (Concurso Luzes de Natal) promovido anualmente, desde 2016, pela Associação Visite Guabiruba – AVIGUA.

Em 2012, a Sociedade do Pelznickel abriu, pela primeira vez, os portões do Pelznickelplatz, o local que é a morada do Pelznickel. Instalado na Rua Nicolau Schaefer, 647, bairro Imigrante, em Guabiruba, desde a sua primeira edição o Pelznickelplatz vem engrandecendo o Natal de crianças, jovens, adultos e idosos, porque o Pelznickel é uma "tradição que encanta".

O Pelznickelplatz costuma abrir seus portões ao público nos dois últimos finais de semana que antecedem o Natal. Na primeira edição, em 2012, recebeu em torno de 3 mil visitantes, em 2013 esse número já subiu para 8 mil visitantes e, a partir de então, passou a receber cerca de 14 mil pessoas em cada edição. Em 2019, a Pelznickelplatz recebeu 17 mil visitantes. Em 2020, em função das restrições sanitárias decorrentes da Covid, o espaço onde mora o Pelznickel não pôde ser aberto ao público. Em 2021 e 2022 a Pelznickelplatz voltou a ser sucesso de público, e milhares de pessoas conheceram e interagiram com o Natal mais tradicional do Brasil na Pelznickelplatz. O evento tem gerado mídia espontânea, com publicações na imprensa local, regional, estadual, e até nacional. É de Guabiruba para o mundo!

Personagens que vivem no Pelznickelplatz

No Pelznickelplatz da Guabiruba, vivem diversos personagens que dão vida ao espaço. Conforme informações extraídas do Blog do Pelznickel, quem visitar o local vai encontrar as Christkindl, o Opa e a Oma no Farmhand (na casa do colono), o Sackmann, o São Nicolau e muitos e muitos Pelznickel pois, afinal, eles vivem no mato da Guabiruba.

Conheça melhor, a seguir, cada um dos personagens, conforme descrito pela própria Sociedade do Pelznickel.

Christkindl - Conta a lenda que São Nicolau era casamenteiro e que pedia as noivas para que, no tempo do Natal, saíssem para ajudar as pessoas mais necessitadas, em troca do serviço pelo casório. Assim, atendendo ao pedido de São Nicolau, na época do Natal as moças iam de casa em casa, com sua veste de casamento (vestido branco e véu cobrindo o rosto), para ajudar as pessoas que precisassem, entregar doces para as crianças e até dar presentes. No dialeto alemão Badenser (falado na região de onde emigraram os colonizadores de Guabiruba), o nome Christkindl significa "Menino Jesus" ou "Cristo Criança". Bondade e carinho, assim são as Christkindl que atuam no Pelznickelplatz, e que desempenham o papel de Cristo Criança muito bem.

Farmhand - Na casa do Farmhand (trabalhador agrícola, agricultor, colono), o visitante pode encontrar uma mesa farta de comidas do campo, como o famoso cafezinho preparado pela Oma no coador de saco de pano, com a água esquentada no fogão aquecido com a lenha que o Opa recolheu na mata.

Sackmann - Também conhecido como o "Homem do Saco", ele vive no Pelznickelplatz. Conta a lenda que antigamente o Sackmann passava de rua em rua, trajando suas velhas roupas, com seu chapéu de abas largas, bem surrado e sempre com um saco nas costas para pegar as crianças que andavam sozinhas pela rua, principalmente à noite. O Sackmann prendia as crianças no saco e as carregava, mas ninguém sabe para onde ele as levava.

São Nicolau - Diz a tradição que São Nicolau nasceu em Petara, na Ásia Menor (hoje Turquia) na segunda metade do século III e que faleceu no dia 6 de dezembro do ano de 342. Ao São Nicolau foram atribuídos diversos milagres, o que fez dele um santo popular na Europa, como protetor dos marinheiros, comerciantes e santo casamenteiro. Conta-se também que, nos tempos difíceis, ele costumava ajudar os pobres e oprimidos. Ele se destaca como amigo das crianças, pois foi a elas que São Nicolau mais se dedicou.

Pelznickel - Segundo a lenda descrita no Blog do Pelznickel, a relação de São Nicolau com os Pelznickel começou assim: no tempo do Natal, São Nicolau passava nas casas para dar a bênção e entregar doces, mas em algumas casas havia crianças muito rebeldes, que não respeitavam os pais e os mais velhos, eram desobedientes. Então São Nicolau teve a ideia de buscar os moribundos que viviam além dos muros da cidade para dar um susto, ou mesmo uma surra, nas crianças que não eram respeitosas. E isso deu muito certo, por isso o São Nicolau passou a andar com eles. Com o passar dos anos, os moribundos foram criando formas mais assustado-

ras e começaram a ser chamados de Pelznickel, numa referência ao traje que eles usavam que era feito de pelos, pois no Natal europeu faz muito frio, e por andarem acompanhando o São Nicolau.

No entardecer dos dias 6 e 24 de dezembro, o Pelznickel sai das matas onde vive e invade as ruas de Guabiruba para dar uma lição nas crianças que não se comportaram bem durante o ano, com o objetivo de que elas reflitam e melhorem as suas atitudes no ano seguinte. Cobertos de folhas, barba-de-velho ou trapos, com chifres e máscaras assustadoras e carregando correntes, chicotes ou varas, eles auxiliam o Papai Noel na tarefa de entregar presentes para aqueles que foram bonzinhos, bem como amedrontar e até castigar as crianças que andaram aprontando ao longo do ano.

Terra do Pelznickel: a visão do turismo de Guabiruba

A tradição do Pelznickel sobrevive ao tempo e continua viva no inconsciente coletivo dos guabirubenses, preservando as condições espirituais do povo, garantindo a manutenção dos laços de identidade que unem o cidadão à história da cidade. Decorridos 162 anos desde a chegada dos colonizadores germânicos, a tradição trazida pelos imigrantes de Baden se mantém.

Ano após ano, continua sendo fácil encontrar o Pelznickel circulando pelas ruas de Guabiruba no dia 6 de dezembro, dia de São Nicolau, e no dia 24 de dezembro, véspera de Natal, principalmente pelo Centro e nos bairros Aymoré, Guabiruba do Sul, Imigrante e São Pedro. São apresentações espontâneas, organizadas pela própria população e muito prestigiadas.

E, recentemente, com o fortalecimento da identidade promovida pelas ações da Sociedade do Pelznickel, se observa o envolvimento crescente de crianças que já têm o sonho de ser um "pequeno Pelznickel", e para isso elas mesmas confeccionam os seus trajes e espontaneamente participam dos desfiles pelas ruas de Guabiruba. É algo muito próprio, natural e até "orgânico".

Outro fato que chama a atenção é que, após a criação da Sociedade do Pelznickel e mais contundente após a abertura do Pelznickelplatz, em 2012, Guabiruba começou a ser conhecida como "Terra do Pelznickel". Crianças nascidas após essa data ou que ainda eram pequenas quando da abertura do PelznickelPlatz, ao passar defronte do espaço onde ele está instalado, costumam se referenciar ao local como "ali mora o Pelznickel..."

E o Pelznickel, ano após ano, efetivamente vem se consolidando como um importante produto turístico de Guabiruba, e isso ficou transparente

Personagens do Pelznickelplatz: à esquerda, o Opa e a Oma, e os Sackmann
Ao centro: São Nicolau. À direita: as Christkindl com suas sinetinhas
Fonte: Arquivo Sociedade do Pelznickel

no Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável – PDITS, onde, de forma coletiva, em 2017 se chegou à seguinte visão do turismo de Guabiruba:

"Ser reconhecida nacionalmente, em 2025, como a terra do Pelznickel, um destino sustentável e diversificado, que oferece experiências memoráveis".

No PDITS ficou claro que o destino Guabiruba possui posição de destaque na região no quesito turismo, principalmente em função de sua oferta turística natural de grande atratividade, localização geográfica privilegiada e acesso facilitado. E, somado a isso, possui um produto turístico único, que chegou à região em 1860 junto com os imigrantes germânicos: a tradição do Pelznickel.

Uma observação mais atenta ao conjunto de fatores que vem se desenrolando simultaneamente na região indica que, com a viabilização de ações em prol do desenvolvimento e promoção turística delineadas no PDITS, Guabiruba poderá, no médio prazo, se tornar um dos principais destinos catarinenses do ecoturismo, do turismo de aventura, e do turismo cultural. E, neste quesito, a Sociedade do Pelznickel tem papel preponderante, pois, ao abrir anualmente as portas do Pelznickelplatz para que comunidade e turistas possam desfrutar da sua cultura de raiz — na busca de uma conexão com o seu passado, na intenção de reencontrar suas raízes — atua de forma organizada e consistente contribuindo para manter vivas e fortalecer as tradições locais.

A tradição do Pelznickel: identidade do povo guabirubense

Quando os imigrantes saíram da Alemanha e se instalaram na Colônia Itajahy-Brusque, o Pelznickel se vestia com trajes feitos de pelos, pois no Natal na Europa é inverno, costuma ter neve e fazer muito frio. Mas, em Guabiruba, onde o Pelznickel vive no Brasil, no Natal é verão e faz muito calor. Então os Pelznickel adequaram os seus trajes para o clima tropical e hoje eles aparecem cobertos de folhas, barba-de-velho ou trapos de roupas escuras, com chifres e máscaras assustadoras e carregando correntes, chicotes ou varas, com bicos e mamadeiras pendurados pelo corpo. A indumentária dos Pelznickel mudou, mostrando que tradição e transformação são complementares entre si, e não excludentes. Mas o cerne do Pelznickel permanece o mesmo, e eles continuam ajudando a Christkind na tarefa de entregar presentes para aqueles que foram bonzinhos, bem como a amedrontar as crianças e os adultos que andaram aprontando ao longo do ano.

Na terra da guabiroba — a árvore frutífera que emprestou seu nome à cidade — e chamada carinhosamente de "Guaba" pelos seus moradores, a tradição do Pelznickel continua viva no inconsciente coletivo da gente guabirubense, garantindo a manutenção dos laços de identidade do cidadão com a sua cidade e levando ao sentimento de pertencimento, uma emoção considerada fundamental no processo de coesão social, pois evita que a cidade se transforme em "terra de ninguém", sem defensores de sua integridade, funcionamento e beleza.

E, deste modo, na "Terra do Pelznickel", onde educação, disciplina, família e cultura sempre caminharam juntas, e fortalecidos na sua fé graças ao seu alto nível de religiosidade, adultos e crianças prosseguirão confeccionando seus trajes, participando de eventos e de desfiles.

E cada um vai prosseguir sendo único, especial, pois dentro de cada um deles existe um ser humano singular, uma vez que o Pelznickel é, antes de tudo, uma identidade do povo guabirubense.

Oração da criança em português	Oração da criança em alemão clássico	Oração da criança em dialeto alemão Badenser
Eu sou pequeno, Meu coração é puro! Ninguém deve morar dentro dele Se não Jesus. Amém!	Ich bin klein, Mein Herz mach rein! Soll niemand drin wohnen. Als Jesus allein. Amen!	Ich bin kloin, Mein Herz ist rein! Soll niemand drin wohna Als Jesus kind aloin. Amen!

Tradução de Roque Luiz Dirschnabel

REFERÊNCIAS

BAASNER, Rainer. Kleine Geschichte des Weihnachtsmanns. Berlim: Nicolai, Beuermann: 1999.

CASTRO, Alisson Sousa. Se correr o bicho pega, se ficar o bicho leva: Percursos históricos, usos e sentidos atribuídos ao Pelznickel em Guabiruba – SC. Dissertação de Mestrado. UNIVILLE. Joinville, 2015.

CERBARO, Suelen. Cultura Alemã: Tradição que ultrapassa gerações. O Município, Brusque, p. 4-5-9, dez. 2009.

CULTURA. Disponível em: http://www.cultura.gov.br/cidadaniaediversidade Acesso em: 29 jun. 2018.

DIRSCHNABEL, Roque Luiz. Tradução: Oração da criança para alemão clássico e para o dialeto alemão Badenser concedido a Rosemari Glatz por WhatsApp, no dia 31 de outubro de 2021.

GLATZ, Rosemari e outros. A imigração alemã em Santa Catarina. Capítulo do livro Famílias de Origem Alemã no Estado de Santa Catarina. Volume I. GenealogiaRS. Porto Alegre, 2017.

GLATZ, Rosemari. Imigração alemã no estado de Santa Catarina: uma síntese histórica. Anuário Notícias de Vicente Só. Sociedade Amigos de Brusque. Editora da Unifebe. Brusque, 2017.

GLATZ, Rosemari. Pelznickel: uma cultura centenária trazida pelos imigrantes alemães que sobrevive ao tempo em Guabiruba. Anuário Notícias de Vicente Só. Sociedade Amigos de Brusque. Editora da Unifebe. Brusque, 2018.

MACHADO, Carina. Cultura de Natal – Pelznickel: tradição que emociona e assusta. O Município, Brusque, p. 8B-9B, 2 dez. 2010.

PDITS. Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável de Guabiruba. 2017.

PELZNICKEL, Sociedade do. Guabiruba – Terra do Pelznickel! Disponível em: http://pelznickel.blogspot.com.br/ Acesso em: 2 out. 2021.

PIAZZA, Walter F. Folclore de Brusque: Estudo de uma comunidade. Edição da Sociedade Amigos de Brusque. Brusque, 1960.

SIEGEL, Fabiano. Explicações fornecidas a Rosemari Glatz por WhatsApp, no dia 4 de novembro de 2021.

SWR. Disponível em:

https://www.swr.de/archiv/regionen/100-groessten-rheinland-pfaelzer/nast-thomas/-/id=2367956/did=2465788/nid=2367956/7akv34/index.html. Acesso em: 9 jul. 2018.

WIESER, Lotar. “Das hiesige Land gleichteinemParadies”: Die Auswanderung von Baden nachBrasilien im 19. Jahrhundert (“Esta terra é um paraíso”: A emigração badense ao Brasil no século XIX). Volume 1. Badisch-Südbrasilianische Gesellschft (BSG): Karlsdorf-Neuthard:VerlagRegionalkultur, 2014.

Mão de Onça: figura folclórica de Guabiruba

Autor: Roque Luiz Dirschnabel

Figura folclórica de Guabiruba, Mão de Onça ficou conhecido na cidade pelo seu bom humor e sotaque característico.

Com cerca de 1,90 metro de altura, o jovem Genésio Gums, descendente de alemães nascido no bairro Aymoré, sempre cativou as pessoas pela sua simplicidade, além de ser muito prestativo.

Genésio Gums nasceu no dia 4 de março de 1937 e faleceu no dia 17 de maio de 1994, casou-se com Amélia Bretzke Gums, com que teve seis filhos: Márcio, Ilton, Vilaci, Gelson (in memoriam), Olinda e Dolores. Costumava dizer: Amélia (nome da esposa) que é mulher de verdade.

Apaixonado por futebol, seus times do coração eram o Paysandú e o Fluminense. O amor pelo futebol e suas grandes mãos o tornaram um personagem pitoresco, sendo carinhosamente chamado de Mão de Onça.

Mão de Onça foi goleiro do time amador Aimoré Futebol Clube na década de 1960, período em que o time conquistou alguns títulos e troféus e se tornou conhecido até hoje. Se não bastasse o seu sotaque carregado, as suas piadas foram se multiplicando, sendo contadas pelos amigos que

conviveram com ele, e se espalhando por toda a região.

Muitas histórias e anedotas são verídicas, outras foram acrescentadas por amigos e parentes, mas foram sendo atribuídas a ele com o passar dos anos. "O Mão era uma pessoa genial. Tinha suas características próprias e nem tudo que ele dizia era piada, mas pelo seu jeito de ser, acabavam tornando-se engraçadas, pois não precisava ser piada para rir", conta o amigo e radialista Saulo Tavares. O sotaque alemão e a forma espontânea de se manifestar já retratavam o personagem.

Quem teve o privilégio de conhecer o Mão de Onça, certamente não esquecerá de suas histórias e aventuras. Entretanto, se faz necessário citar que o Mão não foi apenas o goleiro do Clube Aimoré, como é conhecido, mas também foi vereador, entre 1989 e 1993, motorista de ambulância, taxista, delegado e vendedor de carros — negócio que continua sendo tocado até hoje pelos seus dois filhos.

"O campo é meu e a bola é minha!"

Mão de Onça se tornou figura folclórica e faz parte da cultura da cidade de Guabiruba. Os alunos de escolas do município já fizeram apresentações de teatro usando algumas das histórias atribuídas ao Mão. Nos bares e nas festas, sempre tem alguém para contar uma piada do Mão, pois é impossível não rir.

Mário Debatin (in memoriam) lembra, aos risos, de algumas passagens. Mão foi seu colega de escola e de futebol de campo. Ao lembrar-se do amigo, chega a rir sozinho. "Foram tantas coisas, ele era muito engraçado e gente fina. Não tinha como não rir dele. Mão sempre gostou do futebol e lembro que quando estudamos juntos e o professor aparecia com a bola debaixo do braço, ele já dizia: "Lederball, Lederball", ou seja, bola de couro em alemão", conta.

Debatin se lembra de um jogo no Morro do Baú, em Gaspar: "Saímos cedo e no meio do caminho o ônibus que o tio do Mão tinha comprado estragou, mas conseguimos chegar. Lá, quando o jogo estava para começar, Mão saiu correndo e pediu para o juiz parar o jogo. Juiz olhou e ele disse: preciso ir ao banheiro e lá saiu o Mão correndo para a roça de cana. Minutos depois voltou pro campo" (risos).

Ao que parece, Mão estava sempre passando por alguma situação engraçada. Uma dessas foi presenciada pelo amigo Tavares, no campo do Palmeiras, em Blumenau, em um jogo do futebol amador. Segundo o radialista, além de Mão, os demais membros da família Gums também eram bons jogadores. Nesse jogo, seu sobrinho Vilmar Gums, conhecido como Mala, estava em campo.

Na arquibancada poucas pessoas, e Mão, de pé, estava lá incentivando o sobrinho. "Esse é meu sobrinho, o kraque do time. Xóga muito". Mas,

num lance em que Mala driblou dois e chegou na área, ao invés de passar a bola tentou driblar mais um, mas acabou perdendo. No mesmo instante, Mão gritou: "Seu dreinador, dirra esse meu sobrinho, que é vominha de bola".

O futebol amador era a diversão de muitos jovens daquela época, que além de jogar no Paysandu e Carlos Renaux, também defendiam outros times, como o Aimoré e o Dez de Junho. Mão era de família tradicional do bairro Aymoré, que aliás leva este nome devido ao time de futebol. Para distinguir o time do bairro, simplesmente se escreve o Clube com "i", sendo o bairro denominado com a letra "y", o que hoje ainda confunde a denominação do atual bairro, trocando-se a vogal pela consoante na sua origem.

Entre uma e outra passagem vindas do futebol, certo dia os amigos de Mão lhe deram um recado: "Mão, se prepara porque tu vai ser banco, porque estão contratando um goleiro que foi jogador do Renaux e também jogou no Paysandú, o Bragança vem pra cá e ele não vai ser teu reserva". No mesmo instante Mão respondeu. "O campo é meu, a drráve fui em quem potei, e a bola eu comprei na Casa Zendron, as camisa são minha. Sé eu não xógar eu dirro a drráve, dirro a bola, dirro as camisa e aí eles vão xogá em traje de Adão".

O Mão gostava tanto de futebol que, em um aniversário, o hino do Fluminense ficou tocando a festa toda. "Fiquei na festa quatro horas e durante toda a festa a música foi só o hino do Fluminense. Perguntei o motivo e ele me respondeu: só não dóco o hino do Paysandú porque não tem kravação, porque quando divér vou revezar do Fluminense e Paysandú", recorda o amigo Mário Debatin.

Um grande coração

As anedotas contadas por toda Guabiruba e nos municípios vizinhos onde Mão era conhecido pelos negócios também são lembradas com bom humor pelos amigos e familiares. Na revenda de carros comandada pelo filho Márcio Gums e três netos de Mão, toda a semana alguém chega fazendo uma piada ou contando alguma de suas brincadeiras. Márcio, além dos traços físicos do pai, segue também os ensinamentos e o negócio deixado por ele. "Seguimos o negócio porque tudo que sei, aprendi com ele".

Genésio Gums faleceu aos 57 anos de um infarto fulminante. "Tenho muito orgulho dele. No dia que ele morreu eu perdi meu pai, meu sócio e meu grande amigo, e não deu tempo de me despedir", diz Márcio, com os olhos lacrimejados.

Contudo, além de todo o aspecto folclórico atribuído ao Mão de Onça, familiares e amigos lembram da generosidade dele. Dono de um coração enorme, Mão nunca se negava a ajudar. Segundo Márcio, seu Genésio era

muito bondoso com todos, especialmente com quem precisava. “Muitas e muitas vezes ele levou pessoas ao hospital que não tinham como pagar a corrida e nem a internação. Mesmo ele não tendo tantas condições financeiras naquele momento, sempre dava um jeito de ajudar”, lembra o filho, que tem no escritório uma foto do pai sorridente.

Depois de se aposentar do futebol, Mão de Onça seguiu carreira vitoriosa nas canchas de bochas de Guabiruba. Pelo Aymoré, foi tricampeão nesta modalidade. Também, com a bocha disputava torneios no Lajeado Alto. “Minha mãe tinha um bar e lá faziam os torneios. Quem perdia tinha que pagar a comida, quem ganhava pagava a cerveja, que era mais barata na época. O time do Mão sempre ganhava e o prato preferido era polenta. Ele adorava uma polenta”, conta o funcionário da revenda e amigo da família, Ivânio Felisbino.

O churrasco do Fiat 147

A família Gums tem uma trajetória política muito importante na cidade. Os três irmãos, Genésio, Octívio e Wilson Antônio Gums chegaram a ser vereadores em uma mesma legislatura, sendo inclusive de partidos diferentes. Mão em uma de suas campanhas prometeu para os seus eleitores que pagaria uma grande festa com churrasco caso fosse eleito. Proclamado o resultado, precisou cumprir o prometido. Sem dinheiro para pagar a festa, teve que vender o seu carro – um Fiat 147 – e comprou dois bois. Desse jeito cumpriu sua promessa, se desfez do carro e pagou festa para os eleitores dele e mais aqueles que não votaram.

Perdido no Maracanã

Uma das histórias mais contadas até hoje se passou numa viagem ao Rio de Janeiro. Conta-se que Mão de Onça e um amigo foram ao Maracanã, um dos maiores estádios do mundo, para conhecer e assistir a um jogo. Mão foi ao banheiro e se perdeu. Para localizar o colega, chegou até o guarda e disse: “Ô sekurança. Tu fisse se o meu amiko Egon Schweigert passo porr aqui?” Outra, se deu quando o Mão foi pedir uma água mineral. Egon tu experras um pouco, que estou com sede. Então, o Mão foi até um bar próximo e perguntou para o garçom: Vocês têm água mineral Santa Catarina? Ao responder que não, o Mão de Onça ficou irritado, pois em Santa Catarina em todo bar se acha. Ainda, na saída do bar o Mão não viu mais o seu amigo Egon e perguntou para as pessoas que ali estavam: Vocês virram o Egon Schweigert porr aqui?

Anjinho

Certo dia o Mão foi até a igreja para tomar vinho, mas quando chegou na sacristia o padre lá fora escutou um barulho e perguntou: Quem está aí? Nisto o Mão com medo logo foi subindo a escadaria da torre. O padre perguntou novamente: Quem está aí? Então o Mão escondido lá de cima respondeu: É um hánxo!

O padre ficou perplexo: Um anjo?

Se você realmente é um anjo, então desça voando!

Mão de Onça, com medo, responde:

— No bóso, sô um hánxo filhotón.

Bicho no caminho

Certa vez, Mão de Onça saiu às pressas de Guabiruba, no seu táxi, para levar uma senhora que estava doente ao Hospital Azambuja, em Brusque. Em alta velocidade, ele passou por cima daqueles obstáculos conhecidos como "tartarugas", usados para delimitar a pista em alguns trechos. O problema é que a polícia estava fazendo blitz, sinalizou para ele parar, mas ele seguiu em frente, pé no fundo e foi perseguido pelos policiais. Ao chegar ao hospital, foi abordado por um policial:

— O senhor tá doido? Por que andar tão rápido? Não viu que passou por cima das tartarugas?

— Ô seu polícia, não fi bicho nenhum no caminho.

Caminhão da HM

Em uma de suas viagens de carro para Itajaí, Mão de Onça exagerou na velocidade e passou a ser perseguido por uma viatura da Polícia Rodoviária Federal (cujas viaturas são pintadas de azul e amarelo). Depois de uma perseguição, os policiais cortaram a frente e Mão parou.

— Por que o senhor não parou quando fizemos sinal?

— Polícia, eu pensei que era o kaminhón da Hermes Macedo! (empresa varejista que, na época, usava as mesmas cores da PRF).

Parente da vítima

Estava o Mão de Onça fazendo seu passeio diário por Guabiruba quando viu um tumulto à frente, na estrada. Percebendo que era um acidente, muito curioso, foi passando entre os presentes e dizendo:

— Dá licença... sou barrente da vítima... barrente da vítima... Quando chegou lá, viu que era um cavalo que tinha sido atropelado.

Em suas andanças pela vida, Mão disse que fez de tudo: “Só não carreguei cego”, no sentido de conduzir alguém especial.

Referência:

Jornal O Município, jan. de 2017.

Pedro Pellenz: o andarilho da rua São Pedro

Autor: Roque Luiz Dirschnabel

Pedro Pellenz ficou conhecido na história de Guabiruba como o andarilho da rua São Pedro.

Um homem de terno preto, guarda-chuva em punho e chinelo de dedo preso com elástico – assim andava Pedro Pellenz por Guabiruba e Brusque.

Sim, um senhor de terno preto, guarda-chuva no braço e chinelo de dedo fixado com elástico no calcanhar andando por Guabiruba e Brusque. Com certeza a maioria dos moradores mais antigos de Guabiruba tenham visto, ou pelo menos ouvido falar, de Pedro Pellenz.

Morador da rua São Pedro, na divisa dos municípios de Brusque e Guabiruba, seu Pellenz caminhava todos os dias pelas ruas, na década de 1950. Ele se tornou uma figura lendária. Sabia a hora que comerciantes saíam de Guabiruba rumo a Brusque e lá esperava pela carona. Na linha de ônibus, a passagem não era cobrada, pois o velho Pedro Pellenz era conhecido por todos.

Pellenz repetia o trajeto todos os dias e

retornava com sacos cheios de comida para seus gatos. O homem de terno nunca fez mal a ninguém, apesar de assustar um pouco as crianças que não o conheciam. Não possuía nenhum vício, ou melhor, só o vício de caminhar incansavelmente pelas ruas das duas cidades.

Os irmãos João Wili e Guido João Dietrich, proprietários da Fábrica de Vasos e Memorial Willy J. Dietrich, também moradores e vizinhos próximos de Pedro Pellenz, brincavam e caçavam passarinhos durante a infância nas terras de Pedro Pellenz, que ficava nas imediações. Pellenz trajava sempre a mesma roupa e suas idas e vindas, tanto os momentos bons como os ruins continuam gravados na memória de muitos dos moradores da rua São Pedro. "Meu pai e minha mãe ajudaram muito o Pedro. Depois que ele foi atropelado e ficou de cama, todas as manhãs, meio-dia e à noite levávamos comida para ele, que não tinha ninguém mais para ajudar. O Pedro tinha o jeito dele", lembra João Vili.

Pellenz nasceu, cresceu e foi sepultado no cemitério da rua São Pedro. Desde novo ajudou seu pai na grande olaria construída na propriedade da família. Mais tarde seu pai faleceu e Pedro tocou a olaria que chegava a produzir 30 mil tijolos e 70 mil telhas a cada fornada. "Era uma loucura essa produção, que conseguia fazer três a quatro fornos por ano e garantia um lucro fantástico", afirma Dietrich.

Após a morte de seu pai, Pellenz teve desentendimentos com seus irmãos e a propriedade que tinha sido vendida pelo pai voltou para ele. Pedro também ficou responsável pela mãe que morou com ele até ela falecer. Dono de uma grande propriedade, Pedro trabalhava dia e noite fazendo o "dinheiro girar". No entanto, nunca se preocupou em construir uma casa ou cuidar da higiene pessoal. Segundo contam os moradores da rua, Pellenz não se preocupava com a higiene pessoal. Seu banheiro era no mato e a água para beber era puxada com balde de uma fonte próxima a casa.

Com o passar do tempo, a grande olaria já não produzia mais como antigamente e as caminhadas pelas ruas da cidade se tornaram mais frequentes, virando uma espécie de rotina na vida de Pedro Pellenz. Mesmo assim, o andarilho possuía muito dinheiro e emprestou para muita gente. Dizem, inclusive, que muitos nunca pagaram.

"Ele vivia sozinho, se não com muitos gatos. Lembro que meu pai sempre dizia que se quiséssemos alguma fruta ou algo da propriedade dele sempre deveríamos pedir. Sempre pedimos, mas em troca de uma jabuticaba ou goiaba precisávamos buscar água do poço, já que ele vivia numa casa sem energia elétrica e água encanada. O banheiro dele era no mato e não sabemos onde ele tomava banho ou se tomava", afirma Wili.

Os gatos de Pellenz

Os Dietrich gostavam de brincar na propriedade de Pedro Pellenz. "Era um espaço grande. Todo aquele morro era dele, se referindo ao Morro Pellenz, como era conhecido e ainda é para muitos. Passávamos o domingo lá brincando de funda e assustando os gatos", diz Guido. Pedro Pellenz cuidava de mais de 40 gatos. Todos os dias quando chegava em casa, ao desembarcar do ônibus, ele os chamava e repartia a comida recolhida dos supermercados por onde passava em Brusque e Guabiruba. "Não sei de onde saía tanto gato", diz.

Curiosidades

Na década de 1970, Pedro Pellenz acolheu em sua casa João Freytener, refugiado da Segunda Guerra Mundial. Ninguém sabia ao certo a história de Freytener e sua esposa, mas foram eles que levaram energia elétrica e água encanada para Pellenz.

Ao lado de sua casa existia um cemitério onde foram enterradas as vítimas de uma doença contagiosa (1891), chamadas pela população de "peste" que alguns acreditam ser varíola, e outros, tifo, que se deu em Guabiruba. Entre as quais, está a bisavó dos Dietrich. Ao que parece tinha nove sepulturas de barro, com cruzes em cima, identificando o nome das vítimas. A mãe de Pedro Pellenz cuidava do local com muito zelo, mas com a instalação do cemitério oficial em Guabiruba, esse ficou abandonado no meio da mata. Hoje o cemitério está localizado em uma propriedade particular, já sem vestígios e acesso à população. No livro História da Igreja Católica em Guabiruba, o padre Eder Claudio Celva destaca que a abertura de cemitérios provisórios para enterrar vítimas de doenças contagiosas era comum na Europa. O cemitério permanece somente na memória dos moradores mais antigos da Peterstrasse, como era conhecida a Rua São Pedro.

O morro na divisa entre Brusque e Guabiruba recebeu o nome de Pedro Pellenz. Segundo os Dietrich, quando alguém se apresenta como morador da rua São Pedro, a primeira pergunta é: mora para cima ou para baixo do morro do Pedro Pellenz?

Os vizinhos contam que Pellenz não se alimentava direito e tinha mania de comer comida estragada, sobras que ficavam dias expostas na mesa ou no fogão. Caçava tudo que é tipo de bicho e comia diariamente.

Um dia, passando mal, Pellenz foi levado ao hospital por um irmão dos Dietrich. No caminho, pediu para ir até a igreja pagar o dízimo. Já no hospital, pediu para chamar um padre para se confessar. Morreu duas horas depois.

Ninguém sabe ao certo a idade de Pellenz. No cemitério local da Rua

São Pedro as datas encontram-se apagadas. Quem passa por lá sempre deixa uma flor ou faz uma oração para o misterioso andarilho de terno preto e sandália de dedo.

Referências:

CELVA, Eder Cláudio. História da Igreja Católica em Guabiruba: Cinquentenário da Paróquia. Florianópolis, SC: LEDIX, 2013. p. 145.

Jornal O Município, fev. de 2022.

Jornal O Município, out. de 2021.

Esporte em Guabiruba: muitas alegrias e conquistas

Por Rosemari Glatz

> *Chegou afinal, o momento de emoção (...), quando, ostentando o garbo peculiar aos jogadores treinados, saíram a campo empenhados em disputar os louros do triunfo. As atenções da assistência convergiram-se para o campo, onde os jogadores, empregando todos os esforços, se batiam valentemente. Não obstante, porém, esse esforço titânico, 90 minutos mais tarde, era anunciado o resultado do emocionante encontro (JORNAL BRAZIL, 21 ago. 1920, s.p.).*

Muito tradicional desde os primórdios da história de Guabiruba, o futebol continua fazendo adeptos em todo o município. Futebol que nos anos 1960 teve a equipe do Guabirubense como campeã da Liga Desportiva Brusquense, título este seguido mais tarde pelo 10 de Junho, pelo Cruzeiro, entre outros, ensina Osnir Schlindwein (2022).

Lembrar do esporte em Guabiruba é lembrar do Tiro ao Alvo, esporte introduzido pelos colonizadores, culminando com a fundação da Sociedade Recreativa Guabiruba, no dia 18 de janeiro de 1931. Memoráveis

foram as competições do Rei do Alvo, do Rei do Pássaro com atletas locais e atiradores do Clube de Caça e Tiro Araújo Brusque e do Clube de Caça e Tiro Ipiranga, ambos da cidade de Brusque.

Organizado por Osnir Schlindwein, o futebol teve seu primeiro campeonato municipal no ano de 1971, ocasião em que as equipes do Continental e do São Pedro protagonizaram a grande final em outubro daquele ano, com vitória do Continental por contagem mínima, gol este anotado pelo ponteiro direito Ingo Schaefer. Mais tarde, com a criação da Diretoria de Esportes e/ou da Secretaria de Esportes, pela Administração Municipal, surgiram outros certames como os de bocha, canastra e dominó.

Futebol raiz Guabiruba 60 anos

Antes mesmo da emancipação de Guabiruba, times da cidade já existiam e disputavam campeonatos e torneios em Brusque e em outras cidades da região, diz a matéria alusiva à comemoração dos 60 anos de emancipação de Guabiruba, publicada pelo Jornal O Município (2022).

Ao longo dos anos, novos times foram surgindo, outros pararam de existir e outras forças foram se estabelecendo no município, como o Continental, primeiro campeão municipal. Por muito tempo, o 10 de Junho e o Guabirubense protagonizaram uma rivalidade importante e conquistaram títulos municipais e também da antiga Liga de Brusque, que envolvia times de diversas cidades da região. Dos dois lados, grandes jogadores marcaram seu nome na história do esporte da cidade.

Nas últimas décadas, o futebol guabirubense viu o crescimento do Lageadense, do Cruzeiro e do Olaria. Mais do que futebol, esses clubes juntamente com o Planície Alta e São Pedro desempenham um papel importante na cultura e no lazer das comunidades que representam. Além deles, outras equipes financiadas por empresários se destacaram nos últimos anos em Guabiruba e venceram títulos impulsionados pela paixão pelo futebol (O MUNICÍPIO, 2022).

Jogos Comunitários de Guabiruba: a cidade respirando esporte

Nas veias da gente guabirubense corre o sangue de quem respira esporte. Talvez a mais importante manifestação da dedicação ao esporte sejam os Jogos Comunitários de Guabiruba, considerada a maior competição desportiva do município.

Segundo informações de Osnir Schlindwein (2022), os Jogos Comunitários de Guabiruba, iniciados em 1998, representam atualmente a principal competição esportiva da cidade, com participação de sete co-

munidades: Aymoré, Centro, Guabiruba Sul, Imigrantes, Lageado Alto, Lageado Baixo e São Pedro.

A 1ª edição dos Jogos Comunitários foi realizada entre os dias 8 e 13 de junho de 1998. A maioria das modalidades foi disputada no Estádio Carlos Nuss, de propriedade da Sociedade Esportiva 10 de Junho, à Rua Carlos Nuss, no centro da cidade.

Os 1ºs Jogos Comunitários de Guabiruba tiveram a participação de cerca de 200 atletas em nove modalidades:

Bocha Feminina;
Bocha Masculina;
Canastra Feminina;
Canastra Masculina;
Dominó Feminino;
Dominó Masculino;
Futebol Suíço Feminino Livre;
Futebol Suíço Masculino Livre;
Sinuca Individual Masculina.

Os Jogos Comunitários de Guabiruba são organizados pela Secretaria de Esportes, Lazer e Assuntos para Juventude, da Prefeitura Municipal, objetivam o congraçamento entre os Atletas, Dirigentes e Torcedores das Comunidades envolvidas na competição, criando mecanismos que oportunizem a organização esportiva de forma sistematizada dos membros e órgãos destas Comunidades.

Marcia Hochsprung Watanabe (2022) informa que são diversos projetos sociais desenvolvidos nas mais variadas modalidades existentes no decorrer desses anos. O caratê, da Associação Guabirubense de Karatê, e o futebol, da Associação de Futebol Educacional de Guabiruba, são exemplos de esportes que surgiram há mais de 20 anos em Guabiruba e que até hoje levam o nome do município para outras regiões de Santa Catarina e até do Brasil.

Em sua 24ª edição, os Jogos Comunitários de Guabiruba, disputados entre os dias 5 de março e 28 de maio de 2022, contaram com a participação de mais de 2 mil atletas, que disputaram 35 modalidades nos naipes feminino e masculino. Das comunidades participantes, apenas Guabiruba Sul e Lageado Alto ainda não tiveram a oportunidade de erguerem o troféu Campeão dos Jogos Comunitários.

24º Jogos Comunitários de Guabiruba

Após dois anos sem que os Jogos Comunitários pudessem ser realizados em função da pandemia da Covid-19, em 2022, ano em que Guabiruba comemorou 60 anos de emancipação, a maior competição desportiva de Guabiruba voltou a acontecer.

Em 2022, foram disputadas as seguintes modalidades:

1. Bocha Masculina;
2. Bocha Feminina;

3. Canastra Masculina;
4. Canastra Feminina;
5. Dominó Masculino;
6. Dominó Feminino;
7. Futebol Suíço Masculino Máster – 40 anos.

Sob sistema de Torneio foram disputadas as seguintes modalidades em 2022:

1. Atletismo Feminino – 3.000 metros;
2. Atletismo Masculino – 5.000 metros;
3. Basquetebol Masculino;
4. Ciclismo Mountain Bike Feminino;
5. Ciclismo Mountain Bike Masculino;
6. Ciclismo Velocidade Masculino;
7. Estilingue Livre;
8. Futevôlei Masculino;
9. Futebol Sete Feminino;
10. Futebol Suíço Masculino 16 anos – para atletas nascidos a partir de 1º de janeiro de 2006;
11. Futsal Feminino Livre;
12. Futsal Masculino Livre;
13. Futsal Masculino 18 – para atletas nascidos a partir de 1º de janeiro de 2004;
14. Handebol Feminino;
15. Handebol Masculino;
16. Caratê Kumite Feminino;
17. Caratê Kumite Masculino;
18. Mila (Trilha) Feminina;
19. Mila (Trilha) Masculina;
20. Sinuca Dupla Masculina;
21. Sinuca Individual Masculina;
22. Tênis de Mesa Feminino;
23. Tênis de Mesa Masculino;
24. Tiro Espingarda de Pressão Livre – 4.5 (naipe livre);
25. Vôlei de Areia – Dupla Feminina;
26. Vôlei de Areia – Dupla Masculina;
27. Voleibol Feminino;
28. Voleibol Masculino;
29. Xadrez Feminino;
30. Xadrez Masculino.

Premiação

Os 24º Jogos Comunitários de Guabiruba ofertaram a seguinte premiação:

1. Troféu Campeão Feminino;
2. Troféu Campeão Masculino;
3. Troféu Campeão Geral;
4. Troféu Vice-Campeão Geral;
5. Troféu 3º colocado Geral;
6. Troféu Campeão de cada modalidade;
7. Medalhas aos atletas das equipes que obtiverem as três primeiras colocações em cada modalidade. O número de medalhas foi fixado no Regulamento Específico;
8. Medalha ao atleta que obteve a maior pontuação individual no Estilingue Livre e no Tiro Espingarda de Pressão Livre;
9. Medalha ao técnico campeão em cada modalidade.

São Pedro foi consagrado campeão geral da 24ª edição dos Jogos Comunitários de Guabiruba, e a Comunidade levou o título pela décima vez e volta a celebrar após oito anos. Ao Lageado Baixo restou um brioso segundo lugar na classificação geral. A premiação foi realizada durante a Festa da Integração, no Pavilhão de São Cristóvão, bairro Aymoré, às 18 horas do dia 4 de junho de 2022, integrando a programação comemorativa ao 60º Aniversário do Município de Guabiruba.

Osnir Schlindwein informou que ele foi o responsável por idealizar a competição, em 1998. A premiação geral dos jogos foi feita no último dia de competição no ginásio João Schaefer. Quando os jogos foram criados, inicialmente com nove modalidades e de sexta a domingo, possivelmente não se imaginava que os Jogos Comunitários de Guabiruba teriam a repercussão que têm hoje. Atualmente, Osnir Schlindwein se orgulha do sucesso do evento.

Ainda de acordo com informações de Osnir Schlindwein (2022), os campeões de todas as edições são estes:

Edição	**Ano**	**Campeão**	**Nº de pontos**
1ª	1998	São Pedro	55
2ª	1999	Rua Brusque	66
3ª	2000	São Pedro	99
4ª	2001	Aymoré	126
5ª	2002	São Pedro	132
6ª	2003	São Pedro	110
7ª	2004	Aymoré	126
8ª	2005	São Pedro	139
9ª	2006	Aymoré	163

10ª	2007	São Pedro	166
11ª	2008	São Pedro	153
12ª	2009	Lageado	172
13ª	2010	Lageado	200
14ª	2011	Aymoré	177
15ª	2012	Lageado	234
16ª	2013	São Pedro	203
17ª	2014	São Pedro	192
18ª	2015	Aymoré	202
19ª	2016	Lageado Baixo	247
20ª	2017	Lageado Baixo	274
21ª	2018	Imigrantes	233
22ª	2018	Imigrantes	212
23ª	2020	*	*
24ª	2022	São Pedro	195

Observação: *No ano de 2020 a competição chegou a iniciar, sendo suspensa em meados de março, devido à pandemia da Covid-19.*

Conforme a secretária de Esportes, Lazer e Assuntos para a Juventude, Marcia Hochsprung Watanabe, os Comunitários já fazem parte da vida dos guabirubenses, que esperam pelos jogos todos os anos. "Durante os jogos o que se vê é a união das comunidades em torno das partidas através de seus coordenadores, que são peças principais durante os Comunitários. São três meses em que Guabiruba respirar esporte", afirma. São mais de 30 modalidades em disputa envolvendo milhares de atletas guabirubenses. A competição movimenta todos os espaços esportivos da cidade como quadras, campos, clubes e canchas.

Fazendo história desde 1998, entre demonstrações de garra e amor pelo esporte, os Jogos Comunitários têm se desenvolvido, na busca de ampliação e de maior inclusão de todos os segmentos e modalidades possíveis, e têm como marca registrada a confraternização entre as comunidades. Uma história de sucesso que aproxima cada vez mais a comunidade de Guabiruba.

Referências

JORNAL BRAZIL, 21 ago. 1920, s.p. **A emergência das práticas esportivas na cidade de Blumenau – SC (1910-1920):** um olhar sobre futebol e o remo. Disponível em:< 84461-Texto%20do%20Artigo-324682-1-10-20220418-1.pdf >. Acesso em: 29 ago. 2022.

Prefeitura de Guabiruba. **Começa a XX edição dos Jogos Comunitários de Guabiruba.** Disponível em:< https://www.guabiruba.sc.gov.br/noticias/ver/2017/03/comeca-a-xx-edicao-dos-jogos-comunitarios-de-guabiruba>. Acesso em: 18 ago. 2022.

O MUNICÍPIO. **Futebol raiz Guabiruba 60 anos**. Disponível em:< https://omunicipio.com.br/stories/guabiruba-60-anos-futebol-raiz/>. Acesso em: 18 ago. 2022.

SCHLINDWEIN, Osnir. Depoimento por WhatsApp para Rosemari Glatz em 5 de set. 2022.

WATANABE, Marcia Hochsprung. Depoimento por WhatsApp para Rosemari Glatz em 4 de set. 2022.

Parte VI

Arquitetura

"Devemos aprender com o passado, mas não viver nele.
Olhamos para trás a fim de colher as brasas das boas experiências, e não as cinzas.
E quando tivermos aprendido o que precisamos aprender e carregado conosco o melhor que vivenciamos, devemos então olhar para a frente e lembrar que a Fé sempre aponta para o futuro"
(Jeffrey R. Holland)

Transformações e permanências na evolução urbana de Guabiruba: passado, presente e futuro

Autor: Karol Diego Carminatti

Sabe-se que a humanidade foi capaz de grandes invenções ao longo de toda sua história. Energia elétrica, máquinas, internet, satélites e foguetes espaciais são exemplos dos tantos feitos que, pela quantidade, seria quase impossível listá-los aqui. Dentre todos eles, no entanto, podemos considerar que uma criação foi a mais desafiadora, já existindo há mais de seis mil anos, organizado o modo como vivemos em sociedade. A esta criação damos o nome de cidade.

A cidade é, sem dúvidas, a maior invenção feita pelo homem que, em algum momento de sua história, percebeu a importância de viver em comunidade, compartilhando experiências e avanços. Claro que, desde as primeiras civilizações até os dias atuais, o modo de pensar e fazer cidade se transformou revelando, por diversas vezes, a identidade e a cultura de diferentes povos. Neste sentido é sempre importante frisar que povos diferentes construíram cidades diferentes, e que à medida que a humanidade caminhou pelo mundo, levou consigo tradições distintas de como ocupar um lugar.

Cidades, assim como já sabemos, têm formas e tamanhos que variam não só em função da área que ocupam, mas também da quantidade e diversidade de pessoas que nelas moram. E é essa quantidade e variedade de pessoas que dão sentido à identidade da cidade. Por essa razão, de tempos em tempos, as cidades adquirem novas camadas culturais trazidas por novos grupos de moradores que pouco a pouco a transformam, impactando nos modos de vivência da cidade e, portanto, impactando também na sua identidade.

Estas ponderações descrevem e ilustram, de certo modo, grande parte das cidades do mundo, e por isso se aproximam também da nossa realidade, nas 295 cidades que dão forma ao Estado de Santa Catarina, e nas 21 cidades que compõem a região do Vale do Itajaí. Em nosso caso, no entanto, vamos nos aproximar ainda mais, voltando nosso olhar para a cidade de Guabiruba, município que nos últimos anos vem sendo um importante protagonista regional.

Guabiruba, que faz parte da Mesorregião do Vale do Itajaí, conta com uma área territorial de aproximadamente 174 km^2. Fundada em 1962,

revela aspectos da cultura herdada dos primeiros imigrantes, representada pelos costumes, pela língua, pela gastronomia e, claro, pelo modo de ocupar a cidade. A evolução do município tem forte relação com este passado, principalmente com o próprio processo de colonização, situação que pode ser percebida ainda no presente.

Neste texto, dentre todos estes aspectos que caracterizam Guabiruba, daremos importância especial para os elementos físicos e naturais da cidade, como modo de compreender duas situações: a evolução urbana do município e os desafios em pensar o seu futuro. Por essa razão, iremos nos apoiar em alguns mapas e imagens históricas, que nos ajudarão a compreender o desenvolvimento da cidade onde buscaremos contar, de forma bastante resumida, a sua evolução até os dias atuais. Sobre o futuro de Guabiruba, falaremos sobre possibilidades que envolvem a cidade em relação ao seu planejamento e a qualidade de vida de seus moradores.

1 - Transformações e permanências da cidade

Com o passar da história a cidade se forma por uma sobreposição de diferentes camadas revelando a sociedade que sobre ela residiu em diferentes épocas. Estas camadas podem ser observadas pelo modo como as pessoas viviam e ainda vivem: o jeito que se comunicam, o modo como interagem, o idioma que utilizam, as roupas que vestem, onde e como moram, em que trabalham, e assim por diante. São representadas ora por costumes e tradições sociais, ora pelo modo como edificam os lugares onde habitam.

De modo geral, se prestarmos atenção na forma física das cidades podemos ver semelhanças e diferenças, por exemplo, nas construções que, de tempos em tempos, apresentam estilos arquitetônicos diversos, ou na própria expansão das vias que vão surgindo por meio de novas ligações entre bairros. Em todo caso, para reconhecer estas transformações, mapas históricos são boas referências, pois nos permitem comparar diferentes épocas. São estas transformações que pretendemos destacar daqui em diante observando distintos momentos da transformação urbana guabirubense.

O primeiro mapa (figura 1) que trazemos para analisar a evolução de Guabiruba remonta o período da imigração, particularmente para os municípios de Brusque e Guabiruba. Nele foi demarcado o primeiro traçado de ruas mostrando importantes vias da cidade que se prolongavam pelo território ainda pouco explorado. O historiador Oswaldo Rodrigo Cabral, referindo-se ao período de 1860 a fins de 1862, relata que a primeira via aberta era da sede para o rio Guabiruba. Da mesma forma, havia vias

transitáveis da sede à chamada Peterstrasse, além de picadas perpendiculares e paralelas. O pesquisador Roque Luiz Dirschnabel nos relata que os imigrantes vieram em sua maioria do Grão-Ducado de Baden, destacando-se a comunidade de Karlsdorf-Neuthard, estabelecendo-se no trecho da atual Rua São Pedro, onde continuam residindo as famílias Fischer, Gartner, Habitzreuter, Huber entre outras. A segunda via foi aberta em direção ao rio Guabiruba, inicialmente no bairro Rio Branco, onde se estabeleceram as famílias Hoeffelmann e Orthmann, na divisa entre Brusque e Guabiruba, depois, em direção ao Lageado Baixo, via Guabiruba Sul. Sob este aspecto a ocupação da região de Brusque e Guabiruba se deu de modo continuado, conforme os colonos eram assentados em seus lotes.

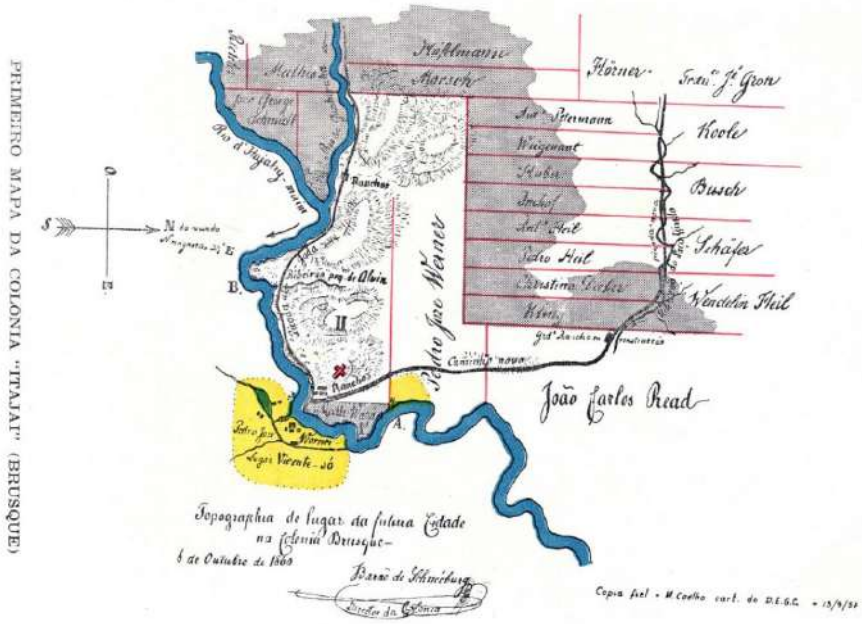


Figura 1 - Primeiro Mapa da Colônia Itajaí.
Fonte: Museu Casa de Brusque

O segundo mapa (figura 2) retrata a área do município de Guabiruba antes da emancipação, quando ainda compunha o perímetro da cidade vizinha, Brusque. Remontando o ano de 1962, podemos perceber que até então o território ocupado pela cidade de Brusque reunia a área que hoje pertence a Guabiruba, lugar que logo se desmembrou para dar origem à cidade. Destacam-se as localidades de onde vieram os imigrantes europeus, ou que deram nome de acordo com o relevo geográfico, como São Pedro, Guabiruba Baixa, Guabiruba do Sul, Guabiruba Norte, Pomerânia,

Guabiruba Norte Alta, Lageado Baixo/Alto e Planície Alta, que mais tarde se tornam importantes bairros. Chama a atenção ainda, neste mapa, a representação de elementos naturais como os rios. Esta representação deixa claro que a ocupação que ocorreu naquela época sofreu grandes influências destes cursos d'água, limitando o uso de algumas áreas e influenciando na demarcação e abertura de vias.

Em verdade, grande parte das cidades que tiveram uma colonização alemã, no Vale do Itajaí, como é o caso de vizinhas a Guabiruba, Brusque e Blumenau, tiveram as condições naturais como aspectos norteadores para o surgimento das primeiras ocupações. O rio foi protagonista, servindo primeiramente como elemento de chegada dos imigrantes, e posteriormente como limite para as terras coloniais. Estas terras costumeiramente iniciavam nas margens dos rios e se estendiam até o topo dos morros. Nas baixadas geralmente eram construídas as primeiras edificações, que se conectavam por algumas ruas de terra. Podemos destacar o papel da rua comercial, a principal via da colônia, que organizava diferentes atividades econômicas, junto com uma praça próxima ao rio.

A historiadora e antropóloga Giralda Seyferth, em seu estudo sobre a colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim, na região de Brusque, espe-

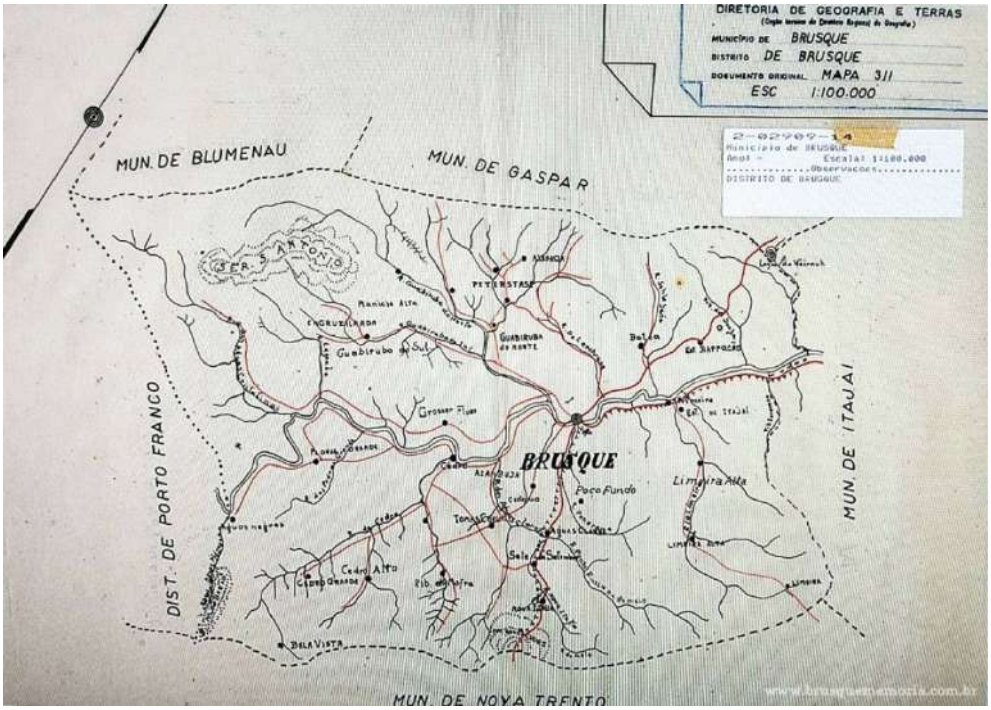


Figura 2 - Mapa de Brusque anterior a 1962, quando foi emancipado Porto Franco de Brusque, passando a município com a denominação de Botuverá
Fonte: Acervo Brusque Memória

cialmente em Guabiruba, retrata muito bem o sistema de povoamento e ocupação das propriedades pelos colonizadores. Segundo Giralda, a ocupação dos lotes foi inicialmente caracterizada pelo próprio relevo, no qual os cursos d'água determinaram a direção dos caminhos, com lotes alongados, sendo um tipo de povoamento rural disperso em fileiras. Portanto, em uma área montanhosa em meio ao vale, se garantiu certa paridade na distribuição das terras baixas e topos de morro, como também o proprietário de cada lote tinha um meio de comunicação pela picada ou pelo curso d'água. Dessa forma, nos cruzamentos das linhas coloniais aparecem pequenos povoados reunindo algumas residências, uma pequena capela, casa comercial, alguns engenhos e artesãos. Assim, podemos assinalar vários povoados, todos com as mesmas características em Guabiruba: Guabiruba Sul, Guabiruba Norte e Norte Alta, Peterstrasse (estrada do Pedro) Hochebene (Planície Alta), Lageado e assim por diante.

O historiador Claus Metzger trouxe em seu livro "O Lavrador - Operário de Guabiruba" uma extensa relação dos imigrantes alemães e italianos que chegaram entre 1860 e 1875, e que foram ocupando os seus respectivos lotes no centro de Guabiruba e demais localidades, com base nos dados publicados pelo historiador Oswaldo Rodrigues Cabral e fornecidos pela Sociedade Amigos de Brusque – SAB/Casa de Brusque, entre outros colaboradores.

Núcleo histórico de Guabiruba

Seguramente, o núcleo histórico de Guabiruba é demarcado com grande relevância nestes anos iniciais antes e depois de se tornar uma cidade independente. Segundo o pesquisador Roque Luiz Dirschnabel, o centro histórico se prolongava pela rua 10 de Junho, motivo este pelo qual a principal via foi denominada com a data de fundação da cidade. O ato de instalação do município e posse do prefeito Henrique Dirschnabel, em 1962, aconteceu nas dependências da residência de Leo Kormann e, logo depois, a Prefeitura Municipal foi instalada no edifício da Kohler e Cia., onde também funcionou a Exatoria Estadual e a Escrivania de Paz de Guabiruba (Cartório de Registro Civil). Ainda, na rua 10 de Junho, surgiram os principais estabelecimentos comerciais e fecularias, como das famílias Wippel, Dirschnabel e Cooperativa Agrícola de Guabiruba, assim como a Fábrica de Tecidos Santa Catarina S.A. e a Têxtil Wippel. Pode-se destacar ainda outras atividades que compuseram o núcleo histórico original de Guabiruba, como a cervejaria de Vicente Kormann e a primeira Escola Particular Alemã, onde lecionou o primeiro professor Frederico Nützel, em alemão, e Arthur Wippel, primeiro professor de português.

Demarcações da cidade

Os dois próximos mapas de Guabiruba (figuras 8 e 9) que trazemos para nossa análise datam de 1987, já após sua fundação, momento em que a cidade possuía cerca de 7 mil habitantes. Neles podemos observar, mais na região central, a demarcação daquilo que no planejamento da cidade chama-se perímetro urbano, ou área urbana. Esse lugar, em resumo, é a região que possuía melhores condições de infraestrutura e maior quantidade de moradias. No restante, fora dessa área urbana, era localizada a área rural da cidade, em razão da sua característica mais ligada à agricultura e pecuária, baixa quantidade de moradores, e/ou predominância dos aspectos naturais.

Destacamos que a demarcação da área urbana de Guabiruba, naquele momento, abrangia as vilas Guabiruba Sul, São Pedro, Pomerânia, e Aimoré (aqui nomeados conforme o mapa). É curioso perceber que neste mapa ainda não aparecem as referências a bairros, por isso são chamados de vilas. Igualmente curiosa é a marcação dos lugares conhecidos

Figura 3 – Residência de Leo Kormann/rua 10 de Junho, Centro
Acervo: Roque Luiz Dirschnabel

Figura 4 – Fábrica de Tecidos Santa Catarina S. A. localizada na Rua 10 de Junho, Centro (Primeira fábrica de tecidos de Guabiruba) Acervo: Roque Luiz Dirschnabel

Figura 5 – Primeira escola particular alemã, que ficava nas imediações da Casa das Irmãs e primeira Igreja, na rua 10 de Junho, Centro de Guabiruba. Foto da década de 1920 Acervo: Roque Luiz Dirschnabel

Figura 6 – Desfile da Sociedade Recreativa Guabirubense. Ao fundo, Casa Comercial Dirschnabel. Acervo: Roque Luiz Dirschnabel

Figura 7– Ao fundo, centralizado, Comércio de Arthur Wippel, localizado na rua 10 de Junho, Centro. Acervo: Roque Luiz Dirschnabel

pela população como modo de fazer referência a outras localidades. Alguns trazem nomes de famílias que residiam nas proximidades, como, por exemplo, as vilas Missfeldt, Albrecht, Carminatti, Fuckner, Stedile e Frena. Outras eram nomeadas a partir das atividades realizadas, a exemplo do povoado Mineirão, fazendo alusão à antiga mina de ouro, fazenda Krueger e Tinturaria Fischer.

Também é possível perceber as primeiras vias da cidade, que na atualidade se tornaram os principais lugares de passagem, concentrando grande quantidade de fluxos. As ruas mapeadas apresentam linhas sinuosas mostrando novamente a influência da topografia. Em razão da grande quantidade de morros e rios, a criação de ruas acompanhou as condições naturais da terra sendo, em alguns casos, desafiadora para sua implantação. Em se tratando de vias, destaca-se no mapa o percurso que conecta Guabiruba e Brusque, caminho que percorre o atual bairro Imigrantes. Naquela época esse trajeto já era tido como um trajeto de especial importância.

Como construções relevantes, capelas e cemitérios também aparecem mapeados, pois representavam significativos lugares de fé para a comunidade guabirubense. Cabe ainda ressaltar neste mapa a localização das escolas já existentes na época. Ao todo eram 15 educandários em diferentes níveis.

O quarto mapa (figura 10) já apresenta algumas diferenças consideráveis em relação àquele que analisamos anteriormente. Compreendendo o ano de 1996, podemos perceber uma relação de bairros já devidamente demarcados onde é possível, inclusive, ver o nome de grande parte das vias do município. Igualmente aparecem as escolas e os templos como referências importantes para a identidade da cidade. Somam-se, no entanto, o mapeamento de outros edifícios públicos como a Prefeitura de Guabiruba, a biblioteca pública, a delegacia, farmácias, sindicatos, e outras construções que abrigavam diferentes atividades, muitas já deslocadas do núcleo histórico original.

Este talvez seja o mapa que mais se aproxima de uma intenção de planejamento da cidade, diferente do anterior que apenas retratava os lugares e vias existentes. Isto porque neste mapa podemos perceber, em linhas tracejadas, as vias projetadas, ou seja, ruas que poderiam ser abertas no futuro para facilitar a circulação dentro do município. Aqui podemos ver claramente que o conjunto de ruas de Guabiruba adotou um modelo baseado em uma "espinha de peixe": uma rua principal central e pequenas ruas perpendiculares que se conectam a ela.

A definição dos bairros se utilizava de alguns elementos como os rios, os morros e as ruas. Podemos notar que houve na definição dos bairros de Guabiruba, uma grande relação entre os elementos naturais e aqueles que foram construídos ao longo do tempo. Geralmente o bairro era compreendido entre dois morros, em meio a um vale, sendo que seus

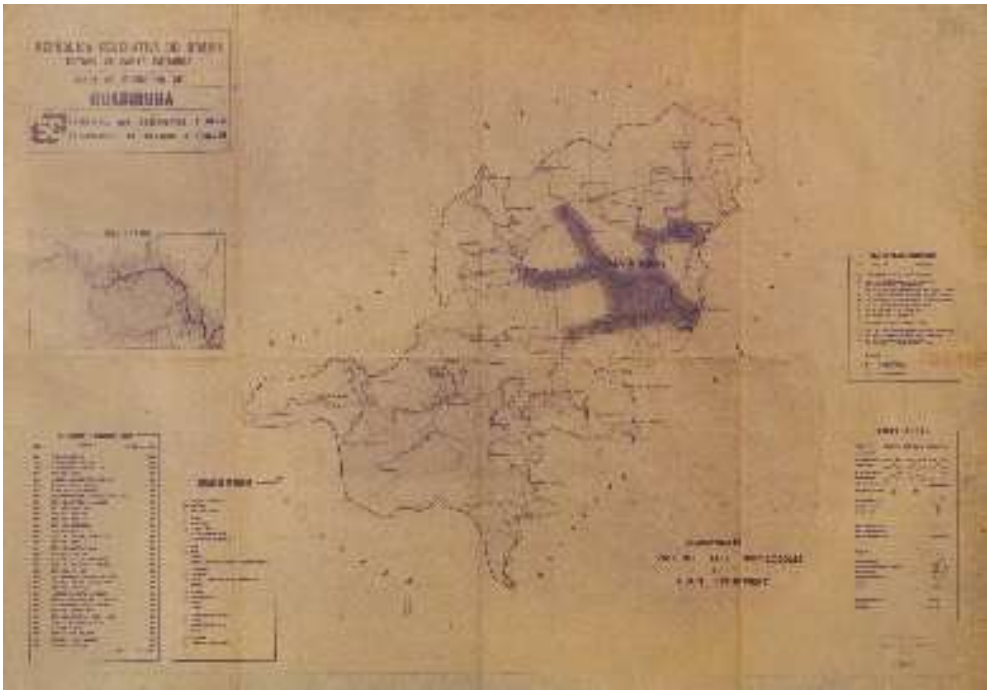


Figura 8 - Mapa de Guabiruba em 1987. A mancha no centro do mapa representa a área urbana da cidade. Fonte: Acervo do autor

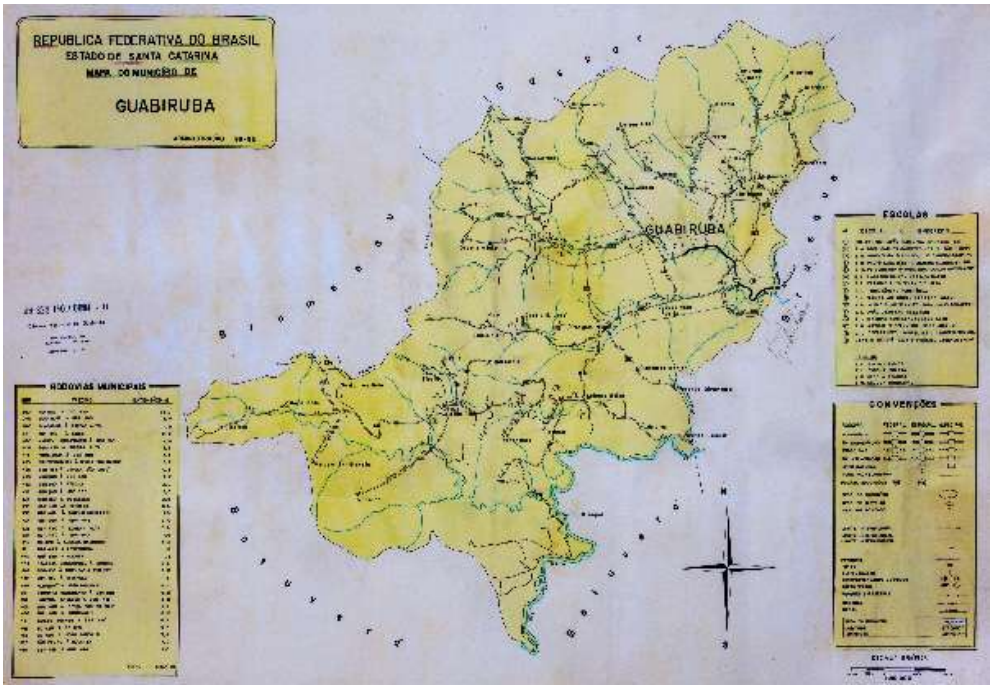


Figura 9 - Mapa de Guabiruba em 1987. Fonte: Acervo do autor

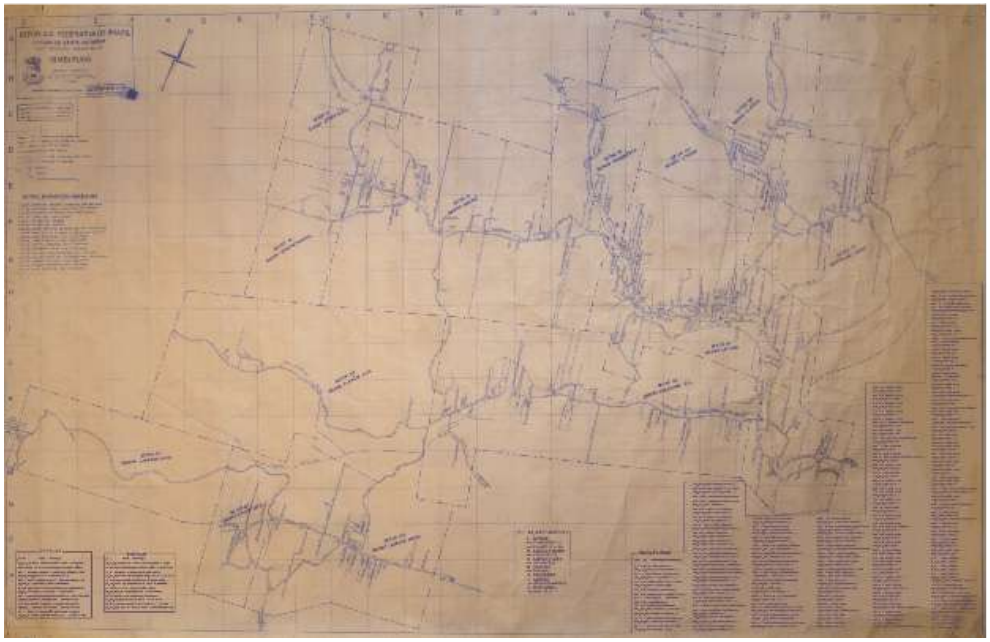


Figura 10 – Mapa de Guabiruba em 1996, dando ênfase na divisão dos bairros. Fonte: Acervo do autor

topos (ou travessões) eram os limites que separavam um bairro de outro. Quando a área era plana, os rios eram elementos utilizados para desenhar o limite dos bairros e, quando não fosse esse o caso, as ruas serviam como demarcadores.

No mapa de 2019 (figura 11) no momento em que a cidade já reunia uma população que passava dos 20 mil habitantes, é possível notar que a área urbana de Guabiruba foi bastante ampliada, se comparada ao mapa de 1897. Em coloração roxa, a área urbana se estende por praticamente todos os bairros da cidade, e é rodeada pelas áreas verdes protegidas, como o Parque Nacional da Serra do Itajaí.

Este perímetro urbano foi melhor delineado em 2006 e até hoje é utilizado. Há dentro dele subdivisões de atividades, tipos diversos de construções, tamanhos de vias e lotes que, com o passar do tempo, foram sendo alterados ou consolidados. Um fato que chama atenção é que aquelas terras coloniais, estreitas e compridas, que iniciavam no rio e terminavam no morro tendo, às vezes, cerca de 1 km de extensão, pouco a pouco começaram a ser subdivididos em pequenos lotes.

De cidade dormitório para cidade industrial

Nas últimas décadas, consolidou-se a forte presença industrial na cidade. Neste sentido é importante falar sobre a dependência que Guabiruba teve de Brusque, desde sua fundação até o início do século XXI, principalmente em relação à oferta de emprego. Guabiruba fortemente se caracterizava com uma "cidade dormitório", onde grande parte da população trabalhava nas grandes empresas brusquenses como as Indústrias Buettner, Fábrica de Tecidos Carlos Renaux e Indústria Schlösser. A partir da falência de muitas destas empresas, e o fortalecimento de empresas locais, Guabiruba começou a também ser importante polo de oferta de emprego. No presente é notável também um sentido inverso: muitos moradores de Brusque indo trabalhar em empresas guabirubenses.

A malha de vias, se olharmos o mapa de 2019, representada por linhas brancas, seguiu se expandindo em função da topografia da cidade. Os morros e rios ainda são fortes condicionantes da forma física que Guabiruba vem adquirindo. As ruas em "espinha de peixe" continuam sendo predominantes e, por isso, grande parte dos fluxos da cidade passam quase que obrigatoriamente pelo centro da cidade. Há, dessa forma, uma

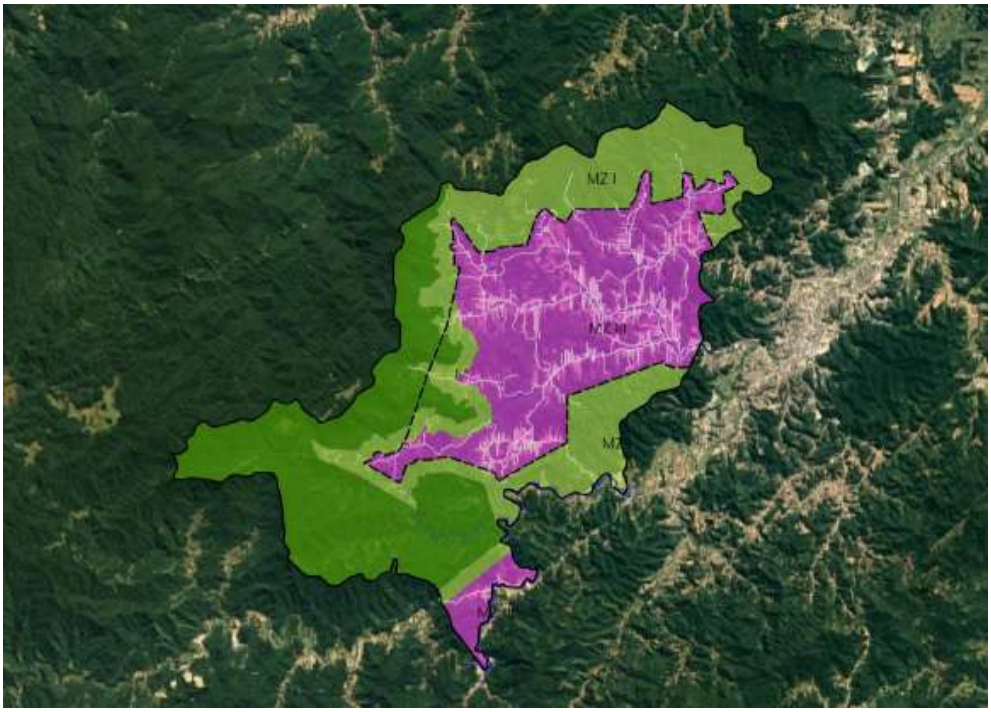


Figura 11 – Macrozoneamento de Guabiruba, conforme Plano Diretor de 2019, demarcando o perímetro urbano da cidade. Fonte: Prefeitura de Guabiruba

grande dependência do uso de automóveis, uma vez que a cidade se construiu de forma espalhada.

Os bairros já aparecem mais estruturados e com mais pessoas morando, em especial o bairro Lageado Baixo, que se tornou o mais populoso da cidade até a atualidade. A região central já se apresenta mais consolidada, entretanto sem muita ênfase para o centro histórico. Em verdade, muitas das atividades que antes estavam concentradas na rua 10 de Junho acabaram rumando para a rua Brusque, ou para outros lugares da cidade, a exemplo da Prefeitura Municipal, fazendo com que o centro funcional da cidade saísse da região histórica.

2. Os desafios futuros para a cidade

O ato de pensar como o futuro não é tarefa fácil, mas sem dúvida é algo que norteou no passado decisões sobre os rumos do lugar onde vivemos hoje. Por isso é comum que, quando pensamos em cidade, tenhamos mais perguntas do que respostas: "como será a cidade daqui a 30, 40 ou 50 anos?", "quais ações no presente favorecem nossa qualidade de vida no futuro?", "quais desfavorecem?" e não menos importante, "o que queremos para as futuras gerações?" e "como contarão nossa história?".

É importante então especular, buscar pensar em como nos imaginamos no futuro e o que queremos deixar para aqueles que virão depois de nós. Sendo assim, traremos aqui alguns temas que, a nosso ver, se fizeram presentes no decorrer da história da construção de Guabiruba e, pela relevância que possuem, precisam constantemente de atenção. Estes temas tratam diretamente da qualidade de vida que todos os que moram em cidades almejam, e por isso, quando imaginamos o futuro de Guabiruba, precisam ser levados em conta.

Saberes e práticas da agricultura

A base econômica de Guabiruba durante muitos anos teve na agricultura sua principal atividade. É sabido que os muitos imigrantes que chegavam, traziam costumes do cultivo das terras úteis primeiramente como meio de sobrevivência e, anos depois, como forma de negócio. A lavoura, a criação de animais e os engenhos e alambiques são exemplos dessa cultura inicial. Atualmente, a própria paisagem da cidade ainda é marcada por essa atividade, presente principalmente entre aqueles moradores mais tradicionais. Há inclusive, eventos festivos que comemoram a cultura do colono, e que são muito prestigiados regionalmente. Por essa razão a cultura colonial é também um componente importante para discutir o futuro da cidade. Mas como preservar essa cultura e estes saberes

em meio à modernização do campo?

Neste debate, especificamente, ao menos três aspectos precisam ser discutidos:

1- A atividade da agricultura e do cultivo pode se tornar sinônimo de alimentação saudável. Essa prática pode ser incorporada nos currículos de escolas para que os saberes a ela relacionados não se percam. Seria importante pensar que novas gerações possam se desprender um pouco de tantas comidas processadas e industrializadas, aprendendo a cultivar alimentos de qualidade.

2- A cultura colonial está presente em artesanatos e produtos alimentícios. O fomento a estas práticas, como as feiras municipais, é de grande relevância e, por isso, necessitam de lugares adequados. Guabiruba poderia contar com áreas propícias para que o pequeno produtor possa expor seus produtos, ao mesmo passo em que possam se tornar lugares de recreação para a cidade.

3- Políticas públicas precisam ser cada vez mais necessárias neste tema, inclusive para a destinação de terra para que essas atividades coloniais tenham espaço para se desenvolver. Vale chamar a atenção que, de nada adianta celebrar essa cultura se não há espaço para que ela continue. Sabe-se que Guabiruba sempre teve uma especial atenção com o agricultor, criando parcerias e ajudando nas atividades do campo, fato que deve ser cada vez mais fortalecido.

Figura 12 – Colheita de milho em Guabiruba
Fonte: Valci Reis – Prefeitura de Guabiruba

O Centro Histórico

Toda cidade tem o seu ponto de origem, aquele primeiro lugar ocupado, que acaba se tornando um lugar de referência histórica e simbólica, além de configurar, em diversos casos, o espaço que é tido como centro da cidade. Nele estão importantes construções e lugares públicos como as primeiras praças e os primeiros comércios, palcos de diversas manifestações culturais e sociais ao longo da história. No entanto, com o passar do tempo, alguns destes centros entraram em declínio apresentando características de abandono, seja pela mudança da sua vocação, seja porque outros lugares da cidade acabaram se tornando "novos centros".

O desafio de manter o centro histórico vivo é desafio de quase todas as cidades, pois exige olhares atentos a diversos aspectos. O principal é o respeito ao pedestre, buscando torná-lo protagonista daquele lugar. Infelizmente muitos lugares centrais se tornaram grandes áreas destinadas aos veículos, onde é mais fácil estacionar do que andar em uma calçada. Esta inversão de valores não é em nada benéfica e só faz com que o centro se torne menos utilizado por quem caminha. O respeito ao pedestre se dá no quanto de espaço destinamos para as pessoas e qual é a qualidade que este espaço possui. Afinal, como nos contentamos em deixar um veículo estacionado durantes horas sobre um espaço nivelado e bem pavimentado, e aceitamos caminhar sobre lugares às vezes mal concebidos, desnivelados e cheios de obstáculos?

Por outro lado, o respeito ao pedestre também se refere à altura das edificações que, quando são pensadas com muitos andares, prejudicam a ventilação e insolação da vizinhança. É sempre importante lembrar que o ser humano se sente mais confortável em lugares onde ele não se sente pressionado pelo ambiente que o rodeia. Diversas cidades do mundo, por exemplo, já indicaram que seis pavimentos representam uma altura interessante para pensar novas edificações em centros históricos. Claro que isto não é uma regra, e precisa ser adequada à nossa realidade. Vai de encontro a essa preocupação a conservação das edificações de diferentes épocas. Este sempre é um ponto polêmico, principalmente em nossa região, porém compreendemos que seja um assunto de máxima importância. Construções antigas devem continuar tendo a sua relevância nos dias atuais, contribuindo para que o centro histórico seja um lugar com variedade de atividades. Neste sentido, é importante que a cidade tenha políticas públicas muito bem desenvolvidas, fazendo com que o patrimônio possa ser visto como situação vantajosa culturalmente e economicamente. Novas edificações em centros históricos são sempre bem-vindas, desde que não agridam o contexto em que estão localizadas.

Acompanhando essa discussão, podemos também destacar o espaço público presente nos centros históricos, pois não apenas edifícios carac-

terizam um patrimônio arquitetônico. Ruas, praças e parques também possuem relevância histórica e, portanto, ajudam a entender como a cidade foi construída ao longo dos anos. Em verdade, o patrimônio também não precisa ser antigo. O que realmente define um patrimônio histórico é o valor que aquela edificação ou lugar possui na construção da cidade e da sociedade. Por isso, cópias de estilos arquitetônicos de outras épocas são bastante questionados, afinal, qual será o nosso patrimônio daqui a 100 anos? Seremos conhecidos pela nossa originalidade? Ou pela nossa habilidade em copiar? É algo a se pensar. Há que se defender ainda que o espaço, não apenas aquele do centro histórico, precisa ser pensado para garantir o conforto e bem-estar: boas calçadas, arborização, lugares para sentar e descansar são exemplos do mínimo que um lugar público deve oferecer.

O centro histórico de Guabiruba, no presente, é pouco denotado e por vezes passa despercebido. Ele se estende pela rua 10 de Junho, principal via da região central revelando um conjunto de edificações de grande conotação arquitetônica. É essa rua que devemos prestar atenção para que os aspectos que abordamos anteriormente sejam pensados. Com a rápida construção da cidade, é comum perceber o desaparecimento de exemplares arquitetônicos que em alguma época fizeram parte da história de Guabiruba. Hoje já sabemos que é perfeitamente possível que o antigo e novo possam viver em harmonia e que construções de longa data podem ser importantes na atratividade da cidade. Afinal, os conjuntos edificados, não apenas aqueles do centro, mas que também se localizam em outras partes da cidade, são referências até mesmo para quem visita Guabiruba e caracterizam uma atratividade turística.

Investir em elementos que valorizem essa área histórica da cidade é investir no respeito pelo modo como a cidade se consolidou ao longo dos

Figura 13 – Parte do centro histórico de Guabiruba: à esquerda, rua 10 de Junho; à direita, cruzamento entre as ruas 10 de Junho e José Dirschnabel
Fonte: Acervo do autor

anos. É importante para que as presentes gerações possam reconhecer naquelas gerações passadas o modo de viver a cidade, ao mesmo tempo em que permite que futuras gerações falem e lembrem sobre a vida atual, colocando esta e outras gerações na linha do tempo de Guabiruba.

O Parque Nacional da Serra do Itajaí

Este talvez ainda seja um dos temas mais conflitantes e que ainda hoje geram grandes desentendimentos entre esferas públicas e privadas. O parque Nacional é uma unidade de conservação brasileira, protegida por lei, delimitada em 4 de junho de 2004. Além de Guabiruba, abrange áreas das cidades de Ascurra, Apiúna, Blumenau, Botuverá, Gaspar, Indaial, Presidente Nereu e Vidal Ramos. Inegavelmente é lugar de grande relevância ecológica por conter espécies de fauna e flora únicas. Entretanto a questão aqui recai não sobre a sua importância, mas sobre o modo como foi idealizado, especialmente sobre a sua regularização fundiária, que ainda não foi finalizada. Em outras palavras, muitos dos donos das terras ainda não receberam indenizações sobre a implantação do Parque Nacional e, por isso, se sentem lesados, fazendo com que, durante os últimos anos, o Parque recebesse uma fama nada amigável.

No presente, já passados todos estes anos, poderíamos fazer um exercício de repensar a fama do parque, deixando de ser um vilão e podendo, quem sabe, se tornar um protagonista para o desenvolvimento da cidade. Para isso, vamos entender o Parque não mais como apenas um lugar onde estão reunidas espécies de vegetações e animais importantes para o ecossistema, mas vamos imaginá-lo também como um lugar de oportunidades culturais, sociais e econômicas.

Além de servir como importante base de pesquisas para estudiosos de diversas áreas do conhecimento que monitoram a vida animal presente naquele lugar, culturalmente, o parque vem se revelando como um lugar de grande vocação turística e esportiva. Nele já são realizados, nos últimos anos, atividades como cicloturismo, visitação de cavernas, rapel, escaladas, e outras tantas práticas. Essas atividades atraem pessoas de várias regiões, que acabam permanecendo alguns dias na cidade, ou em cidades da região, contribuindo e fomentando diretamente os negócios locais.

Economicamente o Parque Nacional também se mostra promissor, mas nesta situação é preciso uma visão de longo prazo. Sendo um lugar que tem atraído tantas pessoas, que buscam um maior contato com a natureza, já surgem no entorno do parque algumas atividades diferenciadas, como é o caso de cervejarias artesanais, que têm apostado no aspecto gastronômico, e alguns espaços de hospedagem, que foram se estruturando para acomodar os visitantes. Estas atividades indicam que,

Figura 14 – Delimitação do Parque Nacional da Serra do Itajaí e do Município de Guabiruba. Fonte: Google Earth, editado pelo autor

se bem pensado, se valendo do potencial ecológico-turístico, Guabiruba pode diversificar sua base econômica que ainda tem a indústria têxtil como protagonista.

Algumas cidades no mundo, que buscaram preservar grandes áreas florestadas, instituíram aquilo que é conhecido como pagamento por serviços ambientais, modalidade que pode beneficiar as pessoas que ainda hoje se sentem lesadas com a impossibilidade de uso da terra para determinados fins. Em resumo, o pagamento por serviços ambientais se dá como forma de compensar aquelas terras que preservam recursos naturais como florestas, rios e nascentes, e que, por exemplo, são de grande relevância para o abastecimento de água da cidade, ou que muitas vezes acabam sendo utilizadas por indústrias e serviços da região. É importante destacar que isto se trata de uma política pública e, por isso, deve ser debatida para que seja analisada sua pertinência. Não é o tipo de coisa que surge de um dia para o outro, mas poderia ser um caminho a se seguir.

A Área Industrial

Com a última revisão do Plano Diretor de Guabiruba, foi instituída uma grande área industrial para a cidade, demarcando de forma objetiva o lugar para a implantação das novas indústrias, embora continue permitida a implantação de indústrias em todos os bairros, respeitando a característica do município de ter moradia e uma pequena fábrica no

mesmo terreno.

A instituição de áreas industriais para a cidade, concentrada em dois pontos, teve como propósito consolidar características já existentes, sendo um ponto entre os bairros Imigrantes e São Pedro, e o outro na região que liga Guabiruba com o bairro Dom Joaquim, na cidade vizinha Brusque. A demarcação destas áreas representou uma importante decisão para que a atividade industrial possa se desenvolver da melhor forma e não acabe se tornando fonte de problemas urbanos, que são bem frequentes. Em cidades onde as indústrias foram sendo edificadas em quaisquer lugares, é comum haver reclamações de vizinhanças quanto ao barulho, tráfego de caminhões e odores, por exemplo.

Por isso é acertada a decisão de que, pouco a pouco, tanto as novas indústrias como aquelas que já existem, migrem para uma área mais adequada. Isso significa que essa área precisa oferecer condições de boa infraestrutura, capaz de receber grandes obras e fluxos intensos de cargas pesadas. Por outro lado, auxilia na retirada de parte do movimento pesado da região central que, se considerarmos o caso de Guabiruba, acaba sendo um grande alívio no dia a dia. A área marcada pelo Plano Diretor faz limites com a cidade de Brusque, facilitando a chegada e saída de cargas.

Se vermos cidades de maior porte, onde as indústrias se localizavam em áreas centrais, percebemos que pouco a pouco essa mudança ocorreu, por vezes induzidas pelo próprio município, intermediada por boas políticas públicas. Mas em diversos casos foram decisões tomadas pelas próprias indústrias, já que o congestionamento e falta de infraestrutura na área em que estavam implantadas acarretavam prejuízos para a produção e entrega de produtos. Por essa razão, é importante que Guabiruba esteja à frente e decida de forma coerente as futuras áreas destas atividades que são tão importantes para o desenvolvimento da cidade.

A Mobilidade Urbana

O tema da mobilidade urbana é algo que, nas últimas décadas, vem sendo motivo de muita preocupação, principalmente a partir dos anos de 1970, uma vez que praticamente todas as cidades brasileiras se desenvolveram utilizando o transporte individual como principal meio de deslocamento. Essa herança, atualmente, tem nos custado bastante caro, impactando não só em grandes metrópoles, mas também em médias e pequenas cidades. Com cidades cada vez mais espalhadas, as distâncias se tornaram um obstáculo, não apenas físico, mas também social. Aquela expressão “tempo é dinheiro”, hoje acaba fazendo ainda mais sentido. O tempo que utilizamos para nos deslocar é descontado do tempo que temos ao longo do dia, por isso, quanto mais distante fica o comércio, a

escola e o posto de saúde, mais tempo é necessário para chegar até esses equipamentos e menos sobra para os outros afazeres.

Outro desafio que será cada vez mais presente em Guabiruba, sem dúvidas, será reduzir a dependência dos veículos automotores e transformar o modelo atual de deslocamento. É importante que isso seja pensado desde já, pois mudanças como essa demandam infraestrutura, investimento e planejamento.

Já falamos que o modelo de cidade que Guabiruba construiu ao longo do tempo resultou numa malha de vias bastante espalhada. Somado a isso temos uma dependência quase exclusiva do centro, onde se concentram os serviços públicos, correios, agências bancárias, supermercados, comércio, restaurantes, lojas, tudo está lá. O resultado é evidente: todos indo ao centro para resolver seu dia a dia e, claro, dependendo do carro para isso.

Obviamente uma cidade de pequeno porte como Guabiruba tem maiores dificuldades em pensar um sistema de mobilidade mais sustentado, mesmo assim é possível. Dentre algumas possibilidades, poderíamos destacar:

1- Pensar pouco a pouco na descentralização da cidade, ou seja, na criação de pequenos centros em cada bairro para que não seja necessário tanto deslocamento, e que os percursos possam ser feitos a pé ou de bicicleta;

2- A bicicleta sem dúvida é um meio de locomoção bastante popular entre os guabirubenses, basta criar cada vez mais condições para que o seu uso aumente ainda mais. Novas ciclovias e ciclofaixas, lugares para guardar bicicletas, e banheiros com chuveiros, oferecidos tanto de forma pública ou privada, são estruturas importantes. Além do trajeto prioritário para quem pedala, é preciso criar boas condições para que esta prática seja feita em segurança;

3- Igualmente importante é pensar no percurso a pé. Boas calçadas acessíveis com larguras adequadas (não menores que 2 metros) e arborizadas garantem qualidade no percurso de quem as utiliza;

4- Novas conexões viárias são igualmente importantes, mas não de forma aleatória. Seria o caso de pensar em futuras ampliações e novas aberturas de ruas, com foco em um futuro modelo de transporte público, pequeno, mas eficiente. É sempre importante lembrar que a solução para congestionamentos em cidades não passa pela abertura de mais vias, mas nas condições de criar deslocamentos de muitas pessoas utilizando menos espaço. Neste sentido, o transporte público é fundamental;

5- Sabe-se que, no presente a implantação do transporte público ainda é desafiadora, mas é importante que a infraestrutura projetada já vislumbre decisões futuras. Larguras de vias e dimensões de raios de curvatura, por exemplo, podem ser concebidas para que o transporte coletivo funcione de forma adequada;

6- A implantação futura de um transporte coletivo também exigirá funcionalidade, bom preço, conforto e pontualidade. Não se pode esperar, por exemplo, mais de 20 minutos por um ônibus, e o abrigo deve realmente proteger das chuvas, do sol e dos ventos. Sem isso, é difícil convencer a população, pois usar esse modelo de transporte se torna desinteressante.

Afinal, é preciso expandir mais a área urbana?

Ao longo da nossa análise da evolução de Guabiruba, pudemos perceber que a área urbana da cidade cresceu consideravelmente. Lembrando que área urbana reúne os lugares que são mais apropriados para a ocupação, para a criação de novas vias e para a implantação de novas infraestruturas. Agora é importante entendermos a diferença entre expansão e desenvolvimento dessa área urbana.

Expansão significa aumentar ainda mais os limites dessa área, que é indicado em casos em que já não há mais para onde a cidade possa crescer: faltam áreas para morar, terras para lotear e áreas para que novos comércios e indústrias possam se estabelecer. Já o desenvolvimento lida com o crescimento equilibrado da cidade, dentro dos limites urbanos, promovendo o uso das áreas que ainda estão vazias. No caso de Guabiruba, é bem provável que a cidade não necessite se expandir, mas sim se desenvolver. Isto porque expandir a área urbana de Guabiruba implica em reconhecer que aqueles lugares que passarão a ser urbanos estão preparados para receber essa nova vocação e, se olharmos atentamente, não parece que isso possa ser afirmado, principalmente nos lugares mais distantes da cidade. Por isso, há que se ter cuidado com a ideia de transformar lugares rurais em urbanos, pois estas áreas precisam estar preparadas.

Por outro lado, o desenvolvimento vem por meio da construção coletiva da cidade, quando o poder público e a população decidem novos rumos, buscando juntos a qualidade de vida como objetivo principal a ser alcançado. Isto passa, portanto, pelo fortalecimento da economia local, no fomento às atividades culturais, e no constante investimento em aspectos básicos como saúde e educação.

Além disso, o desenvolvimento urbano de Guabiruba também passa obrigatoriamente pela relação entre o meio natural, que é exuberante, e a construção da cidade. Durante muito tempo se entendeu que essa relação era mais conflituosa do que harmônica. Porém, com o passar dos anos, percebemos que a paisagem natural da cidade é parte da nossa própria cultura. Por isso é momento de entender que natureza faz parte do desenvolvimento, e que nossa coexistência é necessária para a qualidade de vida que tanto queremos.

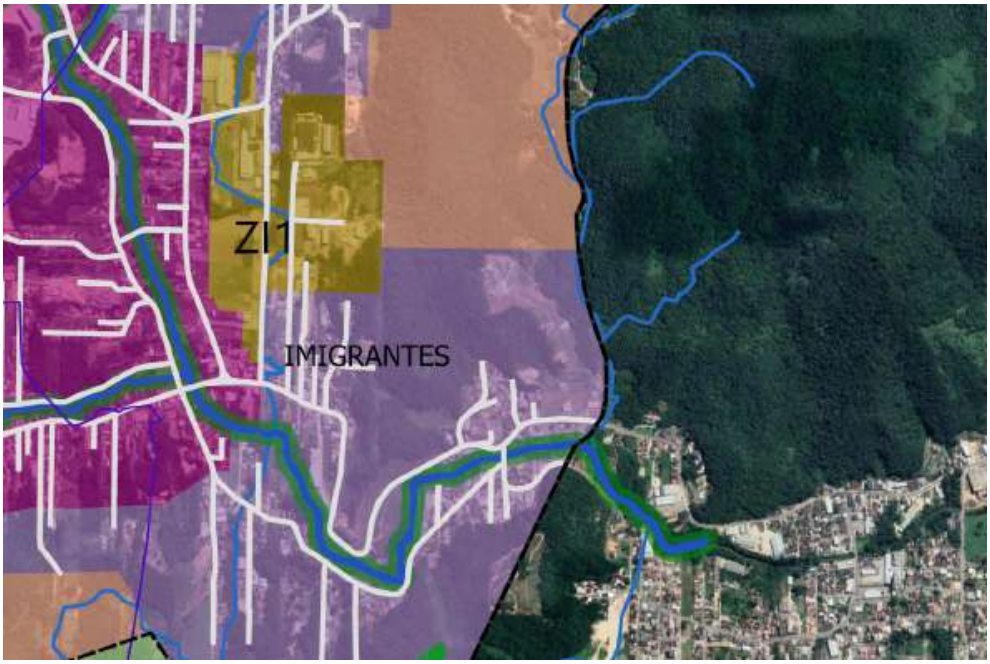


Figura 15 – Delimitação da área industrial do Município de Guabiruba
Fonte: Google Earth, editado pelo autor

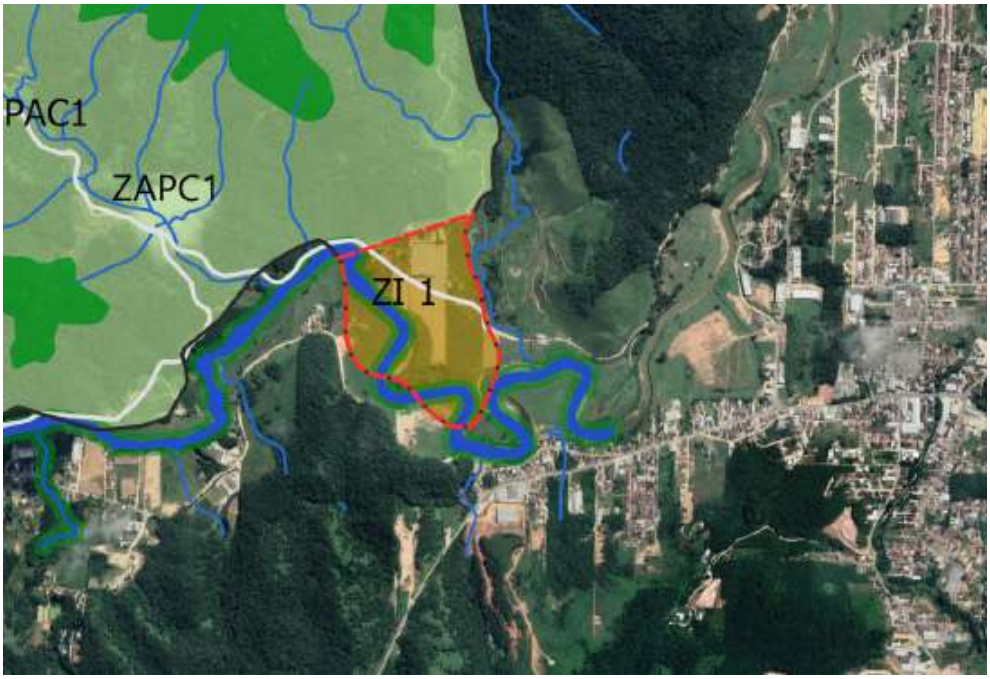


Figura 16 – Delimitação do ZPAC 1 do Município de Guabiruba
Fonte: Google Earth, editado pelo autor

3. Guabiruba: um futuro imaginado pelo comprometimento do presente

Para todos os efeitos, imaginar a cidade é uma tarefa conjunta de todos aqueles que a vivem e a utilizam. É equivocado pensar que quem faz a cidade é a administração municipal, o prefeito ou apenas os vereadores. Em verdade a cidade é reflexo de toda a população que, claro, é gerenciada por uma administração.

Sabemos que são inúmeras as dificuldades que dia a dia se fazem presentes na cidade. Percebemos isso pelo simples fato de vivermos nela. Porém é necessário que tais dificuldades sejam pouco a pouco superadas, e que não nos acostumemos simplesmente com a realidade já que ela sempre pode ser superada, repensada e melhorada. Se falarmos de cidade, então, essa melhoria precisa ser justa e tratar as pessoas com igualdade, daí a importância de ser concebida por todos. Este é um ponto importante que merece ser frisado: a cidade é de todos e para todos!

Guabiruba se desenvolveu de maneira espontânea, "desenhada" pelos primeiros imigrantes e consolidada pelas pessoas que até hoje vivem na cidade. Nesse processo, transformações e permanências se demonstraram desafiadoras e, sem dúvidas, moldaram parte da identidade do povo guabirubense. Mas a partir de agora, o que mais construirá a identidade de Guabiruba? Cabe aos guabirubenses o desafio de construir a imagem que querem do lugar onde vivem, a imagem da sua rua, do seu bairro e, principalmente, a imagem da sua gente.

Sim, no cotidiano a cidade vai se construindo e em um piscar de olhos

Figura 17 – Guabiruba no futuro imaginado
Fonte: Acervo do autor

Figura 18 – Centro histórico de Guabiruba no futuro imaginado
Fonte: Acervo do autor

o novo surge e o antigo se transforma. Isso é normal em toda evolução da sociedade, desde os povos mais antigos. Mas lembremos que evoluir significa ir adiante sem esquecer do passado e sua história. A cidade é um grande livro aberto de incontáveis páginas, que acaba nos definindo como grupo, e pensar sobre o seu futuro exige uma responsabilidade social, um sentimento de pertencimento, de carinho e empatia. Ter uma preocupação com o lugar onde vivemos é fundamental para nosso desenvolvimento, não apenas como indivíduos, mas como coletividade.

Este texto procurou trazer uma reflexão sobre como percebemos a cidade e como queremos que ela seja. Deste modo, olhar para trás é tão importante quanto tentar perceber o que está por vir. Buscamos aguçar a imaginação de quem o leu provocando indagações e sugerindo oportunidades e novas realidades. São apenas especulações para que, todos aqueles que vivem a cidade e, em especial, que vivem em Guabiruba, possam perceber sua importância. Esperamos que seja uma motivação para novos debates sobre os rumos da cidade, tornando-a cada vez mais justa, sustentável e desenvolvida.

Afinal, como você vê Guabiruba no futuro?

Referências:

CABRAL, Oswaldo R. Brusque: Subsídios para a história de uma colônia nos tempos do Império. Brusque: Edição da Sociedade Amigos de Brusque comemorativa do 1º Centenário da Fundação da Colônia, 1958.

DIRSCHNABEL, Roque Luiz. Entrevista concedida a Karol Diego Carminatti, em 20 de outubro de 2021. De acordo com as pesquisas realizadas por Dirschnabel.

SAB. Sociedade Amigos de Brusque/Casa de Brusque.

SEYFERTH, Giralda. A colonização alemã no vale do Itajaí-Mirim. Um estudo de desenvolvimento econômico. Editora Movimento. Porto Alegre. 1974.

Edificação de residência em enxaimel da família de Sidinei Ernani Baron. Acervo: Família Baron

Casas enxaimel

Autora: Rosemari Glatz

Guabiruba foi colonizada por imigrantes alemães a partir de agosto de 1860, principalmente originários da região de Baden, Alemanha. Ainda é possível observar a evidência da presença destes imigrantes através de edificações na antiga e tradicional técnica construtiva enxaimel, um dos estilos que mais caracterizam e identificam a Alemanha. A edificação mais antiga na técnica construtiva enxaimel ainda existente em Guabiruba é a Casa Baron, edificada na rua Guabiruba Sul.

A história da arquitetura alemã

Marcadas pelos telhados inclinados e os detalhes em madeira, as casas na técnica construtiva enxaimel nos remetem imediatamente à Alemanha, de onde emigraram os primeiros colonizadores que ocuparam e desenvolveram Guabiruba a partir do ano de 1860. A Alemanha possui, entre as suas características, a resiliência. Cair e se reerguer: a história da Alemanha se reproduz em diferentes áreas do país, e a indústria, comércio, cultura e até mesmo as artes tiveram que se reinventar após guerras

e revoluções. Na arquitetura, não foi diferente. No blog ARCHTRENDS (2021), encontramos algumas explicações sobre o porquê essa técnica construtiva se tornou tão disseminado naquele país. Vejamos:

O povo alemão é reconhecido pelo seu pragmatismo e objetividade. Tudo feito por eles deve ter um propósito e deve cumprir um papel. Na arquitetura, o mesmo acontece. Em todas as construções, a funcionalidade dos cômodos e móveis sempre foi uma questão importante para o planejamento e execução das obras. Além da disposição estratégica de cada espaço de uma casa e dos seus móveis, as cores também eram pensadas de acordo com os mesmos critérios. O estilo minimalista está associado à funcionalidade das obras da arquitetura alemã. Funcionalismo e minimalismo se complementam perfeitamente, afinal, o propósito da técnica construtiva enxaimel é deixar de lado os excessos e priorizar apenas o que é essencial. Nesse contexto, vale lembrar que a famosa frase "menos é mais" é de autoria de Ludwig Mies Van Der Rohe, um arquiteto alemão que é considerado pioneiro do movimento moderno e visto como o principal nome do minimalismo.

A origem da arquitetura em Enxaimel está associada às antigas tribos bárbaras, mas foi na Idade Média que chegou ao seu desenvolvimento. No fim da Idade Antiga, a arquitetura alemã seguia o mesmo modelo de todas as regiões dominadas pelos romanos: uma muralha ao redor de ocupações quadrangulares, divididas por duas vias principais que se cruzavam e marcavam o encontro dos poderes da época, a sede de comando e o templo religioso — respectivamente, representando o poder secular e a religião.

O fim da era romana na região deu início à era medieval. Com o passar do tempo, as noções de sociedade e organização evoluíram concomitantemente ao crescimento das cidades. Um novo estilo arquitetônico também surgiu. Já desapegados das grandes muralhas, o povo alemão ergueu castelos, igrejas, mercados. Nessa época, já havia uma clara divisão entre a nobreza e as classes menos privilegiadas, traduzida no tamanho das residências. Quanto maiores as casas, mais abastadas eram as pessoas. O tempo passou e os padrões e estilo de construções também foram desenvolvidos. Surgia, então, uma das técnicas construtivas que mais caracterizam e identificam a Alemanha: o enxaimel. Mesmo após batalhas medievais e as guerras mundiais, o Fachwerk ou Fachwerkbau — palavra em alemão para enxaimel — foi preservado e continua utilizado (ARCHTRENDS, 2021).

Uma casa na técnica construtiva enxaimel é sempre uma casa pré-fabricada e, por mais que isso surpreenda, isso é assim desde sua origem. Inicialmente, todas as peças de madeira da casa são fabricadas numa carpintaria e em seguida as paredes são previamente montadas, ajustadas, conferidas e nisso cada peça recebe um número que depois orientará na sua montagem definitiva. A numeração é feita tradicionalmente com nú-

meros romanos e geralmente está no extremo esquerdo ou inferior de cada peça. Esse sistema característico do enxaimel se chama "recomposição" e inclusive possibilita fazer realocações destas casas. Ou seja, uma casa na técnica construtiva enxaimel pode ser desmontada e remontada em outro lugar.

Cada detalhe é muito bem planejado e há normas e tradições seculares que devem ser seguidas. Toda casa enxaimel é montada como se fosse um quebra-cabeças. São centenas de peças que devem se encaixar com precisão, formando uma estrutura notável e extremamente forte. Os encaixes são os mesmos usados há séculos neste tipo de construção. E ali está o desafio, não importa o tamanho ou complexidade da construção, toda a estrutura deve ser encaixada. Pregos ou parafusos não podem ser usados (CASASENXAIMEL, 2021).

Com o enxaimel, as casas passaram a durar gerações e evoluir tecnicamente incluindo vários elementos estruturais e culturais. A técnica construtiva é utilizada até hoje em diferentes cidades da Alemanha. Alguns mantêm o padrão tradicional e outros preferem fazer releituras com adaptações mais modernas e contemporâneas. A técnica construtiva enxaimel, aliás, é utilizada em diversos outros países ao redor do mundo, inclusive no

Características de uma construção enxaimel
Acervo: Abraão Rieg.

Brasil, em cidades que têm forte influência alemã (ARCHTRENDS, 2021).

Arquitetura em Enxaimel em Guabiruba

Quando os primeiros alemães chegaram em Guabiruba, a arquitetura enxaimel foi considerada a mais adequada para as condições encontradas. Além de fortes, as casas eram baratas e de construção simples. Também houve a necessidade da adaptação do sistema construtivo às limitações impostas pelo meio, pela disponibilidade de matéria-prima e pelas exigências climáticas. Apesar da ocorrência do frio, as altas temperaturas que também ocorrem no Vale Europeu, onde Guabiruba se insere, exigiram novos processos arquitetônicos. O fogão e a cozinha como elemento centralizador do padrão europeu perderam relativa significância por aqui, sendo inicialmente separado dos demais cômodos. Mais tarde, com a introdução dos fogões esmaltados, a cozinha voltou a se integrar à casa. Outro elemento agregado no Brasil foi a varanda, devido ao calor e a ocorrência das chuvas tropicais. Na adaptação da técnica construtiva enxaimel às características climáticas da região, também foi necessária a implantação, por conta da elevada umidade local, de uma estrutura feita de pedra que sustenta as construções, evitando que a madeira se molhe.

Enxaimel quer dizer enchimento. E diversos elementos estruturantes compõem a técnica construtiva enxaimel como os baldrames, os frechais e as tesouras como componentes do telhado, a composição dos esteios e os barrotes para escoras da estrutura. O sistema de treliças que dá estabilidade à estrutura é um elemento caracterizante dessa técnica construtiva. Nas casas edificadas em enxaimel primeiro era construído o esqueleto da casa e entre as vigas verticais eram colocadas as vigas horizontais e, nas extremidades das paredes, algumas vigas em ângulo, para evitar inclinação. Os tirantes de madeira dão estilo e beleza às construções do gênero enxaimel, produzindo um caráter estético único.

Pronta a "caixa", os espaços eram preenchidos com materiais disponíveis de acordo com a região, basicamente por taipa, adobe, tijolos, pedras ou outros recursos disponíveis na época da construção, como barro socado e outros tipos de rochas. Em Santa Catarina, há maior ocorrência de tijolos maciços sem uso de reboco. As casas na técnica construtiva enxaimel em Guabiruba também adotaram este padrão. Importante ressaltar que os elementos estruturantes que compõem a arquitetura enxaimel em Guabiruba eram estruturados com toras grossas de madeira extraídas pelos próprios colonizadores da abundante floresta nativa. Em 2022, o município de Guabiruba ainda possui mais de 75% de sua floresta preservada, a maior parte dela inserida no Parque Nacional (PARNA) da Serra do Itajaí, no Vale Europeu.

O enxaimel possui muitas vantagens: possibilita ser montada rapi-

Casa da família Kohler no bairro Pomerânia. Acervo: Rosemari Glatz

damente, podendo ser desmanchada e reconstruída em outro espaço. Resiste a abalos sísmicos e permite sua restauração por completo, perdurando por gerações. Marcadas por uma beleza e imponência características, as construções na técnica construtiva enxaimel carregam toda a disciplina, dedicação e personalidade alemã para diferentes áreas colonizadas por imigrantes alemães no Brasil. Um local que tem esse DNA alemão é o município de Guabiruba, onde muitas das casas na técnica construtiva enxaimel foram construídas pelos próprios alemães, sendo que alguns exemplares ainda sobrevivem ao tempo. Em 2022, são menos de vinte casas enxaimel que ainda resistem ao tempo. Nem o tombamento previsto no artigo 163 da Lei Orgânica do Município de Guabiruba foi capaz de preservar a história cultural arquitetônica do Município.

Por ser uma técnica construtiva centenária, há quem pense que o enxaimel precisa seguir o layout simples, fachada simétrica, ambientes e aberturas subdimensionadas. Esse aspecto tradicional, predominante de uma época, também é apreciado e replicado como valor simbólico de memória e de patrimônio. Mas a técnica construtiva enxaimel pode ser adaptada conforme as novas necessidades, além de transmitir elegância e personalidade.

Em Guabiruba, o casal Sidinei Ernani Baron e Jorgiana Batschauer Baron escolheu a técnica construtiva enxaimel para construir o seu lar de amor, numa execução fiel aos costumes das casas enxaimel construídas

Residência em enxaimel da família de Sidinei Ernani Baron. Acervo: Família Baron

pelos imigrantes alemães. É uma casa charmosa, confortável, de ambiente muito agradável e que deixa a sua contribuição na cultura e um legado associado ao seu nome. Em relação à planta das casas antigas construídas em Guabiruba na técnica construtiva enxaimel, a Baron Haus inovou e difere um pouco, pois tem o formato de "L", com uma varanda lateral e uma gaube (janela disposta sobre o telhado para iluminar e ventilar o sótão). A Baron Haus foi implantada na Rua Antônio Carminatti nº 314, bairro São Pedro, e a construção teve início em agosto de 2016 e a conclusão em agosto de 2017. Os tirantes de madeira da Baron Haus, implantada no alto de uma colina, dão estilo e beleza à construção e produzem um caráter estético privilegiado. Um verdadeiro exemplo de que a técnica construtiva enxaimel pode ser adaptada conforme as necessidades de um novo tempo, valorizando aquilo que temos de tão importante: a cultura dos nossos antepassados.

Tombamento das casas enxaimel de Guabiruba

A Constituição Federal no Artigo 216 estabelece que é função da União, dos Estados e dos Municípios, com o apoio da comunidade, preservar os bens culturais e naturais brasileiros. Roque Luiz Dirschnabel (2021) chama a atenção de que, em Guabiruba, as casas na técnica construtiva enxaimel, assim como as Capelinhas, são tombadas como patrimônio histórico cultural pela Lei Orgânica do Município, que é a lei maior, equivalente à Constituição do Município. Isso significa que as casas em

enxaimel não podem ser demolidas, sob pena de responsabilidade civil e criminal.

Importante ressaltar que o ato do tombamento e a desapropriação são atos totalmente diferentes. O tombamento não altera a propriedade de um bem; apenas proíbe que ele venha a ser destruído ou descaracterizado. Logo, um bem tombado não necessita ser desapropriado, mas deve manter as características que possuía na data do tombamento. No caso de Guabiruba, as características arquitetônicas presentes nas casas em enxaimel no dia 5 de abril de 1990.

A proteção inicial das casas na técnica construtiva enxaimel em Guabiruba foi prevista na Lei nº 304, de 1989. Em 2002, a Lei Complementar 819/2002 revogou a Lei 304/1989, contudo manteve a proteção às casas enxaimel. Mas a proteção mais sólida está prevista no artigo 163 de Lei Orgânica do Município de Guabiruba, de 5 de abril de 1990, que assim estabeleceu: "Ficam, desde já, tombadas as casas em estilo enxaimel, as capelinhas e vias públicas que remontam à origem da colonização europeia, fazendo parte integrante da história cultural do município de Guabiruba".

A proteção do patrimônio ambiental urbano está diretamente vinculada à melhoria da qualidade de vida da população, pois a preservação da memória, dos referenciais culturais, é uma demanda social tão importante quanto qualquer outra a ser atendida pelo serviço público. Assim, é importante ressaltar que o tombamento não tem por objetivo "congelar" a cidade ou outro bem. Tombar não significa apenas cristalizar ou perpetuar edifícios ou áreas, sem considerar toda e qualquer obra que venha contribuir para a melhoria da vida na cidade. Preservação e revitalização de áreas são ações que se complementam e, juntas, podem valorizar conjuntos de bens que se encontrem ameaçados ou deteriorados interferindo na qualidade de vida de uma população.

Arquitetura na técnica construtiva Enxaimel ainda presente em Guabiruba

Se nos primórdios da colonização de Guabiruba a técnica enxaimel foi uma opção em função do seu baixo custo e construção simples, atualmente edificar uma casa na técnica enxaimel é considerado uma obra de arte e exige muita dedicação. Somente carpinteiros de altíssimo nível, bem disciplinados e alinhados com a cultura germânica, conseguem atuar nesse ramo.

Em Guabiruba, em 2022, ainda encontramos dezenove casas construídas na técnica construtiva enxaimel. Dezoito delas são casas antigas, que foram edificadas a partir do início da colonização da cidade, e a Baron

Casa Ullrich – Construção protegida pelo IPHAN. Acervo: Valci Reis

Haus, que é uma casa nova, edificada em pleno século XXI. Todas estas casas são importantes elementos representativos da arquitetura enxaimel em Guabiruba como uma técnica construtiva herdada dos imigrantes alemães, e merecem ser preservadas.

A seguir, publicamos as edificações na técnica construtiva Enxaimel com a identificação e localização dos imóveis.

CASA BARON – PASSADO EM RUÍNAS

Endereço: Rua Guabiruba Sul. Bairro Guabiruba Sul

Data construção: Estima-se que tenha sido construída nos primeiros anos após a colonização de Guabiruba e é considerada uma das casas mais antigas da cidade.

CASA ULLRICH – CONTRUÇÃO PROTEGIDA

Endereço: Rua Holstein, s/nº, ao lado do nº 1579. Bairro São Pedro

Data da Construção: estima-se que foi na segunda metade do século XIX.

É o único exemplar tombado como patrimônio histórico pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Cultural (Iphan) em Guabiruba, e a paisagem que a compõe deixa qualquer um encantado. É considerada uma das poucas da primeira geração de enxaimel que não sofreu acréscimos para abrigar outros espaços, tais como varanda e cozinha, junto ao corpo da edificação. A Casa integra o projeto Roteiros Nacionais da Imigração, gerenciado pelo Iphan.

CASA SCHIRMER - HISTÓRIA CAMUFLADA

Endereço: final da rua Alfredo Fuckner, no bairro Lageado Baixo

Data da Construção: Estima-se que tenha sido construída no fim do século XIX. Hoje a casa está em seu terceiro endereço.

CASA MISSFELDT – RELÍQUIA DO HOLSTEIN

Endereço: Quase no final da rua Holstein, no bairro São Pedro

Data da Construção: Estima-se que tenha sido construída no fim do século XIX.

CASA SCHÄFER - FIM DE UMA HISTÓRIA

Endereço: escondida na Rua POM-008, no bairro Pomerânia

Data da Construção: Estima-se que tenha sido construída no fim do século XIX e está em fase de demolição para dar lugar a uma nova moradia.

CASA FUCKNER – REFÚGIO NO LAGEADO BAIXO

Endereço: Camuflada na rua principal do bairro Lageado Baixo

Data da Construção: Estima-se que tenha sido construída no fim do século XIX. Foi a primeira sede da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Guabiruba.

CASA ROTHERMEL - DÉCADAS DE LEMBRANÇAS

Endereço: primeiro exemplar enxaimel que se encontra na rua Guabiruba Sul, no bairro Guabiruba Sul

Data da construção: por volta de 1928.

CASA GUMS I – TESOURO DA FAMÍLIA

Endereço: Rua Sternthal, no bairro Aymoré

Data da Construção: década de 1930.

Apesar de ter sofrido várias alterações ao longo do tempo, assim como as demais casas enxaimel, as marcações em algarismos romanos nas madeiras ainda permanecem visíveis.

CASA FAMÍLIA KOHLER – SÍMBOLO DE GUABIRUBA

Endereço: Rua Pomerânia, no bairro Pomerânia.

Data da Construção: 1940.

A casa da família Kohler é o mais famoso exemplar enxaimel da cidade e um dos principais cartões postais de Guabiruba.

CASA GUMS II – ORGULHO DAS RAÍZES

Endereço: Rua Sternthal. Bairro Aymoré

Data da Construção: no início dos anos 1940.

O desejo da família Gums é preservar o enxaimel do Sternthal.

CASA BECKER – HISTÓRIA PRESERVADA NO STERNTHAL

Endereço: praticamente no fim do Sternthal, no bairro Aymoré, é onde encontramos a terceira casa enxaimel que ainda resiste à ação do tempo na localidade.

Data da Construção: 1942.

CASA SCHARF: SÍMBOLO DE UNIÃO DA FAMÍLIA

Endereço: Rua Prefeito Carlos Boos, no bairro Aymoré

Data da Construção: entre 1940 e 1945.

É a única casa enxaimel que restou na principal rua do bairro Aymoré. Em agosto de 2022, a Casa Scharf foi adquirida pela Prefeitura de Guabiruba e deve abrigar o Museu do Imigrante Alemão.

CASA SCHLINDWEIN II – MEMÓRIAS PRESERVADAS

Endereço: Rua Guabiruba Sul. Bairro Guabiruba Sul

Data da Construção: 1945

A casa enxaimel da família Schlindwein ainda guarda elementos da época em que era habitada. A casa permanece do jeito que a matriarca deixou, como uma espécie de lembrança dos tempos de casa cheia vividos ali.

CASA SCHLINDWEIN I – CERCADA PELA NATUREZA

Endereço: Rua Guabiruba Sul. Bairro Guabiruba Sul

Data da Construção: Estima-se que por volta de 1946-1947.

Diferente das outras três casas enxaimel que ainda existem na rua Guabiruba Sul, essa está escondida em meio ao verde das árvores. No passado, a casa foi palco de muitos bailes com gaita, cuca e café.

CASA KISTNER – A CASINHA DO GRUENERWINKEL

Endereço: Rua Gruenerwinkel, no bairro Aymoré

Data da Construção: em 1947.

É a única casa enxaimel que restou na rua. A casa foi renovada em 2020 e ficou muito bonita.

CASA RIFFEL – HERANÇA PROTEGIDA

Endereço: Rua Alberto Voos, no bairro Guabiruba Sul

Data construção:1949.

O terreno pertence à família desde a sua imigração da Alemanha. A casa nunca foi reformada, apenas foram feitos pequenos reparos para manter a casa conservada. A família preserva a casa e alguns móveis da matriarca da família como uma forma de garantir as lembranças de um passado de muito trabalho e de muito amor pelo lugar.

CASA SCHWEIGERT – EXEMPLAR ÚNICO NO CENTRO

Endereço: Rua 10 de Junho, no bairro Centro

Data da Construção: 1950.

Escondida entre as residências de arquitetura moderna, a construção faz parte da paisagem da rua há mais de 70 anos e guarda muitas das suas características originais. É um lugar de muitas lembranças para a família.

CASA: SUAVI – A CASA DO CARPINTEIRO

Endereço: início da localidade de Alsácia, no bairro São Pedro

Data da Construção: 1952.

CASA: BARON HAUS

Endereço: Rua Antônio Carminatti, no bairro São Pedro

Data da Construção: início em agosto de 2016 e conclusão em agosto de 2017.

A casa pertence ao casal Sidinei Ernani Baron e Jorgiana Batschauer Baron, onde o casal vive com as filhas e o filho. Os tirantes de madeira da Baron Haus, implantada no alto de uma colina, dão estilo e beleza à construção e produzem um caráter estético privilegiado. Um verdadeiro exemplo de que a técnica construtiva enxaimel pode ser adaptada conforme as necessidades de um novo tempo, valorizando aquilo que temos de tão importante: a cultura dos nossos antepassados.

Referências

ARCHTRENDS. Portobello. Arquitetura Alemã: conheça as características desse estilo. Disponível em: <https://archtrends.com/blog/arquitetura-alema/>. Acesso em: 11 out. 2021.

CASASDEMEMÓRIA. Especial Guabiruba 57 anos: casas de memória. Jornal O Município. Brusque: 10 de junho de 2019.

CASASENXAIMEL. Disponível em: https://casasenxaimel.com.br/. Acesso em: 16 out. 2021.

DIRSCHNABEL, Roque Luiz. Depoimento concedido a Rosemari Glatz via e-mail, no dia 18 de janeiro de 2021.

OMUNICÍPIO. Casas de Memória. Disponível em: <https://omunicipio.com.br/casas-de-memorias/>. Acesso em: 01 jan. 2021.

RIEG. Abraão Francisco. A influência da imigração na arquitetura de Guabiruba. Pesquisa Bolsa Mérito 2018.2. Orientação: Rosemari Glatz. UNIFEBE, 2018.

TURISMOGUABIRUBA. Casas enxaimel: casas que contam a nossa história. Disponível em: <https://turismo.guabiruba.sc.gov.br/o-que-fazer/item/casas-enxaimel>. Acesso em: 01 jan. 2021.

WEIMER, Günter. A arquitetura popular da imigração alemã. 2ª edição. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

Uma casa na técnica
construtiva enxaimel
é sempre uma casa
pré-fabricada.

Parte VII

Parque Municipal de Guabiruba

"Conhecer a nossa história nos legitima, nos une e nos explica e, no passado, encontramos as razões daquilo que somos hoje, uma identidade".
(Rosemari Glatz)

Represa no interior do parque municipal em Guabiruba Sul. Acervo: Andrei Müller

Parque Municipal de Guabiruba: futuro que começa agora e a antiga usina hidroelétrica de João Bauer

Autora: Rosemari Glatz

Guabiruba começa a viver um futuro que principiou há muitos anos, por personagens que hoje pouco são lembrados ou são até mesmo desconhecidos, mas que merecem ser homenageados. Um destes personagens se chama João Bauer, que, nos primórdios da colonização de Guabiruba, foi o proprietário das terras que, em 2022, começam a abrigar o Parque

Municipal Vereador Érico Vicentini. São 884 mil metros quadrados destinados a comportar o Parque Municipal: um complexo turístico, cultural, esportivo e gastronômico.

Foi na manhã de uma quarta-feira, 15 de dezembro de 2021, que a Prefeitura de Guabiruba anunciou a compra de um importante patrimônio para o povo guabirubense. Um sonho antigo começou a se concretizar. Além da imprensa regional, estiveram presentes membros da comunidade e autoridades como o prefeito Valmir Zirke, o vice Cledson Kormann, vereadores, secretários e a Polícia Militar. No total, a área possui 884 mil metros quadrados e fica situada ao final do bairro Guabiruba Sul e entre o Lageado Baixo e a Planície Alta.

Para a compra do terreno, três análises imobiliárias foram realizadas. O resultado delas avaliou o terreno em 12 milhões de reais, que serão pagos com recursos próprios da prefeitura. Ainda em 2021 foi pago o valor de três milhões de reais como entrada (sinal) para os membros da família, e ao longo dos próximos meses serão pagas 30 parcelas de 300 mil reais cada.

O patrimônio adquirido pela municipalidade é um terreno que, quando foi comprado, pertencia à família Vicentini, mas que durante muitos anos pertenceu ao imigrante alemão João Bauer: um homem que fez história e muito contribuiu para o desenvolvimento econômico de toda a região. Atualmente, o lugar é conhecido por já ter abrigado um pesque-pague, um restaurante, um motódromo e um gramado para aterrissagem de parapentes.

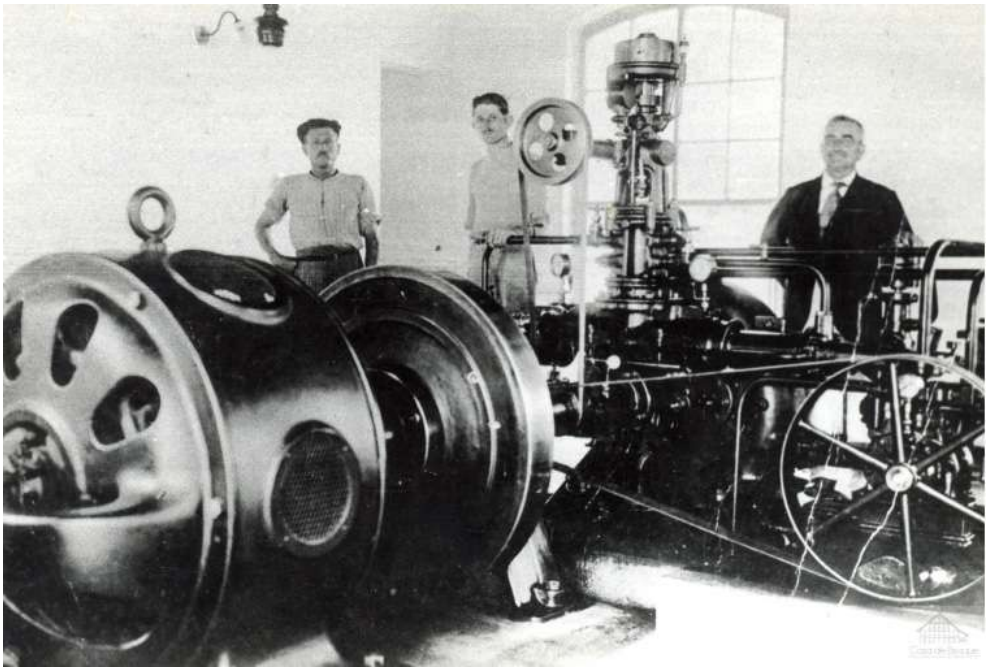
O local onde o Parque Municipal Vereador Érico Vicentini será implantado já foi palco de uma rica história. Neste terreno foi edificada a primeira residência da ilustre família Bauer. Depois que a família transferiu seu domicílio para a sede da Colônia (Brusque), ali foi umas das primeiras Casas de Campo de Guabiruba, utilizada não só pela Família Bauer, mas por toda a alta sociedade de Brusque. Foi neste terreno que João Bauer instalou, no ano de 1913, a pioneira usina de energia elétrica na região, que completa 110 anos em 2023. Daquela usina, restam algumas construções e equipamentos, que certamente se converterão em importante atrativo histórico e cultural.

Conforme anunciado pelo prefeito Valmir Zirke, as projeções para o terreno são: campo de vôlei; pista de aterrissagem para parapente; restaurante; portal de entrada com guarita para polícia; labirinto; área para a Festa da Integração; área para a festa de rua Stadtplatzfest; restaurante com lago no entorno; pista de skate; parque com aparelhos de academia ao ar livre; Pelznickelplatz; palco para eventos ao ar livre; área para o teatro Paixão e Morte de Um Homem Livre; campo de futebol suíço; pista de corrida e caminhada no entorno do rio; abertura e identificação das diversas cachoeiras existentes no terreno para visitação; área para trilhas ecológicas e ainda um espaço para Gaiola Cross e para Moto Clube. E, um

dos pontos altos é a abertura da usina hidrelétrica que foi implantada por João Bauer em 1913 para fins de visitação. Afinal, este é um pedaço muito importante da história de Guabiruba e símbolo da grande contribuição de João Bauer para o progresso econômico de Santa Catarina.

João Bauer e a primeira usina de energia elétrica na região

João Bauer nasceu em 13 de novembro de 1849, na Baviera. Emigrou para o Brasil aos 11 anos acompanhando seu pai, o viúvo Balthasar Bauer. A família se fixou na região de Guabiruba, que naquele tempo pertencia à Colônia Itajahy-Brusque. Enfrentaram a selva agreste, vivendo inicialmente de palmitos, frutas silvestres, alguma caça e fazendo o seu café de casca de batata-doce torrada. Mas o jovem João Bauer queria mais e tinha muita força de vontade, então mudou-se para Itajaí onde trabalhou por um tempo como auxiliar de padeiro. Com a ajuda do pai, juntaram algumas economias e conseguiram comprar uma propriedade em Guabiruba e instalaram um engenho de serra, mas o empreendimento teve baixa lucratividade. Após a morte do pai, o espírito empreendedor e corajoso de João Bauer o trouxe para o povoado de Brusque, onde iniciou suas



João Bauer e a primeira usina de energia elétrica na região
Acervo: Museu Casa de Brusque

atividades empresariais com uma pequena venda.

Em 3 de novembro de 1871, João Bauer se casou com Maria Olinger, natural de Luxemburgo. Tiveram os filhos João, Leopoldo, Matilde, Jacob, Augusto (que se casou com Sophia Renaux, filha do Cônsul Carlos Renaux) e Maria Rosa. Sua primeira residência na sede de Brusque foi uma casinha modesta, de tijolos, perto da ponte Vidal Ramos (atual ponte Estaiada). Graças ao trabalho incansável, espírito perspicaz, e sempre com a ajuda de sua amada esposa, Maria, com o passar dos anos ele se tornou o maior líder do comércio nessa zona e o mais forte comerciante daquela época.

Já na idade adulta, depois de experiente comerciante, João Bauer ainda aprendeu a ler e escrever e não deixava de cultivar a música. Na área pública, João Bauer foi presidente do Diretório do Partido Republicano e o segundo administrador do Município de Brusque, entre novembro de 1897 e março de 1898, função na qual foi precedido por Adriano Schaefer e sucedido por Nicolau Gracher.

João Bauer era jovial, sempre bem-disposto e pronto a servir a qualquer hora do dia ou da noite, em feriados e mesmo aos domingos, quando os colonos do interior, após a missa lhe traziam os seus produtos agrícolas, em troca de mercadorias de seu comércio. Desde madrugada, até altas horas da noite, a sua casa abrigava hóspedes, gratuitamente, dando-lhes café e comida, servindo o pirão com carne-seca e o viradinho de feijão com ovos e linguiça, um hábito alimentar da família Bauer. As turmas se sucediam ininterruptamente, e a família Bauer tanto abrigava os colonos e caboclos do interior, como os nobres da Igreja Católica, governadores e homens públicos.

Na época áurea da sua grande expressão comercial, social e política, a família de João Bauer oferecia bons banquetes. Naquelas oportunidades, os nomes e as assinaturas em autógrafos dos ilustres convivas eram marcados na ampla e alva toalha de mesa. Depois, essas assinaturas eram pacientemente revestidas de fios bordados, sem que escapasse qualquer detalhe.

Os empreendimentos

Graças ao espírito jovial e sua disposição para servir, a sua pequena loja prosperava. O comércio passou a servir a qualquer hora do dia ou da noite, abrindo aos feriados e até mesmo aos domingos, quando os colonos do interior, após a missa, lhe traziam os produtos agrícolas em troca de mercadorias. Diversos foram os empreendimentos de João Bauer, que iam desde estabelecimentos comerciais até os veleiros “Tigre” e “Brusque” e o primeiro navio a vapor da região, o “Rudi”, um misto de passageiros e cargas. Construiu a primeira rede de abastecimento d’água em

Itajaí e foi proprietário de uma cervejaria e de um importante armazém de despachos, principalmente de madeira. Contando com a ajuda do tecelão polonês Yankowsky para trabalhar manualmente teares circulares de madeira, juntamente com outro maquinário para malharia e tricotagem, em 1890, Bauer fez a primeira experiência de indústria de fiação e tecelagem em Brusque, mas o empreendimento têxtil não teve sequência.

Em Brusque, introduziu o primeiro automóvel e instalou uma pequena rede d'água particular. Dedicou-se, ainda, à extração de mármore em Camboriú e ao comércio em Trombudo Central, onde teve casa comercial e montou uma importante serraria. Bauer ainda instalou a primeira fábrica de tecidos de seda natural com teares de ferro, e uma fábrica de gelo, possuindo também engenhos de serrar madeira, de arroz e de farinha. Como comerciante, possuía armazém e loja de fazendas e armarinhos.

A grande contribuição de João Bauer para o progresso econômico de Santa Catarina foi aproveitar o salto d'água da Planície Alta, em sua fazenda na Guabiruba do Sul, para instalar a primeira usina hidrelétrica e introduzir a energia elétrica na região.

Guabiruba recebe a primeira usina de energia elétrica na região

De acordo com Ayres Gevaerd (1973), em 1911 João Bauer iniciou estudos para instalar energia elétrica em condições de movimentar as indústrias e o comércio, proporcionar iluminação pública e particular na então Vila de Brusque. Para tanto, contratou os serviços de um engenheiro, Max Selinke, auxiliado por João Belli, Oswaldo Gleich e Guilherme Diegoli, objetivando aproveitar o salto de Planície Alta que conduziria suas águas ao grupo de turbinas e geradores instalado nas imediações. Aprovado o estudo, foi montada a Usina com dois conjuntos de turbinas e geradores com 135 KWA cada um, totalizando 270 KWA. Seguiu-se a linha de fios com 14 quilômetros com capacidade para transportar 5.000 volts até a estação distribuidora construída no início da rua das Carreiras (Brusque). Na Vila os postes de ferro foram levantados nas ruas Barão de Ivinheima (atual Avenida Cônsul Carlos Renaux), Carreiras, Conselheiro Willerding (Ruy Barbosa), Lauro Müller (parcial), Barão do Rio Branco (parcial) e 15 de novembro.

Antes de o Conselho Municipal conceder-lhe privilégio para instalar eletricidade na Vila (8 de junho de 1912 – Resolução nº 39), João Bauer tinha iniciado a montagem. No dia 10 de agosto seguinte foi firmado o contrato assinando o documento Guilherme Krieger, Superintendente, e João Bauer, servindo de testemunhas Otávio de Oliveira e Godofredo Mosimann. O contrato, com 26 cláusulas, estabeleceu 30 anos de duração.

(Livro de Contratos da Superintendência de Brusque – Arquivo da SAB).

Em dezembro de 1912, com as obras em pleno andamento, João Bauer realizou um piquenique nas imediações da Represa, que agora abriga o Parque Municipal de Guabiruba, do qual participaram mais de 250 convidados e a Banda Musical «Concórdia». Dava João Bauer um testemunho público de sua grande obra, em ambiente agradável e festivo. Nos primeiros meses de 1913, com os postes já instalados nas citadas ruas, a título experimental, foram beneficiados os primeiros consumidores: o famoso cinema do Willy Strecker, o salão e o hotel do Schönen Wilhelm sede do Clube 4, o salão dos Atiradores, algumas casas e a iluminação pública, parcial, tudo isso em Brusque.

A inauguração oficial da Usina hidroelétrica de João Bauer aconteceu no dia do seu aniversário, 13 de novembro de 1913. Exatamente às 18h30, o superintendente Guilherme Krieger procedeu a ligação, iluminando um belo lustro instalado na Superintendência. Na oportunidade discursaram as seguintes personalidades: Dr. Bento Portela, juiz de direito; Vicente Schaefer, em nome do Superintendente; professor Trajano Margarida; padre Henrique Müller, vigário, e o engenheiro Max Selinke. As bandas "Concórdia" e "Liberdade" abrilhantaram a solenidade. Apesar de sua avançada idade, João Bauer cuidou de sua usina, durante nove anos. No início da década de 1920 a usina não tinha mais condições suficientes para suprir a cidade e suas indústrias.

Alguns contratempos apareceram com as condições da represa e do canal condutor de água, assim como aspectos técnicos na rede. Teve dissabores sérios, inclusive, uma ação penal que lhe moveu uma empresa que se sentiu prejudicada com a falta temporária de energia. Não contando com pessoas que se interessassem pela continuidade de suas organizações e principalmente de sua usina, João Bauer resolveu negociá-la. Antes, havia reduzido as atividades industriais e comerciais.

A transação consumou-se no dia 12 de agosto de 1922 com a Empresa Força e Luz Santa Catarina, sediada em Blumenau. O termo de compromisso entre a Empresa representada no ato pelo Sr. Cel. José Ramão Junqueira e Cel. Pedro Christiano Feddersen e a Superintendência Municipal de Brusque representada pelo substituto em exercício Carlos Gracher, entre outras cláusulas, obrigava a primeira parte a respeitar o contrato celebrado com João Bauer e a Superintendência em 10 de agosto de 1912 com relação ao fornecimento de energia elétrica a Brusque. Testemunharam o ato, João de Freitas e Adolfo Ulrich e como secretário Francisco Adolfo Otto (GEVAERD, 1973).

João Bauer morreu no dia 30 de abril de 1931, com 81 anos, e foi sepultado no Cemitério Católico de Brusque, na fé que professava e a cujas instituições apoiava. O ritual das exéquias foi realizado por seu neto, o Monsenhor Harry Bauer, filho de Leopoldo Bauer e Evelina Guerreiro.

No local onde funcionou a usina ainda permanecem instalados al-

guns equipamentos, possibilitando uma verdadeira viagem no tempo e representando um importante atrativo turístico de Guabiruba. É um tesouro de valor incalculável, e o nome de João Bauer bem que poderia ser homenageado no Parque Municipal de Guabiruba.

Referências

BUGGENHAGEN, E. A. von. História Econômica no Município de Brusque e a obra do Cônsul Carlos Renaux. [SI]. Brusque, 1941. Não publicado.

GEVAERD, Ayres. Blumenau em Cadernos. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, Tomo XIV, nº 9. Blumenau: setembro de 1973.

O ESTADO. Florianópolis, 13 de novembro de 1949. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/oestadofpolis/1949/EST194910622.pdf>. Acesso em: 03 set. 2018.

No local onde o Parque Vereador
Érico Vicentini está implantado,
em 1913 foi instalada a pioneira
usina de energia elétrica da região,
impulsionando a indústria e o comércio.

Parte VIII

Economia

"Ou nós nos fazemos miseráveis,
ou nós nos fazemos fortes.
A quantidade de esforço é a mesma".
(Carlos Castenada)

A vila de Brusque, como era chamada a Stadtplatz, era o local onde estava a vida social, econômica e religiosa dos colonos. Acervo: Unifebe

Retrospectiva histórica do desenvolvimento econômico e social

Autor: Roque Luiz Dirschnabel

A colonização

Para se conhecer melhor o desenvolvimento econômico e social de Guabiruba precisamos entender as condições de trabalho e oportunidades da comunidade local desde a colonização. A partir de 1860 os primeiros imigrantes alemães se estabeleceram em pequenas áreas agrícolas, traçadas perpendicularmente aos cursos dos rios e ribeirões. As estradas circulavam entre os morros, com acesso aos bairros e lugares. Os imigrantes alemães em sua maioria permaneciam relativamente isolados, geográfica e culturalmente. Posteriormente com a chegada de italianos,

austríacos e alguns poloneses, mantiveram-se quase todos os costumes e tradições, sendo assimiladas de acordo com as inter-relações e conexões familiares. Decorridos alguns anos, as condições impostas pelo isolamento da área colonial levaram os colonos a extrair o máximo na sua propriedade e adquirir o mínimo para a sua subsistência. Muitos trouxeram em sua bagagem a profissão de origem, dentre eles artesãos, como carpinteiros, marceneiros, oleiros, transformando sua produção agrícola para o consumo próprio e para a venda. Surgiram outras ocupações: o trabalho nos engenhos de açúcar e cachaça, a produção de fubá e farinha de mandioca nas atafonas, a manufatura de charutos, a produção de vinho, banha, derivados do leite, e de um doce de frutas, pastoso, chamado de "muss", constituíam as principais atividades domésticas. Além da policultura as famílias de colonos possuíam atividades acessórias, como na construção de picadas e estradas; nas serrarias como "puxadores" de madeira; e o trabalho artesanal. Tratava-se de uma colônia típica no vale do Itajaí no século XIX baseada em técnicas bastante rudimentares.

As dificuldades econômicas e a fragmentação dos lotes coloniais resultaram no afastamento dos filhos de seus núcleos familiares. No entanto, Giralda Seyferth, em seu livro "A Colonização Alemã no vale do Itajaí-Mirim", afirma que este não foi o principal motivo em Guabiruba, embora possa parecer estranho, a principal razão se deu com a rápida industrialização de Brusque depois de 1920, além do desenvolvimento industrial existente em Blumenau. Com isso, um grande contingente de operários de Guabiruba encontrou emprego nas fábricas, principalmente lavradores. Entretanto, é preciso lembrar que os colonos não ficavam completamente isolados na sua propriedade. A vila de Brusque, como era chamada a Stadtplatz (stadt = cidade, e platz = lugar) era o local onde estavam as principais vendas, capelas católica e protestante, o cemitério, as escolas, enfim, a vida social, econômica e religiosa dos colonos estava atrelada a ela, então sede administrativa da Colônia. Em suma, o efeito da industrialização sobre a área rural permitiu o ingresso do lavrador na fábrica e o restante do dia ao cultivo da terra em sua propriedade.

O comércio empreendedor

O melhoramento das estradas e condições de vida dos colonos a partir do início do século XX aproximava os proprietários de terras situadas mais distantes da vila de Brusque, e com isso levavam sua produção até as vendas. De certa forma, iam até a vila para vender ou trocar bens de consumo por outros não produzidos na colônia. As transações comerciais eram controladas pelos vendeiros. Eram os comerciantes que fixavam o preço dos produtos agrícolas que compravam dos colonos, pois estes não tinham ideia do preço das mercadorias que vinham de fora da colônia.

Assim, um certo número de colonos, com o tempo, se tornou freguês de uma mesma venda.

Aparentemente o lucro dos vendeiros parece ser pequeno, mas a disparidade entre o preço dos produtos coloniais e as mercadorias importadas dos vendeiros tirava seus lucros. De um modo geral, havia uma relação de dependência entre os colonos e o vendeiro, inclusive se quisessem fazer empréstimos. Os colonos contraíam dívidas para obter coisas necessárias à subsistência. Assim, em períodos de crise, o vendeiro se beneficiava dos empréstimos feitos aos colonos mediante a cobrança de juros para compensar a demora no pagamento. Por outro lado, mesmo os artesãos estabelecidos na vila de Brusque, apesar de serem amplamente requisitados, raramente recebiam em dinheiro, se não, o pagamento era feito em mercadorias. O artesanato mal pago não tinha condições de acumular capital ou de se expandir. Desta feita, os vendeiros se tornaram os donos do capital, investindo em seus próprios negócios ou na exploração de outras atividades como engenhos e serrarias. O comércio se transformou na verdadeira fonte de acumulação de capital. Mais tarde, essa fonte de renda possibilitou um investimento maior, principalmente, para o desenvolvimento da indústria têxtil.

Em Guabiruba, entre os principais comércios de "secos e molhados", destacamos a "venda" de Theodoro Belli, que deu lugar à Cooperativa de Consumo dos Agrários, na década de 1940, e de Arthur Wippel e Henrique Dirschnabel. O desenvolvimento da economia registrou o aparecimento de pequenas fábricas e fecularias, com o surgimento dos primeiros empreendedores. Além das fábricas em Brusque e Blumenau, em Guabiruba o empreendedorismo coube às famílias de Arthur Wippel e Henrique Dirschnabel, respectivamente, com a instalação da Têxtil Arthur Wippel S/A e Fábrica de Tecidos Santa Catarina S/A, e fecularias, que empregavam a mão de obra disponível, na época.

Depois dos primeiros comércios e indústrias têxteis, foi aberto o caminho para a modernização, com o início das fábricas de malhas (malharias) e confecções, tinturarias e metalurgia, o que se deu a partir da década de 1970. Em face da demanda e, por consequência, com a oferta de novos empregos, iniciou-se o processo de migração no final dos anos de 1980 e início de 1990. O espírito empreendedor dos pioneiros propiciou o desenvolvimento da indústria, principalmente no ramo têxtil, colocando Guabiruba numa posição de destaque. Diante do expressivo desenvolvimento econômico, Guabiruba passou a acolher famílias e cidadãos de vários cantos do Brasil, prosperando de forma pujante.

Cooperativa de Consumo de Guabiruba nos anos de 1970
Acervo: Roque Dirschnabel

O início da industrialização

Como vimos, no início da colonização o artesanato era apenas uma atividade complementar dos colonos, pois dependiam de uma economia estritamente familiar, com a necessidade de beneficiar os produtos da lavoura em artigos de consumo ou vendáveis. O aumento da população fez com que a atividade artesanal prosperasse com possibilidades de bom rendimento. Por consequência, surgiu uma série de pequenas indústrias domésticas (engenhos e moinhos), vinculadas às matérias-primas locais, com exceção feita às cervejarias e curtumes. Em Guabiruba destaca-se a "Cervejaria Kormann" de Vicente e Agatha Baumgärtner Kormann, que dependia da importação do lúpulo, insumo para a fabricação da cerveja. O curtume mais próximo pertencia ao Moacir Laus (Curtume Laus Ltda.), no "Grosser Fluss", em Brusque. O funcionamento não requeria especialização e, por isso, o progresso dessas pequenas indústrias vinculadas ao trabalho do artesão não foi suficientemente grande para permitir a industrialização. Os artesãos não tinham condições técnicas e nem capital para iniciar a atividade têxtil.

As fecularias e a indústria de tecelagem e fiação tiveram origem muito distinta do artesanato. Em 1889 algumas famílias de imigrantes alemães provenientes de Lodz, na Polônia, se estabeleceram na linha Sternthal e Sibéria, em Guabiruba Norte Alta, município de Brusque, hoje Guabiruba. Mas, a tentativa de trabalhar em casa, com teares de madeira manufaturados pelos tecelões de Lodz, não havia dado bons resultados.

A implantação da indústria têxtil se deu por meio do capital acumulado pelos vendeiros e com o dinheiro emprestado de alguns colonos mais prósperos, além da mão de obra aproveitável. O verdadeiro crescimento da indústria se verificou após a Primeira Guerra Mundial em virtude da crise europeia, pois facilitou o pagamento das dívidas contraídas com a

Fábrica de Tecidos Santa Catarina S.A., localizada na rua Dez de Junho, Centro, atualmente parcialmente demolida, onde funcionam outros estabelecimentos comerciais. Acervo: Roque Dirschnabel

importação de teares mecânicos e fios tingidos da Europa. A instalação da primeira usina de energia elétrica no salto do Ribeirão Planície Alta — no distrito de Guabiruba, em 1913, impulsionou deveras a indústria têxtil. No início, o progresso da industrialização se deu de forma lenta apesar de ter começado cedo, com reflexo no processo de urbanização, pois o trabalho nas fábricas não afastava totalmente o operário de sua propriedade agrícola. Observa-se que a própria localização das fábricas e o regime por turnos permitiu a preservação do sistema agrícola das pequenas lavouras, além de garantir uma suplementação da renda familiar.

Depois da Segunda Guerra Mundial a situação econômica dos colonos-operários se inverte. Com o aumento de empregos nas fábricas, diminuiu o número de lavradores-operários, porém, não deixaram de existir e nem tampouco o pequeno proprietário agrícola é desligado do trabalho industrial. Em consequência disto, demograficamente se verifica um nú-

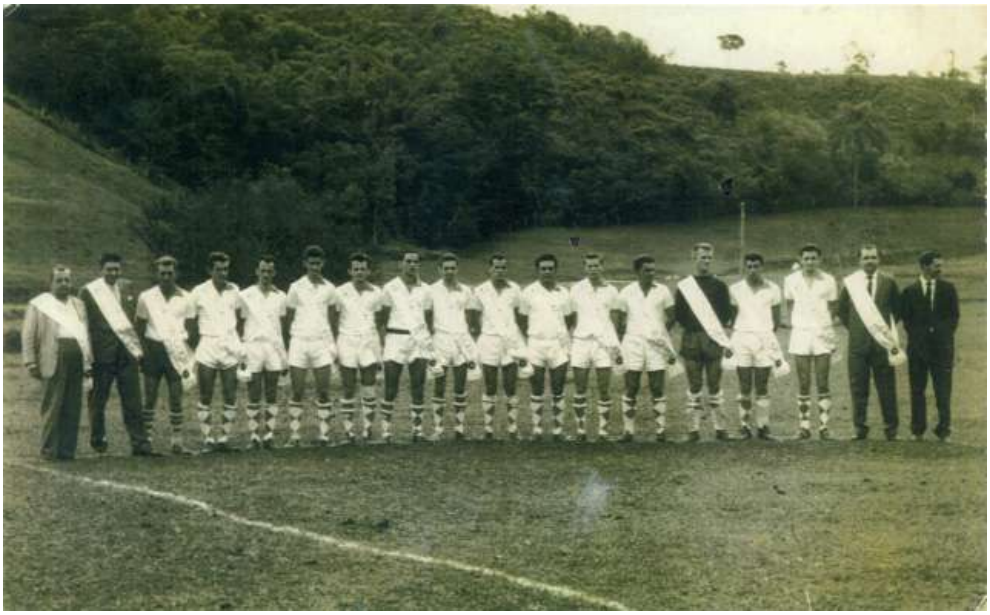
Cervejaria Kormann, na rua 10 de Junho. Acervo: Roque Dirschnabel

cleo central nas cidades da região, nitidamente comercial e residencial, correspondente à cidade antiga e os subúrbios ou bairros habitados na maioria por operários, se confundindo com a área rural.

Aspectos socioculturais

Mas, nem tudo era trabalho, a grande festividade dos colonos era a Sociedade de Caça e Tiro (Schützenverein), onde todos se encontravam. Em Guabiruba o maior destaque se dá para a Sociedade Recreativa Guabirubense, fundada a 18 de janeiro de 1931, sendo o esporte mais tradicional o "Tiro ao Alvo e Cervo". O Guabirubense Futebol Clube foi por décadas o principal expoente do esporte amador. O clube que ficava no centro foi por muitas décadas um dos principais lazeres para a vida social dos guabirubenses e resta apenas na memória dos mais antigos. Destacou-se por ser o primeiro campeão da Liga Desportiva Brusquense, em 1961.

As festividades em Guabiruba são frequentes, ou é a festa dos atiradores, ou domingueiras, sempre abrilhantadas por bandas ou conjuntos ao som de músicas típicas e danças baseadas nos costumes germânicos. As pequenas comunidades do interior também se reúnem nas tradicionais festas das Capelas, mantendo suas tradições e costumes. Atualmente a Stadtplatzfest (Festa na praça da cidade) é uma das principais festas de Guabiruba que deu sequência às festas que ocorrem desde a colonização alemã. Também a Festa da Integração veio para reunir diversas culturas aqui existentes num verdadeiro espírito de confraternização. Além disso, tem a Festa Italiana, que cultiva a tradição de muitos descendentes italianos que moram em Guabiruba e região. A tradição religiosa mais importante é o dia de São Nicolau que acontece anualmente no dia 6 de dezembro, considerado o patrono das crianças, pois pela lenda popular



Guabirubense Futebol Clube. Acervo: Roque Dirschnabel

era acompanhado de um criado que distribuía presentes, chamado "Ruprecht" (Roberto), e que era apelidado de "Pelznickel" (Nicolau, Papai Noel), com seu traje de peles. Nestes últimos anos, Guabiruba se tornou conhecida como a "Terra do Pelznickel", tendo em vista que esta antiga tradição germânica se mantém viva com a encenação do verdadeiro papai noel do mato, como é conhecido, atraindo milhares de visitantes durante as festas natalinas.

As casas de enxaimel ainda existentes e em estilo burguês, com características germânicas, marcam a presença da colonização europeia. Desse período contamos com diversas propriedades típicas que lembram a tradição, a arquitetura, a culinária, os costumes e hábitos dos imigrantes.

Lugares de visitação e ecoturismo

Localizado no Médio Vale do Itajaí-Mirim (Vale Europeu), na Microrregião de Blumenau, no Estado de Santa Catarina, Guabiruba apresenta uma área de 174 km^2 e 21 m acima do nível do mar, clima Mesotérmico úmido e temperatura média de 20º C, e faz extremas ao norte — com Gaspar e Blumenau; a leste com Brusque; e a oeste com Botuverá.

Ao ocupar os seus lotes os imigrantes passaram a denominar os lugares de sua origem, fazendo parte da história cultural de Guabiruba. Guabiruba traz os traços característicos dos primeiros colonizadores, onde cada bairro ou localidade leva o nome do lugar ou cidade de ori-

gem com suas características e peculiaridades. Nas comunidades mais distantes ou relativamente isoladas pelo seu relevo acidentado, constatamos a existência de dialetos, sotaques, costumes e expressões próprias da colonização europeia. Dispositivo legal veda a alteração das localidades tradicionais e vias hoje existentes: Grünerwinkel, Holstein, Alsácia, Lageado Alto/Baixo, Lorena, Planície Alta (Hochebene), Pomerânia (Pommerstrasse), Russland, Schieferbruch, Sibéria, Spitzkopf, Sternthal, Aymoré (Weiherstrasse), Rua São Pedro (Peterstrasse) e Guabiruba Sul (Langstrasse).

Montanhas primárias, com cimos arredondados, dominam a região, que exibem atrativos turísticos e belos cenários de Guabiruba. Pela sua natureza exuberante podemos encontrar trilhas, capelas, memoriais, mirantes e locais de entretenimento, passeios e aventuras, cervejarias, choperias, a culinária típica, pousadas, casas em estilo enxaimel e burguês, entre outras obras de valor histórico. Ademais o Parque Nacional da Serra do Itajaí abrange 39% do seu território. São múltiplas belezas naturais, que vão desde cachoeiras e cânions e topos de morros, e oportunidades para a prática de atividades como hiking, trekking, voos livres, canyoning, rapel, ciclismo e até mesmo caminhadas ecológicas: não faltam opções de recantos em contato com a natureza. Guabiruba ainda faz parte do Consórcio Intermunicipal do Médio Vale do Itajaí (Cimvi) e integra a rota do Circuito Vale Europeu Catarinense. Dessa forma, Guabiruba tem muito a oferecer a quem procura o Ecoturismo e Esporte de Aventura, Turismo Religioso e a sua rica cultura pode ser vivenciada nos grupos de dança e teatro.

Referências:

CERBARO, Suelen. Empreendedorismo e Trabalho. In: Guabiruba: 49 anos de Emancipação Político-Administrativa. Caderno Especial do Município Dia a Dia, Brusque, 10 de junho de 2011.

DIRSCHNABEL, Roque Luiz. Sociedade Amigos de Brusque. Notícias de Vicente Só. Guabiruba 50 anos de emancipação. Edição nº 59, ago./dez. 2012.

https:/turismo.guabiruba.sc.gov.br

Jornal O Município de Brusque. Por Natália Huf, em 08/06/2018.

Jornal O Município de Brusque. Ed. 10 de junho de 2022.

METZGER, Claus. O Lavrador-Operário de Guabiruba. Guabiruba: Prefeitura Municipal, 1988.

SEYFERTH, Giralda. A Colonização Alemã no vale do Itajaí-Mirim. Sociedade Amigos de Brusque (SAB). Editora Movimento. Porto Alegre, RS, 1974.

Kohler e Cia Tinturaria e Estamparia

Economia

Autora: Rosemari Glatz

Guabiruba é um dos 295 municípios de Santa Catarina, e foi colonizada por imigrantes alemães a partir de agosto de 1860, aos quais se somaram os italianos em 1875, e alguns poloneses a partir de 1889. Guabiruba nasceu junto com Brusque, e a instalação do município se deu no dia 10/06/1962. Cerca de 80% da população se declara Católica Apostólica Romana. Em 2022, a população está estimada em 25 mil habitantes, sendo que 93% vive na área urbana e sua economia gira principalmente em torno da indústria têxtil.

Processo de emancipação político-administrativa

Em 10 de junho, Guabiruba comemora sua emancipação político-administrativa. Segundo estudos, o processo de emancipação político-administrativa dos municípios brasileiros iniciou por volta da década de 1930,

num tempo em que foram implantadas diversas mudanças no âmbito da economia, da política, e também na sociedade brasileira. Mas foi somente a partir da década de 1950 que o número de municípios realmente aumentou, o que incluiu a emancipação de Guabiruba, no ano de 1962.

Nas décadas de 1970 e 1980, os governos militares restringiram a criação de novos municípios e, só após o fim do regime militar, é que as emancipações voltaram a se intensificar. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, em 1980 o Brasil possuía 3.391 municípios, número que subiu para 5.570 no ano de 2013, igual a 2022. Atualmente, ainda se discute sobre a emancipação de novos municípios, mas existe uma quase unanimidade nos meios técnicos, acadêmico, político e da mídia contra tal processo, calcado na concepção da inviabilidade financeira da grande maioria desses novos municípios e do custo que representam para o País.

Índice de Desenvolvimento Humano

Com cerca de 25 mil habitantes, Guabiruba é o terceiro município mais populoso da região de Brusque, que inclui os municípios de Botuverá, Brusque, Canelinha, Guabiruba, Major Gercino, Nova Trento e São João Batista. Guabiruba possui um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) considerado alto.

O IDH é uma medida importante concebida pela Organização das Nações Unidas – ONU, para avaliar a qualidade de vida e o desenvolvimento econômico de uma população, e é resumida em três dimensões básicas: saúde, educação e padrão de vida. O IDH varia entre 0 (nenhum desenvolvimento humano) e 1 (desenvolvimento humano total), revelando que, quanto maior a proximidade de 1, mais desenvolvido é o país.

O IDH do Brasil é de 0,755, o de Santa Catarina é de 0,774, o terceiro maior do país (só perdendo para o Distrito Federal e São Paulo), e o IDH de Guabiruba é de 0,754, considerado alto, ocupando a 88ª posição no Estado. Em relação aos dados de Guabiruba nas três dimensões básicas utilizadas para determinar o IDH, temos os seguintes indicadores: padrão de vida (renda): 0,750; educação: 0,653, e saúde (longevidade): 0,876.

Produto Interno Bruto – PIB

O Produto Interno Bruto (PIB) é a soma de todos os bens e serviços produzidos em uma economia durante um certo período. O PIB nos ajuda a avaliar se a economia está crescendo e se o padrão de vida está melhorando. Quanto maior o PIB, mais esse país é desenvolvido. Os países são classificados entre países pobres, em desenvolvimento ou ricos. O Brasil

é considerado um país em desenvolvimento, com um sistema político-econômico vinculado ao capitalismo, que possui um padrão de vida entre baixo e médio, uma base industrial em desenvolvimento, e um IDH variando entre médio e elevado (0,755).

Quanto mais rico o país é, mais seus cidadãos se beneficiam. Segundo o IBGE, em 2019 o PIB per capita de Guabiruba foi de R$ 42 mil, valor inferior à média da região de Brusque (R$ 43,5 mil), valor bem menor que a média da grande região de Blumenau (R$ 51,9 mil) e menor que a média de Santa Catarina (R$ 45,1 mil), porém maior que o PIB per capita do Brasil (R$ 40,7 mil).

Do PIB per capita de Guabiruba, 42,5% do valor advém da indústria (principalmente a têxtil); na sequência aparecem as participações dos serviços (42,5%); da administração pública (14,4%); e da agropecuária (0,6%). A baixa participação da agropecuária é facilmente justificável, visto que apenas 7% da população vive na zona rural.

Crescimento econômico

Do total de trabalhadores formais, as três atividades que mais empregam em Guabiruba são: fabricação de tecidos de malha, confecção de peças do vestuário e administração pública em geral. Também se destacam as atividades de fabricação de tecidos de malha e alvejamento, tingimento e torção em peças do vestuário. Nos últimos anos, a empregabilidade tem registrado saldo positivo de novos trabalhadores, o que é um indicador de crescimento. O segmento de acabamento em fios, tecidos e artefatos têxteis e a confecção de artigos do vestuário e acessórios são os destaques positivos em termos de admissões. Dos empregos com carteira assinada, a ocupação predominante dos trabalhadores é a de tecelão de malhas, seguido de alimentador de linha de produção, e de costureiro em máquina na confecção em série.

Turismo: Potencial Econômico

O fato de a economia de Guabiruba girar essencialmente em torno da indústria têxtil é fator de preocupação. Talvez esta seja uma herança dos mais de 120 anos em que a cidade foi o celeiro de mão de obra qualificada para as indústrias de Brusque. Mas é indispensável, fundamental e urgente que a cidade diversifique a sua economia. É necessário que a população se qualifique, que uma parcela maior da população faça curso superior ou cursos técnicos profissionalizantes, e que se passe a investir em outras áreas de negócios.

Atualmente, Guabiruba já começa a se destacar no turismo, princi-

A indústria têxtil é um dos principais pilares da economia de Guabiruba
Acervo: Unifebe

palmente no ecológico e de aventura. Mas, para crescer neste segmento, é preciso enxergar o turismo como negócio, fixar uma imagem turística. A cidade precisa investir em opções de alimentação, como restaurantes, cafés, meios de hospedagem e educação para o turismo. Guabiruba é repleta de belezas naturais, tem um povo trabalhador e acolhedor, fortes tradições e uma rica cultura. É preciso criar infraestrutura adequada, aprender a viver mais o turismo local e 'empacotar' melhor nossos produtos turísticos para conseguir ganhar mais dinheiro com isso. O momento está propício e as oportunidades estão postas.

Parte IX

Atrativos naturais: Lugares e paisagens

"Sempre me preocupei com as questões ligadas à natureza, ao meio ambiente, e sou uma grande apreciadora do belo com o qual a natureza nos presenteia".
(Rosemari Glatz)

Ribeirão dentro do Parque Nacional da Serra do Itajaí, bairro Lageado Alto
Acervo: Rosemari Glatz

Parque Nacional da Serra do Itajaí - PNSI

Autora: Rosemari Glatz

Criado por Decreto Federal publicado em 4/06/2004, o Parque Nacional da Serra do Itajaí (PNSI) protege aproximadamente 57 mil hectares de florestas, em sua maioria em avançado estágio de regeneração, preservando a maior área contínua de Mata Atlântica de Santa Catarina. Guabiruba é um dos nove municípios que integram o território do Parque.

Origem do nome

A origem do nome do Parque atendeu ao disposto no Decreto nº 4.340, de 22/8/2002, que regulamenta artigos da Lei nº 9.985/2000 que, por sua vez, dispõe sobre o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza – SNUC.

O artigo 3º do Decreto nº 4.340/2002 assim estabelece: "A denominação de cada unidade de conservação deverá basear-se, preferencialmente, na sua característica natural mais significativa, ou na sua denominação mais antiga, dando-se prioridade, neste último caso, às designações indígenas ancestrais".

Segundo o Plano de Manejo do Parque Nacional da Serra do Itajaí, a característica natural mais significativa da área abrangida pelo Parque Nacional da Serra do Itajaí é a própria Serra do Itajaí, assim denominada a cadeia de montanhas existente no sentido SWW-NEE que é o divisor de águas, no local, entre as bacias dos rios Itajaí-Açu e Itajaí-Mirim. O nome Serra do Itajaí, com o qual o colonizador e mais tarde a sociedade batizou oficialmente o divisor de águas, atende indiretamente também a uma designação indígena ancestral, uma vez que Itajaí originou-se da denominação indígena aos dois primeiros rios que se encontram no vale, partindo-se da foz para montante, pelos rios grande (Itajaí-Açu) e pequeno (Itajaí-Mirim). Portanto, o nome do Parque Nacional da Serra do Itajaí atendeu duplamente ao artigo 3º do citado decreto.

Parque Nacional da Serra do Itajaí

A área que integra o PNSI é considerada de extrema importância biológica para vários grupos (aves, peixes, anfíbios, invertebrados, flora) e está situada em uma das nosssas mais belas regiões, abrangendo as cidades de Apiúna, Ascurra, Blumenau, Botuverá, Gaspar, Guabiruba, Indaial, Presidente Nereu e Vidal Ramos.

Além do território abrangido diretamente pela área do Parna, existe ainda a chamada Zona de Amortecimento (ZA), que no Parque Nacional da Serra do Itajaí é de 500 metros no entorno de todo o parque. A ZA tem por objetivo contribuir para a manutenção da estabilidade e equilíbrio do ecossistema protegido, e filtrar os impactos negativos das atividades que ocorrem fora dela, especialmente nas unidades próximas a áreas intensamente ocupadas.

Representando 0,05% da área total original do bioma Mata Atlântica no Brasil e 0,55% da área remanescente de Mata Atlântica, o Parque é um dos três grandes fragmentos florestais ainda existentes em Santa Catarina, situando-se geograficamente entre o Parque Estadual da Serra do

Tabuleiro ao sul e a região de São Bento do Sul – Serra da Dona Francisca ao norte. A área do Parque é a segunda maior Unidade de Conservação de Proteção Integral Federal do bioma no sul do Brasil. Além da riqueza em biodiversidade, o Parque também abriga cabeceiras de importantes cursos d'água que compõem a Bacia Hidrográfica do Rio Itajaí e do Rio Itajaí-Mirim.

Santa Catarina é a única unidade da federação abrangida pelo Parque Nacional da Serra do Itajaí, e seu território está distribuído nos seguintes percentuais por município: Blumenau: 17,32%; Indaial: 32,30%; Ascurra: 0,09%; Apiúna: 17,50%; Presidente Nereu: 8,55%; Vidal Ramos: 2,13%; Gaspar: 2,12%; Botuverá: 10,86%, e Guabiruba: 9,11%.

Guabiruba representa 9,11% da área territorial do Parque, mas esse percentual é muito signficativo para a cidade, uma vez que inclui a principal área com cobertura vegetal do município – cerca de 50 km^2 de floresta, e constitui 29,4% do território total da cidade, alcançando os bairros Aymoré, Lajeado Alto, Lajeado Baixo e Planície Alta. Em 2013, em uma parceria com o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), Guabiruba foi a primeira das nove cidades que integram o território do Parque a instalar sinalização indicativa da Zona de Amortecimento (ZA).

Dependendo das características de cada área de uso público, o Plano de Manejo do Parque identificou como principais possibilidades de visitação: recreação, piqueniques, caminhadas, cicloturismo, banhos, contemplação, sensibilização ambiental e interpretação, observação de vida silvestre e competição esportiva de baixo impacto.

Com o objetivo de preservar os ecossistemas naturais de grande relevância ecológica e beleza cênica, o Parque possibilita a realização de pesquisas científicas e o desenvolvimento de atividades de educação e interpretação ambiental, de recreação em contato com a natureza e de turismo ecológico. Porém, até o momento, o Parque praticamente não dispõe de estruturas de apoio à visitação. E, como a regularização fundiária do Parque Nacional da Serra do Itajaí ainda está longe de ser concluída, os proprietários de imóveis localizados dentro da área do PNSI e na correspondente Zona de Amortecimento costumam enfrentar grandes dificuldades.

Existe, no Parque Nacional da Serra do Itajaí, uma "janela de oportunidades", que precisa ser estudada, compreendida e amadurecida, principalmente pela população diretamente envolvida. É um caminho sem volta ao longo do qual, com sabedoria e discernimento, Homem e Natureza, numa simbiose equilibrada e com olhar no futuro, podem trilhar rumo à sobrevivência.

Histórico de Criação do PNSI

As informações apresentadas nesta retrospectiva histórica do Parque Nacional da Serra do Itajaí – PNSI – foram obtidas, em sua integralidade, no Plano de Manejo do Parque Nacional da Serra do Itajaí. Encarte 2 – Análise da Região da UC.

Antecedentes à criação do PNSI

1927 – é fundado o Clube Spitzkopf por Ferdinando Schadrack, dedicado ao excursionismo e com expressas preocupações conservacionistas. A visitação ao morro de mesmo nome torna-se comum. De janeiro a julho de 1932, por exemplo, a cabana então existente na altura dos 800 metros foi usada por 300 pessoas.

1932 – Com o falecimento de Ferdinando Schadrack, seu filho Udo Schadrack herda a propriedade Spitzkopf, na época com área de 400 hectares, e cessa a exploração madeireira nas matas do vale do ribeirão Caetés, afluente da margem esquerda do ribeirão Garcia, em Blumenau – SC.

1950 – Udo Schadrack adquire um terreno vizinho de 100 hectares contendo o pico do morro Spitzkopf, formando uma área contínua de 500

hectares.

1952 – Em julho, Udo Schadrack registra legalmente a área de sua propriedade no Morro Spitzkopf como "Parque de Criação e Refúgio de Animais Silvestres", junto à então Divisão de Caça e Pesca do Ministério da Agricultura".

1973 – Udo Schadrack afirma que se disporia a doar grande parte de sua propriedade "a uma entidade oficial, que garantisse a transformação daquela região em Parque Nacional, com a aquisição naturalmente dos terrenos adjacentes,...", conforme publicaria no ano seguinte.

1979 – Udo Schadrack fez publicar nos jornais A Nação e Jornal de Santa Catarina, de Blumenau, o contundente artigo Alarma, no qual denuncia o início da destruição das florestas nas cabeceiras do Ribeirão Garcia e os riscos, inclusive de agravamento de enxurradas violentas sobre o bairro Garcia, como consequência desses desmatamentos. Neste artigo, torna público o que já afirmara em fins de 1973, que estaria disposto a doar grande parte de sua propriedade ao governo, "na condição 'sine qua non' de constituir a aceitação de tal doação o começo de fato da implantação de um Parque Nacional na referida região".

1980 – Em 5 de junho o Prefeito de Blumenau assina o Decreto nº 1.567/80, o qual, com base no Art. 3º do Código Florestal Brasileiro, declarou vasta extensão do território ao sul do município como de Preservação Permanente. Este Decreto antecipou no âmbito municipal em 13 anos a proteção que a Mata Atlântica teria no Brasil a partir de 1993.

O Parque propriamente dito

1981 – toda a região compreendida pela Serra do Itajaí e não apenas a região das nascentes do ribeirão Garcia é proposta pela primeira vez como um Parque Nacional, no artigo "Serra do Itajaí: um Parque Nacional?", de Lauro E. Bacca, presidente da Acaprena e publicado na revista "Consciência", órgão de divulgação da entidade.

1982 – O Cartão de Natal e de fim de ano da Acaprena é distribuído com a mensagem "Sete Quedas, obra do Criador destruída pelos homens, permanece apenas na lembrança. Não permitamos que isto aconteça com a Serra do Itajaí". Os sobrevoos e as excursões à região rendiam imagens contundentes de destruição por exploração madeireira e abertura de algumas pastagens que passaram a ser denunciadas pela entidade.

1988 – A Empresa Artex S/A – Fábrica de Artefatos Têxteis, que já vinha adquirindo propriedades nas cabeceiras do ribeirão Garcia a partir de 1980, aceitou a proposta de aproveitar essas terras para criar o que foi chamado de Parque Ecológico Artex, com 5.296,16 hectares.

1998 – Em 17 de abril a empresa Artex firma documento de compromisso público de doação de todas as terras do Parque Ecológico à FAEMA

e à FURB. Em 5 de junho a Lei Municipal aprovada por unanimidade na Câmara de Vereadores criou o Parque Natural Municipal Nascentes do Garcia, ou simplesmente "Parque das Nascentes".

1999 – Durante o 50° Congresso Nacional de Botânica, da Sociedade Botânica do Brasil, realizado pela FURB, foi entregue ao Ministro do Meio Ambiente o documento solicitando a criação de um parque nacional na região da Serra do Itajaí.

2000 – Durante a comemoração dos 150 anos de Blumenau é apresentando um estudo que sugere a união do Morro Spitzkopf e Fazenda Faxinal com o Parque Ecológico Artex, formando um contínuo de 8.000 hectares de florestas preservadas.

2000 – Foi discutida a criação do Parque Nacional durante o IV Simpósio Nacional de Recuperação de Áreas Degradadas – Silvicultura Ambiental em outubro na FURB.

2000 – Foi enviado pelo primeiro coordenador do Conselho Estadual da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica (CE-RBMA-SC), Lauro E. Bacca, um anteprojeto de criação de um Parque Nacional na Serra do Itajaí, acompanhado de mapa na escala 1:50.000, à reunião do CE-RBMA-SC, onde foi aprovado o envio de moção de criação do Parque ao Ministério do Meio Ambiente. Começavam de fato os procedimentos concretos para a criação do Parque Nacional.

2001 - Começa-se a divulgar a proposta do Parque Nacional da Serra do Itajaí (PNSI), com notas esporádicas na imprensa regional, estadual e nacional. No primeiro semestre a proposta do Parque foi apresentada numa reunião Ordinária do Fórum de Desenvolvimento Regional, acontecida num dos Auditórios do Senai de Blumenau.

2001 – De 24 a 27/05 acontece em Joinville a Reunião da Mata Atlântica no século XXI. O Ministro do Meio Ambiente, o Governador de Santa Catarina, o Reitor da FURB e o Presidente do CN-RBMA assinam "Termo de Cooperação Técnica" referente à Criação de Unidade de Conservação da Serra do Itajaí – SC.

21-26/09/2002 – No III Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação, acontecido em Fortaleza – CE, foi proposto e aprovado por unanimidade uma moção pró criação do Parque Nacional da Serra do Itajaí, com apoio do testemunho do Presidente da Rede Brasileira Pró-Unidades de Conservação.

04-06/11/2002 – Reunião do CN-RBMA em Aracaju/SE. Mais uma moção pró-PNSI foi aprovada.

30/11/2002 – O abaixo-assinado pró-PNSI já atingia 8.900 assinaturas, chegando a mais de doze mil. O IBAMA lançava consulta pública via Internet, forma adotada pelo órgão à época, que resultou em cerca de 840 manifestações, somente umas 40 (assinaturas) contra. Diante de protestos, foram feitas consultas presenciais.

03/12/2002 – A ONG Acorda Brasil promove uma manifestação pú-

blica contra o parque, no trevo de Indaial, na BR-470. Foram entregues panfletos aos passantes com conteúdo contrário à criação do PNSI.

18/12/2002 – Acontece a reunião pública nas dependências do SENAI em Blumenau. Uns quatro ônibus alugados trouxeram agricultores e outras pessoas que lotaram o auditório e passaram a protestar contra o Parque.

21/05/2003 – Audiência Pública na Câmara de Vereadores de Blumenau, com presença do IBAMA, FAEMA, ACAPRENA, Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Comitê da Bacia e alguns Prefeitos.

27/05/2003 – O IBAMA declara que o PNSI iria ser decretado.

29/04/2004 – Foi formada uma força-tarefa para realizar os levantamentos finais a respeito do Parque, composta por membros do MMA, IBAMA, UFSC, CE-RBMA-SC e FURB.

27/05/2004 – A Rede de ONG da Mata Atlântica dá grande apoio à pró-criação do Parque Nacional, junto com a campanha pela aprovação do PL da Mata Atlântica.

15 e 16/05/2004 – Acontecem as Audiências Públicas em Blumenau, Indaial e Apiúna.

02/06/2004 - O Governador do Estado de Santa Catarina envia ofício ao Presidente da República, intercedendo em favor da Associação Comercial Industrial de Blumenau (ACIB), em parceria com a Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL), Associação das Micro e Pequenas Empresas (AMPE) e a Intersindical com o objetivo de evitar a decretação do Parque Nacional Serra do Itajaí, questionando essa opção como melhor forma de preservação da Mata Atlântica.

04/06/2004 – O Presidente da República assina o Decreto criando o Parque Nacional da Serra do Itajaí.

04/09/2004 – Concedida liminar por ação da Acorda Brasil, contra o Decreto de Criação do Parque, pelo Juiz Federal substituto de Blumenau.

28/03/2005 – O IV Tribunal Regional Federal (TRF) de Porto Alegre suspende a Liminar, acatando parecer do desembargador.

28/04/2005 – O Juiz julga o mérito da ação como improcedente, portanto favorável ao Parque Nacional. Logo após é nomeado seu primeiro chefe, Ângelo de Lima Francisco.

Referências:

Plano de Manejo do Parque Nacional da Serra do Itajaí. Encarte 2 – Análise da Região da UC. Disponível em: https://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/imgs-unidades-coservacao/pn_serra_do_itaja%C3%AD.pdf. Acesso em: 24 maio 2022.

O superdiário de viagens do pequeno Tom Slipper e Árvore

Autor: Maicon (MaIcON mAiCOn MaICoN) Alexandre Schweigert

Capítulo 1
A Montagna GUEBA e o vento uivante!
Em busca de altas aventuras!

... partimos em nosso balão de um vilarejo na Alemanha, amarrando a ele nossas casas, nossas roupas, nossa geladeira e nosso chuveiro, deixando o vento nos guiar por novos e misteriosos lugares.

Acordei com os latidos de Árvore, lambendo meu rosto, depois de uma longa viagem. Nosso balão estava preso entre alguns pinheiros no alto de uma montanha.

— Calma, calma, garoto!

O sol começava a colorir o céu. Árvore saltou do balão e ficou correndo de um lado para outro até que cansou e ficou sentado ao meu lado, com a língua de fora.

Li em uma placa o nome montanha:

Estávamos animados para explorar aquele lugar. Depois de muito tempo voando, íamos ter dias cheios de aventuras.

Há muitas semanas não escutava outra voz, a não ser a minha ou os

latidos de Árvore.

Olá, bom dia! — falou alguém atrás de nós.

Olhei a princípio assustado, pois estava abrindo a lata de comida de Árvore.

— Bom dia! — cumprimentei.

— Au! — latiu Árvore — respondendo.

— Esse balão é de vocês? Avistei lá debaixo e pensei que alguém precisava de ajuda!

— Estamos bem, chegamos esta manhã aqui depois de semanas viajando. Sou Tom, e você?

— Sou Domingos — respondeu calmamente o aventureiro.

Carregando uma mochila superpesada, Domingos sentou ao nosso lado. Deixou a mochila em cima de uma grande pedra, que estrategicamente fica bem no centro da montanha. Árvore ficou rodeando a mochila, sentindo o cheiro de comida.

O aventureiro Domingos Pontaldi

— Ele deve estar com muita fome — afirmou Domingos!

— Acabou de comer! Ele é assim mesmo, come o tempo inteiro!

Ficamos conversando por algum tempo, observando o nascer do sol. Enquanto explicava para nós tudo sobre a montanha Gueba, nosso novo amigo aventureiro fez uma pequena fogueira perto de onde estávamos.

Pela primeira vez comemos pão com linguiça assada na fogueira — uma delícia que os aventureiros locais costumam preparar. Para mim foi ótimo! Acho que para Árvore mais ainda! Depois de semanas comendo apenas amendoim

dentro de nosso balão, me senti completamente satisfeito.

Sentado ao nosso lado, Domingos falou:

"Gueba é uma das montanhas mais lindas de nosso município. Com 880 metros de altura, temos uma visão privilegiada da natureza. Podemos avistar também partes de diversas cidades: Brusque, Blumenau, Navegantes, Gaspar, Itajaí e Balneário Camboriú. Ao nosso redor também temos diversas montanhas: Mordida do Gigante, Serra do Paulo Kohler e Spitzkopf. Aqui quase sempre você pode ouvir esse barulho do vento soprando entre todas essas montanhas."

Ele parecia mesmo gostar da Gueba, como se fosse sua própria casa!

Eu moraria aqui em cima, concluiu.

O vento agitava nosso balão que estava amarrado em um dos pés de pinheiro, plantado no alto da montanha.

Fiz algumas observações em meu Superdiário de Viagens sobre a Gueba:

Localização: bairro Lageado Alto — Guabiruba.

Como chegar: há diversas trilhas que levam ao cume da montanha ou você pode chegar como nós, de balão.

O que não encontrei: gigantes, dinossauros, cangurus, tubarões, baleias e nenhum trilho de trem.

O que vi: parece que entre as nuvens vi uma enorme bola de fogo e detrás dela surgir um grande e enorme pássaro, mas que na verdade era tão grande que não poderia ser um pássaro. O que você acha que era?

Fonte de pesquisa: https://turismo.guabiruba.sc.gov.br

Montanha Gueba, em foto de Augusto Suavi

Capítulo 2
Café com cuca em nossa casa na montanha Mordida do Gigante e outros detalhes montanhosos

Convidei nosso amigo aventureiro para um passeio sobre todas essas montanhas. Nosso balão não era muito grande, por isso Árvore teve que ficar em sua casinha que estava amarrada ao balão com minha casa.

— Olhe ali, a Mordida do Gigante, a montanha que mostrei lá do alto da Gueba! — apontou Domingos.

Provavelmente algum gigante faminto se agachou de alguma nuvem e resolveu abocanhar parte do topo da montanha, por ela ter ficado com este formato e nome. Gigantes são famintos, talvez a confundiu com uma bola de sorvete.

Resolvemos acampar ali. Deixei nossa casa próxima a um pé de limão, cheio de frutinhas. O espaço não era muito grande, mas conseguimos nos ajeitar.

Árvore ficou correndo de um lado para o outro, agitado como sempre e toda vez que latia escutávamos o eco do seu latido.

Domingos e eu sentamos na varanda da casa. Aquela mochila dele parecia ser mágica por conseguir guardar tantas coisas. Tirou uma garrafa de café quentinho que sua esposa havia feito e vários pedaços de

um prato típico local, conhecido como cuca. Saboreamos aquela refeição calmamente enquanto ele me contava alguns detalhes montanhosos das montanhas que avistávamos:

Montanha Mordida do Gigante. Acervo: Maicon Alexandre Schweigert

Spitzkopf

Para chegar ao início das trilhas que levam ao cume é muito fácil. Você pode ir de carro, de bicicleta, de carroça ou até de cavalo. Já os últimos metros até o topo requerem mais força nos pés, é íngreme e escorregadio em dias chuvosos. Das montanhas que conheci é a mais extensa de ponta a ponta. De um lado avista-se Guabiruba, Brusque e do outro, Gaspar, Blumenau e outras cidades. Aqui muitos aventureiros adoram acampar. Entre os dois extremos da montanha, bem no centro, há um local perfeito para armar as barracas, protegido pela vegetação de todos os lados. Acampamos lá algumas vezes com minha família e amigos, é muito divertido! – relembrou Domingos.

Altitude: 680 m

Localização: Guabiruba/ Bairro São Pedro

Sobe de: Bike: nas costas / 4x4: não duvido! Avião: não tem pista! A pé: com certeza Carroça: duvido A Cavalo: quem sabe! De navio: improvável.

São José

Uma das montanhas mais conhecidas e visitadas de Guabiruba e de fácil acesso. Podemos alcançar o topo por dois bairros:

Planície Alta: entrada sinalizada com um pórtico no pé do morro e uma ponte de madeira por onde podemos atravessar de carro também. Além disso, esse caminho é ótimo para quem gosta de pedalar em meio à natureza. Somos levados até o topo por uma estrada larga, de chão batido, cercada por árvores, o que deixa o trajeto ainda mais gostoso. O tempo parece passar mais rápido quando estamos em lugares assim.

No alto do morro temos uma vista panorâmica da cidade, muito procurada por todos que adoram presenciar um lindo nascer ou pôr do sol. De um lado temos o morro do parapente e de outro Oratório de São José.

Já pelo bairro Aymoré a trilha tem cerca de 800 metros. Por ela podemos fazer uma caminhada ecológica e religiosa. Pelo percurso foram colocados mais de 50 pontos de oração com imagens de santos e suas orações.

Domingos contava com muita alegria mostrando algumas fotos que tirou no alto da montanha:

Mirante Morro São José. Acervo: Rosemari Glatz

Reserva Florestal Kohler & Cia

Sobrevoamos também o mirante da Reserva Florestal Kohler & Cia (conhecida como Serra do Paulo Kohler), que faz parte do Parque da Serra do Itajaí. Um dos locais mais lindos de nosso município, abrigo abundante da fauna e flora, que protege diversas cachoeiras e árvores centenárias. Vimos do alto algumas pessoas caminhando, pedalando até o cume onde temos uma linda vista.

— Há um trecho encantador no caminho, digno de cartão postal, bem próximo a uma represa, onde as águas cristalinas que descem das montanhas encontram a estrada pela qual temos que cruzar. Todos visitantes costumam parar ali para tirar fotos – contou Domingos.

Mirante da Reserva Florestal Kohler & Cia. Acervo: Kohler e Cia.

Capítulo 3
Águas cristalinas, cachoeiras maravilhosas, uma pescaria canina e um peixe gigante

De volta em nosso balão, sobrevoamos alguns bairros de Guabiruba. As pessoas nos observavam curiosas, afinal, não é todo dia que podem avistar um balão carregando uma casa, uma casinha de cachorro, uma geladeira, uma estátua de jardim e mais algumas coisas.

—Quero mostrar para vocês o Rio Cristalina e suas cachoeiras. É um dos lugares mais lindos que já conheci!

Árvore estava empolgado com a ideia de conhecer cachoeiras. Ele adorava nadar, mergulhar e pescar.

Voltamos para o bairro Lageado Alto. Pousamos em um pasto cheio de animais curiosos, que cercaram nosso balão. Alguns deles já andavam por dentro de nossa casa.

A partir dali, caminhamos aproximadamente uma hora por estradas cercadas de árvores e montanhas. Atravessamos riachos cheios de pedras. Domingos nos mostrou como fazer um legítimo copo de água de aventureiro com folha comprida de uma planta. Árvore preferiu dar lambidas na água.

Chegamos a um trecho muito desafiador:

— Não precisa ter medo — falou Domingos. Segure-se nessa corda e caminhe com calma. Chegando aqui eu seguro você.

Passamos por uma parede rochosa, inclinada e escorregadia. Segurei firme na corda para contornar uma pequena cachoeira em nossa frente. Árvore saltou para o outro lado, rápido com um pássaro. Às vezes acho que ele tem asas.

Caminhamos mais uns minutinhos e chegamos em um lugar muito lindo, com os raios do sol refletindo sobre a água, que ficava pintada de azul, como se fosse uma obra de arte.

— Chegamos, é aqui o Lago Azul!

Respirei fundo, admirando aquele pedacinho maravilhoso do mundo.

— É muito lindo — respondi.

Árvore, impaciente, pulou. Ele adora mergulhar. Vimos ele balançar a cauda e em seguida desaparecer no fundo do lago.

Árvore preparado para mergulhar. Acervo: Maicon Alexandre Schweigert

Víamos surgir muitas bolinhas de ar, borbulhando na superfície, ora de um lado, ora de outro. De repente, Árvore surge com o focinho para fora, respirando, e volta a mergulhar.

— Ele é assim mesmo? Perguntou Domingos.

— Sim, deve estar farejando comida!

Quando acabei de falar, Árvore saltou rapidamente do lago, segurando entre os dentes um peixe gigante.

Lago Azul, bairro Lageado Alto. Acervo: Maicon Alexandre Schweigert

Cachoeira Irmãs Gêmeas, Rio Cristalina, Lageado Alto - foto Augusto Suavi

Capítulo 4
O final — Onde comemos mais um pouquinho

Deixei Domingos em sua casa, que era cercada por um lindo e encantador jardim. Apresentou sua esposa, Tere, que nos presenteou com uma garrafa cheia de café quentinho para nossa viagem e pedaços de bolos que nos fizeram sentir no céu de tão deliciosos. Árvore comeu quase tudo sozinho!

Já era hora de partir!

No final daquele dia, amarramos tudo em nosso balão, nos despedimos de nossos novos amigos e voltamos para o alto do céu.

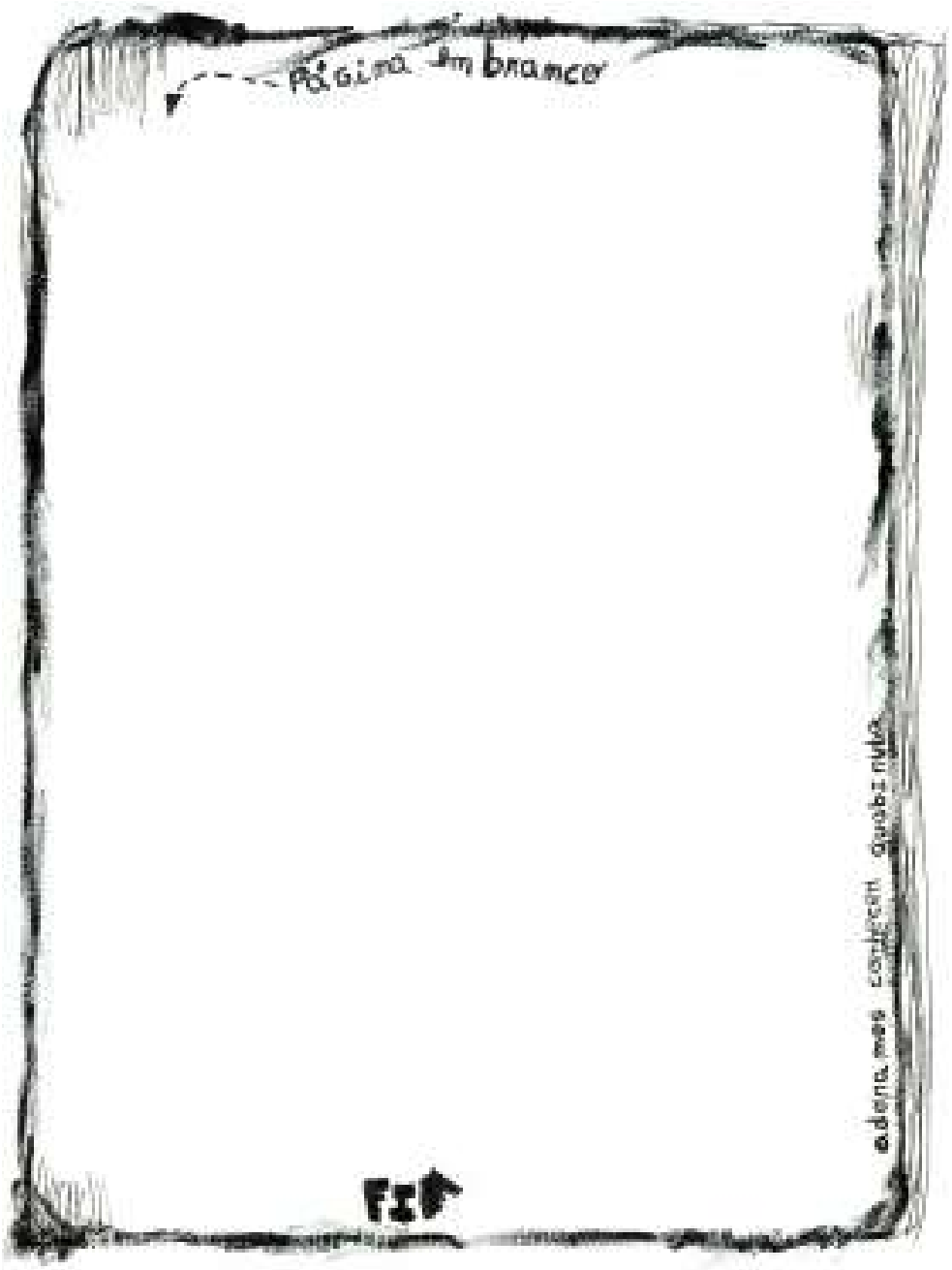
Árvore de barriga cheia e muito cansado dormiu em sua casinha. Eu, de barriga cheia e muito cansado também, sentei em uma cadeira de balanço no alto do balão e fiquei desenhando o globo terrestre incrível de nossas aventuras em Guabiruba.

MEU GLOBO TERRESTRE DE GUABIRUBA
VENTO
Peixe mais comum aqui CRISTALINO: Prova Dünstchem
= barba de velho
= TRILHAS AMIGAS
= belezas naturais

SPITZKOPF
PELZMICKEL

Jardim do aventureiro Domingos Pontaldi no bairro Lageado Alto

Deixei uma página em branco para você registrar as suas descobertas aventurosas em Guabiruba. Vale colar fotos, escrever uma história (pode ser em quadrinhos também, pode até criar um super-herói indestrutível), uma receita culinária deliciosa ou até mesmo desenhar!



Santa Catarina é o único estado abrangido pelo Parque Nacional da Serra do Itajaí, e seu território está distribuido entre as cidades de Blumenau, Indaial, Ascurra, Apiúna, Presidente Nereu, Vidal Ramos, Gaspar, Botuverá e Guabiruba.

Parte X

Três entrevistas e uma pequena amostra do povo guabirubense

"Se a conquista de bens materiais realmente traz algumas facilidades na vida e o sucesso empreendedor desperta o reconhecimento social, por outro lado exige do cidadão muito mais responsabilidade e compromisso frente à sua comunidade".
(Cônsul Carlos Renaux)

Casal Ambrósio e Ignez Reichert

Autor: Roque Luiz Dirschnabel

O casal Ambrósio e Ignez Reichert é um exemplo de vida de colonizadores germânicos na colônia de Guabiruba. Ele, filho de Alberto Reichert e Guilhermina Wippel Reichert, nasceu em 16 de novembro de 1921 e faleceu em 22 de agosto de 2020, com 98 anos, em Guabiruba. Ela, filha de Marta Schaefer Bohn e Pedro Bohn, nasceu em 17 de junho de 1927, na antiga Weiherstrasse, hoje mora na rua Bruno Reichert, bairro Aymoré, em Guabiruba. Ambrósio e Ignez Reichert casaram no dia 22 de novembro de 1947. Foram casados por 72 anos, e chegaram a festejar Bodas de Vinho de feliz união matrimonial. Conheceram-se em uma "domingueira" (tarde dançante), namoraram por dois anos e decidiram se casar. Sempre viveram na simplicidade, cultivando a lavora e plantando fumo e, para ajudar nas despesas, dona Ignez costurava a própria roupa e dos seus filhos.

O Senhor Ambrósio e a Senhora Ignez tiveram 14 filhos: Marta Maria Reichert (in memoriam), Pedro Alberto Reichert (in memoriam), José Reichert. Pedro Reichert, Gerônimo Reichert, Anacleto Reichert, João

Casal Ambrósio Reichert e Ignez Bohn Reichert, acompanhados de autoridades, no dia em que foram homenageados pela Câmara Municipal de Guabiruba

Carlos Reichert, Augustinho Reichert, Jacinto Reichert, Clementino Reichert, Alberto Reichert, Cerita Reichert, Guilhermina e Justina Reichert.

Estudaram na escola Padre Germano Brandt, no bairro Aymoré, até a 4ª série, sendo seu professor Carlos Boos. O Senhor Ambrósio lembra que por dois anos teve aula de alemão.

O casal contou sua história calcada em duas frentes: oração e trabalho. Através do respeito mútuo, buscando manter a família unida, e ensinando os valores morais e éticos próprios, servindo de exemplo de uma rara e longa união conjugal. Devotos do Sagrado Coração de Jesus, fator que contribuiu e assegurou o dom do amor. O casal ainda representa os costumes e tradições dos colonizadores.

Antes da entrevista, dona Ignez confidenciou em alemão... "que está preocupada que nos dias atuais estão se perdendo os costumes e tradições em relação à cultura e também à religião".

Ao se referir a sua esposa, o seu Ambrósio, que também era conhecido como o Rei do Aymoré, disse que se toda mulher fosse assim: Uma mãe perfeita, nada de se reclamar. Ela mesmo interviu na entrevista: "Em casa trabalho como mulher, e na roça igual a um homem". Além disso, reconhece que a saúde é a maior riqueza do mundo.

Por aí se conclui que o respeito do Rei do Aymoré era maior para com sua Rainha em Casa, dona Ignez.

O Senhor Ambrósio, ex-combatente da Segunda Guerra Mundial, não chegou às fronteiras de guerra, apenas ficou em treinamento na cidade portuária de Itajaí. Contou que aí passou por muitas dificuldades, pois tinha muitas saudades de seu lugar. Herança que deixou para os seus filhos. Um legado de trabalho, lutas e conquistas.

O Senhor Ambrósio e a Senhora Ignez tentaram passar aos seus filhos os ensinamentos que receberam de seus pais, principalmente a compreensão e o respeito que consideravam um dos segredos para uma relação tão duradoura. Por último, o Senhor Ambrósio contou que um de seus filhos mora na Alemanha, país que chegou a visitar várias vezes. Lá também perceberam que os costumes e as tradições precisam ser preservados.

Em junho de 2017, a Câmara Municipal de Guabiruba concedeu o título de Cidadão (ã) Benemérito (a) ao casal Ambrósio Reichert e sua esposa Ignez Bohn Reichert, pela preservação dos costumes e da religiosidade dos colonizadores germânicos no município.

Angelin Carminatti

Autor: Roque Luiz Dirschnabel

Angelin Carminatti, casado com Maria Gandolfi, nascido em 10 de abril de 1922, no subdistrito de Guabiruba, em Brusque, filho de Marcos Carminatti e de Anna Catarina Chiodini, residente e domiciliado na Rua Antônio Carminatti, sn, no lugar Holstein, em Guabiruba. Teve dez filhos com sua esposa: Othília C. Visconti. São eles: Elizabete C. Ninoff; João Carminatti; Cecília C. Voss; Anna Carminatti; Francisco Carminatti (in memoriam); Luiz Carminatti; Bernadette C. Montibeller; José Carminatti e Terezinha C. Rieg.

Estudou até o terceiro ano, concluindo o curso primário. Seu professor foi Carlos Maffezzolli, que também leva o nome da escola onde Angelin Carminatti estudou, no bairro São Pedro.

Participou de diversas entidades, como do Sindicato Rural de Guabiruba e ADERG (Associação para o Desenvolvimento de Guabiruba).

Angelin Carminatti ainda representa o guabirubense simples do século passado, preservando os costumes mais antigos do lugar, no seu modo simples de ser, cuidando da criação de gado, da alimentação feita no fogão a lenha, e, principalmente, no engenho de onde produz o melado de cana-de-açúcar. Com 95 anos mora no mesmo lugar onde nasceu, sempre disposto e sorridente, falando com forte sotaque alemão.

Traz lembranças em sua memória dos tempos de criança, quando passava o inverno no meio do mato, desde o morro do Spitzkopf até a Angelina (Sociedade Barriga Verde), em Brusque. Nesta época, costumava caçar passarinhos e algum bicho, mas afirma que era para comer e não por esporte. O lugar onde mora quase não tinha vizinhos, tinha sim, bastante bicho.

Desde novo, com apenas 12 anos, já ajudava a puxar as toras do mato, utilizadas para a construção de casas e ranchos de madeira. Cangava os cavalos e transportava a madeira com o seu pai e recebia remuneração pela prestação dos serviços.

Apesar do sobrenome italiano, só falava em alemão, que era o idioma comum da época. Na escola professor Carlos Maffezzolli, aprendeu a ler em português, mas, confessa que não entendia o que estava lendo, pois o próprio professor explicava os ensinamentos na língua alemã.

Quando ocorreu a Segunda Guerra Mundial, foi convocado pelo exército, como outros moradores da região. Foram todos para Itajaí, mas lá quase não se entendiam. Por sorte, antes de servir o exército, a guerra

acabou, evitando que estivesse no “front” como os outros soldados que integraram a força expedicionária. Lembra que um dos seus primos, Arnoldo Carminatti, teve que ir para a Itália.

Angelin Carminatti sempre trabalhou na lavoura. Ainda acorda cedo, trata os animais, pega na enxada e planta quase tudo que é servido na mesa. Entre os meses de julho e agosto “toca” o engenho ou a atafona para fazer melado de cana-de-açúcar aos seus clientes já conhecidos.

Ao final, revelou que: não tem uma casa muito grande, porque não costuma ficar parado.

Angelin Carminatti faleceu no dia 13 de dezembro de 2021, aos 99 anos, pai de 10 filhos e 13 bisnetos, sendo Cidadão Benemérito de Guabiruba, homenageado pela Câmara Municipal, em 9 de maio de 2017.

Angelin Carminatti e Renata Schumacher Kormann, sendo homenageados pela Câmara Municipal de Guabiruba em sessão solene

Renata Schumacher Kormann

Autor: Roque Luiz Dirschnabel

Renata Schumacher Kormann, filha única de Oswaldo Schumacher e Margarida Kohler, nascida em 24 de fevereiro de 1933, na cidade de Brusque, hoje município de Guabiruba, residente e domiciliada na Rua Brusque, 489, centro de Guabiruba. Aos 19 anos casou-se com Harry Kormann, com quem teve cinco filhos: Orides Kormann, Heinz Kormann (falecido), Valdir Kormann, Haroldo Kormann (falecido) e Ademar Kormann (falecido). Possui doze netos e seis bisnetos. Descendente de imigrantes alemães, possuindo quatro irmãos: Geroldo Schumacher (falecido) Anselmo Schumacher (falecido), Livino e Alcino Schumacher. Lembra que aos 12 anos foi presa juntamente com outras crianças, por não saberem falar em português, pois na época a língua alemã era proibida. Estudou na antiga escola do centro, que ficava nas imediações da casa de Theodoro Belli, mais precisamente ao lado da atual residência de Aldo Kohler (in memoriam), sendo sua professora a Senhora Juvelina Andrade Zabel, proveniente da cidade de Palhoça, SC.

Sempre morou em Guabiruba, onde testemunhou muitas mudanças e situações inusitadas.

Em 1º de maio de 1974, ela e seu marido Harry assumiram a Churrascaria Schumacher que pertencia a seu pai Osvaldo Schumacher, e com apoio e ajuda da família vem administrando o negócio até os dias de hoje. Informa que o seu pai Oswaldo iniciou suas atividades grelhando frangos e outros petiscos para os seus clientes que na maioria eram de Brusque. Entre as famílias mais conhecidas cita Schaefer e Gleich.

Com o passar do tempo, a modesta empresa familiar foi se tornando uma referência em comida típica alemã, atraindo clientes de toda a região, de outros estados e até mesmo de outros países. Hoje é uma referência gastronômica e turística para o nosso município.

Dona Renata também sempre teve um especial carinho pelas crianças, que fica evidente com pequenos gestos. “Alguém aqui se lembra de ter ganhado uma salsicha da dona Renata quando criança ou viu seu filho ganhar”. Da mesma forma, jamais negou comida ou ajuda à aqueles que necessitavam e sempre atuou ativamente em prol de eventos filantrópicos.

No dia 24 de abril de 2017, Dona Renata e Sr. Harry comemoraram suas bodas de ferro, 65 anos de enlace matrimonial.

Guabiruba, SC, 15 de maio de 2017.

Prato típico do restaurante "Schuma". Foto: Valci Reis

"Schuma" – Churrascaria e Restaurante Schumacher

Autora: Rosemari Glatz

Guabiruba guarda os costumes e o idioma, o dialeto "Batenza", falado na região de Baden, Alemanha, de onde emigrou a maioria dos alemães que colonizaram a cidade. E isso se reflete também na culinária ancestral que é mantida até os dias atuais.

Existem muitas formas de contar a história de uma cidade, região ou país e a gastronomia com certeza é uma delas. A forma como um prato é feito fala muito sobre a agricultura local, o clima, os costumes e, principalmente, a origem das pessoas. Na Alemanha é muito comum o hábito de se aproveitar ao máximo os alimentos e cada receita é influenciada pela vegetação e clima local. Por isso é importante levar em consideração que, quando os imigrantes desembarcaram por aqui, alguns ingredientes foram sofrendo pequenas substituições devido à colheita e clima local. Embora exista essa adaptação, os pratos mais famosos são, praticamen-

te, réplicas das receitas originais que existem até hoje na Alemanha. E um dos pratos mais típicos trazidos pelos imigrantes alemães que se estabeleceram no Vale do Itajaí é o marreco recheado acompanhado de repolho roxo ou o Eisbein (joelho de porco).

Muito famosos na Alemanha, pratos como o marreco recheado acompanhado de repolho roxo ou o Eisbein, em Guabiruba eram servidos pela Churrascaria e Restaurante Schumacher, um dos mais renomados estabelecimentos da região, e conhecido carinhosamente como "Schuma".

Conheça a história da Churrascaria e Restaurante Schumacher

Era o ano de 1958 quando o Sr. Oswaldo Schumacher fundou a Churrascaria e Restaurante Schumacher, mais conhecido como "Schuma". Guabiruba ainda era um bairro de Brusque do qual se emancipou em 1962 e, por aquela época, a região onde está o restaurante era considerada um "ponto afastado" do centro de Brusque.

Descendente de alemães, o Sr. Oswaldo Schumacher era casado com Margarida Kohler. O casal teve cinco filhos, sendo apenas uma menina, Renata, que, em conjunto com o marido Harry Kormann, em 1974 assumiria o "Schuma". Os filhos homens se chamavam Geroldo, Anselmo, Livino e Alcino Schumacher.

O Sr. Oswaldo Schumacher iniciou as atividades do Restaurante "Schuma" preparando grelhados, principalmente de frangos, churrasco, carne de porco (típico na região de Baden, Alemanha) e outros petiscos. Tudo para agradar o paladar dos seus clientes.

No início, o cardápio ainda não contemplava o marreco recheado, que foi introduzido só mais tarde, em algum momento da história. Os clientes, que, na sua maioria, eram de famílias tradicionais e abastadas de Brusque, e que já conheciam e apreciavam o marreco recheado, começaram a pedir que o Sr. Schumacher servisse também o marreco. Como havia criações de marreco em Guabiruba, ele resolveu atender o pedido dos clientes. Sua filha Renata preparou o marreco recheado conforme a tradição alemã, e o prato ficou tão gostoso que os frequentadores passaram a espalhar que lá no Restaurante Schuma era servido o melhor marreco da região de Brusque. E assim era considerado até 2022, sempre preparado segundo a tradicional receita de Dona Renata.

O "Schuma" na atualidade

Com o passar do tempo, a modesta empresa familiar foi se tornando uma referência em comida típica alemã, atraindo clientes de toda a re-

gião, de outros estados e mesmo de outros países. Até dezembro de 2022, o "Schuma" foi uma referência turística e gastronômica para Guabiruba, uma gostosa oportunidade para saborear pratos típicos alemães que davam uma ideia do alto impacto da influência europeia na culinária local.

Ate o encerramento das atividades, boa parte da família Kormann trabalhava no local e mantinha uma receita de sucesso, oferecendo uma mesa muito farta, de boa qualidade, deliciosa e com muito respeito pelo cliente. A mesa no "Schuma" ficava repleta de saladas: repolho, pepino, batata, rabanete, tomate, cebola em conserva e outras. Os pratos principais ou de sustentação vinham da cozinha alemã: marreco recheado, joelho de porco (Eisbein), língua ensopada, chucrute, massa caseira, farofa, e ainda carne grelhada, sempre bom para o caso de crianças ou mesmo adultos que não apreciam algumas das iguarias que constituem o prato típico.

O "Schuma" era o tipo de restaurante onde não se precisava pedir. Bastava sentar, esperar que o garçom atendesse e declarar: um almoço para tantas pessoas. E se entregar às delícias. O restaurante tinha a porta da cozinha, uma entrada enorme, aberta, de forma que o cliente ou visitante pudesse dar uma olhada. Ali, uma representante da família Schumacher-Kormann pegava no pesado junto com a equipe e dava os toques finais em cada iguaria.

Com forte influência da cultura germânica que continua preservada, a gastronomia guabirubense mantém vivo o sabor da Alemanha na culinária. E, até 2022, quem quisesse comer um bom marreco recheado acompanhado de repolho roxo ou um Eisbein (joelho de porco) saboroso e suculento na região de Brusque, ia até Guabiruba. Sempre no mesmo lugar, um ponto de passagem na rua principal da cidade, a Churrascaria e Restaurante Schumacher – "Schuma", ficava na Rua Brusque, centro de Guabiruba. Para os apreciadores da boa culinária típica alemã, era um destino imperdível.

O tradicional "Shuma" abriu suas portas pela última vez em 23 de dezembro de 2022. Após mais de 60 anos de funcionamento, a família Kormann, proprietária do estabelecimento, encerrou as atividades, deixando uma história de sucesso, tradição e muito sabor.

Referências:

DIRSCHNABEL. Roque Luiz. Pesquisador, escritor e Assessor legislativo. Ata Sessão Solene da Câmara de Vereadores de Guabiruba em 07/06/2017. Disponível em:<https://www.legislador.com.br//legislador. Acesso em: 23 maio 2022.

O MUNICÍPIO, Jornal. Publicações diversas.

Parte XI

Gastronomia alemã e italiana

A forma como um alimento é preparado
conta muito sobre a agricultura local,
o clima, os costumes e também
sobre a origem das pessoas.

Polenta à moda antiga. Acervo: Rosemari Glatz

Receitas Tradicionais da cultura italiana

Autora: Rosemari Glatz

A alimentação é fator que une gerações e não só em volta da mesa. Liga o ontem ao amanhã. Pe. Eder Claudio Celva (2022) nos informa que a gastronomia italiana não seguiu um padrão cultural preestabelecido. Chegando ao Brasil, os imigrantes tiveram que se adaptar. Novos alimentos foram incorporados ao cardápio destes estrangeiros e outros manjares foram surgindo, muitas vezes temperados com o tempero da fome.

Destes primórdios, algumas receitas de culinária permanecem.

De acordo com Celva (2022), são pratos típicos difundidos entre os descendentes de italianos em Guabiruba: Poinela; Scudegim; Citolin; Minestra; Bolinho sem fermento frito; Polenta; Fortaia; Chucrute (repolho ralado e fermentado); Orelha de gato (Crofeni, no dialeto italiano de Guabiruba, mas também conhecido como Crustoli); Aipim cozido e depois frito com lardo (banha de porco), sendo estes três últimos muito consumidos tanto pelos italianos quanto pelos alemães de Guabiruba.

RECEITAS ITALIANAS SALGADAS

Receitas de Poinela, Scudegim, Citolin, Minestra, e Bolinho sem fermento conforme Padre Eder Claudio Celva (2022):

Poinela: Queijinho seco, em pelotas, depois comido cru ou frito.

Scudegim: Tipo de salame feito com pele cozida, carne suína crua e torresmo.

Citolin: Mistura de torresmo e carne crua de suíno moída, formando uma pasta.

Minestra: Feijão cozido, socado, com caldo bem temperado. Nos primeiros tempos, os imigrantes acrescentavam taiá, inhame cozido e picado para deixar o caldo do feijão bem grosso. Depois, passou-se a acrescentar o arroz plantado no seco. Na história mais recente, passou-se a acrescentar o macarrão ao feijão cozido, socado, com caldo bem temperado para preparar a Minestra.

Bolinho sem fermento: Uma verdadeira declaração de amor para uma fórmula antiga da culinária caseira feita à base de ovos misturados com farinha de trigo e leite, fritos na banha no formato de bolinho (se assemelha ao conhecido "bolinho de chuva"). Não é bolo.

Receitas de Polenta e Fortaia obtidas em Souza e Souza (2015) no livro de receitas Sabores de Guabiruba:

Polenta: Preparado à base de farinha de milho, água e sal, é de fácil preparo e popularizada entre os italianos. Receita obtida em Souza e Souza (2015).

Ingredientes: fubá médio, água e sal a gosto.

Modo de fazer:

1. Numa panela de ferro, colocar água até a metade. Acrescente sal a gosto e deixe ferver. Antigamente, para saber se a água tinha sal suficiente, passava-se o dedo na água e o levava à boca;
2. Quando a água estiver quase fervendo, adicione punhados de fubá;
3. Com uma pá de madeira própria para culinária, vá mexendo a mis-

tura de água, sal e fubá continuamente, para não empelotar. O fubá deve ser colocado aos poucos porque ele estufa na água;

4. Se for no fogão a lenha, cozinhar durante meia hora. Quando a mistura estiver endurecida, solte as bordas com a pá de madeira, chacoalhe a panela para acomodar a polenta e, em seguida, dar o tombo da polenta sobre uma tábua de madeira um pouco maior do que a panela onde a polenta foi cozida;

5. Na tradição italiana, um fio grosso de costura pode ser usado para cortar a polenta em pedaços.

Obs.: Fica uma delícia servida com galinha ensopada.

Fortaia

Ingredientes: 5 ovos; 100 g de queijo parmesão ralado; sal a gosto e tempero verde picado a gosto.

Modo de fazer:

1. Misture todos os ingredientes e coloque-os em uma frigideira antiaderente para fritar, mexendo continuamente enquanto frita;

2. Quando estiver dourado, retire do fogo e sirva ainda quente.

Obs.: Fortaia: alimento típico da culinária italiana, mais conhecido na região Sul do Brasil, feito à base de ovos e queijo colonial ou salame. Vem do dialeto vêneto, falado pelos imigrantes italianos, que pode ser traduzido por omelete. Normalmente é servido acompanhado de polenta.

Polenta Brustolada. Acervo: Rosemari Glatz

Polenta Brustolada com Formai

Conforme receita da autora (2022).

Ingredientes: polenta fria e queijo em fatias (de preferência, queijo artesanal).

Modo de fazer:

1. Corte a polenta fria em fatias de aproximadamente 2 cm de espessura e coloque sobre uma chapa para tostar (brustolar) e deixe até dourar. De preferência, no fogão a lenha;

2. Coloque as camadas de polenta brustolada em um pirex e sirva bem quente, acompanhado de queijo em fatias.

Obs.: Brustolar deriva do dialeto dos imigrantes do Norte da Itália que se estabeleceram no Sul do Brasil e vem do verbo italiano "abbrustolire", que significa dourar ou queimar levemente.

Polenta com galinha ensopada. Acervo: Rosemari Glatz

RECEITAS DOCES

Padre Eder Claudio Celva diz que muitas receitas de culinária dos primórdios permaneceram, e descreveu as feitas por Theopista Celva Batschauer, preservadas por suas filhas, e que assim foram legadas.

Bolacha branca de Natal

Receita fornecida por Celva (2022).

Ingredientes: 1 dúzia de ovos; 250 g de manteiga; 500 g açúcar (ou a gosto); 1 kg de trigo (ou até dar o ponto de estender a massa); leite (até

dar o ponto na massa, para estender) e 1 colher de sopa de sal amoníaco.

Modo de fazer:

Colocar o trigo na bacia. Bater as claras em neve. Misturar as gemas e claras, na bacia com o trigo; colocar manteiga, açúcar e sal amoníaco. Misturar os ingredientes, acrescentar aos poucos o leite. A massa se parece com a de macarrão. Deve ser estendida e cortada com as forminhas de Natal.

Bolacha de Mel de Natal

Receita fornecida por Celva (2022).

Ingredientes: 1 kg de mel; 250 g de manteiga ou margarina; 1 kg de trigo (ou até a massa dar o ponto de estender); 6 ovos (pode pôr o ovo inteiro ou as claras em neve, e depois misturá-las) e 1 colher de sopa de sal amoníaco.

Modo de fazer:

Ferver o mel com canela e cravo em pó. Colocar o trigo, deixando a massa descansar 24 horas. Após, adicionar os ovos, manteiga e o sal amoníaco. Estender a massa com rolo de macarrão e cortar as bolachas com as forminhas de Natal, ou com um copo. Para o glacê, bater a clara em neve, colocar o açúcar (até dar o ponto), untar as bolachas assadas e frias. Colocar confeitos ou açúcar cristal colorido. Deixar secar naturalmente.

Referências

CELVA, Pe. Eder Claudio. Informações e receitas encaminhadas à autora por e-mail em 7 de maio de 2022.

SOUZA, Emiliano Daniel e. SOUZA, Roseane Huber de. Organizadores. Sabores de Guabiruba: livro de receitas. Fundação Cultural de Guabiruba. Prefeitura Municipal de Guabiruba, 2015.

Marreco recheado com Eisbein, salchichas, repolho roxo e purê de batata
Acervo: Rosemari Glatz

Receitas Tradicionais da cultura alemã

Autores: Rosemari Glatz
e Roque Luiz Dirschnabel

Guabiruba é uma explosão de sabores e tradições. E conhecer a culinária típica de uma cidade ou região é uma das melhores maneiras de descobrir mais sobre o seu povo, sua história e tradições.

Guabiruba foi colonizada a partir de 1860 por imigrantes alemães, originários principalmente da região de Baden e da Pomerânia, aos quais se somaram os italianos a partir de 1875. Os poloneses chegaram a partir do final do século XIX. Por uma questão de necessidade, diante da ausência de alguns produtos da receita original, os imigrantes europeus foram

obrigados a introduzir novos ingredientes produzidos pela agricultura local.

Alimentos como batatas, carne de porco, legumes e trigo, produzidos na Europa, aqui foram substituídos por milho, arroz, mandioca, fubá, cará, feijão e carne bovina. A culinária de origem foi sendo adaptada aos ingredientes e técnicas locais, mas sem perder a sua essência ancestral.

A culinária servida em Guabiruba se utiliza, principalmente, dos derivados de leite, como o queijinho branco (Handkäse, em alemão), a nata (conhecida como creme de leite), e a manteiga (Schlagbutterfass, em alemão), todos produzidos artesanalmente, sendo que a manteiga pode ser feita em uma batedeira manual.

Entre os colonos, era muito comum aproveitar os miúdos de porco, que eram cozidos em um tacho de ferro para preparar o "Wellfleisch" (miúdo de porco cozido) e o conhecido "Schwartenmagen" (utilizando-se a bexiga de porco, preenchida com o miúdo cozido e temperado, e depois comprimida), além da "Sülze" (geleia de porco). Aos poucos, estas iguarias estão deixando de ser produzidas e, por isso, alguns já não conhecem o seu delicioso sabor típico.

Em 2022, o "Schinken" (espécie de presunto alemão), ainda é uma iguaria famosa muito apreciada em Guabiruba. O Schinken (presunto) pode ser consumido puro e compor diversas receitas e um destes usos é como ingrediente no recheio de uma massa de pão ainda crua, onde o Schinken compõe o recheio do pão juntamente com ovos cozidos e queijo. Uma vez recheado, a massa crua do pão é enrolada e assada. Em alemão este prato é chamado de "Eierbrot gefüllt mit Käse und Schinken", que significa pão recheado com ovos, queijo e presunto.

Atualmente, quando se fala em Guabiruba, logo lembramos da comida típica alemã, principalmente do marreco assado com repolho roxo e chucrute (em alemão: Ente mit Rotkohl und Sauerkraut), também do joelho de porco (Eisbein) com purê de batata (Kartoffelpüree), acompanhado do "Meerrettich", conhecido por raiz-forte.

Entre os pratos típicos de Guabiruba, destaca-se o marreco com repolho roxo (Ente mit Rotkohl), servido na Churrascaria Schumacher até 2022, e que deu origem à Festa Nacional do Marreco (Fenarreco), realizada anualmente em Brusque, desde 1985.

A famosa Streusselkuchen (cuca com cobertura de farofa) degustada em Guabiruba é considerada Patrimônio Cultural, Histórico Imaterial da cidade (Lei nº 1637/2018). De composição simples, a Streusselkuchen é um bolo raso feito de massa de levedura (Hefeteig), composta de farinha, levedura e açúcar, em uma assadeira de alumínio, coberta por uma farofa crocante à base de açúcar, gordura e farinha de trigo (Streusel), granulado ou flocos, referindo-se a nossa tradicional cuca de farofa.

A cuca, que se origina da palavra alemã "Kuchen", acrescentou novos sabores de frutas subtropicais à receita original, como por exemplo: aba-

caxi, banana, coco, castanha de caju, amendoim, goiaba, e seus derivados, às vezes incrementadas com cobertura de nata (creme de leite) e canela. As coberturas de farofa, maçã e queijinho se conservaram entre os imigrantes e seus descendentes, sendo a cuca um prato muito apreciado. Cuca tem "cheiro de casa, cheiro de família, cheiro de amor".

Além da sua tradicional "cuca", do pão com linguiça, e de outras delícias caseiras, em Guabiruba o cachorro-quente também tomou novas formas de consumo, e o mesmo aconteceu com outros pratos da culinária europeia. Muitos pratos típicos passaram por adaptações e seus nomes foram aportuguesados, como, por exemplo, os tradicionais doces de Natal (Weihnachtsplätzchen), o pão de mel (Lebkuchen/Honigkuchen), o marreco ao molho pardo (Schwarzsauer), ou o assado de porco tipo "pururuca", conhecido na Alemanha como "Sauerbraten", que fica alguns dias na salmoura, e é servido preferencialmente com um molho feito de batata ralada crua misturada com trigo e ovo e fervido em água.

A cozinha dos guabirubenses também não dispensa o "Spätzle", que é uma espécie de macarrão alemão originário do sul da Alemanha e também da Áustria, assim como a raiz-forte (Meerrettich) e o Hackepeter, todos ainda consumidos em nossa região.

Em essência, seja em um restaurante tradicional, nas festas de igreja ou em casa, com certeza é possível comer muito bem em Guabiruba. E se você gosta de cozinhar, a partir deste ponto você encontra algumas receitas de pratos tradicionais ainda preservados em Guabiruba. Foi o jeito que encontramos de imortalizar um pouco dos nossos saberes e sabores!

Sabores de Guabiruba: Receitas que resgatam as tradições

Degustada no sul do Brasil e conhecida internacionalmente, a cuca de farofa (Streusselkuchen) é um bolo típico da cozinha alemã e foi declarada Patrimônio Cultural, Histórico Imaterial da cidade de Guabiruba pela Lei nº 1637/2018. Segundo a referida lei, ficou estabelecido que, em Guabiruba, o preparo da "Streusselkuchen" deve observar a receita básica alemã degustada na cidade, que é o "Blechkuchen", conhecido localmente simplesmente por "Kuchen".

Streusselkuchen (cuca de farofa):
Receita fornecida por Jorgiana Aparecida Batschauer Baron:
Ingredientes e modo de fazer a massa: 3 xícaras de farinha de trigo; 1/2 xícara de açúcar; 1 colher (sopa) de banha de porco; 1 colher (sopa) de manteiga; 1 colher (sopa) de fermento biológico (fermento de pão); 1 colher (sopa) de fermento de bolo; 1/2 xícara de água morna; 1

pitada de sal; 1 ovo; raspas de limão; leite morno até dar ponto. Modo de fazer: primeiro prepare a levedura, misturando a água morna, um pouco de açúcar e o fermento biológico. Reserve.

Em seguida, prepare a massa: numa bacia, misture o trigo, o sal, a banha, a manteiga, o ovo, as raspas de limão e o restante do açúcar e misture bem. Adicione a levedura, o fermento de bolo e leite morno até dar ponto, misturando até obter uma massa homogênea. Como a massa ficará consistente, termine o preparo da massa com as próprias mãos. Cubra a bacia com papel filme ou com uma toalha e deixe a massa da cuca descansar até dobrar de volume (cerca de 30 minutos, mas esse tempo pode variar, dependendo da época do ano e da temperatura ambiente). Unte uma forma retangular e espalhe a massa com as mãos, até ocupar toda a forma. Faça furos na massa, usando um garfo e pincele com um pouco de água.

Ingredientes e modo de fazer a cobertura: para preparar a farofa da cobertura (Streusel), coloque 1 xícara de farinha de trigo; 2 colheres (sopa) de manteiga e 4 colheres de açúcar numa bacia. Misture todos os ingredientes da farofa com as mãos, até virar uma farofa soltinha. A cobertura pode variar, adicionando-se à Streusel açúcar de baunilha e/ou canela em pó a gosto. Cubra a massa com a farofa.

Asse em forno preaquecido por 15 a 20 minutos.

Streusselkuchen, cuca de farofa. Foto: Abrão Rieg

Torta de maçã (Apfelstrudel), de banana (Bananestrudel), ou de ricota (Käsestrudel):

Ingredientes e modo de fazer: Juntar 1 xícara de água morna com um pouco de sal, 1 colher (sopa) de banha (ou manteiga), 2 colheres (sopa) de azeite, 1 ovo e trigo, sovando bem até formar a massa. Depois, esticar a massa com um rolo de macarrão, salpicando, sempre que necessário, um pouco de trigo, para a massa não grudar no rolo. Opcionalmente, pode-se esticar a massa bem fininha com as mãos e, quanto mais fina ficar a massa, melhor. Colocar a massa esticada sobre uma toalha de prato limpa, para não rasgar a massa no momento de enrolar. Para fazer o recheio, descasque e corte (ou rale) 5 maçãs bem fininho, e acrescente à massa já esticada. Em seguida, salpique as maçãs com açúcar e farinha de rosca (a gosto), acrescente as uvas-passas sem sementes em pequenas porções, um pouco de manteiga e açúcar de baunilha (opcional). Enrolar e colocar na fôrma untada. Levar ao forno preaquecido à temperatura média (180 graus Celsius) por aproximadamente meia hora.

Obs.: opcionalmente, pode-se substituir as maçãs por banana picada ou por queijo branco tipo ricota amassado e temperado com um pouco de açúcar e uma pitada de sal.

Torta de queijinho branco (Käsekuchen):

Ingredientes e modo de fazer: Juntar 2 colheres (sopa) de manteiga, 300 g de açúcar, 5 ovos inteiros, e mexer até virar um creme. Acrescentar 700 gramas de queijo branco caseiro (ricota/queijinho) que deve ser bem amassado e passado em uma peneira fina. Adicionar 2 colheres (sopa) de trigo, 1 colher (chá) de fermento em pó, uvas secas ou ameixa preta (sem caroço). Misturar tudo muito bem e colocar em uma fôrma untada (de preferência, redonda, de desenformar as laterais). Levar ao forno preaquecido a 200 graus por aproximadamente 1 hora. Servir gelado.

Amendoim de Páscoa (Ostern Erdnüsse):

Ingredientes e modo de fazer: O amendoim de Páscoa (Ostern Erdnüsse) é muito apreciado em Guabiruba. O amendoim descascado deve ser torrado antecipadamente. Depois, numa vasilha esmaltada contendo água com açúcar, acrescenta-se os amendoins torrados e tudo é levado ao fogo até ficar no ponto, formando torrões que devem ser cortados em pedaços. Deve-se deixar esfriar antes de consumir.

Geleia de ovo (Eierschmier):

Ingredientes e modo de fazer: Bater 3 ovos numa vasilha e acrescentar 2 xícaras de açúcar, e, se desejar, acrescentar 1 colher (de chá) de açúcar de baunilha, ou algumas gotas de essência de baunilha. Depois de bem batido, levar para fritar numa frigideira sem óleo, mexendo sempre

para não queimar. Consumir em seguida, ainda quentinho, com pão caseiro ou de milho.

Pão de milho (Maisbrot):

Ingredientes e modo de fazer: Descascar, lavar e ralar 1/2 kg de cará (você vai notar que, ao ralar o cará, este vai virar uma espécie de cola, bata nele para crescer). Descasque e rale 1/2 kg de batata-doce e misture com o cará. Acrescente 2 kg de fubá de milho fino, uma colher (chá) de fermento de pão, sal a gosto, 3 colheres de sopa de açúcar e dois punhados de trigo (opcional). Deixar a massa descansando por cerca de 3 horas. Se houver disponibilidade, ao invés de untar as fôrmas de pão com azeite, banha ou manteiga, revista as formas de pão com folhas de bananeira ou de caeté, que devem ser colocadas, anteriormente, um pouco no forno para murchar e se acomodarem adequadamente na fôrma de pão (sem quebrar). Dividir a massa em 4 formas de pão. Deixar a massa descansar para crescer (fermentar), já dentro das formas de pão, por aproximadamente 1 hora (no inverno, pode ser necessário mais tempo para a massa de pão crescer). Leve ao forno (preaquecido) a 180 graus Celsius por uma hora (Obs.: a receita original é preparada no forno a lenha). Rendimento: 4 pães (de forma).

Sagu de vinho (Weinsago):

Receita da genuína tradição alemã e ainda servida nas famílias que descendem dos imigrantes alemães, a sobremesa de sagu de vinho (Weinsago) tem origem na receita alemã rote grütze (sobremesa preparada com frutas vermelhas, vinho tinto e engrossada com fécula de batata). Tal como aqui, a rote grütze também é servida acompanhada de creme de baunilha.

Na adaptação de sua receita aos ingredientes locais, os imigrantes alemães, por não encontrarem as frutas vermelhas em sua nova terra, as substituíram por outras frutas. E, na falta de fécula de batata, passaram a produzir a fécula de mandioca que, processada, forma bolinhas e ganha o nome de sagu. Em Guabiruba, Otto Dirschnabel foi o precursor na produção do sagu.

Esta é a receita de sagu de vinho (Weinsago) preparada por Rosemari Glatz:

Ingredientes e modo de fazer o sagu de vinho (Weinsago): em uma panela grande, coloque 3 litros de água filtrada ou mineral e leve ao fogo. Quando estiver fervendo, desligue o fogo e acrescente os 250 gramas de sagu. Mexa para que as bolinhas não empelotem. Reserve e mexa de vez em quando, até que esfrie completamente. Depois de frio, escorra ¾ partes do líquido usado para cozinhar o sagu em uma peneira, para que as bolinhas de sagu fiquem separadas umas das outras. Coloque as

bolinhas de sagu com a água que sobrou novamente na panela. Acrescente 300 ml de vinho tinto de mesa, ½ litro de suco de uva (tinto) integral e natural e leve ao fogo, mexendo sempre. Assim que levantar fervura, acrescente o açúcar (a gosto), o cravo e a canela em rama (a gosto). Deixe ferver por aproximadamente 3 minutos, mexendo continuamente. Desligue o fogo. Deixe esfriar, mexendo de vez em quando. Depois de frio, leve à geladeira em uma tigela com tampa e deixe o sagu de vinho gelar bem (o ideal é de um dia para o outro). Caso fique consistente demais, acrescente mais suco de uva tinto e açúcar (se necessário) e mexa delicadamente, para misturar bem. Não é preciso levar ao fogo novamente. O sagu de vinho recém-preparado pode ser mantido na geladeira por 3-4 dias. Se você quiser guardar o sagu de vinho por mais tempo, coloque-o, enquanto ainda estiver quente, em potes limpos e enxaguados, e feche bem os potes. Depois, armazene os potes fechados na geladeira, onde vão durar cerca de 4 semanas.

Molho Branco para servir com Sagu (Weiße Sago-Sauce)

Esta é a receita de Molho Branco para Sagu (Weiße Sago-Sauce) preparada por Rosemari Glatz:

Ingredientes e modo de fazer: separe as claras das gemas de dois ovos. As claras não serão usadas nesta receita. Para formar a base que vai engrossar o molho, peneire as 2 gemas em uma tigela. Acrescente 1 colher (chá) de essência de baunilha, 2 colheres (sopa) rasas de amido de milho, um copo de leite (250 ml) e 1 (uma) lata de leite condensado às gemas. Mexa para integrar bem os ingredientes e reserve.

Em uma panela grande, ferva 1 (um) litro de leite integral em fogo médio. Deixe ferver, abaixe o fogo, e acrescente a base preparada com a essência de baunilha, mexendo lenta e continuamente para o molho não empelotar. Cozinhe por aproximadamente 2 minutos. Desligue o fogo e tampe a panela. Depois de frio, transfira o molho para uma tigela grande, cubra com tampa ou filme plástico e leve à geladeira. Deixe gelar bem antes de servir com o sagu de vinho (o ideal é de um dia para o outro).

Molho Nuvem Branca (Weiße Wolkensauce):

Ingredientes e modo de fazer: Separe as claras das gemas de dois ovos e reserve as claras. Para formar a base que vai engrossar o molho, peneire as 2 gemas em uma tigela. Acrescente 1 colher (chá) de essência de baunilha, 2 colheres (sopa) rasas de amido de milho, um copo de leite (250 ml) e 1 (uma) lata de leite condensado às gemas. Mexa para integrar bem os ingredientes e reserve.

Em uma panela grande, leve 1 (um) litro de leite integral ao fogo médio. Quando ferver, abaixe o fogo e acrescente a base preparada com a essência de baunilha, mexendo lenta e continuamente para que o molho não empelote. Cozinhe em fogo baixo por aproximadamente 2 minutos.

Weiße Sago-Sauce, Molho Branco com Sagu. Acervo: Rosemari Glatz

Desligue o fogo e tampe a panela.

Para formar a "nuvem branca", bata as claras em neve com 1 pitada de sal. Quando as claras estiverem firmes, acrescente delicadamente 1 colher (chá) de açúcar, 1 colher (chá) de amido de milho e algumas gotas de essência ou 1 colher (chá) de açúcar de baunilha. Bata mais um pouco para deixar as claras em neve bem firmes e misture delicadamente ao molho de baunilha ainda quente. Tampe a panela novamente e deixe repousar por 15 minutos. Transfira o molho para uma tigela grande e deixe esfriar, sem mexer. Depois de frio, cubra a tigela com tampa ou filme plástico e leve à geladeira. Deixe gelar bem antes de servir com o sagu de vinho (o ideal é de um dia para o outro).

Cerveja doce Süßbier (Süßbier) de gengibre:

A cerveja doce (Süßbier) é feita a partir de gengibre picado fervido com água. Possui sabor adocicado bastante picante, se assemelha a um refrigerante e representa um resgate das tradições. É um produto local que os antigos conhecem bem e os mais novos lembram vagamente de beber na "casa da Oma" no Natal ou em datas festivas.

Ingredientes e modo de fazer: a receita tradicional da Süßbier de Guabiruba é preparada da seguinte forma: lave, pique e ferva 500 gramas de gengibre. Depois, misture com 20 litros de água e 2 ½ kg de açúcar numa vasilha grande (panela, balde ou similar). Adicione 15 limões cravo (caipira) verdes cortados em rodelas, que devem boiar sobre a água. Salpique uma pitada de fermento de pão (15 g) por cima dos limões (não mexer), e deixe descansar por 24 horas.

Depois, coe tudo, primeiro com a peneira e depois com um tecido grosso. Adicione 3/4 de um copo de cachaça. Após esse tempo, engarrafe em litros e feche bem (a Süßbier fica mais saborosa após sete dias do engarrafamento).

Conserve em geladeira e sirva bem gelada.

Macarrão (Spätzle):

Ingredientes e modo de fazer: bata 500 g de farinha de trigo peneirada, 4 ovos inteiros, 250 mililitros de água e sal a gosto e deixe descansar por 30 minutos (não use liquidificador para bater os ingredientes). Após esse período, bata tudo novamente. Ferva 2 litros de água em uma panela grande e acrescente 2 colheres de sal e coloque a massa em pequenas tiras para dentro da água fervente. Deixe cozinhar em fogo alto até que o Spätzle suba para a superfície. Retire e coloque em um escorredor. Jogue água fria para interromper o cozimento. Sirva o Spätzle com Goulach de carne ou molho de sua preferência.

Obs.: Existe uma máquina específica para moldar o Spätzle. Porém, há um jeito bem prático e caseiro que você pode adotar. Coloque a massa do Spätzle dentro de um saco plástico e faça um pequeno corte (cerca de 0,5 cm) em apenas um dos cantinhos. Mantenha o pacote a uma altura de 30 cm sobre a panela com a água fervente e vá espremendo o conteúdo diretamente na água. O Spätzle deve ser feito pouco antes de servir. Pode ser congelado cozido.

Purê de batata (Kartoffelpüree):

Ingredientes e modo de fazer: lave 600 g de batata, descasque-as e cozinhe em água e sal até ficarem macias. Despeje a água das batatas, passe-as por uma prensa, mexa com 1 xícara de leite morno e 50 g de manteiga, até ficar homogêneo. Tempere com sal a gosto e 1 pitada de noz-moscada ralada.

Salada de Batatas com maionese (Kartoffelsalat):

A receita alemã Kartoffelsalat (salada de batata, em português) é muito consumida em toda a Alemanha e apresenta diversidade de receitas. É um acompanhamento muito fácil de fazer e que pode ser encontrado com duas variações: à base de vinagre e óleo vegetal ou maionese. Aqui apresentamos a receita de salada de batatas à base de maionese, tradicionalmente encontrada no sul da Alemanha, região de onde emigraram os alemães que colonizaram Guabiruba.

Ingredientes e modo de fazer: descase 1 kg de batatas, corte em cubos de aproximadamente 2x2 cm e cozinhe com água e sal, sem deixar que amoleçam demais. Escorra, coloque numa vasilha grande e deixe esfriar.

Cozinhe 3 ovos até que fiquem firmes e deixe esfriar. Descasque os ovos e separe as gemas das claras. Pique, em pedacinhos, as claras cozidas, 1 cebola branca média e 1 pepino em conserva (opcional) e acrescente às batatas cozidas. Reserve.

Para preparar o molho, coloque as gemas cozidas em um prato fundo, amasse com um garfo, acrescente 4 colheres (sopa) de maionese e algumas gotas de limão cravo (comum) ou vinagre branco, 4 colheres de azeite e mexa delicadamente. Acrescente o molho de maionese às batatas e demais ingredientes. Junte salsa picada e pimenta do reino a gosto (opcional). Misture tudo com muito cuidado para que as batatas não se desmanchem. Ajuste o sal, se necessário. Sirva frio.

Esta salada de batata é conhecida entre nós como “maionese”, e é um delicioso acompanhamento para “churrasco de igreja”.

Pepino de salmoura na folha de uva (Salzgurken):

A receita desta conserva de pepinos foi trazida pelos imigrantes alemães e poloneses. Tem sido transmitida de geração em geração e dizem ser a melhor conserva de pepino do mundo.

Receita de pepino de salmoura na folha de uva (Salzgurken) preparada por Rosemari Glatz:

Ingredientes e modo de fazer: para preparar, ferva 4 litros de água com 120 g de sal por aproximadamente 5 minutos (salmoura). Reserve a solução e deixe esfriar completamente. Jamais use a salmoura quente.

Lave bem 3 kg de pepinos pequenos, bem firmes, frescos e sem manchas. Deixe de molho em uma bacia com água por 15 minutos. Depois escorra a água e deixe secar.

Lave bem 30 a 40 folhas de parreira de uva e deixe secar (as folhas de parreira de uva in natura podem se conservadas por 1 ano congeladas).

Esterilize um pote grande (com capacidade para 5 litros) de cerâmica ou de vidro. Forre o fundo e as laterais do recipiente com as folhas de

Salzgurken, pepino de salmoura na folha de uva. Acervo: Rosemari Glatz

uva. Coloque uma camada de pepino em pé, e cubra com as folhas de uva. Vá repetindo a operação até acomodar todos os pepinos, compactando bem. Acrescente 2 talos longos de Endro com as flores (os talos de Endro – dill, podem ser substituídos por sementes). Pode-se acrescentar uma pequena quantidade de pimenta em grãos, folhas de louro, e raiz-forte à conserva. Despeje a salmoura fria no recipiente até que cubra os pepinos completamente. Tampe o recipiente e coloque um peso sobre a tampa para evitar vazamento, pois vai ocorrer fermentação natural (pode ser uma pedra higienizada). Deixe em lugar fresco, fora da geladeira. Após 1 (uma) semana, os pepinos estarão prontos para o consumo, e somente então os pepinos podem ser colocados no refrigerador.

Sirva frio como acompanhamento de refeições, ou como petisco. Vai bem acompanhado de batatas cozidas, arroz e carne assada ou de panela. Pode ser conservado por até 10 dias em temperatura ambiente. Depois pode ser guardado no refrigerador por até 30 (trinta) dias.

Dicas: Os pepinos assumem uma coloração verde vítrea, meio inexpressivo e tem odor azedo. O líquido fica ligeiramente leitoso e na superfície forma-se uma fina camada aparentando mofo, que pode ser descartada. Retire somente os pepinos que for consumir. Mantenha os demais no líquido de salmoura. Na hora de consumir, se os pepinos estiverem

encobertos por uma camada branca, você pode passar os pepinos que for consumir rapidamente na água fria.

Queijinho Branco (Handkäse):

Produzido de forma artesanal, o handkäse (como é chamado em alemão), é um queijinho branco laborado a partir do leite cru talhado naturalmente.

Ingredientes e modo de fazer: para preparar a massa base do handkäse, deixe dois litros de leite talhar naturalmente (o melhor é deixar de um dia para o outro). Depois de coalhado (não vai coalho), retire a nata que fica na parte superior. Coloque o leite coalhado numa panela, leve ao fogo e mexa até ficar morno (40 graus). Em seguida, despeje num saco de pano branco, pendure e deixe o soro escorrendo de um dia para outro (coloque uma vasilha debaixo para escorrer o soro). O que sobrar dentro do pano é o handkäse, (queijinho branco), também conhecido como ricota.

Para consumir, amasse bem o queijinho branco com um garfo, misture 2 colheres (sopa) de nata fresca, 2 colheres (sopa) de leite e sal a gosto. Também fica gostoso acrescentar temperos típicos de sua preferência, como cebolinha e salsinha bem picadas, pimenta, orégano, a gosto. Depois de pronto, pode ser conservado na geladeira, em pote com tampa, por no máximo 2 dias.

Sirva acompanhado com torradas, pão de milho (Maisbrot), pão de aipim ou outro de sua preferência.

Queijo Fundido (Kochkäse):

O kochkäse é preparado a partir da massa base do handkäse (queijinho branco) sem qualquer tipo de adicional (não acrescentar nata, leite, ou temperos típicos).

Ingredientes e modo de fazer: esfarele 2 kg de queijinho branco (ricota) bem fininho e acrescente um pouco de sal. Coloque em bandejas, tampe com papel-toalha ou pano de prato. Deixe maturar (envelhecer) por aproximadamente 3 a 5 dias (depende da temperatura ambiente e da época do ano), fora da geladeira. O queijo vai ficar amarelado e com um cheiro forte. Coloque um pouco de azeite numa frigideira e, mexendo sempre, frite o queijo à temperatura de 70 a 80 graus, até que vire uma massa homogênea. Acrescente 1 colher (sopa) rasa de tempero Kümmel (se desejar) ainda durante o cozimento, fica muito bom.

Se quiser comer quente, é só passar no pão. Se não, despeje o Kochkäse em um pirex, deixe esfriar e ele vai ficar firme e pode ser comido como outro queijo qualquer. Sirva com torradas, biscoito, pão integral ou outro pão de sua preferência.

Pode ser conservado na geladeira, em pote com tampa, por até 5 dias.

Kochkäse, queijo fundido. Acervo: Rosemari Glatz

Raiz-Forte (Meerrettich) crua:

Meerrettich é uma raiz-forte, que tem o nome científico de armoracia rusticana, típica da culinária do leste Europeu. Rica em vitamina C, a raiz-forte é utilizada como condimento ou tempero quando ralada, muito consumida em Guabiruba e regiões de colonização alemã.

Ingredientes e modo de fazer: para preparar o meerrettich (raiz-forte) cru, rale o Meerrettich (ou triture no liquidificador). Acrescente vinagre, açúcar e sal a gosto.

Raiz-Forte (Meerrettich) cozida:

Ingredientes e modo de fazer: em uma tigela, misture 2 colheres de trigo, 4 ovos, 1 pitada de sal e 2 a 3 colheres de açúcar e mexa bem até formar uma massa. Numa panela, ferva 1 litro de leite com 2 colheres (sopa) de Meerrettich (cru e sem tempero) e acrescente à massa. Mexa continuamente, deixando cozinhar por 10 minutos. Despeje em um prato e polvilhe com canela moída. Sirva como acompanhamento de marreco recheado, Eisbein, ou outro prato de sua preferência.

Chucrute (Sauerkraut):

Ingredientes e modo de fazer: retire as folhas externas de 2 cabeças de repolho, corte cada um dos repolhos em 4 partes e pique cada um deles em tiras bem estreitas (+ ou – 5 mm de largura). Acrescente sal a gosto, misture tudo em uma bacia e reserve por aproximadamente 3 horas.

Lave bem um vasilhame grande de vidro com tampa ou 3 a 4 vidros de conserva com tampa. É importante que o (s) vidro (s) tenha boa vedação. Recomenda-se esterilizar previamente o (s) vasilhame (s) de vidro e sua tampa em água fervente durante 10 minutos. Deixe secar.

Cubra o fundo do (s) vasilhame (s) com uma fina camada de sal e então cubra com uma camada de repolho picado, e sobre esta camada espalhe outra fina camada de sal junto com o louro e o cominho moído (opcional). Soque bem o repolho com um soquete de pilão para tirar o ar. Continue o processo colocando novas camadas de repolho e sal e sempre soque bem o repolho para tirar o ar. Durante o socamento o repolho soltará um líquido que deverá ficar dentro do vasilhame cobrindo o repolho. Este líquido evitará que o repolho estrague durante o processo de fermentação. Após completar o processo, tampe bem o (s) vasilhame (s) e deixe-o (s) descansando em temperatura ambiente e sombreado durante aproximadamente 2 semanas, tempo necessário para que o processo de fermentação se complete. Durante o período de fermentação do repolho, é normal que os vidros liberem espuma de odor característico. O ideal é forrar o local onde for guardar os vidros com toalha ou jornal. Após duas semanas, o chucrute poderá ser consumido. Com o vidro bem fechado, dura aproximadamente 2 anos.

Repolho roxo (Rotkohl):

Ingredientes e modo de fazer: retire as folhas externas de 1 repolho roxo e corte o repolho com o ralador. Acrescente sal e vinagre a gosto. Em seguida, acrescente açúcar e azeite (não precisa economizar no açúcar e azeite, pode ser bastante). Misture tudo e deixe curtir em torno de meia hora antes de consumir.

Marreco recheado (Gefüllte Ente):

Ingredientes e modo de fazer: tempere 1 marreco de aproximadamente 2 kg com tomate, cebola, tempero verde, sal e pimenta do reino a gosto, e deixe-o na geladeira por 24 horas.

Para o recheio, amoleça 1 pão francês em leite morno e deixe descansar enquanto corta os miúdos do marreco, miúdos de frango (moelas, coração, fígado), 1 cebola pequena, 1 pedaço de pimentão (opcional), salsa e cebolinha verde. Escorra o pão amolecido, acrescente os demais ingredientes já picados, acrescente 1 colher (sopa) de farinha de trigo e misture tudo até formar uma massa homogênea. Recheie o marreco

e costure as extremidades. Dica: acrescente um pouco de espinafre cru picado na massa do recheio, fica muito gostoso.

Em uma panela grande, coloque o marreco para cozinhar com água, cebola e cheiro-verde picado, deixando ferver por aproximadamente 15 minutos. Retire o marreco recheado da água e o acomode em uma forma untada com manteiga (reaproveite o caldo do cozimento do marreco para fazer uma sopa).

Coloque o marreco para assar em forno preaquecido, em temperatura alta, por aproximadamente uma hora e meia, regando-o com o molho do tempero. Vire o marreco de vez em quando no forno para a cor ficar uniforme. O tempo de cozimento pode variar um pouco, dependendo do forno, mas o marreco precisa ficar com a carne do peito macia.

Corte o marreco em pedaços, fatie o recheio e sirva com o molho que restar na forma. Dica: para obter um sabor ainda melhor, misture uma colher (sopa) de vinagre e um pouco de farinha de trigo no molho.

Como acompanhamentos, sirva arroz, purê de batatas, repolho roxo refogado e purê de maçã.

Gefüllte Ente, marreco recheado com repolho roxo. Acervo: Vila Germânia

Joelho de porco (Eisbein):

Ingredientes e modo de fazer: tempere 5 ou 6 joelhos de porco à noite com sal temperado e limão. No dia seguinte, coloque os joelhos de porco numa panela grande, acrescente sal, temperos verdes (cebolinha, salsa, orégano, folha de louro, noz-moscada ralada) e água aos poucos. Cozinhe até ficar mole e sem gordura (aproximadamente uma hora e meia).

Adicione batatas cruas descascadas e picadas para engrossar o molho. No final, acrescente molho de tomates. Sirva os joelhos sem o molho.

Chouriço (Schwartenmagen):

Ingredientes e modo de fazer: cozinhe miúdos de porco (língua, coração, pele, carne de cabeça) com sal a gosto. Depois, escorra a água do cozimento, e tempere com pimenta, cebola, cebolinha e salsinha picados. Passe todos os ingredientes na máquina de moer carne, mas sem triturar muito. Encha a tripa de boi com essa mistura e amarre as duas extremidades. Cozinhe em água fervente por cerca de 10 minutos, até boiar. Depois de frio, conserve na geladeira.

Schwartenmagen, Chouriço. Acervo: Rosemari Glatz

Morcilha branca ou vermelha (Leberwurst/Blutwurst)

Ingredientes e modo de fazer: a morcilha branca é feita de miúdos de porco (coração, fígado, rim, língua, pulmão, carne da cabeça) cozido em um tacho de ferro. Para fazer a morcilha vermelha, acrescenta-se o sangue do animal, que é cozido junto. Depois, tanto para a morcilha branca quanto para a vermelha, deve-se moer os ingredientes já cozidos com peneira fina e temperar com sal, pimenta, cebolinha, cebola e salsinha. Encher a tripa de porco com funil adaptado à máquina de moer e amarrar

em cada ponta. Cozinhar em água fervente por cerca de 10 minutos, até boiar. Deixar esfriar. A morcilha pode ser consumida pura ou, se preferir, com pão. Se quiser, pode-se colocar algumas gotas de limão sobre a morcilha, para tirar a gordura, como se diz no ditado popular de Guabiruba.

Carne corrugada (Wellfleisch):

Muito conhecido em todas as regiões da Alemanha, o Wellfleisch é uma espécie de "caldeirada", também conhecida como "carne corrugada". Wellfleisch é um prato feito com carne do ventre de porco cozida e não curada (bem como suas vísceras e a cabeça), geralmente preparado logo após o abate do porco, e servida entre as pessoas que estavam envolvidas no trabalho de abate e preparo das carnes.

Ingredientes e modo de fazer: para preparar o Wellfleisch, utiliza-se carnes de porco: barriga (Schweinebauch, em alemão), língua, coração, fígado, rim, e a cabeça (Schweinskopf, em alemão). Opcionalmente, ao invés da cabeça inteira do porco, pode-se utilizar só a carne da bochecha (Schweinebacke, em alemão) e a carne da coroa (Kronfleisch, em alemão). Se for utilizar a cabeça inteira, ela precisa ser cozida por mais tempo e, quando estiver macia, deve ser desossada, picada e misturada aos demais ingredientes.

Numa panela grande, ferve-se água e acrescenta-se as carnes e os miúdos do porco em pedaços, temperado com sal a gosto, pimenta, cebolas, manjerona, folhas de louro, sementes de mostarda, noz-moscada moída, e outros temperos a gosto. Dependendo da receita e do paladar, pode-se acrescentar alho. Deve-se cozinhar até as carnes até ficarem macias (cerca de 2 horas). Este tipo de preparação dá nome ao prato, porque a água faz movimentos ondulantes durante o processo de cozimento (e, por isso, carne ondulada, em tradução livre). Serve-se acompanhado de batatas cozidas e chucrute (ou salada de repolho), ou apenas com pão. Mostarda e raiz-forte ralada geralmente vão bem com o Wellfleisch.

Carne de onça (Hackepeter):

Ingredientes e modo de fazer: adquira 1 kg de filé-mignon, patinho, lombo ou acém, moído uma só vez, no dia do preparo e deixe na geladeira para resfriar por algumas horas. Coloque a carne em um recipiente fundo, achate e faça um buraco no meio. Acrescente 2 ou 3 tiras de aliche (sardinha anchovada curtida em salmoura, em conserva) picado, ½ xícara de cebolinha verde e salsinha, ½ xícara de cebola branca ralada ou picada bem miúdo, ½ xícara de alcaparras picadas, ½ xícara de azeite de oliva extra virgem, ½ xícara de pepino em conserva picado, ¼ de xícara de pimenta-do-reino verde, 1 colher (sopa) bem cheia de colorau (falso açafrão ou pó de urucum, produzido a partir da trituração das sementes do urucuzeiro), 2 copos pequenos de conhaque, 2 gemas, sal e pimenta tabasco a gosto. Mexa a carne com os ingredientes com as mãos ou com

um garfo e misture bem.

Arrume a carne em um prato e decore a gosto (alface crespa, azeitonas verdes ou pretas, alcaparras e ovos de codorna). Prepare uma cesta de pães (pão de milho, centeio, preto e branco) e coloque ao lado. Ao servir, mantenha à mesa um galheteiro de temperos, azeite, pimenta tabasco e manteiga. Caso demore a servir o Hackepeter, mantenha-o no congelador, coberto por um filme plástico.

Rollmops:

O Rollmops é feito originalmente a partir de um filé de peixe chamado arenque. Como o arenque é encontrado somente nas águas do Atlântico Norte, no Brasil a receita foi adaptada e o Rollmops é feito com filé de sardinha.

Ingredientes e modo de fazer: primeiro prepare a marinada que será utilizada para a conserva do Rollmops: em uma panela, ferva 250 ml de vinagre branco, 250 ml de água, 2 folhas de louro, 6 pimentas-do-reino, 2 cravos, 4 sementes de zimbro, 2 cebolas pequenas e 1 colher (sopa) de sal, por aproximadamente 5 minutos. Deixe esfriar em temperatura ambiente.

Prepare 12 filés de sardinha (abertos ao meio e limpos) e passe 2 colheres (sopa) de mostarda nos filés (opcional). Sobre cada filé, coloque 1 ou 2 alcaparras, 1 pedaço de pepino em conserva ou 1 pedaço de cebola cortada em cubos, enrole com cuidado, com a pele para fora, e prenda com um palito de dentes ou similar.

Coloque os enrolados em um vidro e cubra com a marinada fria. Certifique-se que todos os peixes enrolados estejam completamente submersos pelo caldo. Deixe descansar na geladeira por uma semana antes de servir. Ao abrir o vidro após uma semana de espera, se achar que a conserva ficou muito azeda descarte a metade do líquido e complete com vinho branco.

O Rollmops pode ser servido inteiro, no palito, ou aberto, picado sobre torradas, acompanhado de maionese ou rodelas de maçã. Como aperitivo, vai bem acompanhado de cerveja bem gelada ou Steinhäger (bebida destilada à base de Juniperus originária da pequena aldeia de Steinhagen, Vestfália, Alemanha).

Depois de abrir a conserva, o Rollmops dura de 2 a 3 semanas na geladeira.

Churrasco de festa de igreja (Spießbraten):

O famoso churrasco de festa de igreja consiste numa carne de gado, normalmente filé duplo ou alcatra, temperado de um dia para outro com limão comum (também conhecido como limão-cravo e limão-vinagre), sal, cebola e água, e assado depois de 24 horas na grelha sobre um bra-

seiro forte.

Ingredientes e modo de fazer: numa bacia, prepara-se a marinada com suco de limão comum (na falta de limão, pode-se utilizar vinagre branco de álcool), cebola descascada e cortada em rodelas, sal a gosto e água suficiente para que a carne fique totalmente imersa. Em seguida, acrescenta-se as peças de carne que devem ficar completamente submersas no líquido para adquirir sabor e amaciar a textura quando submetidas ao braseiro. A receita tradicional é feita com filé duplo (corte bovino em forma de T, separando três cortes do boi: de um lado o filé-mignon, de outro o contrafilé e ainda o famoso "rabo", extraído da parte da costela do boi) ou alcatra. Deixar a carne marinando durante 24 horas.

Assar a carne dos dois lados, em braseiro forte. Servir imediatamente, acompanhado da cebola crua utilizada para fazer a marinada e de pão francês. Em algumas festas de igreja, o churrasco também é servido acompanhado de salada de batatas com maionese (Kartoffelsalat), pepinos em conserva, e salada de tomates com cebola.

Curiosidade: Esta marinada é proveniente da Alemanha, onde era usada para conservar as carnes antes do surgimento dos refrigeradores, e conhecida como sauerbraten (um assado alemão tradicional de carne fortemente marinada). Na Alemanha existem muitas variantes regionais

Spießbraten, churrasco de festa de igreja. Acervo: Rosemari Glatz

de sauerbraten e geralmente a base da marinada é vinho tinto, vinagre ou uma combinação de ambos. Vinagre de vinho, vinagre de maçã e outras variedades podem ser usados como base e, em muitas regiões, o vinho e o vinagre são utilizados juntos.

A marinada para temperar a carne foi adaptada pelos imigrantes alemães que colonizaram os Vales do Itajaí, e o vinagre e vinho branco foram substituídos por suco de limão, que existe em abundância na região (na Alemanha, o nosso limão caseiro não existe). O jeito de cozinhar a carne também foi adaptado, pois lá não se costuma grelhar as carnes como aqui.

Cachorro-quente de festa:

Receita fornecida pela senhora Rosemeri Luzia Kohler Bohn, que é o tradicional cachorro-quente na Festa de Maio, realizada anualmente na Igreja Matriz de Guabiruba.

Ingredientes e modo de fazer: Triture 50 kg de cebolas e 50 kg de tomates batidos no liquidificador e refogue tudo junto para formar um molho. Depois acrescente 30 folhas de louro, 4 caixas grandes de caldo de galinha em tabletes (caixa com 16 unidades) e 8 a 10 kg de extrato de tomate. O molho precisar ficar de 2 a 3 horas no fogo cozinhando, mexendo de vez em quando para não queimar no fundo e integrar bem o molho. Quando o molho estiver bem cremoso, adicione as linguicinhas mistas finas (de carne de porco e carne de gado) ao molho ainda fervendo e deixe cozinhar por no máximo 10 minutos. Experimente e, se necessário, acrescente sal (às vezes a linguicinha e o caldo já salgaram o molho o suficiente). Desligue e sirva com pão francês fresco e acompanhamentos de sua preferência.

Rendimento: 4.000 cachorros-quentes.

Cachorro-quente de festa para preparar em casa:

Receita para 20 cachorros-quentes, adequada por Rosemari Glatz, a partir da receita fornecida pela senhora Rosemeri Luzia Kohler Bohn.

Ingredientes e modo de fazer: Descasque 1 kg de cebolas e pique em pedaços bem pequenos. Lave 1 kg de tomates maduros, bata no liquidificador e reserve. Numa panela grande, aqueça 1 colher de manteiga (ou óleo) até dourar e refogue a cebola até amolecer. Acrescente o tomate triturado e refogue tudo junto. Acrescente 2 folhas de louro, 1 tablete de caldo de galinha e deixe cozinhando por cerca de 1 hora em fogo baixo, mexendo de vez em quando para não queimar no fundo, até o molho ficar bem cremoso. Por fim, acrescente 150 gramas de extrato de tomate, mexa e cozinhe até o molho integrar bem.

Quando o molho estiver bem cremoso, adicione 20 linguicinhas mistas finas (de carne de porco e carne de gado) ao molho ainda fervendo.

Deixe cozinhar um pouco (no máximo 10 minutos) e experimente o ponto do sal do molho. Se necessário, acrescente mais sal (normalmente não é necessário, pois a linguicinha e o caldo de galinha já costumam salgar o molho o suficiente). Desligue e sirva com pão francês fresco (normalmente 1 pão para cada linguicinha) e acompanhamentos de sua preferência, a gosto (ketchup, mostarda, molho de maionese, molho de pimenta). É uma delícia!

Dica: este molho pode ser congelado por até 3 meses.

Maibaumbratwurst:

A linguiça do tipo Bratwurst é uma linguiça (no formato de salsicha), de origem alemã, produzida com carnes de porco, gado e, por vezes, de vitela, picada e temperada com diversas especiarias. A composição exata da receita alemã é secreta. Na Alemanha, estas salsichas são consumidas acompanhadas de mostarda alemã picante ou doce, com ketchup e torradas, ou cortadas em rodelas e servidas com molho à base de ketchup e Cury (Currywurst). São também frequentemente servidas num pão pequeno alemão (branco ou preto) e acompanhadas por uma cerveja.

A exemplo da linguiça de origem alemã internacionalmente conhecida como Bratwurst, Guabiruba também tem a sua própria linguiça, conhecida como linguiça Maibaum e utilizada para preparar o prato típico conhecido como Maibaumbratwurst, servido no Biergartenplatzfest, promovido pela Associação Visite Guabiruba – AVIGUA, e a cada cinco anos, no dia 1º de maio, quando a árvore Maibaum é substituída em Guabiruba.

Linguiça Maibaum: A linguiça produzida pela Defumados Schaefer começou a ser chamada de linguiça Maibaum depois que o seu consumo se popularizou ao ser servida logo após a elevação da Maibaum (árvore de Maio), e em evento que acontece em Guabiruba a cada cinco anos, quando a antiga Maibaum é substituída por uma nova.

Ingredientes e modo de fazer: Produzida artesanalmente, a linguiça Maibaum é preparada com os seguintes ingredientes: 70% de paleta suína, 10% de carne bovina e 20% de toucinho suíno. As carnes são moídas cruas e temperadas com diversas especiarias. Em seguida, a mistura crua é envasada em intestino suíno natural (tripa). Cada linguiça mede entre 15 e 18 cm, e pesa entre 180 e 200 gramas. Antes de assar, aferventa-se a linguiça Maibaum rapidamente em água fervente temperada com condimentos. Depois de aferventada, a linguiça Maibaum é assada sobre uma grelha, com o calor a partir de carvão incandescente (receita fornecida por Carlos Schaefer, da empresa Defumados Schaefer, em janeiro de 2021).

Atenção: A linguiça Maibaum é produzida pela Defumados Schaefer, de Guabiruba, não leva conservantes e deve ser consumida em poucas horas. Caso não se pretenda consumir a linguiça logo, ela deve ser conge-

lada crua, sem ser fervida.

Maibaumbratwürst: Tendo como principal ingrediente a linguiça Maibaum, a Maibaumbratwurst foi assim denominada pela Associação Visite Guabiruba – AVIGUA, que é uma associação composta por empresas e pessoas que atuam no segmento turístico e incentiva a utilização sustentável da gastronomia típica local.

Visando incrementar a atividade turística e divulgar o potencial tu-

Maibaumbratwurst, servido na Biergartenplatz de Guabiruba

rístico da cidade, anualmente a AVIGUA promove a Biergartenplatzfest, a festa alemã da Guabiruba. O evento acontece no final de setembro ou na primeira semana do mês de outubro, e integra as tradicionais festas de outubro de Santa Catarina. Uma das atrações do Biergartenplatzfest é exatamente a gastronomia típica alemã, e o prato mais consumido na festa é o Maibaumbratwürst.

Ingredientes e modo de fazer: A Maibaumbratwurst é feita a partir da linguiça Maibaum previamente aferventada e assada sobre uma grelha sobre carvão incandescente. A linguiça assada é servida dentro de um pão no formato baguete, de aproximadamente 15 cm (preparado especialmente para a Biergartenplatzfest), acompanhado de mostarda escura ou amarela, ketchup, molho de maionese e molho de pimenta, a gosto.

Opcionalmente, a Maibaumbratwurst pode ser consumida com a linguiça Maibaum e o pão cortados em rodelas, acompanhados de mostarda escura ou amarela, ketchup, molho de maionese e molho de pimenta (a gosto), nos mesmos moldes como é servido o Currywurst na Alemanha.

Sabores de Guabiruba

Além das receitas aqui apresentadas, outras receitas tradicionais da cultura guabirubense também já foram imortalizadas no saboroso livro Sabores de Guabiruba (2015), organizado por Emiliano Daniel de Souza e Roseane Huber de Souza. O livro de receitas Sabores de Guabiruba é uma obra cheia de sentido e de significado e serviu de guia para apresentar as receitas nesta obra.

Por fim, é importante lembrar que as receitas típicas da gastronomia de Guabiruba não se esgotam aqui. Esta obra que marca os 60 anos do município de Guabiruba apresenta, a título amostral, apenas algumas das receitas mais tradicionais que ainda são preparadas na boa cozinha das famílias guabirubenses. Certamente, existem inúmeras outras receitas deliciosas registradas nos cadernos de receitas das famílias, ou que são perpetuadas pela oralidade, e que também merecem ser preservadas, sempre com uma pitada generosa de amor.

Referências

BARON, Jorgiana Aparecida Batschauer. Receita fornecida por Sidinei Ernane Baron, esposo de Jorgiana, para Rosemari Glatz via WhatsApp em 23 jan. 2021.

BOHN, Rosemeri Luzia Kohler. Cachorro-quente tradicional da Festa de Maio na Igreja Matriz de Guabiruba. Receita fornecida por Paula Maiara Bohn, filha de Rosemeri (Meri), para Rosemari Glatz via WhatsApp em 2 fev. 2021.

ELLINGER, Arthur. HOHL, Hellamari. Culinária alemã no Vale do Itajaí. 2ª ed. Blumenau: Ed. do Autor, 2016.

GLATZ, Rosemari. Organizadora. História, Cultura e Gostosura: Receitas Culinárias de Família como Expressão de Patrimônio Cultural Regional, publicado pela Editora da Unifebe em 2018 (Brusque/SC).

SAUEBRATEN. Disponível em: <https://pt.qaz.wiki/wiki/Sauerbraten>. Acesso em: 31 jan. 2021.

SCHAEFER, Carlos. Linguiça Maibaum. Defumados Schaefer. Receita fornecida por Fabiano Siegel, para Rosemari Glatz via WhatsApp em jan. 2021.

SOUZA, Emiliano Daniel e. SOUZA, Roseane Huber de. Organizadores. Sabores de Guabiruba: livro de receitas. Fundação Cultural de Guabiruba. Prefeitura Municipal de Guabiruba, 2015.

Parte XII

Academia de Letras do Brasil de Santa Catarina (ALBSC) Seccional de Guabiruba

Quem passou pela vida em branca nuvem
E em plácido repouso adormeceu,
Quem não sentiu o frio da desgraça,
Quem passou pela vida e não sofreu,
Foi espectro de homem, e não homem,
Só passou pela vida, não viveu.
(Francisco Otaviano)

CONVITE

Temos a honra de CONVIDAR Vossa Senhoria, familiares e amigos, para o cerimonial de posse dos Membros Imortais da Academia de Letras do Brasil de Santa Catarina Seccional Guabiruba

O evento acontecerá dia 21 de outubro 2017 com início às 19:00 horas na Câmara Municipal
Rua 10 de junho, 253
Guabiruba - SC

ESTARÃO PRESENTES AUTORIDADES LOCAIS E DA ALBSC

Prof. Miguel Simão
Presidente Estadual da ALBSC

Escritor Roque Luiz Dirschnabel
Presidente da ALBSC
Seccional de Guabiruba

Escritor Manuel José
Presidente da ALBSC Microrregional
de Blumenau

Histórico da Academia de Letras do Brasil de Santa Catarina Seccional de Guabiruba

Autor: Roque Luiz Dirschnabel

Histórico da ALBSC - Seccional de Guabiruba

A origem das academias de letras remonta ao tempo do filósofo grego Platão (428/348 a.C.) que, segundo rezam as crônicas, resolveu criar uma escola livre, nos jardins do lendário herói ateniense Academus, onde costumava efetivar palestras e discussões. Com o caráter atual, no campo das Letras, considera-se a Academia dos Jogos Florais (des Jeux Floraux), fundada em Toulouse (França) na primeira metade do século XIII, como a instituição que deu origem às academias de letras contemporâneas. No Brasil, a primeira academia republicana foi a cearense, surgida em 1894.

A Academia Brasileira de Letras veio três anos depois, em 1897, fundada por Machado de Assis, Olavo Bilac, Rui Barbosa e Joaquim Nabuco, entre outros. Inspiradas em seu modelo vieram outras.

A Academia de Letras do Brasil de Santa Catarina (ALBSC) foi insti-

Posse do presidente da Academia de Letras do Brasil de Santa Catarina, Seccional de Guabriruba, Roque Luiz Dirschnabel, acompanhado do seu padrinho Padre Eder Claudio Celva, na Câmara Municipal de Barra Velha, em 25 de fevereiro de 2017. Acervo: Roque Luiz Dirschnabel

tuída no estado em 2008 com o objetivo de difundir e incentivar a cultura e artes regionais.

A Academia de Letras do Brasil de Santa Catarina – Seccional de Guabiruba, ou Academia de Letras de Guabiruba (ALEG), como é conhecida, surgiu da articulação do padre Eder Claudio Celva, que confiou ao seu conterrâneo Roque Luiz Dirschnabel, advogado e pesquisador histórico, o propósito desta importante missão. A academia nasceu com o objetivo de difundir e incentivar a produção literária, acolher valores literários e artísticos, valorizar escritores e talentos locais, além de resgatar a história da cidade de Guabiruba e Região.

Em 25 de fevereiro de 2017, no Plenário da Câmara Municipal de Barra Velha, SC, foi oficializada a candidatura e posse do Senhor Roque Luiz Dirschnabel, como presidente vitalício da ALBSC – Seccional de Guabiruba, sendo padrinho da outorga o Padre Eder Claudio Celva, cujo cerimonial se deu perante a Senhora Professora Apolônia Gastaldi, presidente do Conselho Estadual, representando o presidente da ALBSC Senhor Miguel João Simão, e Manuel José, presidente da Microrregional de Blumenau, demais autoridades presentes e da comunidade em geral.

Reunião preliminar na Câmara Municipal de Guabiruba
Acervo: Roque Luiz Dirschnabel

Antes da criação da academia foi realizada uma reunião preparatória com a presença do presidente da Microrregional de Blumenau (Manuel José), para esclarecer os objetivos e prestar as orientações sobre a escolha dos demais integrantes da novel academia de letras.

Participaram da reunião preliminar que se deu nas dependências da Câmara Municipal de Guabiruba, sito na rua 10 de Junho, 253, Centro, no dia 20 de novembro de 2017, os seguintes nomes: Roque Luiz Dirschnabel, Rosemari Glatz, Paula Maiara Kohler (representando a Superintendente da Fundação Cultural de Guabiruba, Jucilene Schmidt, Padre Eder Claudio Celva, Marcelo Carminati, Marcelo Nascimento, Maicon Alexandre Schweigert e Miguel João Simão, presidente da Academia de Letras do Brasil de Santa Catarina (ALBSC), e o vice-presidente, Osmar Cardozo, e Manuel José Conchinha, o "Português", presidente da Microrregional de Blumenau.

Instalação da Seccional de Guabiruba

Em sessão solene realizada na Câmara Municipal de Guabiruba no dia 21 de outubro de 2017, às 19 horas, foi oficialmente instalada a seccional de Guabiruba da Academia de Letras do Brasil de Santa Catarina

Cerimônia de posse dos acadêmicos. Acervo: Roque Luiz Dirschnabel

(ALBSC).

A cerimônia teve a posse de dez acadêmicos imortais: Rosemari Glatz, Alfred Nagel Neto, Marcelo Carminati, Jucilene Regina Schmidt, Sidinei Ernane Baron, Maicon Alexandre Schweigert, Lucimara Schlindwein, Suelen Cerbaro, Karol Diego Carminatti e Jenifer Schlindwein.

Conforme o presidente da seccional de Guabiruba, é um dever de cada cidadão defender a história de sua cidade. "Cabe a nós defender o seu patrimônio cultural e lutar pela preservação de sua memória. E tudo começa pela família. A família é história. Cada qual tem sua família e assim, mantém viva sua história às gerações presentes e futuras. E a Academia não deixa de ser uma nova família, que deverá pugnar pela nossa cultura e pelas nossas tradições, assumindo com responsabilidade o brilho daqueles que nos precederam", enfatizou Roque Luiz Dirschnabel. Após o cerimonial de posse dos novos acadêmicos, ressaltam-se as palavras do presidente da Microrregional da ALBSC de Blumenau, Sr. Manuel José, por e-mail, "ipsis litteris": "Estou parabenizando sua pessoa pela belíssima coordenação do evento da criação da ALBSC seccional de Guabiruba. Tudo perfeito, a organização, a beleza encantadora do visual dos candidatos e a postura foram um exemplo social de representação da nossa

ALBSC digna de relevo. Obrigado a todos os candidatos, que souberam dignificar a Academia de Letras do Brasil de Santa Catarina seccional de Guabiruba. Um grande abraço a todos os membros".

Além dos novos acadêmicos, seus familiares, vereadores, a solenidade foi marcada pela presença do vice-presidente estadual da ALB Santa Catarina, Osmar Cardozo Filho, presidente da Microrregional de Blumenau da entidade, Manuel José, Marcos Eugênio Welter, presidente da Academia de Letras de Brusque, prefeito Matias Kohler, vice-prefeito Valmir Zirke, presidente da Câmara Municipal de Vereadores, Cristiano Kormann e secretária municipal de educação, Edna Maria da Silva Jasper, entre outros convidados.

O evento contou com apresentações do Glockenchor (Coral de Sinos), e do integrante da Orquestra Municipal de Guabiruba, William Miranda Dematé.

Símbolos ALBSC - Seccional de Guabiruba

Brasão

O brasão ou a insígnia da academia de letras será um livro aberto e uma caneta com ponta de tinteiro, circundados por louros e as palavras "Recta Ratio", na parte superior, separada por uma cruz universal, data de fundação (21-10-2017) e o seguinte dístico: ALBSC Seccional de Guabiruba. O traje acadêmico tem a cor preta com ramos em dourado;

Estandarte

O estandarte da ALEG será a bandeira do Município em duas faixas azuis verticais nas laterais, com a insígnia da entidade no meio, em faixa branca.

Patrono da ALBSC - Seccional de Guabiruba

O barão Maximilian von Schneeburg foi escolhido como patrono da Academia pelo seu legado histórico. Foi um nobre, engenheiro e militar austríaco, fundador e primeiro diretor da colônia Itajahy, situada no vale do Itajaí, que hoje abrange as cidades de Brusque, Guabiruba, Botuverá, Vidal Ramos e Nova Trento. Emigrou para o Brasil a convite de sua Majestade o Senhor Dom Pedro I, Imperador do Brasil, onde a filha do Imperador Franz I, Leopoldina, era Imperatriz. Organizou a província de Santa Catarina do recém-proclamado Império Brasileiro.

Juramento dos imortais, durante a cerimônia de posse
Acervo: Roque Luiz Dirschnabel

Barão Maximilian von Schneeburg

Autor: Roque Luiz Dirschnabel

Maximilian von Schneeburg foi o primeiro diretor da Colônia Itajaí-Brusque, administrando-a honradamente e com especial dedicação desde a sua fundação, em 4 de agosto de 1860, até o seu afastamento da função por motivos de saúde, em abril de 1867. Organização e disciplina são palavras que descrevem adequadamente as suas características en-

quanto administrador. Schneeburg pertencia a uma antiga família nobre germânica, detentores do título nobiliárquico de freiherr, cuja posição na nobreza latina equivale-se à do barão. Nasceu no castelo da família Schneeburg, em Mils, Arquiducado da Áustria.

Uma estranha confusão paira sobre os antepassados de Schneeburg, pois que originalmente se chamava de Schneeberger de Zimmers para diferenciá-los dos Schneeberg de Trins que se estabeleceram no Castelo de Schneeberg nos arredores e que não tinham nada em comum com os Schneeburgers mais jovens. Uma junção patrimonial aconteceu em decorrência de união matrimonial da nobreza, razão da mudança de nome de "Schneeberger" para "Schneeburg", agregando os laços familiares.

O castelo Schneeburg foi restaurado e atualmente está em poder de Georg Kripp, onde o proprietário vive com sua família. Uma síntese histórica sobre os primórdios dos Schneeburg é encontrada no site história-debrusque (2018):

1370 – Surgem os Schneeburg com o nome de Peter Schneeburg, em Zimmers. Nas gerações posteriores houve o acréscimo dos brasões em Meran, e o escudo de família.

1524 – Ludwig Schneeburg é honrado com o toque de espada pelo imperador Karl V por serviços prestados. Seu filho Hans era administrador da casa de penhores em Hall, e teve onze filhos com sua mulher Helena. Um deles foi Rupert.

1587 – O filho Rupert, também administrador da casa de penhores em Hall, recebeu do arquiduque a autorização para construir, em Mils, o castelo Schneeburg. Mais tarde o castelo Rubein, em Obermais, por uniões matrimoniais, também foi agregado aos bens dos Schneeburg.

1664 – Johann Wolfgang von Schneeburg, mordomo do arquiduque Leopold e de Claudia von Medici, recebeu do filho deste, o arquiduque Siegmund Franz, a dignidade de Barão, que, geração após geração, permitiu que Maximilian von Schneeburg, primeiro diretor da Colônia Itajahy-Brusque também fosse denominado com título de nobreza, Barão.

Pouco se sabe sobre as características físicas do Barão Maximilian von Schneeburg. O texto "Diário de Viagem do Imigrante Paul Schwarzer" o apresenta com os seguintes atributos: " (...) a manhã seguinte após a nossa chegada, ele (o diretor Schneeburg) nos fez uma visita e se mostrou extremamente atencioso conosco. Era um homem idoso, bigode e cavanhaque brancos. Era do Tirol e foi oficial austríaco (...)".

Maximilian von Schneeburg nasceu em 28/10/1799 em Eger, Reino da Boêmia, Império Austro-Húngaro. Era filho do barão Josef Johann von Schneeburg e de sua esposa Bárbara Limbeck von Lilienau. Josef Johann, o pai de Maximilian, foi Primeiro-Tenente no Corpo de Artilharia Tirolês. De 1798 a 1799, foi Capitão e comandante da Companhia de Infantaria Leve Barão Carl von Trauchtenberge faleceu em Taufers no dia 4/4/1799, em confronto diante do inimigo, ainda antes do nascimento do seu único

filho. Tendo enviuvado muito moça, sua mãe se casou novamente com outro barão, Schmidl-Seeberg. Sobre infância e juventude de Maximilian nada se sabe. Ele não teve filhos, e emigrou para o Brasil ainda jovem. Sobre o próprio Barão Maximilian von Schneeburg, também encontramos informações preciosas no site históriadebrusque (2018), onde consta que Maximilian von Schneeburg foi admitido na Academia de Engenharia em Viena em 26/12/1815 e após a conclusão da instrução ele foi nomeado Cadete do Corpo de Engenheiros.

Sua carreira é assim resumida: em 25/08/1821, Maximilian von Schneeburg foi promovido para Subtenente no Corpo de Engenharia. Em 14/10/1821, foi transferido de Viena para Venedi. Em 16/04/1823, foi promovido para Primeiro-Tenente no Corpo de Engenharia. Em 18/08/1824, foi transferido para Josephstadt na Boêmia. Em 05/10/1825, foram-lhe concedidas seis semanas de dispensa remunerada. Em 13/10/1825, Maximilian von Schneeburg foi transferido para Arad (Hungria). Sua dispensa remunerada foi prorrogada por mais seis semanas em 18/11/1825, com permanência na cidade de Gitschin na Boêmia (atual Jičín, na República Tcheca). Em 1826, pediu dispensa do serviço militar, a qual lhe foi concedida apenas em 15/03/1828, tendo sido dispensado do Corpo de Engenharia sem a patente de Oficial. É possível que tenha partido para além-mar após sua dispensa da corporação.

O Barão Maximilian von Schneeburg foi o primeiro diretor da Colônia Itajahy-Brusque. Minucioso na documentação, era um governante preocupado e sempre voltado à responsabilidade que o cargo exigia.

O brusquense Ayres Gevaerd, em diversos escritos publicados na revista Blumenau em Cadernos, conseguiu descrever com perfeição a trajetória do Barão Maximiliano de Schneeburg enquanto este foi o diretor da Colônia Itajahy-Brusque. Segundo Gevaerd, Maximiliano de Schneeburg dedicou muito carinho à sua Colônia, procurando dar-lhe o sustento físico e com certa abundância através da exuberância da terra, a assistência espiritual por intermédio de igrejas e sacerdotes das confissões católica e evangélica e, finalmente, a assistência cultural, embora rude ainda, através de escolas.

A Schneeburg cabe o mérito de ter organizado uma nova Comunidade no seio da mata virgem, imprimindo-lhe educação cívica, moral, espiritual e cultural, aliada ao espírito de ordem e trabalho peculiares às etnias que então colonizavam o vale do Itajaí. Cabe a ele um preito de homenagem e justiça por sua extraordinária obra, especialmente, com relação às duas Confissões religiosas, católica e evangélica, em Brusque, durante todo o período de sua administração. Consolidando a Colônia, Schneeburg não descurou em proporcionar à sua gente, indistintamente, assistência moral e espiritual. Verifica-se em seus documentos, quando se referia à Igreja protestante, a confiança, dedicação e amizade que o ligava ao pastor Henrique Sandrescky. Tanto que, por várias vezes, confiou

ao pastor a direção da Colônia quando, por força do cargo, viajava a Itajaí ou Desterro. Apesar de pedir com insistência, ele rogar, de implorar até, empregando uma linguagem simples e franca que lhe era característica, o nosso primeiro diretor não chegou a ver a Casa de Orações na sede da Colônia pela qual tanto se empenhou.

Alguns feitos do Barão Maximiliano von Schneeburg, destacados por Ayres Gevaerd:

15 de outubro de 1865 - Acompanhados do diretor Schneeburg, partem da colônia até a vila de Itajahy, em uma lancha e duas canoas, 25 (vinte e cinco) homens, "Voluntários da Pátria", para a Guerra do Paraguai, depois de demorada campanha para esclarecer o sentido do movimento, as garantias, gratificações, amparo aos familiares, etc. Da vila de Itajahy, os Voluntários embarcaram em navio com destino a Desterro. Mais tarde Eugênio Rieger conseguiu reunir mais oito, que seguiram no dia 8 de fevereiro do ano seguinte.

18 de fevereiro 1866 - Schneeburg confia a direção da Colônia ao pastor Henrique Sandreczki durante os dias de sua permanência em Desterro.

29 de maio de 1866 - Schneeburg remete ao presidente extenso memorial contendo 16 folhas de papel almaço, dispondo sobre a abertura da estrada ligando a colônia à vila de Itajahy. Em documento de 24 de novembro seguinte o engenheiro Frederico Hecren orça a mencionada estrada em 49:005$515: serviço de aterros, pequenas pontes, bueiros e a ponte grande sobre o rio Itajaí-Mirim.

26 de janeiro 1867- O Governo Imperial, por iniciativa de Sua Majestade Imperial o senhor Dom Pedro II e de acordo com a lei publicada no Diário oficial, confere o título de Cavaleiro da Ordem Da Rosa ao Barão Maximiliano von Schneeburg.

22 de abril de 1867- von Schneeburg, já licenciado do cargo de diretor pelo prazo de 3 meses para tratamento de saúde, assinou o seu último documento.

Barão Maximilian von Schneeburg passou grande parte da sua vida no Brasil. Foram cerca de 40 anos dedicados ao governo imperial, e os frutos de seus feitos aqui permaneceram.

Seriamente doente, o Barão Maximilian von Schneeburg deixou sua querida Colônia em abril de 1867, com o "coração na mão", para nunca mais voltar. Gevaerd conclui: quase cego, portador de afecção ocular, foi conduzido de canoa pelo colono João Kormann até a vila de Itajahy, onde aguardou embarque até o Rio de Janeiro.

Depois de algum tempo, sem encontrar os recursos médicos para o alívio de sua doença, e pouco antes da sua morte, Schneeburg voltou para sua pátria de origem. Viveu seus últimos dias junto à sua meia-irmã, residindo em Franzenbad nº 15, onde desviveu no dia 16 de setembro de 1869, aos 70 anos. Naquela época, Franzensbad, Cheb (Eger), pertencia

ao Reino da Boemia, Império Austro-Húngaro, e hoje pertencente à República Tcheca. O Barão Maximiliano von Schneeburg foi sepultado no cemitério paroquial em Franzensbad, no dia 18 de setembro de 1869, e o Padre St. Johan Wenig, de Cheb, realizou a cerimônia fúnebre.

A trajetória do Barão foi detalhada em artigo de capa do Anuário Notícias de Vicente Só, assim como a descoberta de seu retrato no mês de julho de 2019, disponível na Casa de Brusque.

Referências:

Anuário Notícias de Vicente Só/Sociedade Amigos de Brusque, ed. Unifebe. – nº 67, 2019.

Blumenau em Cadernos. Diário de Viagem do Imigrante Paul Schwarzer. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, tomo XXV, nº 9, 1987.

BUGGENHAGEN, E.A. von. História Econômica no Município de Brusque e a obra do Cônsul Carlos Renaux. [SI]. Brusque, 1941. Não publicado.

GEVAERD, Ayres. Blumenau em Cadernos. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. Blumenau. Diversas publicações escritas a partir dos documentos da então Colônia Itajahy-Brusque, disponíveis na Casa de Brusque. http://www.historiadebrusque.com/520-2/. Acesso em: 02 set. de 2018.

WEBER, Beda, "Meran ubd Seine Umgebungen, oder das Burggrafenamt von Tirol: Für Einheimische und Frende". Arquivo Nacional da Áustria, 1845.

O barão Maximilian von Schneeburg foi o primeiro administrador da colônia Itajaí-Brusque e escolhido como patrono da Academia pelo seu legado histórico.

Parte XIII

Imortais da ALEG
Ad immortalittaen
(Rumo à imortalidade)

Um bom livro é a destilação preciosa de um mestre, embalsamado e preservado com o propósito de criar uma vida além da vida.
(Rosemari Glatz)

Roque Luiz Dirschnabel
Cadeira imortal nº 1

1. Currículo

Roque Luiz Dirschnabel é advogado graduado pela UFSC, com habilitação específica em Direito do Trabalho e especialista em Direito Administrativo, empresário, pesquisador histórico e escritor. Natural de Brusque, filho de comerciante e político, é neto de Henrique Dirschnabel, primeiro prefeito de Guabiruba. Assessor Jurídico da Prefeitura (1983-1996) e da Câmara Municipal de Guabiruba desde 1983. Assessor Jurídico do Sindicato dos Comerciários de Brusque (1988-2018). Professor Estadual de Legislação e Direito por 7 (sete) anos letivos. Participou de

diversas entidades sociais, sendo sócio-fundador da Associação Catarinense de Intercâmbio e Cultura – ACIC; presidente do Clube Esportivo 10 de Junho (2000/2002); Assessor Jurídico por várias gestões e sócio vitalício da Sociedade Recreativa Guabirubense; presidente fundador da Academia de Letras do Brasil de Santa Catarina (ALBSC), Seccional de Guabiruba; presidente fundador da Associação Cultural e Ambiental von Sternthal – ACAvS; presidente do Conselho Editorial e Fiscal da Sociedade Amigos de Brusque/Casa de Brusque. Publicou diversos artigos, como Guabiruba 50 anos de emancipação na Revista Notícias de Vicente Só, em 2012, Rodovia SC-420, Uma história de séculos, em 2014, Barão Maximilian von Schneeburg e 100 Anos do Nascimento de Pe. Raulino Reitz. Coautor do livro Famílias de Origem Alemã no Estado de Santa Catarina, além de retratar momentos históricos no informativo da Câmara de Vereadores e colunista do jornal Guabiruba Zeitung.

2. Patrono: Padre Raulino Reitz

Padre Raulino Reitz. Acervo Aluisius Carlos Lauth (APACL)

O Padre Raulino Reitz foi escolhido para ser o patrono da Cadeira nº 1 da Academia de Letras de Guabiruba (ALEG) por se identificar com as raízes do povo guabirubense e pela sua vocação profissional.

O Padre Raulino Reitz recebeu o título de Cidadão Honorário de Brusque em 3 de agosto de 1960, na Sessão Solene de Inauguração do Museu Azambuja e, logo depois, em 1962, Guabiruba tornou-se Município, sendo, portanto, cidadão de Brusque e Guabiruba. Foi também o criador e diretor do Museu de Azambuja, além de professor de Ciências no Seminário, ficou conhecido como "padre dos gravatás" por seu estudo de todas as bromélias. Estudou a Mata Atlântica por 45 anos, percorrendo 984.445 km de jipe, charrete, avião e a pé. Falava inglês, alemão, grego, italiano, francês e latim.

Identidade: Raulino Reitz nasceu em Antônio Carlos, SC, em 19 de setembro de 1919, filho de Nicolau Adão Reitz e Ana Wilvert Reitz. Teve uma infância como a dos outros meninos do Alto Biguaçu, uma colônia alemã: muito trabalho na roça, no engenho de açúcar e farinha, no pasto. Brincar, somente aos domingos, depois da Missa em São Pedro de Alcântara ou do Culto em Antônio Carlos. Estimulado pelos irmãos, ingressou no Seminário de Azambuja, Brusque, em 1932, onde permaneceu até 1936, cursando o Ginásio e o Clássico. Os cursos seminarísticos de Filo-

sofia e Teologia completou-os no Seminário Central de São Leopoldo, RS, de 1937 a 1943. Ali conheceu o Pe. Balduíno Rambo SJ, notável cientista botânico que lhe deu as primeiras instruções e o incentivo para os estudos botânicos. Em 22 de junho de 1942, em seu quarto no Seminário Central de São Leopoldo, fundou o "Herbário Barbosa Rodrigues", nome dado em homenagem ao botânico brasileiro Barbosa Rodrigues, no centenário de seu nascimento.

Patrono da ecologia catarinense: Cônego Doutor Raulino Reitz. Considerado o fundador da ecologia catarinense. Desde a década de 1940 se preocupava com a preservação ambiental numa época que pouco se falava sobre o assunto. Em 4 de outubro de 1974, na outorga do título de Cidadão Honorário do estado da Guanabara, disse: "O que importa na vida não é ser, nem ter, nem poder. O que importa é fazer, realizar em proveito da Comunidade". De 1971 a 1975 foi Diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Foi o criador da FATMA (Fundação de Amparo à Tecnologia e Meio Ambiente), em 1975, seu presidente e diretor de projetos. Membro de diversas entidades científicas no Brasil e exterior, recebeu o Prêmio Global 500 da ONU, no Dia Mundial do Meio Ambiente, em 5 de julho de 1987, na cidade do México. Autor de várias obras, como historiador escreveu: "Paróquia de Sombrio: (Ensaio de uma Monografia Paroquial)" – 1948), "Frutos da Imigração" (1963), "Alto Biguaçu" (1988). De suas pesquisas sobre a colonização alemã nasceu o livro "Santa Bárbara – primeiro núcleo da colonização alemã em Santa Catarina", publicado postumamente. Achou numa pedra a inscrição do início da estrada Florianópolis-Lages, do século XVIII. Foi sócio do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e a 11 de outubro de 1990 foi eleito para a Cadeira nº 7 da Academia Catarinense de Letras. Não é preciso citar todas as distinções que recebeu, as viagens ao redor do mundo, as Sociedades Científicas a que pertenceu, os Congressos de que participou, as Caravanas Científicas, tudo já foi publicado e comentado.

A despedida de um homem simples e amigo: "Foi em Itajaí, durante uma homenagem que lhe prestava a Câmara Municipal, que o coração para fulminantemente [...]." Era o dia 20 de novembro de 1990.

"Um gênio é uma grande paciência", afirmou Dom Afonso Niehues, Arcebispo Metropolitano de Florianópolis, citando Dom Joaquim Domingues de Oliveira, na oração fúnebre por ocasião do sepultamento do Pe. Raulino Reitz. Há os que nascem gênios, como Mozart. E há os gênios que são construídos pelo trabalho metódico, perseverante, de uma vida inteira. Pessoas cuja genialidade consistiu em realizar um projeto na paciência cotidiana. Penso ser este o caso do Pe. Raulino. Durante 52 anos dedicou-se ao estudo da natureza, especialmente no campo da Botânica, dia por dia, ano por ano, no silêncio do gabinete ou da pesquisa de campo, nas dificuldades das viagens. E nisso foi feliz, pois realizou-se e viu o reconhecimento da comunidade nacional e internacional. A paciência fez

dele o gênio...Pe. Raulino honrou a vida humana, a fé, a Igreja e o sacerdócio católico.

A imagem que Pe. Raulino deixou nos que o conheceram e admiraram é a de um homem simples, calmo, atencioso, satisfeito com a vida. Nunca buscou a fama, a badalação social. Não foi tocado pela vaidade humana, mesmo em meio a tanto reconhecimento pelo seu trabalho. Parecia não saber o que ele próprio significava para o mundo da ciência. Impressionava pelo número de projetos que conseguia tocar simultaneamente. Uma vida, por mais longa que seja, é sempre muito curta para uma obra tão vasta. Foi um homem de método: sabia o que queria e perseverou sempre. Só isso explica como aos 70 anos tenha feito tanto, em áreas tão diferentes, e ainda dar a impressão de um homem que tem tempo para um bate-papo, uma cerveja, um churrasco. Tudo com muita calma.

3. Padrinho:
Pe. Eder Claudio Celva

4. Autoexpressão:
Árvore genealógica da família Dirschnabel

"É feliz quem gosta de se lembrar de seus ancestrais,
que fala com alegria de seus feitos e de sua grandeza e que,
no final da bonita fila, vê colocado, silenciosamente,
o seu próprio nome."

Johann Wolfgang von Goethe

Rosemari Glatz
Cadeira imortal nº 2

1. Currículo

Rosemari Glatz é escritora, pesquisadora, reitora, professora universitária e funcionária pública federal aposentada. Neta e filha de comerciantes, nasceu em Taió (SC). Em 2020 recebeu o título de Cidadã Honorária de Brusque. Foi diplomada com o título Ad Immortalitatem, como titular da Cadeira Perpétua número 02, da Academia de Letras do Brasil do Estado de Santa Catarina – Seccional Guabiruba (ALEG).

Na esfera associativa, é Vice-Presidente da Academia de Letras do Brasil do Estado de Santa Catarina – Seccional Guabiruba (ALEG), e foi Presidente da Associação Visite Guabiruba (AVIGUA) por duas gestões. É Diretora para Assuntos Comunitários e integra o Conselho Deliberativo da Associação Empresarial de Brusque, Guabiruba e Botuverá (ACIBR). Integra o Conselho Deliberativo da Associação Catarinense das Fundações Educacionais (ACAFE). É presidente do Conselho Municipal de Turismo de Brusque.

Professora universitária desde 1997 no Centro Universitário de Brusque – UNIFEBE (SC), atuou como professora e coordenadora em cursos de graduação e pós-graduação e foi assessora da Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura. Coordenou o Grupo de Pesquisa, História, Memória e Patrimônio Cultural (CNPq) da UNIFEBE. Presidiu o Conselho Editorial da Editora da UNIFEBE. Desde abril de 2019, é Reitora e Presidente do Conselho Universitário do Centro Universitário de Brusque – UNIFEBE, e Presidente do Conselho Administrativo e da Fundação Educacional de Brusque (FEBE).

Funcionária pública aposentada pela Receita Federal do Brasil, também trabalhou na Prefeitura de Taió e na Exatoria Estadual de Santa Catarina. Foi Chefe da Agência da Receita Federal em Brusque entre abril de 2009 e fevereiro de 2018, quando se aposentou do serviço público.

Mestre em Administração, pós-graduada em Auditoria Contábil e graduada em Administração, há alguns anos descobriu sua grande paixão pela história e desde então vem se dedicando à pesquisa e à escrita, principalmente aos temas relacionados à educação, turismo regional e imigração alemã e polonesa para os vales do Itajaí e Itajaí-Mirim.

Rosemari Glatz tem despontado na literatura por suas publicações em livros, jornais e revistas, onde se destacam:

1. Anitápolis: conhecer é preciso. 2022 (em coautoria). Publicado em 2022 pela Editora da UNIFEBE. Brusque (SC).

2. Santa Catarina: das belezas naturais ao desenvolvimento sustentável e diversificado alavancado pelas Instituições de Ensino Superior Comunitárias. Editora da UNIFEBE. Brusque (SC).

3. Política, Poder e Fortuna: Nuances da vida do Cônsul Carlos Renaux. 2022. Editora da UNIFEBE. Brusque (SC).

4. O Voo da Águia: 150 anos de imigração polonesa no Brasil. 2021. Editora da UNIFEBE. Brusque (SC).

5. Histórias de Natal: UNIFEBE. 2020. Editora da UNIFEBE. Brusque (SC).

6. Autora do capítulo 11 do livro A Medicina em Brusque e os 50 anos da ABM, intitulado UNIFEBE: Escrevendo um novo capítulo da Medicina em Brusque. 2020. Editora da UNIFEBE. Brusque (SC).

7. Brusque Os 60 e O 160: Elementos da nossa história. 2018. Editora da UNIFEBE. Brusque (SC).

8. História, Cultura e Gostosura: Receitas Culinárias de Família como Expressão de Patrimônio Cultural Regional (organizadora). 2018. Editora da UNIFEBE. Brusque (SC).

9. Escreveu capítulos do livro: Famílias de Origem Alemã no Estado de Santa Catarina. 2017. GenealogiaRS. Porto Alegre (RS).

10. Publica desde 2017 no Anuário Notícias de Vicente Só (Sociedade Amigos de Brusque e de Apoio ao Museu Histórico do Vale do Itajaí-Mirim /CASA DE BRUSQUE, onde já publicou os seguintes textos: Em 2017: Imigração alemã no estado de Santa Catarina: uma síntese histórica. Pastor Lindolfo Weingärtner: De alma para alma. Maria Luiza (Bia) Renaux e seu legado. Giralda Seyfert – a pesquisadora. Em 2018: Pelznickel: uma cultura centenária trazida pelos imigrantes alemães que sobrevive ao tempo em Guabiruba. Em 2019: A Saga de um Povo - 150 anos de imigração polaca no Brasil - 1869-2019. Em 2021: 75 anos do falecimento do Cônsul Carlos Renaux e seu legado. Em 2022: Guabiruba 60 Anos de Emancipação: Um breve histórico em homenagem aos 60 anos de desmembramento político-administrativo do território de Brusque

11. Participou dos Concursos e teve seus textos publicados nos livros Histórias de Trabalho da Receita Federal do Brasil em três edições. Em 2014 - Menção honrosa: Contribuinte do futuro... a menina moça premiada que virou servidora). Em 2015 - Prosa: Criação da DRF Blumenau e Agências de Brusque, Rio do Sul e Timbó: sua história, sua gente. Em 2016 - Prosa: O capuz e a armadura: o servidor público como cobrador de impostos.

12. Desde junho de 2015, publica no Jornal O Município, de Brusque. Conheça as publicações acessando o link: https://omunicipio.com.br/author/rosemari-glatz/. Publica eventualmente nos jornais Guabiruba Zeitung, de Guabiruba (SC).

Maria Luiza Renaux
Acervo: Rádio Cidade

2. Patronesse: Maria Luiza Renaux (Bia Renaux)

Maria Luiza Renaux era mais conhecida como "Bia Renaux". Bisneta do Cônsul Carlos Renaux, nasceu em Brusque no dia 30/09/1946 e faleceu em Itajaí no dia 05/01/2017. Foi sepultada em Brusque no dia 08/01/2017. Divorciada, teve duas filhas e um filho e também foi avó.

Bacharelou-se em História e licenciou-se em Estudos Sociais na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – USP. Fez Doutorado em História pela USP. Atuava nos temas história, desenvolvimento e identidade regional; industrialização, imigração e colonização ítalo-germânica no Sul do Brasil. Foi professora no Colégio

Cônsul Carlos Renaux (Brusque/SC) e no Departamento de História da Universidade Regional de Blumenau – FURB.

Autora de alguns livros, destacam-se as obras: "Colonização e indústria no Vale do Itajaí: O modelo catarinense de desenvolvimento" (1987) e "O outro lado da história: O papel da mulher no Vale do Itajaí, 1850-1950" (1995). Em parceria com Luiz F. de Alencastro, assinou o capítulo "Caras e modos dos migrantes e imigrantes" publicado no volume 2 do projeto sobre História da Vida Privada no Brasil que, em 1998, recebeu o Prêmio Jabuti.

3. Padrinho:
Ricardo José Engel

Ricardo José Engel é Auditor-Fiscal do Trabalho desde 1995 e Professor do Curso de Direito da UNIFEBE há 31 anos. Natural de Peritiba, SC, reside em Brusque desde 1983. É casado com Ivana Miriam Torresani e pai de Gabriela. É graduado em Estudos Sociais e Direito (Univali). É especialista em Administração de Empresas (ESAG/Udesc) e em Ciência Jurídica - Fundamentos do Direito Positivo (Univali). É Mestre em Direito (Univali). É integrante do Conselho Editorial da Revista Notícias de Vicente Só – Brusque e região, e da Editora da Unifebe. Tem experiência na área de Direito, com ênfase em Direito do Trabalho. É autor das obras: "O Jus Variandi no contrato individual de trabalho" (2003); "Pedalando pelo Tempo – a história da bicicleta em Brusque" (2010); "Ivo Moritz – vida, fatos e retratos" (2012); "Laboratório Verner Willrich – há 50 anos cuidando de você" (2013); "A trajetória de uma vida – memórias de Marco Antônio Pizarro da Silveira" (2014, em coautoria); "Um homem, muitas vidas – histórias e memórias de Euclides Germano Benvenutti" (2016, em coautoria); "Zeno Heinig, Seriedade, Trabalho e Participação" (2017, em coautoria); "Para sempre o Mais Querido – histórias e memórias do Clube Esportivo Paysandú", (2018, em coautoria); Núcleo de Prática Jurídica: 25 anos (2021, em coautoria). Tem artigos publicados em revistas jurídicas especializadas.

4. Autoexpressão

Contribuinte do Futuro... a menina moça premiada que virou servidora*

Nos idos dos anos 80 do século passado, a Secretaria da Receita Federal tinha um programa denominado "Contribuinte do Futuro – 80". O Programa era aberto à participação de qualquer aluno do ensino público fundamental do território nacional, e o tema deveria versar sobre tributos. Os alunos eram convidados a escrever uma redação relacionada a temática e a primeira seleção era feita por uma equipe de professores da

própria escola. As três redações escolhidas de cada escola eram enviadas para a Delegacia da Receita Federal de jurisdição do município da escola participante, onde havia outra comissão. As redações selecionadas pela Comissão da DRF eram encaminhadas para a Superintendência jurisdicionante que, então, fazia uma nova seleção.

A menina moça sempre fora aplicada aos estudos, ao mesmo tempo em que auxiliava nas atividades domésticas. Depois de auxiliar a família a carnear um porco, preparar o torresmo e fazer a limpeza, já próximo de meia-noite, ainda se dedicou a escrever uma redação, cujo tema tratava da questão social do tributo e do importante papel do Estado no processo de arrecadação, administração e aplicação dos recursos. Entregue a redação, sua obrigação estudantil fora cumprida e o assunto caiu no esquecimento... mas, qual foi a surpresa daquela menina moça quando, meses depois, foi chamada à Direção da escola para receber a feliz notícia de que a sua redação fora selecionada.

Em dia e horário marcado, direção, professores e alunos do Colégio Estadual Luiz Bertoli foram prestigiar a honraria de entrega das premiações. A menina moça de então, autora da melhor redação do Colégio, da melhor redação a nível da DRF Joinville e da 6ª melhor redação da 9ª Região Fiscal, bem como o professor regente pela classe e o próprio Colégio foram premiados com relógios, gravadores e outros prêmios. A aluna, além dos prêmios já mencionados, também recebeu um "Diploma" pela sua participação no programa e uma medalha de "Honra ao Mérito – Programa Contribuinte do Futuro". A entrega das premiações e das honrarias

foi feita pelo então Agente da Receita Federal de Taió, servidor Inácio Fiamoncini.

Passados alguns anos, a menina moça de outrora prestou concurso para trabalhar na Receita Federal. Já no exercício da função pública, teve a grata alegria de reencontrar aquele que, no passado, procedeu à entrega dos prêmios e das honrarias: o amigo ímpar, Inácio Fiamoncini, que já conta quase 40 anos dedicados à Receita Federal de forma exemplar.

A menina moça premiada de outrora, até hoje guarda como joia rara seu "Diploma" e sua medalha de "Honra ao Mérito – Programa Contribuinte do Futuro – 80 ". Em poucos anos, também aquela menina moça encerrará sua missão na Receita Federal, assim como o amigo Inácio Fiamoncini hoje o faz...e então, tudo isso será mais uma história para se contar.

** Texto premiado com menção honrosa, na 5ª edição do concurso Histórias de Trabalho da Receita Federal do Brasil (2014), na modalidade depoimento Verídico em Prosa. O texto foi publicado no livro Histórias de Trabalho da Receita Federal do Brasil daquele ano. A autora é a "menina moça" do texto, se aposentou na Receita Federal do Brasil em 2018 e continua pesquisando, escrevendo e publicando.*

Alfred Nagel Neto
Cadeira imortal nº 3

1. Currículo

Alfred Nagel Neto nasceu em Curitiba, em 17 de fevereiro de 1969. Filho de Bernd e Cilda Tümmler Nagel, mudou-se com sua família para Guabiruba, em 1976. Neste município, onde reside até hoje, conheceu sua esposa Eliane, com quem tem dois filhos: Andres e Ane.

É graduado em Letras – Língua Portuguesa / Língua Inglesa e suas respectivas Literaturas, pela Fundação Universitária de Blumenau. Pós-graduado em Novas Tecnologias na Educação, pela Escola Superior Aberta do Brasil, e em Coordenação Pedagógica, pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Atuou, entre os anos de 1992 a 2013, como professor de Língua Por-

tuguesa e Literatura na Rede Estadual de Ensino, em especial na escola de Educação Básica Professor João Boos, em Guabiruba. Em 2005, foi convidado pela Administração Municipal para assumir a direção escolar da Escola Municipal de Educação Básica Osvaldo Ludovico Fuckner, no bairro Lageado Baixo. Exerceu a função de gestor da Unidade Escolar até o ano de 2018, quando foi convidado a atuar como Secretário de Educação do município de Guabiruba. Trabalho que realiza até os dias atuais. Cooperou na elaboração do Sistema Municipal de Ensino e no Plano Municipal de Educação de Guabiruba.

Alfred foi membro do Conselho Municipal de Educação de Guabiruba, entre os anos de 2005 a 2020, sendo seu presidente de 2009 a 2011 e 2013 a 2018. Também foi membro do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente entre os anos de 2009 e 2011.

É autor dos romances históricos Amor e guerra e Amor e guerra II – Em solo alemão, sob o pseudônimo de Freddy Nagel. Ambas as obras, inspiradas na biografia de seus avós, retratam as vidas pessoais na Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial. Recentemente participou da coletânea de contos "Não existem humanos inteligentes", idealizada por Saulo Adami e Lu Evans, e publicada pela Editora Nebula.

José de Alencar
Acervo: Jornal O Povo

2. Patrono: José de Alencar

José de Alencar é um dos maiores representantes do Romantismo no Brasil e um dos principais nomes da literatura nacional. O autor ficou marcado por investir em uma literatura nacional, menos influenciada pelos colonizadores portugueses. Como resultado, as obras de Alencar apresentam a cultura do povo, a história e as regiões brasileiras com uma linguagem inovadora para a época.

Trabalhou como jornalista e teve atuação também na política, mas foi na Literatura que recebeu maior reconhecimento. Elogiado pelos pares, ficou amigo de Machado de Assis, que o nomeou patrono da cadeira nº 23 da Academia Brasileira de Letras, fundada depois de sua morte.

Apesar da pouca idade, morreu com 48 anos, sua obra é extensa. "O Guarani", "Senhora", "Til", "Iracema" e "A Viuvinha" são alguns romances importantes do autor. Vale ressaltar que as histórias foram publicadas primeiramente em folhetins.

José de Alencar é tradicionalmente classificado como um escritor do Romantismo, mais especificamente da primeira fase do movimento literário. Mas suas obras chegam a apresentar características do movimento seguinte, o Realismo. As obras do autor podem ser indianistas, históricas

ou urbanas.

A literatura brasileira foi baseada por um longo período na literatura portuguesa, dos colonizadores. José de Alencar buscou, através de seus escritos, ressaltar uma linguagem mais nacional. Foi muito criticado pela atitude, mas a inovação ajudou a estabelecer um estilo literário com características brasileiras.

Alencar foi escolhido para patrono pelo acadêmico Alfred pelo fato de ser um expoente da Literatura Brasileira, enaltecendo as cores locais e sua gente. O Romantismo, através da exaltação do nacionalismo, com a idealização da natureza brasileira e de seus legítimos habitantes – os índios – é a fase literária mais apreciada por Freddy.

3. Padrinho:
Roque Luíz Dirschnabel

4. Autoexpressão:

O guardião do conhecimento

O ser humano está vivenciando a era da tecnologia. Inúmeros aparatos tecnológicos são criados ou aprimorados a cada dia. Os computadores fazem parte do cotidiano de grande parte dos cidadãos. Consequentemente, muito da cultura das gerações anteriores vem se modificando, fazendo com que as pessoas se adéquem a este novo período. Porém, alguns costumes permanecem inalterados.

O computador foi inventado pelos americanos durante a Segunda Guerra Mundial. Desde o início ele facilitou a vida dos homens. No princípio, servia para realizar cálculos com velocidade jamais vista. Com o decorrer do tempo sua tecnologia foi evoluindo e acabou se transformando numa das mais importantes máquinas da sociedade atual. Hoje ele é essencial para o desenvolvimento do ser humano praticamente em todos os setores. Sem o computador a civilização contemporânea não se encontraria no estágio evolutivo em que está.

Antes do computador o ser humano tinha diversas outras formas para armazenar e repassar seu conhecimento. Uma destas maneiras é o livro. Desde o surgimento da escrita, há aproximadamente seis mil anos, o homem tem a necessidade de registrar a sua cultura. Na Antiguidade registrava-se através de pergaminhos. Na Idade Média, os monges copistas copiavam os livros nos mosteiros. Mas foi a partir de 1452, através do alemão Johann Gutemberg, que o homem teve maior facilidade para publicar seus escritos. Neste ano ele inventou a imprensa. Desde o seu advento cada vez mais o livro faz parte do cotidiano dos seres humanos.

Muitos elementos da cultura humana modificaram-se com a chegada da tecnologia. Certos hábitos de sociedades anteriores desapa-

receram dando lugar a uma sociedade com alto padrão tecnológico. As crianças, por exemplo, já não brincam mais com brinquedos convencionais. Elas preferem os jogos de computador ao carrinho ou à boneca. A tecnologia altera a cada dia os anseios da humanidade.

Contudo, isso não significa que a tecnologia absorverá todos os elementos culturais anteriormente estabelecidos. O livro é um bom exemplo. Ele jamais perderá sua posição de guardião do conhecimento. Poder-se-á ter alguns livros substituídos por computadores, como os didáticos, por exemplo. Entretanto, mesmo no futuro, nem todas as pessoas terão constante acesso aos computadores e à internet. Para essas pessoas far-se-á necessário o tradicional livro, no qual poderão realizar suas pesquisas ou seu lazer. Além disso, o livro possui um charme especial. Quem não gosta de sentir o cheiro de um livro novo? Ao adentrar numa biblioteca o leitor depara-se com inúmeras peculiaridades que apenas os livros podem lhe oferecer como, por exemplo, a calma e a alegria de descobrir novos mundos através da leitura. Eles também têm como ponto positivo poderem ser manuseados em qualquer lugar, sem ônus para as pessoas presentes. Apenas o leitor envolve-se com eles. Logo, faz-se necessário incentivar cada vez mais as pessoas a lerem, fazendo com que elas assimilem a importância dos livros.

Portanto, por mais que a tecnologia avance e os computadores modernizem-se, o livro continuará sendo uma fonte indispensável para a veiculação do conhecimento e dos sentimentos dos seres humanos. Continuará fascinando cada pessoa que, ao abri-lo e começar a viajar por mundos inexplorados, terá emoções jamais sentidas anteriormente.

Marcelo Carminati
Cadeira imortal nº 4

1. Currículo

Marcelo Carminati foi integrante do Coral Santa Cecília – Corupá – SC, integrante da Associação Cultural e Coral Cristo Rei, em Guabiruba, integrante do "Grupo Vocal Esquina Brasilis" de Brusque. Fundador do Grupo de Dança Alemã da Associação Artístico Cultural São Pedro. Fundador e integrante do "Grupo Folklorístico Tutti Buona Gente". Coordenador de Grupos Folclóricos de Brusque no Grupo de Difusão Cultural. Professor do curso de cartazes e caligrafia no Núcleo de Difusão Cultural de Brusque. Fundador da Associação Artístico Cultural São Pedro em Guabiruba. Ator, diretor e dramaturgo da peça A Morte de um Homem Livre e con-

selheiro titular de Teatro e professor de teatro do Conselho da Fundação Cultural de Guabiruba. pintou diversas obras em óleo sobre tela e pintou a parede da Capela da Secretaria Paroquial de Guabiruba e da Gruta Nossa Senhora das Dores no bairro Guarani em Brusque – SC.

Gonçalves Dias
Fonte: Wikipedia

2. Patrono: Gonçalves Dias

Antônio Gonçalves Dias nasceu em Caxias em 10 de agosto de 1823 e faleceu em 3 de novembro de 1864. Foi um poeta, advogado, jornalista, etnógrafo e teatrólogo brasileiro. Um grande expoente do romantismo brasileiro e da tradição literária conhecida como "indianismo", é famoso por ter escrito o poema "Canção do Exílio", o curto poema épico I-Juca-Pirama e muitos outros poemas nacionalistas e patrióticos, além de seu segundo mais conhecido poema chamado: Canções de Exílio que viriam a dar-lhe o título de poeta nacional do Brasil. Foi um ávido pesquisador das línguas indígenas e do folclore brasileiro. É o patrono da cadeira 15 da Academia Brasileira de Letras e também patrono da cadeira 4 desta Academia. Inspirou o ocupante desta cadeira, por ter sido o poeta que escreveu o poema que inseriu este acadêmico no mundo da cultura ao ter seu poema declamado em uma homenagem à Bandeira nos seus primeiros anos escolares.

"Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer eu encontro lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar –sozinho, à noite–
Mais prazer eu encontro lá;

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá. "

3. Madrinha:
Aparecida Correa Carminati

4. Autoexpressão:

Em cada artista reside um imensurável grau de conhecimento, sensibilidade e emoção. Todo artista é dotado de um grande poder de observação e sabe transformar em algum tipo de arte aquilo que faz parte do seu dia a dia. Fui introduzido ao mundo da arte ainda criança ao receber o convite para declamar um verso de Gonçalves Dias em uma Homenagem à Bandeira. Meus primeiros lápis de cor me levaram a ter um especial gosto pela pintura, pela mistura das cores, pelo desenho, logo foi transformado em arte quando aos 8 anos ingressei no curso de pintura de óleo sobre tela com a professora Ivone Dietrich. Recentemente o trabalho na Secretaria Paroquial de Guabiruba ao lado do meu amigo e artista Nicler Salvador e na Gruta Nossa Senhora das Dores no bairro Guarani, onde Nicler Salvador, Luciano Toller, Denise Silveira Lira e Marli Montibeller deixaram marcada minha passagem nesta área de arte de uma forma especial. Mais tarde fui apresentado ao Teatro e a oportunidade de trabalhar dentro de um me fez ficar ainda mais apaixonado pela arte cênica. Trabalhos amadores como: A Tenda do Ferreiro, Brasileiríssimo, Paredes de Lona sem Brilho e O Auto do Rei, foram peças de teatro que marcaram uma fase artística, mas depois vieram as produções infantis: Pluft O Fantasminha, depois a teatros de reconhecimento nacional como foi o caso de O Santo Milagroso do autor Lauro César Muniz. Teatro de Bonecos: Uma Aventura na Bicholândia, também fez parte da minha história Cultural sob a direção e ensino da incrível Sonia Regina Boing, mas a peça Porões da Liberdade, de Saulo Adami, me trouxe maturidade cênica e me levou a representar a UNIFEBE no Festival Universitário de Teatro de Blumenau. Mas nesta área Paixão e Morte de Um Homem Livre ainda é minha maior paixão, visto que faço parte desde 1986 deste trabalho de forma direta e intensa. Gosto do Canto e sou grato aos maestros Pe. Afonso Maria Oliveira, Eusébio Kohler e Sérgio Westrupp por aprimorarem minha qualidade vocal, minha percepção musical, meu conhecimento e

ampliação de repertório. Criatividade e Comunicação sempre foram minha marca registrada e isso me levou a me envolver com as danças típicas alemã e italiana. A caligrafia foi descoberta por acaso e hoje me auxilia muito a manifestar minhas formas de arte. Mas, foi o convite para integrar a Academia de Letras de Guabiruba que me fez certificar de modo honroso toda minha trajetória cultural.

Jucilene Regina Schmidt
Cadeira imortal nº 5

1. Currículo:

Jucilene Regina Schmidt nasceu em Guabiruba (SC) em 25 de setembro de 1978. Divorciada, possui três filhos. É licenciada em Artes Visuais pela FURB – Universidade Regional de Blumenau. Iniciou sua carreira como professora na Prefeitura Municipal de Guabiruba no dia 7 de outubro de 2002, função que exerceu por 11 anos.

No dia 3 de março de 2014, foi designada Assessora Cultural da Fundação Cultural de Guabiruba. Em 1º de janeiro de 2017, foi nomeada para o cargo de Superintendente de Cultura da Fundação Cultural de Guabiruba. Depois de cinco anos trabalhando na Fundação Cultural de Guabiruba, em 3 de junho de 2019, Jucilene deixou o cargo de superintendente para se dedicar a um projeto pessoal. Em 2020, trabalhou no Centro Univer-

sitário de Brusque – UNIFEBE, e no mesmo ano foi candidata ao cargo de vereadora em Guabiruba – SC, pelo Partido dos Trabalhadores – PT. Atualmente, Jucilene é comerciante.

Eli Malvina Diniz Heil
Fonte: Internet

2. Patronesse: Eli Malvina Diniz Heil.

Eli Malvina Diniz Heil nasceu em 1929, na cidade de Palhoça, e faleceu no dia 10 de setembro de 2017. Era pintora, desenhista, ceramista, escultora, tapeceira, poeta.

3. Padrinho:
Dr. Felipe Eilert dos Santos

4. Autoexpressão

"Você nunca sabe o resultado das suas ações. Mas se você não fizer nada, não existirão resultados." Mahatma Gandhi – Forbes

Jornada Mundial da Juventude (JMJ) no Rio de Janeiro, em julho de 2013
Fonte: www.jesuitasbrasil.org.br

Renovação da fé e da esperança: a carta do aluno Arthur

Nunca podemos desistir e pensar que não deu certo. Preciso partilhar minha alegria.

A Jornada Mundial está quase fazendo um ano e ainda mexe com meus sentimentos. Vou contar uma história.

Quando meu aluno Arthur Debatin, de 9 anos, que faz aniversário no mesmo dia que o Papa Chico, soube que eu ia ver o Papa, ele quis escrever uma carta para eu entregar. Lembro que íamos sair às 4 da manhã e às 23 horas do dia anterior, os pais dele vieram trazer a carta, nos últimos segundos do segundo tempo, eu quase partindo.

No RJ, esta carta deu o que falar, eu pensava que não ia conseguir, pois houve um dia que me esqueci de levar, no outro não deu, no outro não levei a carta, o que fazer, esta carta tinha que chegar às mãos do Papa.

Então duas das meninas do grupo de jovens falaram que o rapaz que morava na casa que as acolheu, era voluntário e ia à última missa celebrada pelo Papa, que era apenas para voluntários, lembro que ele até falou que a carta foi passando de mãos em mãos para chegar até na frente, mas não tínhamos certeza que tinha sido entregue, no início sempre falávamos da carta à mãe dele e eu, que será que ele ia ler?

A Jornada Mundial da Juventude (JMJ) aconteceu no Rio de Janeiro, em julho de 2013, e atraiu visitantes do Brasil e de vários outros países. A cerimônia de encerramento da JMJ ocorreu na Praia de Copacabana, Rio de Janeiro.

No domingo lembrei novamente, pois já havia um tempo que nem pensava mais. Hoje ao chegar ao meu trabalho, recebi a ligação da Cátia me contando emocionada — e eu também, claro, — que o Arthur recebeu a resposta do Papa Francisco.

Foi lindo demais. Agora vou o quanto antes dar um abraço neste menino abençoado que escreveu na carta que gosta de ir à igreja, que quer ser padre e que faz aniversário junto com o Papa Chico (SCHMIDT, 2014).

Sidinei Ernane Baron
Cadeira imortal nº 6

1. Currículo:

Sidinei Ernane Baron é maestro e professor de música. Natural de Guabiruba, nasceu em 20 de janeiro de 1985.

Filho de José Carlos Baron e Rosevane Baron, é casado com Jorgiana Aparecida Batschauer Baron (Paraninfa na sua cadeira da ALEG) e tem três graciosas filhas: Julia, Alicia, Lisa e o filho Matias.

Iniciou seus estudos na escola João Jensen e depois na Escola Carlos Maffezzolli, ambas no bairro São Pedro, de Guabiruba. É graduado em Artes – Licenciatura em Música pela FURB e se especializou em educação musical em múltiplos espaços pela mesma universidade sob a orientação do Prof. Dr. Sérgio Figueiredo com o artigo Metodologias de ensino e estratégias didáticas utilizadas em uma banda escolar de uma cidade do vale do Itajaí, escrito em parceria com seu orientador.

Desde a infância despertou interesse pela música e foi na Igreja Católica que iniciou sua experiência musical participando das missas na Capela São Pedro em Guabiruba, tocando teclado e posteriormente regendo o Coral Infanto-juvenil São Pedro.

É fundador e primeiro regente dos grupos musicais: Coral Infanto-juvenil São Pedro – 2001, Fanfarra da Escola Carlos Maffezzolli – 2001, Banda de Percussão Das Lebenslied – 2008, Glockenchor Das Lebenslied – 2013, Coral Infanto-juvenil São Vendelino / Lageado baixo – 2013, Coral Infanto-juvenil Anjos de Deus / Aymoré – 2016 e Coral adulto São Pedro – 2019.

Atualmente permanece como regente dos grupos acima discriminados e ainda dos grupos Coral Cristo Rei Infanto-juvenil, Grupo Amigos de canto alemão de Brusque e Grupo Alemão em canto, grupos estes que não foi fundador. Regeu ainda o Coral Giuseppe Verdi de Botuverá de 2014 a 2018 e a Banda alemã da Escola Georgina de Carvalho Ramos da Luz, da qual também foi fundador no ano de 2015.

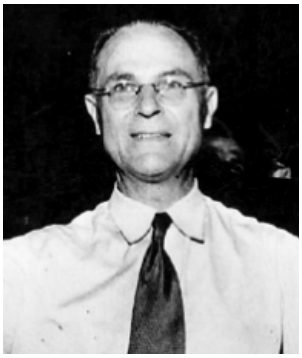
Atuou como diretor de cultura da Secretaria de Educação, Cultura e Esporte do município de Guabiruba no período de 2010 a 2012, onde motivou a criação da Fundação Cultural de Guabiruba, exercendo o cargo de Superintendente da FCG no ano de 2012.

Como resultado da sua pesquisa de canções folclóricas de Guabiruba, no ano de 2017 lançou o livro Melodien von Guabiruba. No livro estão 41 músicas folclóricas alemãs de Guabiruba contendo as letras, partituras, tradução para o português e pequena descrição das canções.

No ano de 2019 produziu o CD Des Lebens Sonnenschein ist Singen und Fröhlichsein do Grupo amigos de canto alemão de Brusque, CD que contém 12 canções do folclore alemão interpretadas por instrumentistas locais e cantadas pelo Grupo.

Como fomentador cultural produziu os projetos I Circuito de Artes Cênicas da Guabiruba no ano de 2015, projeto que trouxe à Guabiruba inúmeros grupos de teatro da região e o Grupo Giramundo com o espetáculo Pedro e o Lobo. Em 2017 foi proponente do Projeto Die Zeit da Banda Das Lebenslied que culminou na gravação do CD com a participação dos alunos da Banda e do Glockenchor da Escola Padre Germano Brandt. No ano de 2019 apresentou nos bairros de Guabiruba o projeto Die Schönsten lieder aus Guabiruba para os grupos de idosos de cada comunidade.

No ano de 2020 foi contemplado com o Prêmio Aldir Blanc no município de Guabiruba que permitiu a execução do projeto Alemão em canto – Símbolos do Natal, projeto que durante a pandemia de Covid-19 possibilitou aos integrantes do Grupo Alemão em canto gravar diversas canções natalinas do folclore alemão. Ainda no ano de 2020, foi premiado pela Fundação Catarinense de Cultura no Prêmio de reconhecimento por trajetória Cultural Aldir Blanc.



Mastro Heinz Geyer
Fonte: 25dejulho.org

2. Patrono: Maestro Heinz Heinrich Geyer

O maestro Heinz H. Geyer, escolhido por Sidinei Ernane Baron para ser o patrono da cadeira nº 06 da ALEG foi instrumentista, maestro e compositor. Nasceu na Alemanha no dia 27 de junho de 1897, estudou no Conservatório de Duisburg onde aprendeu a tocar com desenvoltura flauta, piano e violino. Também na Alemanha estudou composição com os professores Poalid e Thomas Moeller.

No ano de 1921 iria viajar para a Argentina, mas passando por Blumenau gostou da cidade e aqui se estabeleceu permanentemente. Em Blumenau, Geyer foi regente do Club Musical (fundado em 1898), da Banda Musical de Hermann Christian Ruediger, da Sociedade Musical Lyra e finalmente do Coro Masculino Liederkranz, fundado em 1909.

Sempre engajado e preocupado com o desenvolvimento da cultura e das artes na cidade, foi um dos líderes da Sociedade Teatral Frohsinn, mais tarde Sociedade Dramático-Musical Carlos Gomes, embrião do atual Teatro Carlos Gomes, cujo teatro foi inaugurado no dia 12 de fevereiro de 1939. O maestro trabalhou ardentemente para a criação da entidade e para a edificação do prédio do Teatro que ainda hoje permanece como um dos patrimônios culturais da cidade de Blumenau. No dia 8 de agosto de 1963 recebeu o título de Cidadão Blumenauense sob a Lei N° 1175.

Além de maestro, Geyer também foi compositor de peças corais e orquestrais, das quais destacamos as seguintes obras:

1. Ópera Anita Garibaldi (1939) – Estreando em Blumenau no dia 2 de setembro de 1950, durante as comemorações do centenário da cidade e em diversas cidades, dentre estas no Teatro Municipal de São Paulo, em temporada oficial.
2. Suíte Brasil;
3. O imigrante (1956) – Obra Dramático Musical em 3 quadros;
4. Quadro da Vida de Jesus;
5. Quadros Históricos do Desenvolvimento do Brasil;
6. Saudades (Meu Brasil) - Poema Sinfônico sobre canções folclóricas e populares.

Heinz H. Geyer foi um músico atuante em sua comunidade – a cidade de Blumenau – por isso sua escolha para esta homenagem: um acadêmico deve buscar o bem e o desenvolvimento da sua comunidade. Desta forma, Geyer nos é um exemplo, mais ainda por ser músico como o acadêmico Sidinei, que pode se espelhar em seu modelo de liderança e empreendedorismo.

Geyer nasceu na Alemanha, outro ponto que liga o acadêmico Sidinei

ao escolhê-lo como seu patrono, pois a cultura alemã, especialmente a música, são suas paixões. Como Geyer que veio ao Brasil e aqui além de compor também executava e arranjava canções em idioma alemão, Sidinei se dedica quase que exclusivamente ao repertório folclórico alemão. Com estas características artísticas em comum, a escolha de Heinz Geyer para ser o patrono da cadeira de Sidinei na ALEG é por afinidade. Afinidade também que se encontra nas ações de bondade, beleza, bem-estar e alegria que a música dos grupos que Geyer foi entusiasta no seu tempo e que Sidinei é promotor atualmente conseguem desenvolver na comunidade e com as pessoas que deles participam.

O maestro Heinz Geyer morreu no dia 13 de junho de 1982, aos 84 anos de idade e está sepultado no cemitério da comunidade luterana de Blumenau. (**Referências:** KORMANN, E. O Maestro Geyer e o período áureo do Teatro Carlos Gomes. Blumenau: Acadêmica, 1985)

3. Madrinha:

Jorgiana Aparecida Batschauer Baron: minha madrinha na ALEG. Não poderia ter escolhido outra pessoa como "Dinda"!

Como minha cadeira na ALEG é para toda a minha vida, escolhi alguém que estará comigo a minha vida inteira: minha esposa!

A pessoa que Deus me deu como companheira será, como madrinha, meu exemplo nesta caminhada em busca dos ideais que prometi, em juramento, cumprir como membro da ALEG.

Servir-me-ão suas qualidades de mãe exemplar, para que eu saiba cuidar dos meus alunos e pupilos com carinho e dedicação; de excelente cozinheira, para que eu saiba tirar os melhores arranjos dos ingredientes musicais que tenho à disposição; de bondade e solidariedade com o próximo, para que eu também possa dedicar-me aos outros com este olhar amoroso e acolhedor. Essas são algumas de suas qualidades que posso usar como modelos, mas, se quisesse, poderia elencar outros inúmeros atributos desta mulher companheira e humilde. Findando, afirmo que uma madrinha e esposa como Jorgiana é uma graça que agradeço a Deus por ter recebido.

4. Autoexpressão:

Composição de Sidinei Ernani Baron, no ano de 2019, para coral infanto-juvenil, a duas vozes. A composição teve como intenção tentar agradar e demonstrar carinho por Maria.

Ave Maria

24/08/19 - Festa de Nossa Senhora Auxiliadora

Sidinei Fernane Baron

♩ = 90

Soprano: A ve gra - ça Deus é com ti - go Mãe do Sal - va - dor Ben-

Contralto: cheia de gra - ça Deus é com ti - go Mãe do Sal - va - dor

Sop.: dita es - pa en - tre as mul - he - res E bendito é o fru - to do ven - tre de - ste.

Cntr.: A - ve! A - ve Ma - ri - a! Ve - ne ven - tre J - ste.

Sop.: Santa Maria Mãe de Deus rogai por nós

Sop.: pecá - dores agora e na hora da nossa morte A - mém.

Maicon Alexandre Schweigert
Cadeira imortal nº 7

1. Currículo

Escritor e ilustrador de seus textos. Maicon Alexandre Schweigert é formado em Letras, pela UNIFEBE, exerceu a profissão de professor na rede pública e privada durante dois anos. Em 2007 foi premiado pelo conto a Sombra da Casa, no concurso Adesul. É sócio fundador da Associação Cultural e Ambiental von Sternthal (ACAvS), em Guabiruba e sócio-administrador da empresa Avião de Papel. Atualmente ilustra o seu novo livro "As Aventuras de Tif Henflin Tif em Quiquiléqui, o mistério dos sapos".

Olá,

Sou Maicon, ou melhor, Maicon Maicon Maicon, acho que fica muito

mais fácil assim.

Sempre gostei e ainda gosto muito de estudar. Quando era pequeno, alguns professores diziam que era bagunceiro, mas hoje não faço mais tanta bagunça, pois sou grande e pessoas grandes não podem fazer bagunça, precisam dar bons exemplos para os pequenininhos. Então, por isso, estudem e se comportem!

Sou apaixonado por livros e já li muitos. Vou dizer alguns que nunca esqueci e sempre gosto de reler. Como na chamada, vou fazer por ordem alfabética. Mudando um pouquinho de assunto, estou escrevendo um livro (já escrevi, estou desenhando agora) onde nele há um rei chamado Xurifim Xuritaxim que todo o dia cria um idioma diferente. Por isso, em Quiquiléqui, ninguém se entende. O pai pede para o filho comprar uma maçã, mas quando chega à feira o que era maçã agora é um sapato velho e furado.

Voltando aos livros por ordem de chamada do nosso idioma: Pippi Meia Longa; A Fantástica Fábrica de Chocolate; Jim Knopf e Lucas, o Maquinista; A História Sem Fim. Será que está certa a ordem? Em Quiquiléqui ela muda o tempo todo também!

Tenho dois livros que escrevi durante a faculdade de Letras, me formei na UNIFEBE. A Felicidade da Estrela e Meu Papai Noel de Verdade. Eles me ajudaram bastante. Meu Papai Noel de Verdade eu mesmo desenhei. A partir de então decidi desenhar as histórias. O detalhe é que a maioria dos desenhos demora muito tempo. Uma semana? Um mês? Claro que não! Às vezes mais de um ano. Nesse livro que mencionei acima, do Rei, As Aventuras de Tif Henflin Tif em Quiquiléqui, o mistério dos sapos, já estou desenhando há mais de 10 anos.

Enquanto isso, escrevi outras histórias. Em uma delas, fui premiado pelo conto a Sombra da Casa, no concurso Adesul. Outra que gosto bastante é do Gigante Mutus Utus A-E-I-O-U que em seu castelo no alto das nuvens adora comer estrelas. Não vejo a hora de começar a desenhar!

Falando em desenhos, utilizo lapiseira com grafite bem fino (0,3 mm) nanquim (gosto do Indiank Ink), bico de pena (as pontas mais finas), água e lápis de cor aquarelável (linha Faber-Castell Albrecht Dürer).

Então, até a próxima...aproveitando, um aperto de dedão de pés! Em Quiquiléqui, as pessoas se cumprimentam dando um aperto de dedão de pés como se dessem um aperto de mãos.

2. Patronesse: Sylvia Orthof

Você já leu algum livro da Sylvia Orthof? Ela é uma das escritoras mais importantes e consagradas da literatura brasileira, com mais de 120 livros publicados. Nasceu no Rio de Janeiro em 3 de setembro 1932. Trabalhou como atriz na TV Record e no Teatro Brasileiro de Comédia. Escreveu seu primeiro livro em 1981 e a partir de então não parou mais. Silvia escreveu também várias peças de teatro contagiantes, palco no qual teve

Sylvia Orthof
Fonte: Internet

muito destaque por obras maravilhosas como "Eu chovo, tu choves, ele chove...". Gosto muito de seus textos, são criativos, sempre modernos, cheios de surpresas, humor e imaginação. Além disso, as ilustrações de Sylvia fluem naturalmente. São traços simples, gosto de pensá-los como desenhos de vovó, como se fosse aquele doce caseiro feito com muito amor e carinho; simples sim, mas simplesmente delicioso, que nunca esquecemos. Ainda jovem, Silvia faleceu em 24 de julho de 1997, aos 64 anos.

Alguns de seus prêmios: "É premiada com o Prêmio Jabuti de Literatura, da Câmara Brasileira do Livro, na categoria Literatura infantil, pelo livro A Vaca Mimosa e a Mosca Zenilda. Além disso, Os Bichos que Tive ganha prêmio de melhor livro infantil do ano da Associação Paulista de Críticos de Arte – APCA, e de melhor livro para a criança da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ." Fonte: Wikipédia, wikipedia.org/wiki/Sílvia_Orthof

3. Madrinha:
Jucélia Sousa

4. Autoexpressão

Trecho das "Aventuras de Tif Henflin Tif em Quiquiléqui, o mistério dos sapos".

Em Adultos Ronca-Ronca:

..." Tif Henflin Tif tentou abrir a porta de uma casa, mas estava trancada. Foi até a janela, limpou o vidro empoeirado com as mãos e viu que havia alguma coisa em cima de uma cama, parada e roncando. Não parecia ser uma pessoa, mas era; era um Adulto Ronca-Ronca. Já estava dormindo há tanto tempo que a barba dele cresceu tanto, mais tanto, que era usada como cobertor" ... (história escrita em 2006).

Trecho "O Gigante que comia estrelas"

Mutus Utus estava sempre muito ocupado, montado em sua velha bicicleta à procura de estrelas para comer. Mesmo durante o dia, quando as estrelas se escondiam no cantinho mais claro do céu, onde ninguém consegue vê-las, Mutus Utus as encontrava facilmente e empanturrava a gigantesca barriga.

Lucimara Schlindwein
Cadeira imortal nº 8

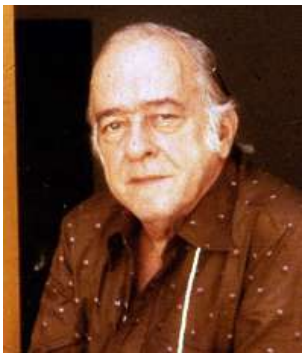
1. Currículo

Professora, graduada na licenciatura de História pela UNIFEBE. Concluiu a especialização em História Cultural pela Faculdade de Administração, Ciências, Educação e Letras na FACEL em 2007. Iniciou sua carreira como professora em 2004. Em 2010, tornou-se professora concursada na Prefeitura Municipal de Guabiruba. Em 2014, tornou-se também professora concursada no Governo do Estado de Santa Catarina. Entre os anos de 2013 e 2015, ocupou cargos dentro do poder executivo municipal (Diretora Municipal de Esportes e depois Diretora Municipal de Educação). Exerceu trabalho voluntário na Associação de Pais e Professores da Esco-

la Municipal de Educação Básica Osvaldo Ludovico Fuckner. Atuou como tesoureira na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Guabiruba (APAE) de 2011 a 2013.

Vinda de uma realidade humilde, onde o pai trabalhou como operário durante 27 anos na Indústria Schlösser, em Brusque, e a mãe atuou como empregada doméstica, teve sonhos e muitas expectativas comuns em todas as crianças. Desde a infância, demonstrou dominar habilidades em diversas áreas muito distintas que alguns talvez chamariam de "dons": desenho, escrita, esportes (principalmente o futebol), aquele que durante muito tempo foi seu sonho profissional.

O grande desejo de ser jogadora de futebol no universo masculinizado da década de 1990 lhe rendeu muitos preconceitos. Jogar futebol com meninos e utilizar brinquedos que não eram "apropriados" para meninas foi em sua infância alvo de muitas críticas e também castigos. Com a chegada da adolescência, o sonho do futebol foi ficando para trás devido aos gigantes obstáculos impostos. Ao mesmo tempo, ocorria uma aproximação com as ciências humanas e descobria que um dos melhores lugares que existem é a escola. Nesse momento, um dos seus primeiros empregos foi o estágio remunerado na secretaria do então Colégio Estadual Professor João Boos. A vontade de estar na escola e viver a realidade do aprender e ensinar só cresceu com o passar do tempo e hoje se tem mais do que nunca a certeza de que não existe lugar melhor do que a sala de aula: aprender, ensinar, viajar dentro de um livro (e também no espaço físico quando possível) e viver e respirar a história se tornaram ingredientes da felicidade.



Vinicius de Morais
Fonte: Internet

2. Patrono: Vinicius de Moraes

Uma explicação: O nome completo do patrono é "Marcus Vinícius da Cruz de Mello Moraes" (Vinícius com acento), mas ele ficou conhecido com "Vinicius de Moraes" (Vinicius sem acento).

Era o ano de 1994. Eu era uma criança e cursava o 3º ano do Ensino Fundamental. Um poema no livro escolar me chamava a atenção e eu imaginava como seria essa casa. O poema começava assim: "Era uma casa muito engraçada não tinha teto, não tinha nada. Ninguém podia entrar nela não porque na casa não tinha chão (...)." Eu lia e relia, mas não conseguia entender a forma dessa casa afinal, com meus 9 anos de idade, nenhum exemplo abstrato teria sentido. Era meu primeiro contato com Vinicius de Moraes, aquele que foi um grande poeta e um dos maiores compositores da música popular

brasileira.

Nascido em 1913, no Rio de Janeiro, Marcus Vinicius da Cruz de Mello Moraes que ficou conhecido como "Vinicius de Moraes", foi também um dos fundadores da Bossa Nova. Formou-se no curso de Direito em 1933, ano em que também publicou seu primeiro livro. Trabalhou no Ministério da Educação durante a era Vargas e depois atuou como jornalista, diplomata e vice-cônsul em diversos países. Voltou ao Brasil em 1968, mas quatro anos depois foi aposentado compulsoriamente pelo Ato Institucional Nº 5. O compositor não era bem-visto pelo governo militar e por isso foi expulso do serviço diplomático. Com um enorme legado na poesia e na música, Vinícius de Moraes morreu de edema pulmonar em 9 de julho de 1980, aos 66 anos.

3. Padrinho:
Marcelino Kohler.

4. Autoexpressão

O campo de concentração de Dachau foi construído em 1933 pelos nazistas em uma antiga fábrica de pólvora. Próximo de Munique, no sul da Alemanha, inicialmente destinava-se a presos políticos.

"Atrás do arame farpado e da cerca elétrica, os esqueletos sentam ao sol e catam piolhos em si mesmos. Eles não têm idade nem rosto; são to-

Dachau, Munique, Alemanha. Primeiro campo de concentração nazista na história

dos iguais…", escreveu a jornalista americana Martha Gellhorn, uma das mais famosas correspondentes de guerra do século XX, que acompanhava o avanço das tropas americanas pela Europa ocupada desde outubro de 1944.

No início de maio de 1945, ela entrou no campo de concentração de Dachau, então já libertado, e ficou chocada com o que viu. "Atravessamos o amplo, cheio e empoeirado espaço entre os barracões dos detentos e entramos no hospital militar. No corredor havia mais esqueletos sentados, e eles exalavam o cheiro da doença e da morte. Eles nos observavam, mas não se mexiam; não havia qualquer expressão em seu rosto, que era apenas uma pele amarelada e hirsuta, esticada sobre ossos."

Referência:

DW. História. Há 75 anos, americanos libertavam campo de concentração de Dachau. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/h%C3%A1-75-anos-americanos-libertavam-campo-de-concentra%C3%A7%C3%A3o-de-dachau/a-53283288>. Acesso em: 10 out. 2021.

Suelen Cerbaro
Cadeira imortal nº 9

1. Currículo

Jornalista e pós-graduada em Gestão da Comunicação Pública e Empresarial, Suelen Cerbaro iniciou sua carreira como repórter no jornal O Município, de Brusque, em 2008. Nas coberturas jornalísticas, conheceu Guabiruba, e foi por um período repórter regional fazendo as reportagens referentes à cidade. A partir disso, conheceu o município e passou a cultivar um enorme carinho pela cidade.

Em 2011, atuou na Assessoria de Comunicação do Centro Universitário de Brusque (UNIFEBE) e em 2012 iniciou suas atividades em Guabiru-

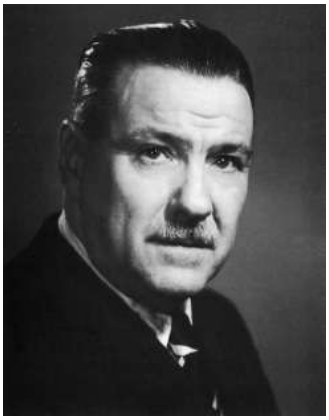
ba, na Prefeitura Municipal como assessora de imprensa, permanecendo na função até abril de 2019, quando adquiriu o jornal Guabiruba Zeitung e realizou o sonho de ter seu próprio veículo de comunicação.

Em 2013 conheceu a logosofia e a Fundação Logosófica de Brusque, sendo filiada da entidade e estudante por quase uma década.

De 2008 a 2021 teve atuações como assessora de imprensa em empresas como Hospital Evangélico – hoje Hospital Imigrantes, apresentou um programa na rádio Guabiruba FM (98,3) chamado Armazém da Cultura e foi sócia-fundadora e atuou no Conselho Superior da Associação dos Profissionais em Comunicação da Região de Brusque (Aprocorb). Também teve participação na Associação Visite Guabiruba (AVIGUA).

Filha de Anazir e Leonel Cerbaro, parte da sua história consta no livro Coluna 10 – Grandes Nomes, do autor Luiz Gianesini, obra escrita em 2015.

Em agosto de 2021, mudou-se para Santo Ângelo (RS) com seu marido Ricardo Volpatto e recém-nascido filho Estêvão, onde permanece vinculada a projetos que estavam em andamento na região.



Carlos Bernardo González Pecotche
Fonte: Internet

2. Patrono: Carlos Bernardo González Pecotche (1901 – 1963)

Pensador e humanista, Carlos Bernardo González Pecotche nasceu em Buenos Aires, Argentina, em 11 de agosto de 1901. Aos 29 anos, iniciou a Logosofia e em 1930 a Fundação Logosófica, que reúne filiados que estudam e praticam tal ciência.

Há sedes culturais e colégios espalhados pelo mundo. Ambos disseminam a ciência logosófica, que chega aos 92 anos em 2022. O autor possui vasta bibliografia, sendo muitos dos livros disponibilizados gratuitamente no site www.logosofia.org.br.

Na obra Exegese Logosófica, escreveu que "o homem deverá empenhar seus melhores esforços e energias em buscar a si mesmo. Saberá prevenir-se contra o engano das aparências para conhecer-se tal como em realidade é. Encontrar-se-á na humildade de seu coração, na inocência de sua alma, na pureza de seu espírito".

Desde 2013, quando iniciei meus estudos logosóficos, esse tem sido o autor que me acompanha diariamente por meio da sua obra e por isso foi escolhido para ser o patrono da cadeira n° 9.

3. Madrinha:

Thayse Helena Machado

Jornalista e especialista em Gestão da Comunicação Pública e Empresarial. Possui 15 anos de experiência na área da comunicação com atuação em coberturas nacionais e internacionais de empresas/entidades como: Jornal O Município e Prefeitura de Brusque. Foi gestora da assessoria de comunicação e marketing da Unifebe, por mais de oito anos. Em agosto de 2021, mudou-se para Santo Ângelo (RS) com o marido Ricardo Serafini Volpatto e seu recém-nascido filho Estêvão. No ano seguinte, uma nova mudança ocorreu para Bento Gonçalves (RS), local que atualmente reside. Carrega Guabiruba em sua mente e em seu coração e retorna para a cidade sempre que possível.

4. Autoexpressão

Suelen Cerbaro e Valci Santos Reis entrevistando Silvano Baron no programa Armazém da Cultura – Guabiruba/SC

Karol Diego Carminatti
Cadeira imortal nº 10

1. Currículo

Arquiteto e Urbanista formado pela Universidade Regional de Blumenau (FURB), Mestre e Doutorando em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), onde foi pesquisador do grupo "Urbanidades: Forma Urbana e Processos Socioespaciais". Trabalhou como diretor de Projetos e Planejamento Urbano na Prefeitura Municipal de Guabiruba atuando conjuntamente como Presidente do Conselho de Desenvolvimento Urbano do município. Foi Coordenador do Grupo de Estudos Urbanos do Instituto de Arquitetos do Brasil – Núcleo Brusque, desenvolvendo estudos e propostas para a realidade urbana da cidade. Tem grande experiência junto a empresas públicas e à iniciativa privada desenvolvendo projetos arquitetônicos, urbanos e ambientais

diversos, entre os quais destacam-se o Distrito Turístico de Blumenau, o Distrito Azambuja em Brusque, e o Master Plan de Requalificação Urbana de Guabiruba. Atualmente é professor e pesquisador no curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário de Brusque (UNIFEBE) onde também coordena o LabTer – Laboratório de Pesquisa e Planejamento do Território, atuando paralelamente na coordenação das mudanças no espaço físico institucional que visam transformar o campus universitário em um grande parque urbano. Ocupa a cadeira número 10 na Academia de Letras do Brasil/SC, Seccional Guabiruba. Suas pesquisas e produções têm a cidade como principal objeto de estudo abordando temas que envolvem a forma e o uso dos lugares públicos, as desigualdades sociais e as relações socioambientais.

Fernando Pessoa
Fonte: Internet

2. Patrono: Fernando Pessoa

Fernando Pessoa (1888-1935) foi um dos mais importantes poetas da língua portuguesa. Nasceu em Lisboa, Portugal, no dia 13 de junho de 1888, ficando órfão dos pais aos 5 anos de idade. Com sua família adotiva, seguiu para a África do Sul, onde recebeu educação em um colégio de freiras (Durban High School).

Em 1901 escreveu seus primeiros poemas, em língua inglesa. Em 1902 regressa com sua família para Lisboa, entretanto no ano seguinte retorna sozinho para a África, momento em que estudou na Universidade de Capetown. Voltando para Lisboa em 1905, se matricula na Faculdade de Letras.

Destaca-se o ano de 1912 quando Fernando Pessoa iniciou sua carreira como crítico literário. A partir de 1915 idealizou a revista "Orpheu", buscando divulgar ideias que defendiam a liberdade de expressão em Portugal durante a instabilidade política oriunda da Primeira República.

A escolha de Fernando Pessoa como Patrono se dá pela sua originalidade e pelo seu espírito crítico com a realidade, imaginando o quão diferente ela poderia ser. Identifico-me com essa inquietação no meu trabalho e no modo como vejo o mundo: uma vontade cotidiana de transformar a realidade em benefício de todos.

3. Padrinho:
Mario Baumgartner

4. Autoexpressão

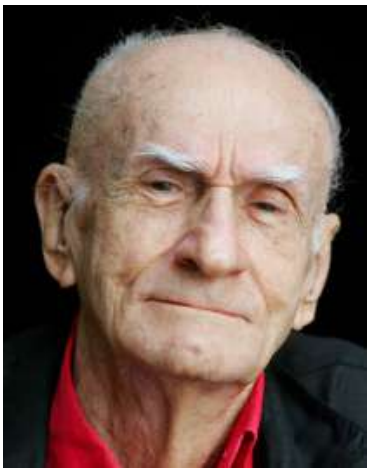
Casa enxaimel no centro de Guabiruba, em desenho autoral de Karol Diego Carminatti

Jenifer Schlindwein
Cadeira imortal nº 11

1. Currículo

Jenifer Schlindwein é atriz e professora de Teatro há mais de 10 anos. Egressa do curso de Teatro na FURB (2018), foi integrante do Trama Grupo de Teatro e Cia Híbridos de Teatro (Brusque). Membra do Conselho Municipal de Cultura de Guabiruba e membra imortal da Academia de Letras de Santa Catarina Seccional Guabiruba. Desenvolveu e dirigiu Grupos de Teatro de Improviso dentro do "Projeto criAção" em Guabiruba. Esteve na atuação dos espetáculos "Ao Som dos Teares", "A Ilha Deserta", "A Criança Sem Nome", "Fanny, A Rainha da Cidade", Leitura Dramática "Uma Intervenção" de Mike Barlett com direção de Max Reinert (Itajaí) e sendo também a proponente do projeto de pesquisa e espetáculo teatral "Escutaqui". Professora de Teatro na Fundação Cultural de Guabiruba nos anos de 2013, 2019 e 2020. Tem desenvolvido diversos trabalhos com a per-

sonagem humorística "Dona Trude" em espetáculos de humor, eventos, rádio e nas redes sociais. Sua carreira dentro das artes cênicas se estende a participações em vídeos comerciais, curtas-metragens, contações de histórias, participação em eventos diversos, direções de espetáculos, etc. Em meados de 2021, foi nomeada superintendente da Fundação Cultural de Guabiruba.



Ariano Vilar Suassuna
Fonte: Internet

2. Patrono: Ariano Vilar Suassuna

Ariano Vilar Suassuna foi a escolha da membra Jenifer Schlindwein por ser um grande autor nacional renomado no gênero de dramaturgia principalmente, mas também como poeta, autor, professor e romancista, por sua genialidade e simplicidade ao mesmo tempo nas temáticas dramatúrgicas. Nascido na Parahyba do Norte, no dia 16 de junho de 1927, sempre foi engajado com a Cultura e deixou grandes obras que o imortalizaram através do Teatro, Cinema, Rádio e TV. Politicamente e culturalmente ativo, Ariano Suassuna ocupou a cadeira de Secretário de Cultura de Pernambuco nos anos de 1994-1998 e foi membro imortal das academias de letras paraibana, pernambucana e brasileira. Ariano representa mais do que uma voz popular que enaltece o que temos de melhor da cultura brasileira, representa o sonho da valorização do "Movimento Armorial". "Sou a favor da internacionalização da cultura, mas não acabando as peculiaridades locais e nacionais." – Ariano Suassuna.

3. Madrinha:

Maria de Lourdes Schmitz

A madrinha é escritora, atriz e arteterapeuta no "Arte e Luz Espaço Terapêutico". Formada em Artes Cênicas pela UDESC, contribui ativamente e historicamente no setor cultural teatral de forma a trabalhar principalmente com crianças e jovens, os envolvendo no fazer e experiência de apresentação. Como atriz, fez parte do movimento teatral da cidade de Brusque desde a década de 1980. Na vida da imortal Jenifer Schlindwein teve grande importância, pois nos primeiros anos de teatro da atriz, quando teve contato com a Cia Cenareta, antigo grupo/escola da atriz Maria de Lourdes sendo a diretora do grupo. A importância da mulher no cenário artístico e cultural é marco de resistência do qual por muitos anos nos primórdios da expressão artística, se era proibido terem

mulheres atuando, portanto, enfatizando que a representatividade feminina é legítima e produtiva para o setor, sendo assim uma inspiração e motivação para a membra Jenifer.

4. Autoexpressão

Escolhido aqui no autoexpressão um monólogo teatral emblemático, forte e atemporal feito pela personagem "Antígona" (442 a.C.) texto de Sófocles. Que por mais tempo que se passe, é sempre tão emergente e atual. Foi um dos primeiros monólogos que a imortal teve contato na graduação de Teatro (FURB). Escrita há mais de dois mil anos, o drama revela como Antígona, filha de Édipo e Jocasta, quer enterrar seu irmão Polinice, de acordo com a tradição religiosa de seu povo. Contrariando Creonte, rei da cidade de Tebas, que havia determinado que o corpo deveria permanecer insepulto, Antígona desafia o rei, forçando o enterro do irmão, mas acaba presa e obrigada a responder pelos atos cometidos.

Antígona – "Antígona" de Sófocles – A tua lei não é a lei dos deuses; apenas o capricho ocasional de um homem. Não acredito que tua proclamação tenha tal força que possa substituir as leis não escritas dos costumes e os estatutos infalíveis dos deuses. Porque essas não são leis de hoje, nem de ontem, mas de todos os tempos: ninguém sabe quando apareceram. Não, eu não iria arriscar o castigo dos deuses para satisfazer o orgulho de um pobre rei. Eu sei que vou morrer, não vou? Mesmo sem teu decreto. E se morrer antes do tempo, aceito isso como uma vantagem. Quando se vive como eu, em meio a tantas adversidades, a morte prematura é um grande prêmio. Morrer mais cedo não é uma amargura, amargura seria deixar abandonado o corpo de um irmão. E se disseres que ajo como louca eu te respondo que só sou louca na razão de um louco.

Parte XIV

Hinos e bandeiras

Sobre a imensa Nação Brasileira
Nos momentos de festa ou de dor
Paira sempre, sagrada bandeira,
Pavilhão da Justiça e do Amor!

(Olavo Bilac, trecho do Hino
à Bandeira Nacional)

Hino Nacional Brasileiro e Bandeira do Brasil

Hino Nacional Brasileiro

O Hino Nacional tem uma melodia inconfundível, bastam dois acordes para que se reconheça de imediato. A melodia vem do Império e a marcha que ouvimos hoje é a mesma que Dom Pedro II ouvia nas cerimônias oficiais e foi concebida por volta de 1830, pelo maestro Francisco Manoel da Silva. Os versos atuais, por sua vez, são a terceira versão.

Ao longo do Brasil monárquico, o Hino Nacional teve duas letras diferentes, ambas acompanhando a mesma melodia triunfal que é tocada hoje em dia. A primeira letra do Hino Nacional tratava da abdicação de Dom Pedro I, em 1831. O episódio foi decisivo por ter afastado de vez os portugueses do Brasil e consolidado a Independência. A segunda letra veio em 1841, por ocasião da coroação de Dom Pedro II. No Império, o Hino Nacional só podia ser cantado nos teatros, por artistas que dominassem a técnica de alongar os sons vocálicos e acomodar uma sílaba em mais de uma nota, e só cantores líricos conseguiam entoar a música.

Com o golpe que derrubou o Império, em 1889, o novo governo se empenhou em sepultar os legados monárquicos e substituí-los por símbolos nacionais republicanos. Durante as três primeiras décadas da Re-

pública, o Hino Nacional não era cantado, apenas ouvido. Somente em 6 de setembro de 1922 o presidente Epitácio Pessoa assinou a lei que oficializou os versos do poeta Joaquim Osório Duque-Estrada, escritos em 1909, e que devem acompanhar a melodia composta quase um século antes pelo maestro Francisco Manoel da Silva.

Hino Nacional Brasileiro – letra

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heroico o brado retumbante,
E o sol da liberdade, em raios fúlgidos,
Brilhou no céu da pátria nesse instante.

Se o penhor dessa igualdade
Conseguimos conquistar com braço forte,
Em teu seio, ó liberdade,
Desafia o nosso peito a própria morte!

Ó pátria amada
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, um sonho intenso, um raio vívido
De amor e de esperança à terra desce,
Se em teu formoso céu, risonho e límpido,
A imagem do cruzeiro resplandece.

Gigante pela própria natureza,
És belo, és forte, impávido colosso,
E o teu futuro espelha essa grandeza.

Terra adorada,
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó pátria amada!
Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil!

Deitado eternamente em berço esplêndido,
Ao som do mar e à luz do céu profundo,
Fulguras, ó Brasil, florão da América,
Iluminado ao sol do novo mundo!
Do que a terra mais garrida
Teus risonhos, lindos campos têm mais flores;
"Nossos bosques têm mais vida",
"Nossa vida" no teu seio "mais amores".

Ó pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, de amor eterno seja símbolo
O lábaro que ostentas estrelado,
E diga o verde-louro dessa flâmula
- Paz no futuro e glória no passado.

Mas, se ergues da justiça a clava forte,
Verás que um filho teu não foge à luta,
Nem teme, quem te adora, a própria morte.

Terra adorada
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó pátria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil!

Referências

PLANALTO. Hino Nacional Brasileiro: letra. Disponível em:http://www2.planalto.gov.br/conheca-a-presidencia/acervo/simbolos-nacionais/hinos/hino-nacional-brasileiro-1. Acesso em: 28 set. 2018.

SENADO FEDERAL. Senado Notícias. Antes da versão atual, letra do Hino Nacional bajulava Pedro II. Disponível em:<https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/antes-da-versao-atual-letra-do-hino-nacional-bajulava-pedro-i>. Acesso em: 28 set. 2018.

Hino e Bandeira de Santa Catarina

Hino de Santa Catarina

Adotado pela Lei 144, de 6/09/1895, no Governo de Hercílio Pedro da Luz, o hino de Santa Catarina foi composto pelo poeta Horário Nunes de Pinto, nascido no Rio de Janeiro, e pelo músico José Brazilício de Souza, pernambucano. A libertação dos escravos foi o tema chave que permeou a composição do hino.

Letra: Horácio Nunes
Música: José Brazilício de Souza

Sagremos num hino de estrelas e flores
Num canto sublime de glórias e luz
As festas que os livres frementes de ardores
Celebram nas terras gigantes da cruz
Quebram-se férreas cadeias
Rojam algemas no chão
Do povo nas epopeias
Fulge a luz da redenção

No céu peregrino da Pátria gigante
Que é berço de glórias e berço de heróis
Levanta-se em ondas de luz deslumbrante
O Sol, Liberdade cercada de sóis
Pela força do Direito
Pela força da Razão
Cai por terra o preconceito
Levanta-se uma Nação

Não mais diferenças de sangues e raças
Não mais regalias sem termos fatais
A força está toda do povo nas massas
Irmão somos todos e todos iguais

Da Liberdade adorada
No deslumbrante clarão
Banha o povo a fronte ousada
E avigora o coração

O povo que é grande, mas não vingativo
Que nunca a justiça e o Direito calcou
Com flores e festas deu vida ao cativo
Com festas e flores o trono esmagou

Quebrou-se algema do escravo
E nesta grande Nação
É cada homem um bravo
Cada bravo um cidadão

Hino e Bandeira de Guabiruba

Hino de Guabiruba

O Hino de Guabiruba foi oficializado pela Lei Nº 11, de 16 de maio de 1969, durante a administração do prefeito Vadislau Schmitt, sendo o autor da letra e da melodia o Maestro José Nilo Valle.

Música e letra: José Nilo Valle

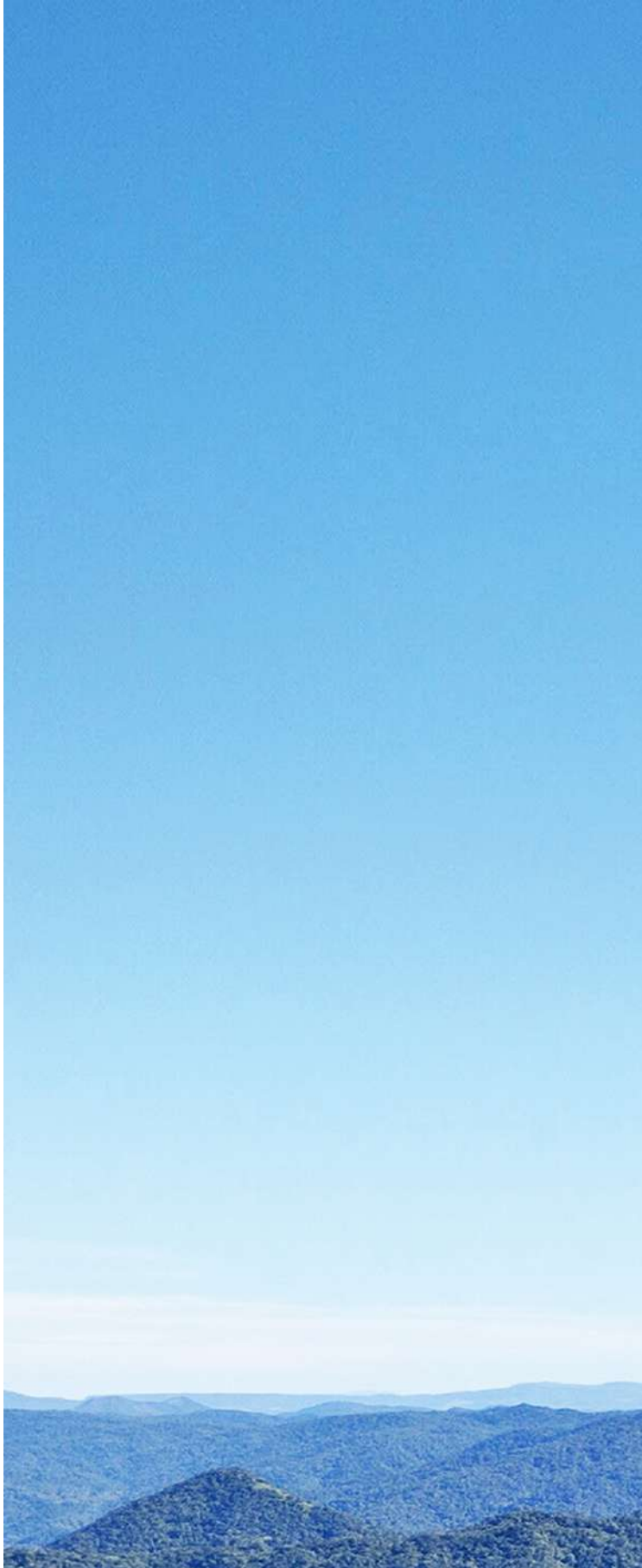
Nossas vozes entoam melodias
Traduzindo carinho, exaltação
Salve rico, garboso município
Monumento da nossa imigração

(Refrão)
Guabiruba, Guabiruba,
O teu nome é doce e lindo
Dá-nos um prazer infindo
Ser teus filhos, Guabiruba
Quem vive no teu seio, mas não sente
O verdadeiro amor que tu expeles
A todos teus amigos, tua gente
É cruel, filho ingrato, é um reles

(Refrão)
Guabiruba, Guabiruba,
O teu nome é doce e lindo
Dá-nos um prazer infindo
Ser teus filhos, Guabiruba
Guabiruba, nasceste para a glória
Seguirás na vanguarda sem temores
Sempre em busca de novos ideais
És celeiro de nossos esplendores

(Refrão)
Guabiruba, Guabiruba,
O teu nome é doce e lindo
Dá-nos um prazer infindo
Ser teus filhos, Guabiruba

Este livro foi composto na tipologia Cambria. Miolo de 400 páginas, contendo textos, imagens e fotos impressas em preto e branco, em papel Offset 90 gramas, formato 160 x 230 mm. Capa colorida em papel cartão, 250 gramas. Orelha 100 mm x 100 mm. Editora do Centro Universitário de Brusque – Unifebe - Brusque – SC, setembro de 2023.



Guabiruba 60 Anos de Emancipação: nossa história, cultura e tradição, é um livro que, de forma clara, concisa e ilustrada, apresenta, a partir de textos e de farta coletânea de imagens e de fotos antigas e atuais, importantes aspectos que marcam a identidade cultural da cidade desde o início da sua colonização em 1860, até o ano de 2022.

O livro foi produzido coletivamente pelos onze imortais que integram a Academia de Letras do Brasil de Santa Catarina – Seccional de Guabiruba (ALBSC), e organizado pelo seu presidente e por sua vice-presidente. Ao compilar pesquisas, produções e escritos de diversos autores, a obra valorizou os escritores locais e socializa temas históricos que relacionam o passado com o presente, podendo servir como livro de apoio para o ensino da história regional e como base de consulta para uma reflexão sobre o futuro da cidade. Sua leitura oportuniza conhecer um pouco mais do muito que Guabiruba representa como um todo.

Sem esgotar o assunto, são apresentados temas como história, política, educação, religiosidade, música, folclore e tradições, belezas e atrativos naturais, parques, Maibaum, festas de igreja, espetáculos, economia, arquitetura, casas de enxaimel, esportes, a lenda do dragão, personagens lendários, Pelznickel e biografias. Sobrenomes de famílias de imigrantes que colonizaram a cidade também são relacionados.

Uma parte especial foi reservada para apresentar as gostosuras de Guabiruba, com tradicionais receitas da culinária alemã e italiana que seguem contribuindo para manter vivas as tradições dos antepassados. Uma verdadeira combinação de história, cultura e sabores.

ISBN: 978-65-86346-31-2
CIL
9 786586 346312

Prefeitura de GUABIRUBA

FUNDAÇÃO CULTURAL DE GUABIRUBA

CONSELHO MUNICIPAL DE CULTURA DE GUABIRUBA

FUNDO MUNICIPAL DE APOIO A CULTURA

Projeto contemplado pelo XI Edital do Fundo Municipal de Apoio a Cultura; Edital 001/2023 - Fundação Cultural de Guabiruba.